

"Um dos melhores autores de aventuras históricas de nosso tempo." — The Washington Post

BERNARD
CORNWELL

autor da trilogia *As Crônicas de Artur* e da série *Crônicas Saxônicas*

O Inimigo de SHARPE

Espanha, agosto de 1812

As Aventuras de um Soldado nas Guerras Napoleônicas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

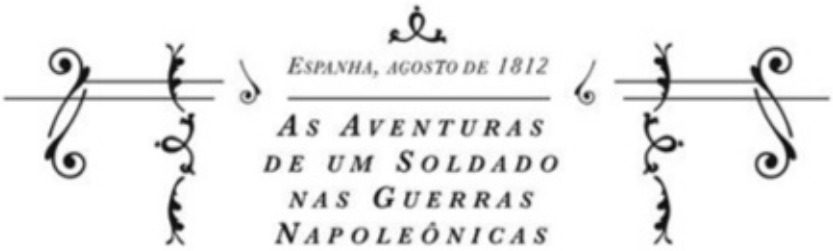
O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BERNARD
CORNWELL

O Inimigo de SHARPE



RICHARD SHARPE E A DEFESA DE PORTUGAL,

NATAL DE 1812

Traduzido por Kleber de Souza Andrade

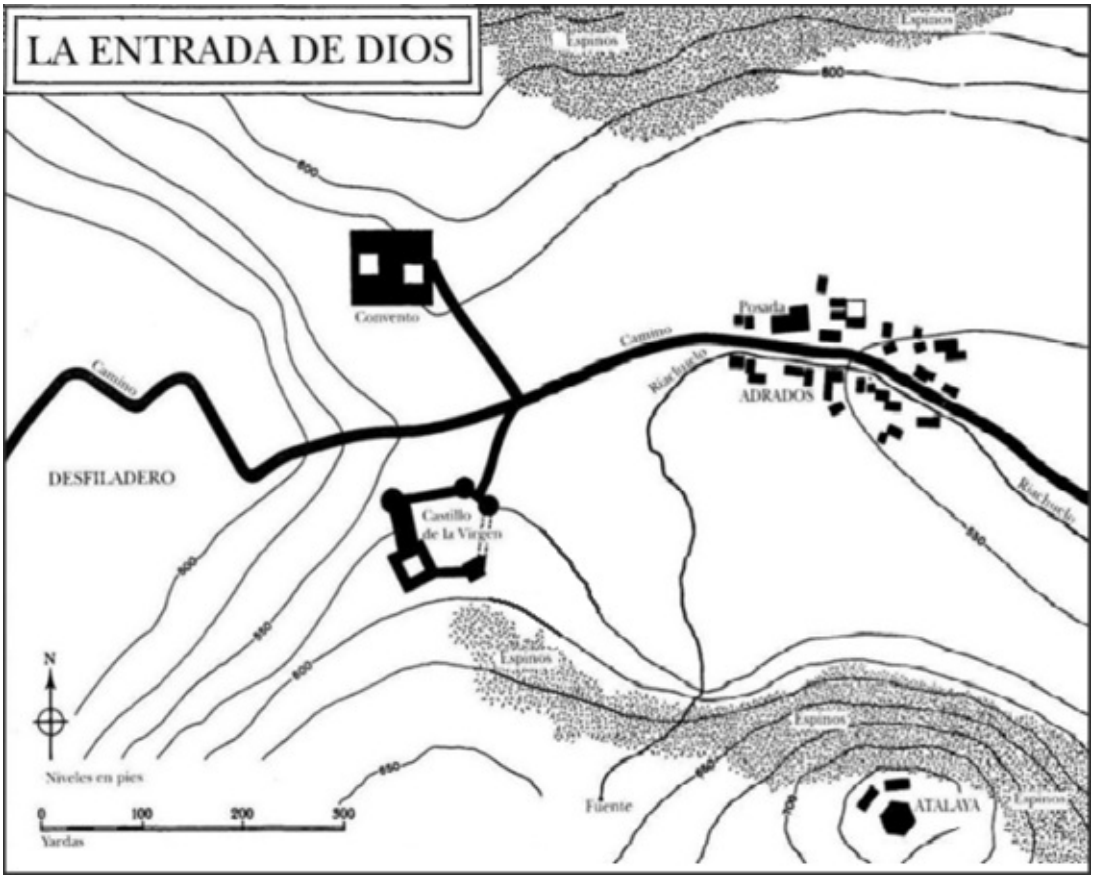
Da edição espanhola em 11/08/2014

Sinopse

Em 18 de dezembro de 1812 as tropas britânicas chegaram a Adrados. Richard Sharpe terá que enfrentar um de seus mais perigosos inimigos, Obadiah Hakeswill, que agora encabeça uma cambada de desertores que mantêm como reféns um grupo de mulheres em um desfiladeiro aparentemente inexpugnável.

Do outro lado da passagem se encontra o grande exército de Napoleão, tratando de atravessá-la para esmagar ao exército britânico que se acha em Portugal e, atacado por ambas as frentes, sob um frio infernal e em inferioridade numérica, encontra-se o comandante Richard Sharpe, que deverá manter essa praça ou morrer na tentativa.

Para minha filha, com carinho


LA ENTRADA DE DIOS
Espinos
Espinos
800
800
Convento
Posada
Camino
Camino
Riachuelo
ADRADOS
DESFILADERO
Riachuelo
Castillo
de la Virgen
850
800
850
800
N
Espinos
Espinos
Niveles en pies
850
0
100
200
300
Yardas
Fuente
ATALAYA
Espinos

Prólogo

Em oito de dezembro de 1812, os soldados ingleses chegaram pela primeira vez a Adrados.

O povoado havia se mantido à margem da guerra. Situada na parte da Espanha ao leste da fronteira norte com Portugal e, apesar de ficar em zona fronteiriça, foram poucos os soldados que haviam atravessado sua única rua.

Os franceses tinham estado ali uma vez fazia três anos, mas foram afugentados pelo inglês lorde Wellington e fugiram tão depressa que quase não tiveram tempo de parar e saqueá-lo.

Depois, em maio de 1812, haviam chegado os soldados espanhóis, a guarnição de Adrados, mas os aldeãos não se preocuparam. Eram apenas cinquenta soldados com quatro canhões e uma vez instalados no velho castelo e na atalaia, situados fora do povoado, pareceu que para os soldados a guerra tivesse terminado. Iam beber na pousada do povoado, paqueravam as mulheres junto ao riacho, em cujas pedras planas lavavam a roupa, e duas garotas do povoado se casaram com seus artilheiros no verão. Devido a certa confusão no exército espanhol, a "guarnição" havia recebido um comboio de pólvora destinado a Cidade Rodrigo e os soldados alardeavam de que tinham mais pólvora e menos canhões que qualquer outra artilharia da Europa. Prepararam rudimentares fogos de artifício para os casamentos e os aldeãos admiraram aquelas explosões que relampejavam e retumbavam no vale remoto. No outono alguns soldados espanhóis desertaram, chateados de defender um vale ao qual não chegavam soldados, desejosos de regressar a seus lares com suas mulheres.

Então chegaram os soldados ingleses. Louvado seja esse dia!

Adrados não era uma praça importante. Lá se davam, tal como dizia o padre, as ovelhas e os crategos, e o padre dizia aos aldeãos que isso era o que fazia do povoado um lugar santo, pois a vida de Cristo havia começado com a visita dos pastores e terminara com uma coroa de espinhos. Contudo, para os aldeãos não importava que o sacerdote dissesse que Adrados era um lugar sagrado, porque somente uma coisa atraía visitantes a Adrados, e esta era a festividade do oito de dezembro.

Anos antes, ninguém nem mesmo o padre sabia quantos, naqueles distantes

tempos em que os cristãos lutavam contra os muçulmanos na Espanha, a Santa Mãe havia aparecido em Adrados. Todos conheciam a história. Alguns cavaleiros cristãos fugiam pelo vale, perseguidos, e seu chefe parou para rezar junto a um canto rodado de granito que se peneirava na margem do desfiladeiro que descia para o oeste, para Portugal. E então ocorreu. Ela apareceu! Estava sobre a pedra de granito, com seu rosto pálido como o gelo, seus olhos como dois açudes de montanha, e disse ao cavaleiro que os muçulmanos que os perseguiam logo parariam para rezar em direção ao leste, para seu lar pagão, e que se ele ordenasse dar meia volta a suas tropas e desembainhassem suas espadas abauladas, glorificariam a cruz.

Naquele dia, caíram duas mil cabeças muçulmanas. Mais! Ninguém soube quantas tinham sido e a cada ano, ao se contar de novo a história, a cifra aumentava. Cabeças de muçulmanos esculpidas decoravam as arcadas do convento que se construiu na paragem onde Ela havia aparecido. Na capela do convento, no extremo superior da escada que leva ao altar, havia um pequeno pedaço de granito polido: o lugar da Pisada Santa.

A cada ano, no dia 8 de dezembro, o Dia do Milagre, as mulheres se dirigiam a Adrados. Era o dia das mulheres, não dos homens. Os homens iam para a pousada do povoado após carregarem a estátua da Virgem, balançado suas joias sob o Pálio dourado pelos limites do povoado e a devolverem ao convento.

Duzentos anos antes as freiras haviam abandonado o convento, atraídas por casas melhores nas planícies e incapazes de competir com as cidades onde a Santa Mãe havia sido mais generosa com suas aparições. Contudo, as construções ainda estavam em bom estado. A capela havia se convertido na igreja do povoado, o claustro superior era um armazém e o convento ainda era, uma vez por ano, um lugar onde ocorriam milagres.

As mulheres entravam na capela de joelhos. Rosário em mão, arrastavam-se pelos ladrilhos com dificuldade, murmuravam rezas monocórdicas, e se deixavam levar por seus joelhos até o extremo da escada. O sacerdote salmodiava em latim. As mulheres se agachavam e beijavam a pedra de granito, escura e lisa. Na pedra havia um buraco e a legenda dizia que se a beijasse e se conseguisse tocar o fundo com a ponta da língua, o bebê seria um menino.

As mulheres gritavam ao beijar a pedra; não de tristeza, mas em êxtase. Algumas tinham que ser ajudadas a se retirar.

Algumas rezavam para se livrar de uma doença. Vinham com seus tumores,

suas desfigurações, seus filhos aleijados. Outras compareciam para pedir um filho e no ano seguinte regressavam e agradeciam à Santa Mãe, pois já compartiam seu segredo. Rezavam à Virgem Mãe, já que como elas sabiam, como nenhum homem poderia saber, que a mulher dá à luz a seus filhos com dor. E apesar disso, todas elas rezavam para serem mães e estiravam suas línguas até o fundo do buraco. Rezavam sob a glória que, iluminada com velas, oferecia à capela do convento de Adrados, enquanto o sacerdote amontoava os presentes detrás do altar; a colheita de cada ano.

No dia 8 de dezembro de 1812. Chegaram os ingleses.

Não eram os primeiros visitantes. Desde o amanhecer mulheres vinham chegando ao povoado, mulheres que haviam caminhado trinta quilômetros ou mais. Algumas provinham de Portugal, a maioria das aldeias que se ocultavam nas mesmas colinas que Adrados. Depois chegaram dois oficiais ingleses em grandes cavalos, e com eles uma jovem. As vozes dos oficiais eram fortes e roucas. Ajudaram a garota a desmontar ao chegar ao convento e depois se dirigiram ao povoado, onde apresentaram seus respeitos ao comandante dos espanhóis, que tomava algumas taças a mais do áspero vinho tinto da região servido na pousada. Os homens que ali se encontravam estavam de bom humor. Sabiam que muitas das mulheres que estavam rezando pediam um filho e eles ajudariam a cumprir os pedidos à Santa Mãe.

Outros soldados britânicos vinham do leste, e isso era estranho, pois não devia haver soldados britânicos no leste. Mas ninguém percebeu disso. Ninguém advertiu perigo algum. Os britânicos nunca tinham estado em Adrados, mas os aldeãos haviam ouvido que esses soldados pagãos eram respeitosos. Seu general lhes havia ordenado que ficassem em posição de sentido quando vissem que a Sagrada Hóstia era levada pelas ruas até o leito de um moribundo, e que tirassem o chapéu. E isso era bom. Contudo, estes soldados ingleses não eram como a guarnição espanhola. Estes casacas-vermelhas tinham um aspecto repugnante, vil, bagunçado e seus rostos refletiam crueza e ódio.

Uma centena deles esperava no extremo leste do povoado, sentados junto ao lavadouro que havia no caminho, e fumavam em cachimbos curtos de barro. Outra centena de homens atravessou o povoado, dirigidos por um grandalhão que ia a cavalo e cuja casaca vermelha estava profusamente adornada com ouro. Um soldado espanhol que se dirigia à taberna cumprimentou ao coronel e se surpreendeu quando o oficial inglês sorriu, inclinou-se ironicamente e mostrou uma boca na qual quase não restavam dentes.

Os espanhóis devem ter comentado algo na taberna porque dois oficiais britânicos, que estavam com as casacas desabotoadas, foram até a pista e observaram os últimos soldados da fila que se dirigia para o convento. Um dos oficiais franziu o cenho.

— Quem diabos você é?

O soldado ao qual havia se dirigido sorriu zombeteiro.

— Smithers, senhor.

O capitão deu uma rápida olhada para a fila de soldados.

— De que batalhão?

— Terceiro, senhor.

— Tonto, o maldito regimento, tonto?

— O coronel lhe dirá, senhor. — Smithers se colocou no meio da rua e usou uma mão como megafone. — Coronel!

O grandalhão fez o cavalo dar a volta, parou e depois se apressou para a taberna. Os dois capitães se enquadraram e o cumprimentaram. O coronel conteve o cavalo.

Parecia que tinha tido icterícia, talvez houvesse servido nas ilhas Fever, pois tinha a pele amarelada como o pergaminho. O rosto que se percebia debaixo do chapéu bicorne com borla se encrespou com um espasmo involuntário. Seus olhos azuis, assustadoramente azuis, eram hostis.

— Abotoem as casacas.

Os capitães abotoaram suas casacas e arrumaram os cinturões. Um deles, jovem e gorducho, franziu o cenho desgostoso porque o coronel havia lhes gritado ante os soldados e estes estavam rindo.

O coronel deixou que seu cavalo se aproximasse alguns passos dos capitães.

— O que fazem aqui?

— Aqui, senhor? — disse o mais alto e magro dos capitães ao mesmo tempo em que sorria. —Visitando, senhor.

— Só visitando, hem? — seu rosto voltou a se crispar. O coronel tinha um pescoço estranho e muito comprido ocultado por uma gravata amarrada por cima da garganta. — Só os dois?

— Sim, senhor.

— E lady Farthingdale, senhor — acrescentou o capitão gorducho.

— E lady Farthingdale, hem? — o coronel imitou a voz pastosa do capitão e depois lhes gritou com repentina violência. — São um maldito desastre, isso é o que são! Eu os odeio! Pelos cravos de Cristo que os odeio!

A rua ficou de repente em silêncio sob o sol do inverno. Os soldados, amontoados de ambos os lados do cavalo do coronel, sorriram cinicamente para os dois capitães.

O capitão mais alto limpou da casaca vermelha o escarro que havia saído expelido da boca do coronel.

— Vejo-me obrigado a protestar, senhor.

— Protestar, você, desgraçado! Smithers!

— Coronel?

— Atire nele!

O capitão gorducho sorriu zombadoramente, como se fosse uma brincadeira, mas o outro levantou um braço, retrocedeu, e Smithers, sorriu, apontou e disparou seu mosquete. O coronel fez o mesmo, sacou uma pistola e disparou na cabeça do capitão gordo. Os disparos ressoaram na rua, a fumaceira formou duas nuvens que se elevaram por cima dos corpos caídos e o coronel passou a rir antes de pôr-se em pé sobre os estribos.

— Agora, garotos, agora!

Primeiro desalojaram a taberna e para isso passaram por cima dos cadáveres cujo sangue havia salpicado o dintel da porta. Os mosquetes estalavam no edifício, as baionetas perseguiam os homens até os cantos mais recônditos e os matavam, e o coronel fez um sinal com a mão para que a centena de homens que estivera esperando no extremo leste entrasse no povoado. Não era sua intenção que isto começasse com tal rapidez, teria preferido poder levar primeiro a metade de seus homens até o convento. Mas estes malditos capitães lhe haviam obrigado e agora o coronel lhes gritava, os incitava; conduzia metade de suas forças para o grande convento quadrado e de muros brancos.

As mulheres que se encontravam no convento não ouviram os disparos que haviam soado a uns quatrocentos e sessenta metros ao leste. Estavam no claustro superior esperando o momento de arrastar-se de joelhos pela capela, e tiveram o

primeiro sinal de que, finalmente, a guerra havia chegado a Adrados com todo seu horror quando apareceram pela porta uns homens vestidos com casacas vermelhas empunhando baionetas. Então começaram os gritos.

Alguns homens desalojavam uma a uma as casas do povoado, enquanto outros afluíam atravessando o vale em direção ao castelo. Os soldados da guarnição espanhola tinham estado bebendo no povoado e muitos poucos estavam em seus postos.

Supuseram que os uniformes britânicos eram os de seus aliados e que isso era o que explicava a gritaria que se ouvia do povoado. Os espanhóis viram que os casacas-vermelhas passavam por cima dos entulhos da desmoronada muralha leste do castelo e lhes fizeram algumas perguntas aos gritos. Então os mosquetes dispararam, apareceram as baionetas e a guarnição morreu naquelas defesas medievais. Um tenente matou dois casacas-vermelhas. Lutou com destreza e fúria, fez que alguns invasores retrocedessem, escapou saltando por cima da muralha desmoronada e correu entre os arbustos de crategos para a atalaia na colina, ao leste. Acreditava que lá encontraria um punhado de seus homens, mas morreu entre os crategos atingido por um atirador oculto. Aquele tenente espanhol nunca chegou a saber que os homens que capturaram a atalaia não iam vestidos com o colorido vermelho dos britânicos mas com o azul dos franceses. Seu corpo rodou debaixo dos crategos e acabou esmagando os ossos, velhos e quebradiços, de um corvo que uma raposa havia deixado ali.

Na rua se ouviam gritos. Os homens que tentavam proteger seus lares morriam, os meninos gritavam ao ver seus pais morrerem, enquanto suas casas eram forçadas e abertas. Os disparos dos mosquetes salpicavam a brisa de brancas nubéculas.

Do leste chegaram mais homens, vestiam uniformes tão variados como os batalhões que haviam lutado por Portugal e Espanha nos quatro anos de guerra na península. Com eles iam também mulheres, e eram estas que matavam os meninos do povoado, disparavam-lhes e os esfaqueavam, e só poupavam aos que podiam trabalhar. As mulheres brigavam entre si nas cabanas, discutiam para ver quem ficaria com o que e às vezes se benziam ao passar ante um crucifixo cravado nos muros baixos de pedra. Não tardaram muito em destruir Adrados.

Os gritos eram incessantes no convento. Os soldados ingleses iam à caça pelos claustros, a sala, os aposentos vazios e a capela abarrotada. O sacerdote havia corrido pela porta abrindo passagem aos empurrões entre as mulheres, e

agora se encontrava aprisionado e trêmulo, enquanto os casacas-vermelhas escolhiam seu butim. Tiraram algumas mulheres do edifício aos empurrões. As afortunadas eram as muito enfermas ou muito velhas. E mataram outras com as longas baionetas. No interior da capela, os soldados sacudiram os ornamentos do altar, abriram passagem entre as oferendas que se amontoavam no exíguo espaço que havia detrás e abriram de um golpe o armário que guardava as taças sagradas. Um soldado pôs os trajes brancos e dourados que o sacerdote reservava para a Páscoa. Depois perambulou pela igreja benzendo seus companheiros que jogavam as mulheres ao piso. Na capela ressoavam os soluços, os gritos, os risos dos homens e as rasgaduras nas roupas.

O coronel tinha ido a cavalo até o claustro superior e, com um sorriso brincalhão, esperava e observava seus homens. Tinha enviado dois deles de sua confiança ao interior da capela e agora apareciam segurando uma mulher entre ambos. O coronel a olhou, relambeu os lábios e seu rosto se contraiu com um espasmo.

Tudo nela denotava riqueza, desde suas roupas até seus cabelos, uma abundância de dinheiro que a beleza realçava. Tinha o cabelo negro e espesso e caía formando ondas dos lados do rosto generoso e provocativo. Olhava-o ferozmente com seus olhos escuros, e parecia que a boca lhe sorria. Cobria suas roupas com uma escura capa rematada de luxuriosa pele prateada. O coronel sorriu.

— É ela?

Smithers sorriu com burla.

— É ela, senhor.

— Bem, bem, bem. Lorde Farthingdale é um sacana de sorte, então. Tire-lhe a maldita capa, vamos dar uma olhada.

Smithers se aproximou do capuz debruado de pele que pendia na parte traseira da capa, mas ela o afastou, desabotoou o fecho do pescoço e tirou lentamente a capa dos ombros. Seu corpo era perfeito, na flor da juventude, mas havia algo que inquietava vivamente ao coronel e era que não mostrava medo algum. O claustro fedia a sangue fresco, nele ressoavam os berros das mulheres e dos meninos e, contudo, essa mulher bonita e bela permanecia ali com rosto impávido. O coronel voltou a sorrir e deixou ver sua boca desdentada.

— Assim que a senhora é casada com esse tal lorde Farthingdale?

— Sir Augustus Farthingdale — respondeu ela delatando que não era inglesa.

— Oh, céus. Rogo que me desculpe — disse o coronel com uma risada como um cacarejo. — Sir Augustus. General, não é mesmo?

— Coronel.

— Como eu! — seu rosto se encrespou ao começar a rir. — Rico, suponho.

— Muito — afirmou a dama.

O coronel desmontou com torpeza. Era alto, com um ventre enorme, e tremendamente feio. Seu rosto se encrespou ao se aproximar da dama.

— A senhora não é inglesa?

Ela, surpreendentemente, ainda não parecia assustada. Cobriu suas roupas de montar com a capa e inclusive lhe sorriu levemente.

— Portuguesa.

Os olhos azuis a observaram de perto.

— Como vou saber se está me dizendo a maldita verdade, né? O que faz uma portuguesa casada com sir Augustus Farthingdale, pode me dizer?

Ela deu de ombros, tirou um anel que usava na mão esquerda e lançou para o coronel.

— Confie nisto.

O anel era de ouro. Na face chanfrada havia um escudo de armas quarteado e o coronel sorriu ao olhá-lo.

— Há quanto tempo está casada, milady?

Desta vez a dama sorriu amplamente e os soldados que a observavam também sorriram mostrando seu desejo. Era o butim do coronel, mas este podia ser generoso. Ela retirou o cabelo negro da pele olivácea.

— Seis meses, coronel.

— Seis meses. E ainda está radiante, hem? — soltou em um cacarejo. — Quanto sir Augustus pagaria para que voltasse a esquentar sua cama?

— Muito — respondeu a dama baixando a voz para dar à palavra um matiz de promessa.

O coronel riu. As mulheres bonitas não gostavam dele, portanto ele

tampouco gostava delas. Essa vadia rica tinha caráter, mas ele podia destroçá-la. Olhou para seus homens, que observavam à dama, e sorriu brincalhonamente. Lançou o anel de ouro para o ar e o pegou.

— O que a senhora fazia aqui, milady?

— Rezava por minha mãe. Está enferma.

— Gosta de sua mãe? — perguntou ele com interesse.

— Sim — assentiu ela surpreendida.

O coronel deu uma sapatada, voltou-se para seus homens e apontou com um dedo que parecia uma espada.

— Ninguém! — soltou com um berro. — Ninguém vai tocá-la! Ouviram! Ninguém.

Sua cabeça estremeceu e ele esperou até que o espasmo passasse.

— Matarei o sacana que a tocar! Matarei!

Voltou-se para a dama e se inclinou torpemente.

— Lady Farthingdale, terá que nos suportar. — Olhou para o claustro e viu o sacerdote atado a uma coluna. — Enviaremos o vigário com uma carta e o anel. Seu marido deverá pagar para liberá-la, milady, mas ninguém, eu lhe prometo, ninguém a tocará.

Voltou a olhar para seus homens, gritou, e um escarro saiu expelido sob o sol.

— Ninguém vai tocá-la!

Mudou de humor de repente. Deu uma olhada pelo claustro para as mulheres que jaziam, ensanguentadas e abatidas sobre as lajotas avermelhadas, e a outras mulheres que esperavam temerosas e aterrorizadas, cercadas pelas baionetas, e sorriu com cinismo.

— Suficiente para todos, né?

Soltou um cacarejo e se voltou; sua fina espada roçou o piso. Viu a uma jovem, magra, apenas saída da infância, e indicou com o dedo.

— Aquela é minha! Tragam-na aqui! — ele ria, com as mãos nos quadris, dominando o claustro, e sorriu com cinismo para os homens que havia no convento. — Bem-vindos ao seu novo lar, garotos.

O Dia do Milagre havia chegado de novo a Adrados e os cachorros do povoado farejavam o sangue que secava na única rua.

Capítulo 1

Richard Sharpe, capitão do único batalhão da Companhia Ligeira do Regimento South Essex, se achava de pé diante da janela e olhava fixamente para a procissão que passava pela rua. Lá fora fazia frio, ele bem o sabia. Vinha de Castelo Branco e acabava de chegar ao norte com sua reduzida companhia cumprindo as ordens de um misterioso chamado procedente do quartel general do exército, a propósito do qual ainda não havia recebido explicação alguma. Não é que o quartel general costumasse dar explicações aos simples capitães, mas Sharpe estava desgostoso porque estava há dois dias em *Frenada* e seguia sem entender aquelas ordens urgentes. O general, o visconde Wellington de Talavera, não, por Deus! Agora era marquês de Wellington, Grande da Espanha, duque de Cidade Rodrigo, generalíssimo de todos os exércitos espanhóis, "Intrometido" para seus soldados, "o lorde" para seus oficiais, e o homem, supunha Sharpe, que o tinha requerido em *Frenada*, não estava ali. Estava em Cádis, ou em Lisboa, ou Deus sabe onde, e o exército britânico se amontoava nos quartéis de inverno enquanto que Sharpe e sua companhia andavam por esses frios caminhos no mês de dezembro. O major Michael Hogan, amigo de Sharpe e o homem que dirigia o Departamento de Inteligência de Wellington, havia ido para o sul com o general e Sharpe sentia sua falta. Hogan não o teria mantido inquieto.

Pelo menos Sharpe não passava frio. Acabava de dar-lhe outra vez seu nome ao auxiliar de escritório do térreo e depois havia dito, com um grunhido, que esperaria em cima no refeitório do quartel onde havia uma chaminé. Supunha-se que não poderia utilizar esse aposento, mas pouca gente queria discutir com aquele fuzileiro alto, de cabelo escuro e com o rosto marcado com uma cicatriz que, quando ficava sério, lhe dava um ar ligeiramente brincalhão.

Observou a rua. Um sacerdote a salpicava com água benta. Seus acólitos tocavam sinos e balançavam incensórios nos quais ardia incenso. Atrás da imagem da Virgem Maria no andor, alçavam-se bandeiras. Algumas mulheres se ajoelharam junto aos edifícios e ergueram as mãos para a imagem. Um tênue raio de sol iluminou as ruas, um sol de inverno, e os olhos de Sharpe escrutinaram de forma automática o céu em busca de nuvens. Não havia nem uma.

O refeitório estava vazio. Com Wellington fora, parecia que a maioria de oficiais passava as manhãs na cama ou sentados na hospedaria do lado, cujo proprietário havia sido instruído a preparar autênticos desjejuns: costeletas de porco, ovos fritos, rins fritos, toucinho, torradas, vinho tinto, mais torradas, manteiga, e um chá tão forte que se podia utilizar para limpar o cano sujo de um obus. Alguns oficiais já tinham partido para passar o Natal em Lisboa. “Se os franceses atacassem agora — pensou Sharpe —, seria como um passeio por Portugal até chegar ao mar”.

A porta se abriu bruscamente e entrou um homem de meia idade que usava um roupão enorme sobre as calças do uniforme. Franziu o cenho olhando para o fuzileiro.

— Sharpe?

— Sim, senhor. — O tom de “senhor” era o adequado. O homem tinha um ar autoritário apesar do evidente resfriado.

— General de divisão Nairn.

O general de divisão deixou cair alguns papéis sobre uma mesa baixa, junto a alguns exemplares atrasados do *Times* e do *Courier* de Londres, depois atravessou a habitação para a outra janela. Franziu o cenho olhando para a rua.

— Malditos papistas!

— Sim, senhor. — Outra resposta adequada.

— Malditos papistas! Os Nairn, Sharpe, somos todos presbiterianos escoceses! Pode ser que sejamos chatos, mas bem sabe Deus que somos religiosos! — sorriu e depois espirrou com força antes de assuar vigorosamente com em um enorme lenço cinza. Cumprimentou a procissão com o lenço. — Outro maldito dia festivo, Sharpe, não entendo por que estão todos tão condenadamente magros. — Deu uma risada e lançou um olhar astuto para o fuzileiro —, então que o senhor é Sharpe?

— Sim, senhor.

— Bem, não se aproxime, tenho um resfriado de mil demônios — disse encostando-se ao fogo. — Tenho ouvido falar do senhor, Sharpe. Realmente impressionante! É escocês?

— Não, senhor — respondeu Sharpe sorrindo.

— Não é culpa sua, Sharpe, não é culpa sua. Não podemos fazer nada contra

nossos condenados pais, portanto temos que destroçar os nossos filhos — disse, e lançou uma olhada rápida para Sharpe para se assegurar de que estava prestando atenção. — O senhor foi ascendido desde a tropa, né?

— Sim, senhor.

— O fez muito bem, Sharpe, condenadamente bem!

— Obrigado, senhor. — Era incrivelmente fácil, com tão poucas palavras, entender-se com os oficiais de certa graduação.

O general de divisão Nairn se inclinou e avivou o fogo removendo a lenha com o atiçador.

— Creio que se pergunta por que está aqui, certo?

— Sim, senhor.

— Está aqui porque esta é a habitação mais quente de *Frenada* e, obviamente, o senhor não é tonto. — Nairn deu uma risada, largou o atiçador e futucou em seu nariz com o lenço. — *Frenada* é na verdade horrível.

— Sim, senhor.

Nairn olhou acusador para Sharpe.

— Sabe por que o general escolheu *Frenada* como quartel general de inverno?

— Não, senhor.

— Alguns lhe dirão — e neste ponto o general fez uma pausa para se deixar cair em uma ampla poltrona com um suspiro de satisfação — que foi escolhida por sua proximidade da fronteira espanhola. — Apontou para Sharpe com um dedo. — Em parte é verdade, mas não totalmente. Outros lhe dirão que o general escolheu esta cidade desconhecida porque está a muitos quilômetros de Lisboa e nenhum arrivista ou puxa-saco chorão se molestará em fazer a viagem até aqui para chateá-lo. É possível que haja nisto um pingo de verdade, mas o general passa a metade do tempo naquela cidade, portanto facilita enormemente a vida dos sacanas aduladores. Não, Sharpe, o motivo tem que ser outro.

— Sim, senhor.

Nairn emitiu uma lamúria enquanto se estirava.

— A verdadeira razão, Sharpe, a razão imaculadamente concebida, o maldito motivo pelo qual se escolheu este maldito casebre em uma cidade parada é que

está justo no centro da melhor zona de caça de raposas de todo Portugal.

— Sim, senhor — respondeu Sharpe com um sorriso brincalhão.

— E o general, Sharpe, gosta de caçar raposa. Por isso nós estamos destinados aos eternos tormentos deste maldito lugar. Sente-se homem!

— Sim, senhor.

— E pare de dizer “sim, senhor”, “não, senhor” como um puxa-saco.

— Sim, senhor.

Sharpe se sentou em uma cadeira diante do general de divisão Nairn. As sobrancelhas do escocês eram enormes e cinzentas e parecia que cresciam com a intenção de juntar-se com sua mata de cabelo grisalho. Seu rosto refletia bondade e vigor, astúcia e senso de humor, e só o que o estragava é que estava avermelhado por causa do resfriado. Nairn devolveu a olhada a Sharpe e o repassou de cima abaixo, das botas francesas de cavalaria ao cabelo negro do fuzileiro, e depois se virou.

— Chatsworth! Canalha! Safado! Chatsworth! Pilantra! Está ouvindo, pilantra?

Um ordenança apareceu e sorriu alegremente para o general.

— Senhor?

— Chá, Chatsworth, chá! Traga-me um chá bem forte! Algo que reanime minha paixão militar. E se é tão amável, tente trazê-lo antes do Ano Novo.

— Já o estou preparando, senhor. Quer algo para comer, senhor?

— Para comer, Chatsworth? Estou resfriado. Estou à beira da morte e você me fala de comida! O que tem?

— Tenho um pouco de presunto, senhor, daquele que lhe agrada. Mostarda. Quer pão e manteiga fresca? — Chatsworth se mostrava solícito, era evidente que Nairn o agradava.

— Ah, presunto! Traga-nos presunto, Chatsworth, presunto e mostarda com pão e manteiga. Por certo, você roubou daqui o garfo de fazer torradas na chaminé, Chatsworth?

— Não, senhor.

— Então, vá descobrir qual de seus camaradas ladrões o levaram, faça que o açoitem e me traga o garfo!

— Sim, senhor — respondeu Chatsworth sorrindo enquanto abandonava a sala.

Nairn sorriu para Sharpe.

— Sou um velho inofensivo, Sharpe, e me deixaram ao comando desta maldita casa de loucos enquanto o general percorre esta maldita península. Espera-se, Deus me ajude, que devo dirigir o quartel. Eu! Sharpe, se eu tivesse tempo, suponho que poderia conduzir as tropas em uma campanha de inverno! Poderia fazer que meu nome ficasse inscrito na glória, porém, diabos, não tenho tempo! Olhe isto! — pegou um dos papéis do monte que tinha a seu lado. — Uma carta, Sharpe, do capelão geral. Nada menos que o capelão geral! O senhor sabia? Tem um soldo de quinhentas e sessenta e cinco libras por ano e, além do mais, é conselheiro na criação de postos de sinalização e por esse trabalho disparatado recebe outras seiscentas libras! Não é incrível? E em que emprega seu tempo, tão bem remunerado, no exército de Sua Majestade este vigário de Deus? Em escrever para me dizer — Nairn segurava a carta diante de seu rosto: — "Peço que me faça um relatório sobre o metodismo no exército". Por Deus todo-poderoso, Sharpe! O que tem que fazer um com uma carta como esta?

Sharpe sorriu.

— Não sei, senhor.

— Mas eu sei, Sharpe, eu sei. Por isso sou general de divisão. — Nairn se inclinou para frente e jogou a carta no fogo. — Isto é o que se faz com cartas como esta — disse, e depois riu alegremente em tom brincalhão enquanto o papel se acendia e resplandecia ao se queimar. — Quer saber por que está aqui, não é mesmo?

— Sim, senhor.

— Está aqui, Sharpe, porque o príncipe de Gales ficou louco. Assim como seu pai, pobre homem, um louco de atar. — Nairn se reclinou e consentiu triunfante. A carta desapareceu convertida em um fio negro de fumaça enquanto Nairn esperava a reação de Sharpe. — Deus santo, Sharpe, supõe-se que deveria dizer algo! Um Deus salve o príncipe de Gales serviria, e o senhor fica aí como se o que lhe disse não tivesse importância! Deve ser porque o senhor é um herói, suponho, deve guardar sempre a compostura. Não é tarefa fácil ser um herói, né?

— Não, senhor — respondeu Sharpe com um grande sorriso.

A porta se abriu e Chatsworth entrou com uma pesada bandeja de madeira e

a deixou no piso na frente da chaminé.

— Pão e presunto, senhor; no vaso pequeno tem mostarda. O chá está bem forte, senhor, e lamento dizer que o garfo para as torradas estava em seu quarto, senhor. Aqui está, senhor.

— Você é astuto e um sem-vergonha, Chatsworth. Depois disto me acusará de ter queimado a correspondência do capelão geral.

— Sim, senhor — respondeu Chatsworth rindo com satisfação.

— Você é metodista, Chatsworth?

— Não, senhor. Não sei exatamente o que é ser metodista, senhor.

— Realmente afortunado — respondeu Nairn, enquanto cravava uma fatia de pão no garfo.

Um tenente apareceu então pela porta aberta atrás do general e bateu vacilante para chamar sua atenção.

— General Nairn, senhor?

— O general de divisão Nairn está em Madri negociando a rendição com os franceses! — disse Nairn, e envolveu a mão no lenço cinza para se proteger do calor e aproximou o pão do fogo.

O tenente não sorriu. Ficou na porta.

— Cumprimentos do coronel Greave, senhor, quer saber o que deve fazer com os suportes de ferro das chalanas.

Nairn percorreu com o olhar o teto amarelo e perguntou:

— Quem está a cargo das chalanas, tenente?

— Os engenheiros, senhor.

— E quem, diga-me, está ao comando de nossos valentes engenheiros?

— O coronel Fletcher, senhor.

— Então, o que o senhor vai dizer ao coronel Greave?

— Entendi, senhor. Sim, senhor. — O tenente respondeu após uma pausa. — Que ele pergunte ao coronel Fletcher, senhor.

— O senhor vai chegar a general, tenente. Já pode ir, e se a chefa das lavadeiras quiser me ver, diga que estou casado e que não posso ceder a suas proposições desonestas.

O tenente se foi e Nairn olhou enfurecido para o ordenança.

— Para de sorrir, soldado Chatsworth, o príncipe de Gales está louco e só o que você faz é rir como um tonto!

— Sim, senhor. É tudo, senhor?

— Sim, Chatsworth, obrigado. Agora vá e não faça ruído ao fechar a porta.

Nairn esperou até que fechasse a porta. Girou o pão que tinha no garfo e espetou.

— O senhor não está louco, né, Sharpe?

— Não, senhor.

— Graças a Deus! É possível que o príncipe de Gales tenha a mesma veia de loucura que seu pai. Está interferindo no exército e o general está realmente preocupado. — Fez uma pausa e aproximou demais o pão das chamas. Sharpe não disse nada, mas soube que a preocupação do general e a ingerência do príncipe de Gales tinham algo a ver com a repentina ordem que recebera de ir para o norte. Nairn lhe lançou uma olhada envolvida em suas povoadas sobrancelhas. — Já ouviu falar em Congreve?

— O homem do foguete?

— O próprio. Sir William Congreve, protegido do príncipe e artífice de um sistema de artilharia de foguetes. — O pão fumegava e Nairn o afastou do fogo. — Em um momento em que necessitamos de cavalaria, artilharia e infantaria, o que nos mandam, Sharpe? Foguetes! Um esquadrão de cavalaria de foguetes. E tudo porque o príncipe, em um arrebatamento de loucura como os de seu pai, acredita que ganharão a guerra. Pegue. — Ofereceu o garfo a Sharpe. Depois untou sua torrada queimada com manteiga. — Quer chá?

— Sinto muito, senhor — disse Sharpe, que devia ter servido o chá. Encheu as duas xícaras enquanto Nairn acompanhava sua torrada com um generoso pedaço de presunto banhado em abundante mostarda.

Nairn deu um trago no chá e suspirou.

— Com o chá que faz, Chatsworth já tem o céu garantido. Um dia fará muito feliz a alguma mulher — disse enquanto observava Sharpe torrando sua fatia de pão. — Foguetes, Sharpe. Temos na cidade um esquadrão de cavalaria de foguetes e a Guarda Real nos ordena que lhes façamos um teste cuidadoso — sorriu. — Gostaria de mais torrada?

— Não, senhor — Sharpe gostava das torradas brancas. Virou-a. — Gosto delas queimadas. — Fez uma pausa e deu uma boa mordida no presunto. — O que temos que fazer, Sharpe, é testar esses malditos foguetes e, quando comprovarmos que não funcionam, devolvê-los à Inglaterra e ficar com todos seus cavalos, aos quais daremos bom uso. Não acha?

— Sim, senhor.

— Perfeito, porque é o senhor quem deve fazê-lo! O senhor se encarregará do capitão Gilliland e de seus artefatos infernais e o porá a prova como se estivesse em uma batalha. Isso é o que dizem suas ordens. O que eu digo, e o general também diria se estivesse aqui, é que deve sometê-lo a uma prova tão dura que regresse correndo para a Inglaterra com um pouco de bom senso na cabeça.

— Quer que os foguetes fracassem, senhor? — perguntou Sharpe enquanto untava sua torrada com manteiga.

— Não quero que fracassem, Sharpe. Adoraria que funcionassem, mas não funcionam. Tivemos uns há alguns anos e são tão caprichosos como uma cachorra em cio. Mas o príncipe acredita que sabe de tudo. O senhor deverá pô-los a prova e também deverá exercitar o capitão Gilliland nas manobras bélicas. Falando claro, Sharpe, deve ensiná-lo a cooperar com a infantaria nos terrenos que a infantaria, se ele chegar alguma vez a entrar em batalha, teria que proteger as tropas do orgulhoso tirano. — Nairn devorou outro bocado de presunto. — Pessoalmente — disse baixando o tom de voz —, ficaria feliz se Bonaparte o esmagasse, a ele e a seus malditos foguetes, mas devemos mostrar boa disposição.

— Sim, senhor — respondeu Sharpe antes de tomar um trago de chá.

Havia algo estranho em tudo aquilo, algo que não lhe haviam dito. Sharpe tinha ouvido falar do sistema de foguetes de Congreve. De fato, há cerca de cinco anos, no exército corriam rumores de que existia uma nova artilharia secreta. Contudo, por que escolheriam a Sharpe para prová-la? Ele era capitão e Nairn havia dito que deveria dar ordens a outro capitão. Aquilo não tinha sentido.

Nairn tostava outra fatia de pão.

— Esta se perguntando por que foi escolhido, né? Por que o escolhemos entre todos os oficiais e cavalheiros, não?

— Sim, senhor. Estava me perguntando isso.

— É porque o senhor é incômodo, Sharpe. Porque não se encaixa no esquema tão ordenado do general.

Sharpe mordeu a torrada com presunto para evitar responder. Nairn parecia ter se esquecido do garfo das torradas que tinha na chaminé e pegou uma folha de papel da mesa.

— Eu lhe disse, Sharpe, o príncipe está louco. Não só nos impôs o horrível Gilliland com seus horríveis foguetes Congreve, mas também nos impôs esta ordem. — "Esta ordem" era a folha de papel que Nairn segurava entre os dedos como se fosse algo contagioso. — Espantoso! Creio que seja melhor que a leia o senhor mesmo, ainda que só Deus saiba por que não a jogo ao fogo assim como a maldita carta do capelão. Tome — disse enquanto estendia a folha para Sharpe. Depois, voltou a se concentrar em sua torrada.

O papel era grosso e suave. Destacava-se um grande selo vermelho estampado na ampla margem esquerda. Sharpe a virou para as janelas para poder lê-la. As duas primeiras linhas estavam impressas com letra gravada em cobre: "Jorge III, pela graça de Deus e do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, Rei e Defensor da Fé". As palavras seguintes estavam escritas à mão em papel rajado. "Fiel e muito estimado Sr. D. Richard Sharpe". A carta continuava. "Saudação: pela presente, o escolhemos e nomeamos para ser".

Sharpe levantou a vista e olhou para Nairn.

O general de divisão resmungava enquanto recolhia a manteiga que havia caído no prato.

— É uma perda de tempo, Sharpe. Jogue-a ao fogo! Está louco!

Sharpe sorriu tratando de controlar a emoção que crescia nele, emoção e pura incredulidade, quase não se atrevia a ler as palavras seguintes:

"Major de nosso Exército em Portugal e Espanha".

Santo Deus! Deus todo-poderoso! O papel tremia entre suas mãos. Reclinou-se um instante, tocou com a cabeça o respaldo da cadeira. Major! Estava há dezenove anos no exército. Havia se alistado uns dias antes de seu décimo sexto aniversário e havia partido para a Índia entre suas filas, com o mosquete e a baioneta nas mãos, e agora era major. Meu Deus! Lutara tanto para ascender a capitão, pensava que nunca o conseguiria e agora, de repente, de forma inesperada, sem motivo algum, isto: Major Richard Sharpe!

Nairn lhe sorriu.

— É somente uma ascensão temporal, Sharpe.

Major honorário, então, mas major afinal de contas. Um título de comandante de um regimento, e se a nomeação dizia “um major do nosso regimento South Essex”, indicava que era um comandante de regimento. Um posto temporário implicava que seria major enquanto servisse fora de seu próprio regimento, com soldo de major. Contudo, se tivesse que se retirar nesse momento, para estabelecer seu pagamento se levaria em conta o posto de regimento e não o da nova ascensão para major. Porém, quem se importava? Era major!

Nairn observou aquele rosto duro e moreno. Sabia que tinha diante de si uma pessoa extraordinária, alguém que havia subido muito alto, muito rápido, e Nairn se perguntou o que impulsionava a um homem como Sharpe. Sentado junto ao fogo com a nomeação nas mãos parecia um homem tranquilo, moderado, e contudo, Nairn conhecia a história deste soldado. Havia muito pouca gente no exército que não tivesse ouvido falar de Sharpe. O general dizia que era o melhor chefe de Companhia Ligeira do exército e, talvez por isso, pensava Nairn, Wellington tinha se enfurecido com a intromissão do príncipe de Gales. Sharpe era um bom capitão, mas seria um bom major? Nairn não conhecia a resposta. Sharpe, o homem que se empenhava em usar o uniforme verde dos fuzileiros do 95º batalhão, não havia desapontado até então ao exército, e a ascensão para major não conseguiria apaziguar a ferocidade de sua capacidade de luta.

Sharpe leu a nomeação até o final. Daria ordens a oficiais e soldados, observaria e cumpriria essas ordens como se dessem a ele. Deus! Major!

“Redigida em Nossa Corte em Carlton House em catorze de novembro de 1812 no quinquagésimo terceiro ano de Nosso reinado”. As palavras “Por Ordem de Sua Majestade” haviam sido riscadas e em seu lugar a nomeação rezava: “Por Ordem de Sua Alteza Real o príncipe Regente, em Nome de Sua Majestade”.

Nairn lhe sorriu.

— O príncipe ouviu falar de Badajoz, depois de García Hernández, e insistiu. Vai contra o regulamento, é claro, totalmente em contra o regulamento. Não é ele quem tem que promovê-lo. Atire-a ao fogo!

— Pegaria muito mal se lhe desobedecesse, senhor?

— Parabéns, Sharpe! Está começando com o pé direito. — Pronunciou as últimas palavras rapidamente porque lhe vinha um espirro e pegou o lenço, tampou a boca com ele e espirrou com estrondo. Meneou a cabeça, espirrou e voltou a sorrir. — Meu mais sincero parabéns!

— Obrigado, senhor.

— Não agradeça a mim, major. Agradeça a todos se assegurando de que os foguetes do pequeno Gilliland vão por água abaixo. Sabe que deram ao grande cretino cento e cinquenta cavalos para seus brinquedos? Cento e cinquenta! Necessitamos desses cavalos Sharpe, mas não poderemos tocá-los enquanto o príncipe creia que com eles vamos derrotar a Bonaparte. Demonstre-lhe que não funcionam, Sharpe! Ao senhor ele escutará.

Sharpe sorriu.

— Por isso me escolheram?

— Exato! O senhor não é bobo. Claro que o escolhemos por isso, e também como castigo, claro.

— Como castigo?

— Sim, por ser promovido antes do tempo. Se houvesse tido a gentileza de esperar até que morresse um dos comandantes de seu regimento South Essex, teria conseguido a categoria de regimento. Já chegará, Sharpe, já chegará. Por menos que 1813 se pareça a este ano, todos teremos ascendido a marechal de campo pelo Natal — disse enquanto ajustava seu roupão para cobrir o peito. — Isso se chegarmos até o próximo Natal, coisa que duvido. — Levantou-se. — Pode ir, Sharpe! Encontrará Gilliland brincando com seus fogos de artifício na estrada de Guarda. Essas são suas ordens. Sabe que o senhor vai, pobre cordeiro. Mande-o de volta ao príncipe, Sharpe, mas fique com os malditos cavalos!

— Sim, senhor — disse Sharpe levantando-se.

Pegou as ordens que lhe estendia e de novo sentiu emoção. Era major!

De repente soaram os sinos da igreja, perturbaram o ar calmo e assustaram os passarinhos, que voaram apressados. Nairn se sobressaltou ao ouvi-los e cruzou a habitação até a janela.

— Desfaça-se de Gilliland, então poderemos ter todos um Natal tranquilo! — disse esfregando as mãos. — Graças a Deus, além desses malditos sinos,

major, nada perturba ao exército de Sua Majestade em Portugal e Espanha.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor. — Deus, como soava bem esse “major”!

Os sinos seguiam repicando anunciando o dia festivo e, enquanto isso, oitenta quilômetros a nordeste, os primeiros soldados ingleses com as casacas vermelhas desalinhadas entravam no povoadozinho de Adrados.

Capítulo 2

O rumor chegou muito rápido a *Frenada*, ainda que ao cruzar os campos portugueses a história se distorcesse e retorcesse do mesmo modo que sobre o vale se estendia o rastro de fumaça dos foguetes de Congreve que Sharpe testava.

O sargento Patrick Harper foi o primeiro homem da companhia de Sharpe que conheceu a história. Soube por sua mulher, Isabella, que ouvira no púlpito da igreja de *Frenada*. A cidade estava indignada e Harper compartia essa indignação. Tropas inglesas, e não só isso, mas também protestantes, haviam chegado àquele povoado remoto e haviam saqueado, assassinado, estuprado e desonrado a sua gente em um dia santo.

Patrick Harper contou a Sharpe. Estavam sentados no vale com o tenente Price e os outros dois sargentos da companhia debaixo do sol de inverno. Sharpe escutou toda a história da boca de seu sargento e negou com a cabeça.

— Não acredito nisso.

— Eu juro por Deus, senhor. Foi o sacerdote quem disse na igreja.

— Você o ouviu?

— Isabella o ouviu! — respondeu Harper com uma olhada beligerante escondida sob suas sobrancelhas castanhas. A indignação que sentia ressaltava seu sotaque do Ulster. — É difícil que o homem minta em seu púlpito! Por que faria isso?

Sharpe moveu a cabeça com incredulidade. Havia lutado com o sargento Harper em uma dúzia de batalhas, considerava-o um amigo e, contudo, não estava acostumado a essa grosseria.

Harper tinha a serena confiança de um homem forte. Seu humor, que não podia ser melhor, havia lhe ajudado a superar campos de batalha, bivaques e o malvado destino que obrigara a ele, um irlandês, a se alistar no exército inglês. Apesar de tudo, Harper sempre tinha uma recordação para seu Donegal natal e havia algo nesse rumor que lhe tocava a fibra patriótica e que aparecia quando pensava no tratamento que Inglaterra dispensava à Irlanda. Protestantes que estupram e assassinam católicos, um lugar santo profanado: essas imagens fervilhavam na cabeça Harper. Sharpe sorriu.

— Realmente acredita, sargento, que alguns de nossos garotos foram a um povoado, mataram uma guarnição espanhola e estupraram todas as mulheres? Realmente acha isso possível?

Harper deu de ombros e respondeu renuente.

— Está bem, talvez seja a primeira vez, talvez! Mas a verdade é que aconteceu!

— Mas pelo amor de Deus! Por que fariam uma coisa assim?

— Porque são protestantes, senhor! Ainda que tenham que percorrer duzentos quilômetros para matar um católico, o farão. Levam isso no sangue!

O sargento Huckfield, um inglês protestante, cuspiu uma fibra de capim.

— Bem, Harpe! E o que me diz dos católicos e a Inquisição? Nunca ouviu falar da Inquisição? Deus! Está falando de matar, mas aprendemos tudo com a maldita Roma!

— Já basta!

Sharpe havia tido que aguentar muitas vezes essa discussão e não queria voltar a ouvi-la com Harper tão furioso. Percebeu que o enorme irlandês ia dizer algo e parou a discussão antes que o caso se complicasse.

— Eu disse que basta!

Virou-se para ver se a guarnição de Gilliland havia acabado com os preparativos que pareciam intermináveis e descarregou sua raiva se queixando da lentidão.

O tenente Price estava deitado, com o chapéu sobre o rosto, e sorriu ao ouvir Sharpe amaldiçoado. Quando Sharpe acabou, retirou o chapéu dos olhos.

— Isso é porque trabalhamos no domingo. Não descansamos no dia do Senhor. Meu pai diz que não se consegue nada de bom trabalhando no *sabat*.

— Além disso hoje é dia 13 — acrescentou o sargento McGovern com voz sombria.

— Trabalhamos no domingo... — Respondeu Sharpe esforçando-se para manter a calma — porque assim estaremos livres deste trabalho no Natal e vocês poderão regressar ao batalhão. E então, poderão comer os gansos que o major Forrest teve a amabilidade de comprar e se embebedar com o rum do major Leroy. Se preferirem, podemos regressar a *Frenada* agora mesmo. Algo a dizer?

— O que me darão de presente no Natal, major? — perguntou Price ceceando com voz de criança.

Os sargentos passaram a rir e Sharpe viu que, finalmente, Gilliland estava pronto. Levantou-se e sacudiu a terra e a erva do uniforme de cavalaria francês que usava debaixo da casaca de fuzileiro.

— Já está na hora. Vamos.

Estava a quatro dias realizando provas e ensaios com os foguetes de Gilliland. Sabia, ou acreditava saber, o que devia dizer deles. Não funcionavam. Eram divertidos, inclusive espetaculares, porém, irremediavelmente, pouco precisos.

Não era a primeira vez que se utilizavam em uma guerra. Gilliland, que sentia uma grande paixão pela arma, tinha dito a Sharpe que os tinham utilizado pela primeira vez na China, fazia centenas de anos. O próprio Sharpe tinha visto o exército indiano usar foguetes. Esperava que os foguetes ingleses, fruto da ciência e da engenharia, fossem melhores que os que tinham enfeitado o céu de Seringapatam.

Os foguetes de Congreve tinham o mesmo aspecto dos foguetes com os quais se celebravam as festas reais em Londres, só que estes eram muito maiores. O foguete menor de Gilliland media quase três metros e meio, dois deles para o cilindro que continha a carga de pólvora e uma granada como acabamento, o restante constituía o corpo sólido do foguete. O maior, conforme Gilliland, media oito metros e meio, a cabeça era mais alta que um homem e podia carregar mais de vinte e três quilos de explosivo. Se fosse possível enviar um foguete como esse, mesmo que apenas para perto do alvo, seria uma arma temível.

Sharpe seguiu exercitando os homens de Gilliland durante mais duas horas debaixo de um céu limpo que, surpreendentemente, o sol de dezembro conseguia esquentar. Sharpe estava seguro de que seria uma perda de tempo, já que ele duvidava que Gilliland chegasse a ter que colaborar com a infantaria em uma batalha. Contudo, a arma tinha algo que lhe fascinava.

Enquanto ordenava que a fina linha que formavam seus atiradores se afastasse pela quarta vez da frente da bateria, pensou que talvez fosse a matemática do foguete. Uma bateria de artilharia contava com seis canhões, ainda que necessitasse de cento e setenta e dois homens e cento e sessenta e quatro cavalos para deslocá-la e manejá-la. Em combate, a bateria podia disparar

doze disparos por minuto.

Gilliland contava com o mesmo número de homens e soldados e, contudo, podia disparar noventa projéteis por minuto. Podia manter a média de disparos durante um quarto de hora, disparando toda a dotação de mil e quatrocentos foguetes, e não havia bateria que pudesse resistir a essa potência.

Havia outra diferença, algo inquietante. Dez disparos de canhão de cada dúzia dariam a cinquenta metros do alvo. Inclusive a trinta metros, Gilliland podia considerar-se afortunado se um foguete de cada cinquenta caísse perto do alvo.

Pela última vez naquele dia, Sharpe fez a linha de atiradores se separar. Price fazia sinais desde o outro lado do vale.

— Limpo, senhor!

Sharpe olhou para Gilliland e gritou:

— Fogo!

Os homens de Sharpe começaram a rir. Desta vez seriam disparados apenas doze foguetes pequenos. Cada um estava colocado em uma vala aberta para que avançasse pelo canal do solo ao ser aceso. Os artilheiros acenderam as mechas, uma espiral de fumaça se elevou para o ar parado, e então e quase ao mesmo tempo, uma explosão pôs os foguetes em movimento. Grandes rastros de fumaça e faíscas saíram expelidas para trás, a erva das valas ficava chamuscada e os foguetes avançavam, cada vez com maior rapidez, e se elevavam ligeiramente sobre o pálido campo invernal; enchiam o vale de um estrondo confuso e uivavam sobre os pastos enquanto os homens de Sharpe gritavam entusiasmados.

Um se chocou contra o chão e ao dar girar, o corpo se abriu e a cabeça solta caiu na terra espalhando chamas e fumaça negra pelo vale. Outro foguete girou para a direita, chocou-se com outro e ambos se incrustaram na terra. Havia dois que pareciam que iam bem, ardendo sobre o campo, e o restante vagava e desenhava complicadas linhas de fumaça sobre o capim.

Todos menos um. Um foguete avançou traçando uma curva perfeita, subia cada vez mais alto, ascendeu tanto que ficou oculto entre a fumaça que desprendia e que parecia concentrar-se sob sua ardente cauda. Sharpe o olhou, semicerrando os olhos por causa da luminosidade do sol, e lhe pareceu ver que o corpo tremia entre a fumaça, girava, e depois viu de novo as chamas. O foguete

havia dado uma volta completa e voltava para a terra, acelerando pela rajada de fogo e gritava para os homens que o haviam disparado.

— Corram! — gritou Sharpe para os artilheiros.

Harper, que tinha esquecido temporariamente a indignação que sentia pelo massacre, gargalhava.

— Corram, idiotas!

Os cavalos dispararam, o pânico se apoderou dos homens e o ruído ia aumentando, um risco no céu de dezembro, e a voz estridente de Gilliland não fazia mais que acrescentar confusão entre seus homens. Os artilheiros se jogaram ao solo com as mãos na cabeça, o rugido cresceu e de repente não deu em nada, já que a cabeça maciça de seis libras do foguete ficou enterrada no solo. O corpo do foguete se estremeceu. O explosivo seguiu ardendo com intensidade durante um segundo na base do cilindro, depois se extinguiu e só restaram umas vacilantes chamas azuis ao redor do corpo.

— Deus salve a Irlanda! — exclamou o sargento Harper enxugando seus olhos.

— E os outros foguetes? — perguntou Sharpe olhando campo acima.

O sargento Huckfield sacudiu a cabeça.

— Por toda parte, senhor! O mais próximo do alvo caiu aproximadamente a vinte e sete metros. — Chupou o lápis, anotou algo no livro que levava e deu de ombros. — O normal, senhor.

Por desgraça para Gilliland, era o normal. Parecia que os foguetes atuavam por conta própria quando se punham em movimento. Tal como havia dito o tenente Price. Eram maravilhosos para espantar os cavalos, desde que não importasse que cavalos fossem assustados, franceses ou britânicos.

Sharpe percorreu o vale com o capitão Gilliland entre os restos fumegantes de seus projéteis. O ar estava muito carregado pela fumaça da pólvora. Tudo estava anotado em no livro: os foguetes eram um desastre.

Gilliland, um jovem baixinho cujo rosto magro se iluminava com a fanática paixão que sentia por suas armas, suplicava a Sharpe. Este já havia escutado antes todas essas explicações. Escutava pela metade, e em parte se compadecia com a ânsia que Gilliland tinha de participar na campanha de 1813. O ano terminava amargamente. Depois das grandes vitórias de Cidade Rodrigo,

Badajoz e Salamanca, a campanha tinha sofrido uma parada brusca ante a fortaleza francesa de Burgos. No outono, os britânicos haviam se retirado para Portugal, para os armazéns de provisões que manteriam o exército durante o inverno e a retirada havia sido dura. Algum louco havia enviado as provisões do exército por outro caminho, portanto as tropas tiveram que marchar penosamente para o oeste suportando chuvas torrenciais, cansaço e raiva. A disciplina se quebrou. Alguns homens foram enforcados na borda da estrada por saquear. Sharpe deixou dois bêbados completamente em nus à mercê dos perseguidores franceses. Depois daquilo, nenhum outro soldado do South Essex se embebedou e foi um dos poucos batalhões que regressara a Portugal em perfeita ordem. No próximo ano vingariam aquela retirada e, pela primeira vez, os exércitos da península marchariam sob as ordens de um só general. Wellington reunia agora o comando dos exércitos britânicos, portugueses e espanhóis, e Gilliland suplicava a Sharpe poder formar parte das vitórias que essa união parecia pressagiar. Sharpe o interrompeu.

— Mas, capitão, não acertam o alvo. Não pode fazer que sejam mais precisos.

Gilliland consentiu com a cabeça, deu de ombros, abriu as mãos em sinal de impotência e voltou a se dirigir a Sharpe.

— Senhor? O senhor disse uma vez que um inimigo assustado fica meio vencido, não é mesmo?

— Sim.

— Pense no que os foguetes fariam ao inimigo. São aterradores!

— Sim, seus homens acabam de comprová-lo.

Gilliland sacudiu a cabeça exasperado.

— Sempre há um ou dois foguetes loucos, senhor. Porém, pense no efeito sobre um inimigo que nunca os tenha visto. De repente as chamas, a fumaça! Pense!

Sharpe pensou. Pediram que testasse esses foguetes, que o fizesse minuciosamente e assim o fez durante quatro dias de trabalho duro. Tinham começado situando os foguetes no máximo alcance, mil oitocentos e trinta metros, e depois diminuíram seu alcance para somente duzentos e setenta e quatro metros e os mísseis seguiam sendo pouco certeiros. “Contudo — pensava Sharpe sorrindo para si mesmo —, que efeito teriam em um homem que não os

conhecesse?” Olhou para o céu. Era meio-dia. Tinha pensado em desfrutar de uma tarde tranquila antes de ir à representação de *Hamlet* que os oficiais da divisão ligeira organizavam em um celeiro aos arredores da cidade, mas talvez estivesse se esquecendo de uma prova. Não demoraria muito. Uma hora mais tarde, e somente com o sargento Harper, olhava como Gilliland fazia os preparativos para disparar a quinhentos e cinquenta metros. Harper olhou para Sharpe e sacudiu a cabeça.

— Estamos loucos.

— Não tem por que ficar.

— Prometi a sua esposa que cuidaria do senhor, senhor. E estou aqui, cumprindo minha promessa — respondeu Harper com voz abatida.

Teresa. Sharpe a havia conhecido dois anos antes, quando sua companhia lutara junto a seu grupo de guerrilheiros. Teresa lutava contra os franceses a sua maneira, com emboscadas e facas, surpresa e terror. Estavam casados há oito meses e Sharpe não devia ter passado mais de dez semanas com ela. Sua filha, Antônia, tinha agora dezenove meses. Uma filha a quem amava porque era seu único parente consanguíneo, uma filha a quem não conhecia e que cresceria falando outro idioma, mas sua filha, ao final de tudo. Sorriu para Harper.

— Não nos acontecerá nada. Já sabe que sempre falham.

— Quase sempre, senhor.

Talvez estivessem loucos ao tentar essa prova, mas Sharpe queria ser justo com o entusiasmo de Gilliland. Os foguetes não eram precisos e se haviam convertido no alvo das piadas dos homens de Sharpe, que desfrutavam vendo como os brinquedos de Gilliland viravam, chocavam e se incendiavam. Contudo, por mais curiosa que fosse sua trajetória, a maioria dos foguetes se dirigia para o inimigo e talvez Gilliland tivesse razão. Talvez aterrorizassem o inimigo e só havia um modo de saber. Ser o alvo.

Harper coçou a cabeça.

— Se minha mãe soubesse, senhor, que estou de pé junto a uma parede com trinta condenados foguetes apontando para mim... — E deixou escapar um suspiro enquanto agarrava o crucifixo que levava pendurado ao pescoço.

Sharpe percebia que os artilheiros estavam unindo os corpos. Cada foguete de doze libras requeria duas seções de corpo. A primeira, que encaixada em um tubo de metal ao lado da cabeça do foguete, tinha que se presa torcendo o metal

com pinças. A segunda era um tubo de metal que se retorcia do mesmo modo e que unia os dois corpos em um eixo de três metros que equilibrava a cabeça do foguete. O eixo tinha outra utilidade que fascinava e impressionava a Sharpe. Cada soldado da cavalaria de foguetes guardava uma ponta de lança em um coldre especial de sua sela. A ponta de lança podia ser pregada aos corpos encaixados e entrar em batalha no lombo do cavalo. Os homens de Gilliland não eram treinados para lutar com a lança, tampouco com os sabres que todos usavam, mas naquela ponta de lança separada havia uma ingenuidade que Sharpe adorava. Deixara Gilliland consternado ao insistir que o esquadrão de foguetes devia exercitar cargas de cavalaria.

— Porta-fogos acesos!

Harper parecia decidido a fazer um comentário sobre sua própria morte. Sharpe viu a sua companhia sentada junto às “carroças” dos foguetes de Gilliland, suas carroças de suprimento especialmente equipadas.

— Oh, meu Deus! — disse Harper enquanto se benzia.

Sharpe sabia que os porta-fogos acenderiam as mechas dos foguetes.

— Você não havia dito que não poderiam acertar em uma casa a cinquenta metros?

— Mas é que eu sou um alvo muito grande. — Harper media um metro e noventa e três.

Viu-se uma voluta de fumaça no fundo do campo. Aquele foguete já devia de estar se movendo, queimando erva, saltando como um tiro rápido por cima da terra e martelando diante do fogo e da fumaça. Os outros também acenderam.

— Oh, Deus! — gemeu Harper.

Sharpe sorriu.

— Caso se aproximem, salte para o outro lado do muro.

— Sim, senhor.

Durante um ou dois segundos, os foguetes eram tão somente pontos que serpenteavam de forma curiosa, envolvidos em fogo, no centro de um rastro de fumaça. Os rastros se entrelaçavam ao mesmo tempo em que os foguetes subiam e vagavam e depois, com tal rapidez que Sharpe não teria tido tempo de se lançar atrás da parede de pedra, pareceu que os foguetes saltavam diretamente contra eles. O som inundava o vale, o fogo resplandecia atrás dos foguetes e então

passaram de longe, uivando por cima da parede, e Sharpe percebeu que havia se agachado apesar do foguete mais próximo ter passado a mais de trinta metros.

Harper amaldiçoou e lançou uma olhada para Sharpe.

— Não é tão divertido daqui, né?

Sharpe se sentiu aliviado ao ver que os foguetes tinham desaparecido. Mesmo a trinta metros de distância, o ruído e o fogo eram alarmantes.

Harper sorriu.

— Diria que já acabamos nosso trabalho, senhor?

— Só restam os grandes. Então tudo terá acabado.

— Suponho que diz isso por que vão cair em cima da gente.

A descarga seguinte não seria disparada ao nível do solo, seriam dirigidas para o ar em tubos de lançamento apoiados sobre tripés. Sharpe sabia que Gilliland realizava os cálculos matemáticos da trajetória. Sharpe sempre tinha pensado que a matemática era a mais exata de todas as ciências, mas não via como podia ser aplicar à natureza inexata dos foguetes. Contudo, certo que Gilliland andava ocupado com ângulos e equações. Tinha que averiguar a direção do vento, já que quando uma rajada cruzava a trajetória, os foguetes tinham o perverso costume de girar em direção oposta. Isto, conforme lhe havia explicado Gilliland, ocorria porque o vento exercia mais pressão no corpo, por ser mais comprido que a cabeça cilíndrica. Portanto os tubos deviam ser dirigidos a favor do vento se o alvo estivesse contra o vento. Outro cálculo era o do comprimento do corpo do foguete, já que um corpo mais longo significava mais altura e uma trajetória maior e, a quinhentos metros, Sharpe sabia que os artilheiros diminuiriam o comprimento da cauda do foguete. Outro imponderável era o ângulo de lançamento; um foguete viajava relativamente devagar ao sair do tubo de lançamento e a cabeça se inclinava um pouco para o solo nos primeiros centímetros de voo, portanto tinha que aumentar o ângulo de lançamento para compensar. A ciência moderna aplicada à guerra.

— Segure o chapéu, senhor.

A fumaça e as chamas podiam ser vistas muito bem abaixo dos tubos de lançamento, inclusive a quinhentos metros. Então, e de repente, os foguetes saíram para o ar. Eram foguetes de oito quilos, uma dúzia, e cortavam o ar sobre os rastros de fumaça da primeira descarga, subiam, subiam, e Sharpe viu como um deles se desviava para a esquerda e se afastava da trajetória enquanto os

outro se fundiam em uma nuvem de chamas em movimento que crescia silenciosa sobre o vale.

— Santo Deus! — exclamou Harper segurando o crucifixo.

Era muito estranho, parecia que os foguetes não se moviam. A nuvem crescia, os pontos envolvidos em chamas permaneciam quietos, flutuavam, e Sharpe percebeu que era uma ilusão devido à trajetória curva e direta para eles que os foguetes estavam. Então, um só ponto se desprendeu da nuvem, com fogo e fumaça negra sobre o azul claro do céu. O ruído estourou por cima dos dois homens; um estrondo agudo, nascido das chamas, enquanto o ponto se fazia cada vez maior.

— Para o chão!

— Meu Deus!

Harper se lançou para a direita, Sharpe para a esquerda. Sharpe bateu o corpo no solo junto à parede e o ruído lhe martelava, crescia, parecia que as pedras da parede tremiam, e o ar vibrava com o ruído que se aproximava cada vez mais e que encheu todo seu mundo de terror ao atingir a parede.

— Jesus! — disse Sharpe girando e se sentando no chão.

O foguete mais certeiro de toda a semana havia destroçado a parede de pedra onde ambos se encontravam. O corpo do foguete caiu lentamente sobre os escombros. O cilindro fumegava inofensivo no campo vizinho. A fumaça se elevava sobre o capim queimado.

Começaram a rir sacudindo a poeira dos uniformes e, de repente, Sharpe achou sumamente divertido e se jogou ao piso rolando de rir.

— Santo Deus!

— Sim, é bom que agradeça a Ele. Se isso fosse um canhonaço em vez de um disparo... — Harper não terminou a frase; permanecia de pé olhando a parede destroçada.

Sharpe voltou a se sentar.

— Assusta, né?

Harper sorriu.

— Creio que teria lamentado ter a barriga cheia, senhor — e se agachou para recolher seu chapéu.

— Portanto talvez tenha algo de positivo no louco invento do coronel.

— Sim, senhor.

— Imagine que se pudesse disparar toda uma descarga a cinquenta passos.

Harper assentiu com a cabeça.

— Verdade, senhor, mas há muitos se e poréns — disse com um sorriso brincalhão. — Gosta deles, né? Gosta de testá-los, não? — e acrescentou soltando uma gargalhada: — São seus brinquedos de Natal.

Uma silhueta vestida com uniforme azul se aproximava a cavalo desde o ponto de lançamento, trazia outro cavalo. Harper ajustou seu maltratado chapéu para se proteger do sol e fez um gesto indicando o homem que chegava galopando.

— Acho que está preocupado em ter nos matado, senhor.

Os cavalos ao galope levantavam torrões a sua passagem. Sharpe meneou a cabeça.

— Esse não é Gilliland — podia ver o galão de cavalaria nas ombreiras azuis do uniforme do cavaleiro.

O cavaleiro se desviou dos restos de um foguete em chamas, esporeou o cavalo e cumprimentou com a mão ao se aproximar.

Sua saudação era obrigatória.

— Major Sharpe?

— Sim.

— Tenente Rogers, senhor. Do quartel general. Saudações do general de divisão Nairn, senhor. Pergunta se poderia informar-lhe de imediato.

Sharpe pegou as rédeas do segundo cavalo que Rogers trazia e as passou sobre a cabeça do animal.

— O que aconteceu?

— Aconteceu, senhor? Não ouviu nada? — respondeu.

Rogers estava impaciente e seu cavalo, inquieto. Sharpe pôs o pé esquerdo no estribo e estirou os braços para agarrar à sela. Harper o ajudou dando-lhe um impulso. Rogers esperou até que o sargento tinha recuperado o chapéu de Sharpe para responder.

— Houve um massacre, senhor, em um lugar chamado Adrados.

— Um massacre?

— Sabe Deus, senhor. Há uma grande confusão. Está pronto?

— Vamos.

O sargento Patrick Harper observou como Sharpe esporeava seu cavalo e saía atrás do tenente. Isso significava que o rumor era verdade e Harper sorriu satisfeito. Não estava satisfeito porque se demonstrava que ele tinha razão, mas porque Sharpe tinha sido convocado e para onde Sharpe fosse, Harper o seguiria. O que importa se Sharpe agora é major e não está destacado no regimento do South Essex? Ele certamente levaria Harper consigo, como sempre, e o gigante irlandês queria contribuir com a vingança contra os homens que haviam ofendido sua honra e sua religião. Caminhou de regresso para a companhia, assobiando e com a agradável perspectiva de um combate em breve.

Capítulo 3

— Maldição, maldição, maldição, maldição, maldição, maldição.

O general de divisão Nairn, ainda de roupão e ainda resfriado, olhava pela janela. Virou-se quando o tenente Rogers abandonou a sala depois de anunciar Sharpe. Seus olhos, sob as revoltas sobrancelhas, olharam para Sharpe.

— Maldição.

— Senhor.

— Fria como o maldito coração de um padre.

— Senhor?

— Esta sala, Sharpe.

Era um escritório. Havia uma mesa cheia de mapas que, por sua vez, estavam cobertos de xícaras e pratos vazios, caixas de rapé, duas torradas frias meio comidas, uma espora e um busto de mármore de Napoleão que alguém, supostamente Nairn, havia pintado fazendo o imperador francês parecer um bobo fraco. O general se dirigiu para a mesa e se sentou.

— O que o senhor ouviu desse condenado massacre, major? Dê uma alegria a este pobre ancião e me diga que não ouviu nada a respeito.

— Temo que tenha ouvido algo, senhor.

— O quê?

Sharpe contou o que haviam contado na igreja naquela manhã e Nairn escutou cobrindo os olhos fechados com as polpas dos dedos. Quando Sharpe tinha terminado, Nairn emitiu um gemido.

— Santo céu, major! Não poderia ser pior? — Nairn girou-se sobre a cadeira e ficou olhando fixamente os telhados das casas da cidade. — Já somos pouco populares entre os espanhóis. Não esquecem o século XVII, malditos sejam, e o fato de que estejamos lutando por seu condenado país não melhora as coisas. E agora os sacerdotes pregam que os pagãos britânicos estão estuprando os católicos, use saias ou não. Meu Deus! Se os portugueses acreditam nisso, o que acreditarão para lá das fronteiras? Logo solicitarão ao papa que nos declare a guerra. — Girou de novo para a mesa, reclinou-se e fechou os olhos. —

Necessitamos da colaboração dos espanhóis e é difícil que a consigamos se acreditarem essa história. Aproxime-se! — esta ordem ia dirigida a um auxiliar que havia batido timidamente na porta. Estendeu para Nairn um papel e o escocês lhe deu uma espiada e grunhiu uma aprovação. — Necessito de uma dúzia, Simmons.

— Sim, senhor.

Quando o auxiliar se partiu, Nairn sorriu com astúcia para Sharpe.

— Tenha por certo que pagará por seus pecados, hem? Queimo a carta do bom homem, o condenado capelão geral, e hoje tenho que escrever a cada bispo e arcebispo da área — disse em um tom servil. — A história não é verdade, vossa Mercê, esses homens não pertenciam a nosso exército; sua Santidade, apesar disso prenderemos aos canalhas e lhes daremos o que merecem. Calma.

— Não é verdade, senhor?

Nairn lançou uma rápida olhada de irritação para Sharpe.

— Diabos, claro que não é verdade! — inclinou-se, pegou o busto de Napoleão e o olhou fixamente com seus frios olhos. — Gostaria que acreditassem, né? Difundindo por toda parte, condenado *Moniteur*. É assim que os ingleses tratam as mulheres espanholas. Isto lhe faria esquecer-se de todos aqueles bons homens que largou na Rússia. — Jogou o busto sobre a mesa. — Maldição — berrou, e se soou ruidosamente.

Sharpe esperava. Estava sozinho com Nairn, mas havia visto muito movimento ao entrar no quartel. O rumor, fosse verdade ou não, havia mobilizado *Frenada*. Sharpe devia formar parte disso, se não Nairn não o teria mandado buscar, mas o fuzileiro preferiu esperar que lhe comunicasse. Evidentemente, havia chegado o momento, já que Nairn indicou com um gesto que se sentasse em uma cadeira junto a uma pequena chaminé e ele se sentou em frente.

— Tenho um problema, major Sharpe. Em resumo, tenho às portas uma desagradável bagunça, uma confusão que devo resolver, mas não tenho tropas para fazê-lo. — Levantou a mão para que Sharpe não o interrompesse e continuou: — Sim, já sei. Tenho todo um maldito exército, mas está sob o comando de Beresford. — Beresford estava ao comando do exército enquanto Wellington fazia politicagem no sul —, Beresford está no norte, com sua portuguesa, e não tenho tempo de lhe escrever uma daquelas notas de “por favor,

senhor”. Se peço ajuda de uma das divisões, todo general a dezesseis quilômetros irá querer um pedaço deste bolo. Estou ao comando deste quartel. Meu trabalho consiste em aprovar os papéis e me assegurar que nenhum cozinheiro mije na sopa. De toda forma, tenho ao senhor, e tenho ao assim chamado batalhão da guarnição de *Frenada*, e se o senhor estiver disposto, poderíamos pôr fim a este assunto tão desagradável.

— Disposto, senhor?

— Irá como voluntário, Sharpe. Isto é uma ordem — disse sorrindo, e acrescentou: — diga-me tudo o que sabe de Pot-au-Feu. Do marechal Pot-au-Feu.

— Nada — respondeu Sharpe negando com a cabeça.

— E de um exército de desertores?

Isto lhe fez recordar. Sharpe se recordou de uma noite, durante a retirada de Burgos, uma noite na qual o vento jogava a chuva sobre um celeiro sem telhado no qual se haviam refugiado quatrocentos soldados molhados, cansados e famintos. Ali se havia falado de um refúgio para os soldados, de um exército de desertores que estava desafiando os franceses e ingleses, mas Sharpe não havia levado a sério aquelas histórias. Eram como outros rumores que se estendiam pelo exército. Franziu o cenho.

— É verdade?

— Sim — assentiu Nairn.

E lhe contou a história que havia tido conhecimento naquela manhã por meio dos papéis de Hogan, do sacerdote de Adrados e de um guerrilheiro que havia acompanhado o sacerdote até *Frenada*. Era uma história tão incrível que Sharpe interrompeu em várias ocasiões ao general, simplesmente, para que lhe fosse confirmando. Os rumores mais disparatados estavam certos.

Fazia um ano, ou talvez mais alguns meses, que havia se organizado um bando de desertores que denominava a si mesmo de exército e que vivia nas montanhas do sul de Galiza. Seu líder era um francês cujo nome se desconhecia, um ex-sargento que agora se fazia chamar marechal Pot-au-Feu.

— Suponho que a tradução seja “marmita”. Há quem diga que havia sido cozinheiro — acrescentou Nairn com sorriso brincalhão.

Aquele “exército” havia prosperado sob as ordens de Pot-au-Feu. Viviam em

um território que não era importante nem para os marechais franceses nem para Wellington, subsistiam semeando o terror pela região, pegando o que queriam, e eram cada vez mais porque recebiam desertores de todos os exércitos da península que haviam ouvido falar de sua existência. Nas filas de Pot-au-Feu havia franceses, britânicos, portugueses e espanhóis.

— Quantos são, senhor?

Nairn deu de ombros.

— Não sabemos. As cifras variam entre quatrocentos e dois mil. Suponho que uns seiscentos ou setecentos.

Sharpe arqueou as sobrancelhas. Isso podia constituir uma força formidável.

— Por que vieram para o sul, senhor? — perguntou.

— Boa pergunta. — Nairn assuou no enorme lenço enrugado. — Parece que os franchinotes andam muito ativos por Galiza. Não sei, malditos rumores, mas se diz que poderiam tentar um ataque de inverno a Bragança e depois a Porto. Não acredito nisso, mas há quem pense que Napoleão precisa de uma vitória, seja o que for, para compensar a catástrofe na Rússia. Se conquistarem o norte de Portugal, poderão anunciá-la como uma espécie de lucro. — Nairn voltou a encolher os ombros. — Não posso entender por que, mas nos dizem para considerarmos a sério esta possibilidade e, certamente, há muita cavalaria franchinote que se desloca lentamente para Galiza e achamos que por isso Pot-au-Feu se aproximou. E rapidamente mandou seus desertores britânicos para atacar um povoado chamado Adrados, assassinar uma pequena guarnição espanhola e estuprar todas as mulheres. Agora, meia Espanha acredita que os ingleses protestantes voltaram às guerras religiosas. Esta, Sharpe, é a triste história, em poucas palavras.

— Então vamos até lá e damos a esse bando de canalhas o que merecem?

Nairn sorriu.

— Ainda não, Sharpe, ainda não. Temos um problema — disse levantando-se e se dirigindo para a mesa. Mexeu na desordem de papéis e restos e voltou com um pequeno livro encadernado em pele negra. Jogou-o para Sharpe. — Viu um homem alto e magro quando chegou aqui? De cabelo grisalho, elegante.

Sharpe consentiu. Havia se fixado nele pelo uniforme impecável, o aspecto de chateada distinção e a evidente opulência de suas esporas, de sua espada e dos outros complementos.

— É ele — disse Nairn indicando o livro.

Sharpe o abriu. Era novo e de capas duras, e na página do título leu *"Instruções práticas para os jovens oficiais na arte da guerra com especial menção a os noivados que se dão na Espanha"*. O autor era o coronel sir Augustus Farthingdale. O livro custava cinco xelins, fora publicado por Richard Phillips e impresso por Joyce Gold de Shoe Lane em Londres. A maioria das páginas seguia sem cortar, mas os olhos de Sharpe logo se fixaram em uma frase que estava interrompida em uma página, portanto pegou sua faca e separou as duas páginas seguintes. Terminou de ler a frase e sorriu. Nairn percebeu o sorriso.

— Leia.

— "Durante a marcha, os homens manterão as filas e não se permitirá nenhuma palavra ou ruído".

— Ah, essa tinha me escapado! — sorriu maroto Nairn. — Observará que o prólogo é de meu amigo o capelão geral. Recomenda serviços religiosos com frequência para manter os homens tranquilos e em ordem.

Sharpe fechou o livro.

— Bem, e por que é um problema?

— Porque o coronel sir Augustus Farthingdale arranjou uma esposa. Uma esposa portuguesa de boa família, ao que parece, mas papista. Deus sabe o que diria o capelão geral! De toda forma, a flor de primavera que sir Augustus escolheu para seu outono quis ir a Adrados para rezar em um maldito santuário onde se conseguem dois milagres por *penique* e adivinha quem ela encontrou lá? A Pot-au-Feu. Lady Farthingdale é agora sua refém. Se qualquer tropa se aproximar mais de oito quilômetros de Adrados, ele a entregará aos estupradores e assassinos que compõem suas fileiras. Mas se sir Augustus pagar quinhentos guinéus eles a devolverão.

Sharpe deixou escapar um assobio, Nairn sorriu.

— Sim, é um bom preço por um par de pernas que lhe envolvam na cama. De qualquer maneira, sir Augustus assegura que o preço é justo, que fará qualquer coisa, qualquer coisa, para que sua esposa regresse sã e salva para casa. Diabos, Sharpe, não existe nada mais repugnante que um homem idoso enamorado de uma mulher quarenta anos mais jovem que ele.

Sharpe se perguntou se havia um indício de ciúmes nas palavras de Nairn.

— Por que pedem um resgate por ela, senhor, se é seu seguro para evitar um ataque?

— O senhor não é tonto. Só Deus conhece a resposta. Mandaram-nos uma carta para que enviemos o dinheiro em um determinado dia, a uma determinada hora, etecetera, etecetera. Quero que o senhor vá.

— Sozinho?

— Pode levar a um homem, isso é tudo.

— E o dinheiro?

— Sir Augustus lhe dará. Afirma que sua jovem esposa é uma pérola sem preço, portanto está muito ocupado mandando cartas para recuperá-la.

— E se não a libertarem?

Nairn sorriu. Tinha se ruborizado em seu roupão.

— Não creio que a liberem. Só querem o dinheiro, nada mais. Sir Augustus se ofereceu com pouca convicção para levá-lo ele mesmo, mas ficou muito aliviado quando me neguei. Suponho que dois reféns são melhor que um e um cavalheiro do Reino seria uma boa arma para negociar. De toda forma, necessito de um soldado para ir lá.

— Ele é um soldado — afirmou Sharpe levantando o livro.

— Ele é um escritor de merda, Sharpe, tudo palavras e ar. Não, o senhor vai. Analise suas defesas. Ainda que não traga a potra, saberá como chegar até ali e encontrá-la.

Sharpe sorriu.

— Um resgate?

Nairn consentiu.

— Um resgate. Sir Augustus Farthingdale, major, é o representante militar de nosso Governo ante o Governo português, o que significa, entre o senhor e eu, ao diabo com tudo enquanto vá a muitos jantares e conheça a jovens bonitas. Só Deus sabe como consegue se manter tão magro. Apesar de tudo, é muito popular em Lisboa. Agrada ao Governo e, além disso, supõe-se que sua mulher provém de alguma família de alta estirpe e não vamos receber cartas de agradecimento se permitirmos que um bando de canalhas a estuprem nas montanhas. Temos que tirá-la de lá. Uma vez resolvido isto teremos as mãos livres para cozinhar Pot-au-

Feu em uma caçarola a fogo brando. Sua missão lhe satisfaz?

Sharpe olhou pela janela. Grandes rastros de fumaça ascendiam em vertical das chaminés de *Frenada*, fumaça que se dispersava em um frio céu límpido. Nairn não havia permitido que sir Augustus fosse porque o coronel poderia se converter em um refém, mas Nairn não temia por Sharpe. Sorriu para o general de divisão.

— Deduzo que sou prescindível, senhor.

— O senhor é um soldado, não? Claro que é prescindível!

Sharpe seguia sorrindo. Era um soldado, e uma mulher devia ser resgatada, e não era isso o que haviam feito tradicionalmente os soldados ao longo da história? Seu sorriso se fez mais amplo.

— Claro que irei, senhor. Com muito prazer.

Nas igrejas da Espanha se rezava pela vingança contra os que haviam perpetrado a desgraça de Adrados. Essas orações iam a ser escutadas.

Capítulo 4

A Entrada de Deus.

Realmente isso era o que parecia visto de sessenta metros mais abaixo, em uma clara manhã de inverno. Sharpe e Harper montavam seus tranquilos cavalos pelo caminho afundado entre rocas cujos perfis abrigavam ainda a geada acumulada durante a noite. Adrados ficava justo detrás da colina do desfiladeiro, a passagem era a Entrada de Deus.

À esquerda e à direita erguiam-se picos rochosos, uma paisagem de pesadelo, selvagem e escarpada; diante deles se estendia a erva baixa do caminho que cruzava a serra; a Entrada protegia esse caminho.

À direita do desfiladeiro ficava a fortificação. O Castelo da Virgem. O próprio Cid havia conhecido aquele castelo, tinha estado em suas muralhas antes de partir para lutar contra as curvas cimitarras do Islã. A lenda contava que os três reis muçulmanos haviam morrido nas masmorras do Castelo da Virgem, que tinham morrido se negando a professar o cristianismo e que suas almas vagavam como fantasmas na Entrada de Deus. O castelo estava ali desde tempos imemoriais, construído antes de ganhar as Guerras de Deus. Mas quando os muçulmanos foram expulsos e partiram por mar, começou sua decadência. Os espanhóis tinham se mudado dos refúgios da montanha para os desfiladeiros das planícies menos agrestes. Contudo, o castelo ainda se mantinha de pé, era um bom refúgio para raposas e corvos, a torre de homenagem e a guarita ainda constituíam o lado sul da Entrada de Deus. Ao norte, a cento e oitenta metros do castelo, ficava o convento. Era uma construção imensa, baixa e quadrada, e suas paredes, sem janelas, pareciam uma prolongação das rochas da serra. Ali havia aparecido a Virgem e construíram um santuário sobre suas pegadas e um castelo para protegê-lo, e o convento carecia de janelas porque se supunha que as freiras que antigamente viveram em seus ricos claustros não deviam olhar para o mundo, somente para o mistério do suave piso de granito da capela pintada de ouro.

As freiras tinham partido, em carretas com cortinas de pele, para a Casa Geral em Leão, e os soldados, cujos gabães haviam decorado as paredes do castelo, também tinham partido. O caminho ainda atravessava as colinas, subia serpenteando desde os rios de barrancos profundos da fronteira portuguesa. Mas

havia caminhos novos e melhores para o sul. Nessa época, a Entrada de Deus só dava proteção a Adrados, um vale de ovelhas e crategos, e ao desesperado bando de desertores de Pot-au-Feu.

— Já devem ter nos visto, senhor.

— Sim.

Sharpe pegou o relógio que sir Augustus Farthingdale lhe emprestara. Chegavam cedo, portanto fez os três cavalos pararem. O terceiro levava o ouro, e se supunha que deveria ser a montaria de lady Farthingdale se Pot-au-Feu cumprisse com sua palavra e a libertasse em troca do resgate. Harper desmontou do cavalo, estendeu seus enormes músculos e observou os edifícios que se recortavam no horizonte.

— Seriam uns canalhas se nos atacassem, senhor.

— Sim.

Um ataque na Entrada desde o oeste seria um ataque ladeira acima, muito ladeira acima, sem nenhuma possibilidade de se aproximarem do desfiladeiro sem serem vistos. Sharpe se virou. Harper e ele tinham demorado três horas para subir desde o rio, e a maior parte do tempo teriam estado à vista de um homem que olhasse com uma luneta desde as muralhas do castelo. As rochas situadas à esquerda e à direita da passagem eram escarpadas, a artilharia não poderia franqueá-las e a infantaria, a duras penas, escalá-las.

Quem quer que dominasse a Entrada de Deus, impediria o caminho através da serra, e para os britânicos havia sido uma sorte que os franceses nunca tivessem necessitado de tais colinas e, portanto, que não se tivesse travado nenhuma batalha nessa ladeira impossível. As colinas não tinham valor porque os caminhos para o sul bordejavam a serra, e impossibilitavam a defesa da Espanha nesses paragens, mas para Pot-au-Feu, os velhos edifícios constituíam um refúgio perfeito.

Muito acima deles, voavam lentamente formando um círculo alguns pássaros, e Sharpe viu que Harper os observava carinhosamente. Harper adorava pássaros. Eram seu refúgio particular do exército.

— O que são?

— Falcões vermelhos, senhor. Subirão pelo vale em busca de carniça.

Sharpe grunhiu. Temia que ambos se convertessem no almoço dos pássaros.

Quanto mais se adentravam no alto vale, mais seguro estava de que era uma armadilha; não acreditava que liberassem a esposa de Farthingdale, mas estava convencido de que ficariam com o dinheiro e se perguntava se ele e Harper sairiam vivos dali. Havia dito ao sargento que não tinha que ir, mas o enorme irlandês tinha zombado de tal pusilanimidade. Se Sharpe fosse, ele iria.

— Vamos. Sigamos em frente.

Sharpe não havia gostado de sir Augustus Farthingdale. O coronel se mostrara condescendente com o fuzileiro e tinha surpreendido ao descobrir que Sharpe não tinha relógio e que, portanto, não poderia calcular a chegada ao convento na hora estipulada por Pot-au-Feu. Exatamente, as onze e dez. Apesar disso, na chata voz do coronel, Sharpe detectou que temia por sua esposa. O coronel estava apaixonado. Tinha encontrado a sua esposa aos sessenta anos e ainda que tentasse ocultar seus sentimentos atrás de uma máscara de elegante cortesia, não podia dissimular a paixão que sentia por ela. Sharpe não gostara dele, mas sentiu pena dele e trataria de lhe devolver a sua esposa.

Os falcões vermelhos deslizaram suas asas e caldas abertas sobre as muralhas do castelo e Sharpe não pôde ver a nenhum homem postado. Estavam nas muralhas da torre de homenagem, no torreão que dominava o desfiladeiro e atrás das ameias da muralha que rodeava o pátio. Seus mosquetes pareciam finas linhas no azul pálido do céu de dezembro.

O caminho ziguezagueava à medida que o desfiladeiro ia se estreitando. Cruzava a colina do desfiladeiro muito perto da muralha do castelo, perto demais, e Sharpe fez seu cavalo sair do caminho e parou no escarpado desnível de capim que se estendia nos últimos metros do desfiladeiro. O convento ficava assim à sua esquerda e Sharpe observou que havia sido construído justo na borda do desfiladeiro, de modo que a muralha leste, de frente para o povoado, só tinha um piso de altura enquanto que a muralha oeste, que olhava para Portugal, tinha dois pisos. Na muralha sul, de frente para o desfiladeiro, havia um grande buraco toscamente aberto rente ao solo. O buraco estava coberto com um cobertor. Sharpe o indicou com um movimento de cabeça e perguntou a Harper.

— Acha que terão posto um canhão ali dentro?

— É um bom lugar para pôr um — respondeu Harper. — O disparo cruzaria o gargalo do desfiladeiro.

Atravessaram o último trecho de uns poucos metros, seus cavalos subiram pelo abrupto terreno coberto de capim, e lá estava o alto vale de Adrados. O

povoado ficava a uns quatrocentos metros. Eram um punhado de casinhas baixas construídas ao redor de uma casa maior que Sharpe supôs seria a pousada da aldeia. Ao chegar ao povoado, o caminho virava em uma curva fechada para a direita e se dirigia para o sul, e Sharpe reprimiu um grito que esteve a ponto de emitir: uma colina se erguia no centro do vale, uma abrupta colina coberta de crategos e coroada por uma atalaia. O castelo da Virgem protegia o desfiladeiro, mas a atalaia era o posto de guarda que dominava toda a serra. A torre parecia velha, coroada por ameias assim como os muros do castelo, mas a seus pés podiam ser vistos sinais de terraplenos e Sharpe pensou que as guarnições espanholas tinham construído novas defesas. Quem quer que controlasse a atalaia, controlaria todo o vale. As armas que se apostassem no alto da torre poderiam disparar para o pátio do castelo. — Sigamos adiante.

Chegavam cinco minutos antes do previsto e Sharpe não se dirigiu ao convento, conduziu Harper para o povoado. Queria ver a face leste do castelo, a que dava para a vila, mas de repente se ouviu uma voz desde a guarita seguida por uma rajada de disparos de mosquete.

— Que amigáveis! — disse Harper sorrindo.

Os disparos haviam caído muito longe, eram só um aviso. Sharpe parou e observou o castelo. Estavam diante da guarita, rematada com torres cheias de homens que se zombavam dos fuzileiros. A arcada, sem portas já há muito tempo, estava coberta por uma barricada de carroças, provavelmente roubadas dos camponeses do povoado, mas as torres do quartel de guarda estavam muito bem conservadas e pareciam sólidas. A torre de homenagem estava um pouco deteriorada. Sharpe via que a luz do dia passava através dos buracos dos pisos superiores, ainda que certamente os degraus conduzissem até a parte superior, já que os homens observavam desde as muralhas aos dois cavaleiros que se encontravam no vale.

Tinham ido longe o bastante como para ver a totalidade da muralha leste e sua excursão havia merecido pena. Da muralha só restava um monte de pedras que indicava a linha da muralha. Seria fácil atravessar essa linha de pedras, era uma brecha já aberta na fortaleza de Pot-au-Feu.

Viraram para o convento. Ninguém os vigiava do que parecia o terraço, não saía fumaça dos claustros. Parecia abandonado. Uma das portas dava para o leste e era flanqueada por duas pequenas janelas com barrotes, e Sharpe supôs que em seu tempo foram os únicos canais usuais de comunicação com o exterior. A porta

era enorme e umas estranhas cabeças esculpidas na arcada de pedra a decoravam. Sharpe desmontou sob aqueles olhares erodidos e atou as rédeas aos barrotes oxidados da janela esquerda. Harper pegou os alforjes do terceiro cavalo, o ouro pesava, e Sharpe empurrou uma das portas. Abriu-se com um chiado.

O relógio marcava as onze e dez, o ponteiro dos minutos indicava exatamente o II romano.

A porta, de gonzos oxidados, se escancarou.

Para lá do corredor da entrada, via-se um claustro. Um século de abandono o havia deteriorado, mas conservava sua beleza. As colunas de pedra que sustentavam os arcos eram esculpidas, nos capitéis se intrincavam folhas e passarinhos; o piso do claustro era coberto de lajotas amarelas e verdes, rodeadas agora por mato e erva seca. No centro havia um tanque sem água mas cheio de erva daninha, e em um dos cantos do pátio havia crescido uma jovem bétula entre as lajotas e as havia rachado ao redor de seu tronco. O claustro parecia vazio. A linha do telhado dos muros sul e leste refletia sua sombra sobre as lajotas.

Sharpe agarrou o fuzil que levava ao ombro. Agora era major, a tropa era uma recordação distante e, apesar disso, ainda levava o fuzil. Sempre tinha levado uma arma longa nas batalhas; um mosquete quando era soldado raso, um fuzil agora que era oficial. Não via razão para não levar uma arma. O ofício de um soldado era matar. Um fuzil matava.

Puxou o percussor, o som ressoou muito forte no escuro corredor de entrada, e seguiu avançando com precaução para a luz do claustro. Seus olhos examinavam as sombras dos arcos. Nada se movia.

Fez um gesto para Harper.

O enorme sargento carregou o alforje até o pátio. As moedas tilintavam com som surdo dentro da bolsa de couro. Seus olhos, como os de Sharpe, esquadrinhavam a linha do telhado em busca de sombras, mas não viam nada nem ninguém.

Sob os arcos havia portas abertas e Sharpe as foi empurrando uma a uma. Pareciam despensas. Uma estava cheia de sacos e Sharpe brandiu sua espada, enorme e pesada, e cortou a bainha de tecido. Caíram grãos no piso. Embainhou a espada.

Harper largou o alforje junto ao tanque, pegou a arma de sete canos que levava ao ombro e puxou a pederneira. A arma era um presente de Sharpe e disparava balas de meia polegada pelos sete canos. Só um homem muito forte podia manejar a arma e eram muito poucos, tão poucos que a marinha para quem haviam sido fabricadas, deixou de utilizá-la ao descobrir que o retrocesso feria mais homens de suas filas que as balas aos inimigos. Harper adorava essa arma. Em distâncias curtas era temível e ele havia se acostumado ao baque. Levantou o riscador e comprovou com o dedo que tinha pólvora na caçoleta.

À esquerda do pátio só havia uma porta sob uma janela escurecida por uma vidraça. Era uma porta grande, decorada, maior que a do lado oeste que Sharpe havia tentado abrir e havia encontrado firmemente fechada por dentro. Provou a maçaneta da porta ornamentada e ela se moveu. Harper sinalizou com um gesto a arma de sete canos e ocupou o lugar de Sharpe. Olhou inquisitivamente para seu oficial.

Sharpe consentiu com a cabeça.

Harper deu um grito ao cruzar a porta, era um temível desafio convertido em grito para aterrorizar a quem estivesse dentro da construção, e se pôs de um lado, agachou-se e percorreu a escuridão com a arma de sete canos. Sua voz se apagou. Havia entrado na capela e estava vazia.

— Senhor?

Sharpe entrou. Pouco se via. A pia de água benta estava vazia e seca, o recipiente estava cheio de poeira e com pequenos fragmentos de pedra. A luz iluminou as lajotas do piso da capela próximas à porta e Sharpe viu uma mancha marrom incrustada nos cantos das lajotas. Era sangue.

— Olhe, senhor.

Harper se achava na frente da grade que conduzia para a antecâmara da capela propriamente dita. A porta da grade estava fechada com cadeado.

— É novo, senhor.

Sharpe levantou a cabeça. A grade subia até o teto onde brilhava a pintura dourada das vigas.

— Por que está aí?

— Para evitar que os estranhos entrem na capela, senhor. Só se pode chegar até aqui. Somente as freiras podiam entrar nela, senhor. Quando isto era um

convento, claro.

Sharpe apoiou a cara contra os frios barrotes. Tinha a capela em sua frente, o altar ficava à esquerda e, quando seus olhos se acostumaram à escuridão, percebeu que a capela havia sido destruída. As paredes pintadas estavam salpicadas de sangue, as estátuas destroçadas e fora de seus nichos, a luz da Presença Eterna solta das correntes. Parecia uma destruição sem sentido, mas o bando de Pot-au-Feu estava desesperado; eram homens que haviam fugido e que não tinham nenhum outro lugar onde se proteger, e esses homens descarregariam sua vingança em qualquer coisa bonita, valiosa e boa. Sharpe se perguntou se lady Farthingdale ainda estaria vida.

Ouviram cascos de cavalos fora do convento. Os dois fuzileiros ficaram imóveis e atentos.

Os cascos se aproximavam. Sharpe ouviu vozes.

— Por aqui!

Aproximaram-se rápido mas silenciosamente para o claustro. Os cascos se ouviam mais próximos, Sharpe indicou o outro lado do átrio e Harper, surpreendentemente silencioso para um homem tão grande, desapareceu sob a escuridão dos arcos. Sharpe retrocedeu para a capela e empurrou a porta para fechá-la, só deixou uma pequena ranhura para poder ver e apontar com o fuzil para a entrada do corredor.

Silêncio no átrio. Não se ouvia nem o vento agitando as folhas secas da bétula sobre as lajotas. Os cascos se detiveram no exterior, ouviu-se o chiado de uma sela ao desmontar um homem, os pisar botas no caminho e depois silêncio.

Dois pardais desceram voando até o tanque e beliscaram entre a erva seca.

Sharpe se moveu ligeiramente para a direita buscando por Harper, mas o irlandês havia desaparecido entre as sombras. Sharpe se inclinou para que sua silhueta fosse confusa para quem quer que saísse do escuro corredor.

A grade chiou. Silêncio de novo. Os pardais saíram voando e seu adejo dominou o claustro. Depois, Sharpe quase deu um salto espantado para o bramido, o desafio, que rompeu o silêncio do claustro quando um homem entrou nele. Movia-se depressa, sacudia o mosquete de um lado para o outro para cobrir as sombras onde os agressores podiam estar esperando. Depois, o homem se agachou junto a um pilar ao lado da entrada e chamou em voz baixa aos que vinham detrás.

Era um homem enorme, tão grande como Harper, vestia um uniforme azul dos franceses e tinha uma faixa amarela na manga. O uniforme de um sargento francês. Voltou a chamar.

Apareceu um segundo homem, tão cauteloso como o primeiro, que arrastava uns alforjes. Usava uniforme de um oficial francês, as insígnias douradas brilhavam sobre a casaca azul de colarinho vermelho. Seria Pot-au-Feu? Tinha uma carabina de cavalaria, e de um lado, preso com correntes de prata, um sabre de cavalaria.

Os dois franceses observaram o claustro. Nada nem ninguém se movia.

— *Allons!*

O sargento agarrou o alforje e ficou imóvel, indicava a bolsa que Harper havia deixado junto ao tanque.

— Alto! — gritou Sharpe abrindo bruscamente a porta com o pé direito ao mesmo tempo em que se levantava. — Alto! — e lhes apontava com o fuzil.

Deram a volta.

— Não se movam! — via que não tiravam o olho do fuzil para se disparasse. — Sargento!

Harper apareceu por seu flanco, um homem enorme que se movia como um gato, sorriu e lhes apontou com os canos de sua arma.

— Mantenha-os aí, sargento.

— Senhor.

Sharpe os rodeou e foi para o corredor. Fora do convento havia cinco cavalos atados, junto aos três que eles haviam deixado; depois de vê-los, fechou a porta do convento e se virou para observar os dois prisioneiros. O sargento era enorme, forte como um carvalho e com a pele morena debaixo de um grande bigode negro. Lançou uma olhada de ódio para Sharpe. Suas mãos pareciam grandes o bastante para estrangular um boi.

O homem que usava uniforme de oficial tinha um rosto sagaz, de olhos intensos, inteligentes, e traços marcados. Olhou para Sharpe com desdém e condescendência.

Sharpe seguia apontando-lhes com o fuzil.

— Pegue as armas, sargento.

Harper se pôs atrás deles, pegou a carabina do oficial e puxou o mosquete do sargento. Sharpe notou a resistência que opunha o enorme sargento, aproximou de forma nervosa o fuzil para o homem forte e o sargento soltou o mosquete de má vontade. Sharpe olhou de novo para o oficial.

— Quem é você?

— Não respondo essa pergunta a desertores — disse em bom inglês.

Sharpe não respondeu. Cinco cavalos e só dois cavaleiros. Os alforjes eram como os que Harper e ele haviam trazido. Deu um passo para frente e um pontapé nos alforjes. Dentro havia moedas. O oficial francês lhe sorriu com desprezo.

— Está tudo aí dentro.

Sharpe deu três passos para trás e baixou seu fuzil. Percebeu a surpresa de Harper.

— Chamo-me Richard Sharpe, do 95º regimento, sou oficial do exército britânico. Sargento!

— Senhor? — respondeu Harper.

— Baixe a arma.

— Mas, senhor.

— Faça o que lhe digo.

O oficial francês observou os sete canos descerem e olhou para Sharpe.

— Meus respeitos, monsieur.

— Meus respeitos — respondeu Sharpe.

O francês sapateou.

— Sou o chefe de batalhão Dubreton, Michel Dubreton. Tenho a honra de dirigir um batalhão do imperador, o 54º da linha.

Chefe de batalhão, duas pesadas ombreiras douradas, nada menos que um coronel. Sharpe cumprimentou, sentindo-se estranho.

— Minhas desculpas, senhor.

— Não foi nada. O senhor me impressionou. — Dubreton sorriu para Harper. — Mas não mais que seu sargento.

— Sargento Harper.

Harper cumprimentou ao oficial com uma inclinação de cabeça.

— Senhor.

— Acho que o meu é um pouco mais alto — disse Dubreton, e olhou primeiro para seu sargento e depois para Harper. — Ou talvez não. Verá que seu nome é muito apropriado. Sargento Bigeard.

Bigeard, tranquilo ao ouvir o tom de voz de seu oficial, se pôs em sentido e cumprimentou Sharpe. O fuzileiro fez um gesto para Harper.

— Suas armas, sargento.

— Obrigado, major — disse Dubreton sorrindo cortesmente. — Suponho que este gesto significa que gozamos de uma trégua, é assim?

— Certamente, senhor.

— Que inteligente.

Dubreton pôs a carabina no ombro. Podia ser um coronel, mas parecia poder manejar uma arma com destreza e confiança. Olhou para Harper.

— Fala francês, sargento?

— Eu, senhor? Não, senhor. Gaélico, inglês e espanhol, senhor. — Harper não parecia estranhar encontrar dois inimigos no convento.

— Bem! Bigeard fala um pouco de espanhol.

— Posso sugerir que montem guarda enquanto nós falamos?

— Senhor! — Harper tampouco se surpreendia receber ordens do inimigo.

O coronel francês se mostrava muito cordial com Sharpe.

— Major? — fez um gesto indicando o centro do claustro, se inclinou e arrastou seus alforjes até situá-los ao lado dos de Sharpe. Dubreton fez um gesto indicando-os. — São seus?

— Sim, senhor.

— Ouro?

— Quinhentos guinéus.

Dubreton arqueou as sobrancelhas.

— Deduzo que têm reféns aqui, é assim?

— Só um, senhor.

— Um muito valioso. Nós temos três. — Seus olhos olhavam para a linha do telhado e escrutinaram as sombras enquanto suas mãos sacavam um charuto amassado que acendeu com o isqueiro. Tardou alguns segundos em acender-se. Ofereceu um charuto a Sharpe —, major?

— Não, obrigado, senhor.

— Três reféns. Um deles é minha mulher.

— Sinto muito, senhor.

— Eu também — respondeu com voz aprazível, inclusive suave, mas seu rosto era de uma dureza pétrea. — Deron pagará por isso.

— Deron?

— O sargento Deron, que agora se faz chamar Pot-au-Feu. Era cozinheiro, major, e bastante bom. É de muito pouca confiança — disse dirigindo o olhar da linha do telhado para Sharpe. — Acha que cumprirá com sua palavra?

— Não, senhor.

— Eu tampouco o acredito, mas tinha de correr o risco.

Os dois ficaram calados durante um momento. Ainda reinava o silêncio fora do convento e entre suas paredes. Sharpe pegou o relógio do bolso. Onze e trinta e cinco.

— Indicaram uma hora precisa, senhor?

— Sim, major. — Dubreton soltou um fio de fumaça no ar. — As onze e vinte e cinco. — Sorriu. — Pode ser que nosso sargento Deron tenha um grande senso de humor. Deduzo que achou que lutaríamos entre nós. Quase o fizemos.

Harper e Bigeard, de ambos os lados do claustro, examinavam telhados e portas. Formavam uma dupla aterradora e isso dava confiança a Sharpe e lhe fazia pensar que talvez saíssem todos vivos dali. Dois sargentos como eles podiam matar muitos. Olhou de novo para o coronel francês.

— Posso lhe perguntar como capturaram a sua esposa, senhor?

— Em uma emboscada, major; em um comboio que ia de Leão para Salamanca. Os detiveram vestidos com uniformes franceses, ninguém suspeitou de nada, e os grandes sacanas ficaram com os suprimentos de um mês. E com as esposas de três oficiais que vinham passar o Natal conosco. — Caminhou para a porta que Sharpe havia tentado abrir, puxou-a e regressou para onde Sharpe

estava. Sorriu. — O senhor é o Sharpe de Talavera e Badajoz?

— Provavelmente, senhor.

Dubreton olhou o fuzil, a enorme espada de cavalaria que Sharpe havia decidido usar e depois a cicatriz.

— Acho que faria um grande favor ao Império se o matasse, major Sharpe. — Pronunciou estas palavras sem ânimo de ofensa.

— Acredito que também poderia fazer um grande favor à Grã-Bretanha se o matasse, senhor.

Dubreton riu abertamente.

— Sim, poderia. — Voltou a rir, comprazido com sua falta de modéstia, mas apesar do riso, seguia tenso, seguia vigilante e seus olhos raras vezes se afastavam das portas ou do telhado.

— Senhor! — grunhiu Harper atrás deles e apontando com sua arma para a porta da capela.

Bigeard havia girado sobre seus calcanhares para ficar de frente para ela. Ouvia-se um leve som dentro que rangia, e Dubreton jogou o charuto.

— Sargento! À nossa direita!

Harper se moveu rapidamente, enquanto Dubreton o indicava a Bigeard com um gesto que se situasse detrás, à esquerda dos oficiais. O coronel olhou para Sharpe.

— O senhor esteve aí dentro. O que há?

— Uma capela. Há uma maldita grade atrás da porta. Acho que a estão abrindo.

As portas da capela se abriram e diante deles apareceram duas garotas fazendo uma reverência. Sorriram timidamente, rodearam-nos e pegaram uma mesa que havia lá, tiraram-na para fora e a deixaram embaixo do sol sob o claustro. Uma olhou para Bigeard e depois para Harper, e fez um gesto brincalhão ao ver o tamanho dos dois homens. Sorriram de novo timidamente.

Apareceu uma terceira com uma cadeira que colocou junto à mesa. Fez também uma reverência para os oficiais e lhes jogou um beijo.

Dubreton suspirou.

— Acho que teremos que aguentar o que nos tenham preparado.

— Sim, senhor.

Ressoaram botas na capela e os soldados desfilaram à direita e esquerda do claustro. Usavam uniformes britânicos, franceses, portugueses e espanhóis, e mosquetes com ponta de baioneta. Os homens adotavam um gesto brincalhão enquanto iam ocupando três dos quatro muros do claustro. Só ficou livre a parede atrás de Dubreton e Sharpe. As três garotas estavam de pé junto da mesa. Usavam blusas curtas, muito curtas, e Sharpe pensou que deviam estar com frio.

— *Mes amis! Mes amis!* — *a* voz ecoou do interior da capela. Era uma voz profunda, de além-túmulo, uma voz muito grave que repetia: — *Ales amis!*

Uma figura ridícula saiu das sombras, atravessando o arco do claustro, para situar-se junto à mesa. Era baixinho e imensamente gordo. Estendeu os braços e sorriu.

— *Ales amis!*

Botas altas de couro negro cortadas abaixo dos joelhos envolviam suas pernas e usava calções brancos muito apertados nas enormes coxas. Sua barriga tremia ao rir e uns rolos de gordura subiam por seu corpo debaixo do colete floreado que vestia sob a casaca azul do uniforme, profusamente adornada com lâminas douradas e cordões. Não se podia abotoar a casaca sobre a imensa barriga, portanto a prendia com uma faixa dourada e tinha o ombro direito coberto com uma faixa vermelha. Do pescoço e abaixo das múltiplos papadas, usava uma cruz de ouro esmaltada. As borlas douradas das ombreiras descansavam sobre seus braços carnosos.

O sargento Deron, que se fazia chamar marechal Pot-au-Feu, tirou o chapéu, com maravilhosas plumas brancas, e mostrou um rosto quase de querubim. Um querubim envelhecido com uma auréola de cachos brancos e um rosto que destilava boa vontade e prazer.

— *Mes amis!* — disse olhando para Sharpe. — *Parlez-vous francais?*

— Não.

Indicou Sharpe com o dedo.

— Deveria aprender francês. É um bonito idioma! Não é, coronel? — disse sorrindo e dirigindo-se a Dubreton, que não respondeu.

Pot-au-Feu soltou uma gargalhada e olhou outra vez para Sharpe. — Meu inglês é muito ruim. O senhor e o coronel se conheceram, não? — girou a cabeça

o máximo que lhe permitia a gordura de seu pescoço. — *Mon colonel! Alón brave! Ici!*

— Já vou, senhor, já vou! Aqui estou!

O homem de rosto amarelo, sorriso desdentado, olhos azuis e pueris, e horríveis espasmos incontroláveis, atravessou a porta avançando com grotescos movimentos. Usava uniforme de coronel britânico, mas os trajes não conseguiam dissimular o corpo desajeitado e gordo ou a força bruta de seus braços e pernas.

A figura contorcida se deteve, meio encolhida, e olhou fixamente para Sharpe. A cara se encrespou em um movimento espasmódico, a voz cacarejou e a boca se retorceu para esboçar um sorriso.

— Sharpy! Olá, Sharpy!

Um fio de saliva dançava entre seus lábios enquanto seu rosto se sacudia.

Sharpe se voltou lentamente para Harper.

— Não dispare, sargento.

— Não, senhor — respondeu Harper com uma voz carregada de ódio. — Ainda não, senhor.

— Senhor, senhor, senhor! — a cara macilenta riu de ambos, o homem vestido de coronel se ergueu. — Aqui não há “senhores”, nenhum. Aqui não se utilizam os malditos ares e as honras. — Ouviu-se de novo o cacarejo, obsceno e agressivo.

Sharpe o havia temido, e supunha que Harper também, contudo nenhum deles tinha mencionado aquele temor. Sharpe teria desejado que esse homem estivesse morto, mas esse homem se gabava precisamente de que não podiam matá-lo. Ali, debaixo do sol, no claustro, babando, estava o ex-sargento Obadiah Hakeswill.

Hakeswill.

Capítulo 5

Obadiah Hakeswill, o sargento que tinha recrutado Sharpe no exército, o homem que havia feito açoitar Sharpe em uma empoeirada praça na Índia. Hakeswill.

O homem que havia feito açoitar Harper nesse mesmo ano, que tinha tentado estuprar Teresa, a esposa de Sharpe, que ameaçara, com o canto serrado de sua baioneta colada ao pescoço, a filha de Sharpe, Antônia. Obadiah Hakeswill.

A cabeça girava sobre seu longo pescoço. Um fio de baba brilhante lhe caía da boca. Pigarreou, cuspiu e ficou em um lado. Este homem não podia ser morto.

O haviam enforcado quando tinha dez anos sob a falsa acusação de roubar ovelhas, inventada para não prejudicar a reputação da filha do vigário, a quem o jovem Hakeswill havia tentado molestar. Os magistrados tinham se alegrado em lhe fazer esse favor.

Era o mais jovem dos prisioneiros seriam executados naquele dia. O carrasco, que queria agradar os espectadores reunidos para a ocasião, não deu o empurrão mortal nas vítimas. Ele as enforcara lentamente para que ficassem suspensas e fossem estrangulando até morrer. Assim a multidão desfrutaria com cada agonizada, cada inútil esperneio, e o carrasco havia provocado à multidão puxando os tornozelos dos condenados conforme ela gritasse, sim ou não. Ninguém se importou com o garoto que estava no final da forca. Hakeswill ficou pendurado e se fez de morto e foi caindo em uma escuridão invadida pelo pesadelo quando, antes do final, o céu se abriu.

Uma enxurrada caiu na rua da prisão e a deixou inundada, os raios caíram violentamente na veleta do alto campanário da igreja e a dobraram, e a larga rua do mercado ficou totalmente deserta enquanto homens, mulheres e crianças corriam em busca de refúgio. Ninguém se importou que o tio do garoto cortasse a corda e descesse o corpinho. Pensavam que o menino havia morrido e que tinham vendido seu corpo a algum médico ansioso em conseguir um cadáver fresco para explorar. Mas o tio levou Obadiah até uma ruela, esbofeteou-o até que recobrasse a consciência e ordenou ao garoto que partisse para jamais voltar. Hakeswill o obedeceu.

A partir desse dia começou a sofrer espasmos e, durante trinta anos, nunca

havia deixado de senti-los. Entrara no exército porque era um refúgio para um homem como ele, e na tropa havia descoberto um código de sobrevivência simples. Para seus superiores, os oficiais, Hakeswill era um soldado perfeito. Era meticuloso em seu trabalho, respeitoso e foi promovido a sargento. Nenhum oficial que tivesse Hakeswill como sargento devia se preocupar com a disciplina. O sargento Hakeswill conseguia que as companhias o obedecessem semeando o terror e, para se livrar de sua tirania, os homens tinham de pagar um preço em dinheiro, bebida ou mulheres. Hakeswill sempre se maravilhara com o que era capaz de fazer uma mulher casada para livrar seu marido de uns açoites. Dedicara sua vida a se vingar de um destino que o tinha feito feio, desagradável, uma criatura odiada por seus companheiros e útil apenas para seus superiores.

A pesar de tudo, o destino também outorgava bênçãos. No caso de Obadiah Hakeswill, havia zombado da morte. Não era o único que havia sobrevivido à forca. Eram tantos os que sobreviviam que alguns hospitais vendiam os enforcados vivos aos ladrões de cadáveres que brigavam por eles para vendê-los aos médicos. Contudo, Hakeswill se achava único: Ele era um homem que havia sobrevivido à morte e pensava que ninguém poderia matá-lo. Podiam feri-lo, mas não podiam matá-lo, tinha demonstrado isso nos campos de batalha e nos becos recônditos. Era o filho predileto da morte.

E ali estava, na Entrada de Deus, como substituto de Pot-au-Feu. Tinha desertado da companhia de Sharpe em abril. Havia descumprido suas cuidadosas regras de sobrevivência no exército por causa do apetite carnal que sentira por Teresa e, além do mais, um conselho de guerra o esperava e uma execução pelo assassinato de um amigo de Sharpe, o capitão Robert Knowles. Portanto escorrera pela negra escuridão sangrenta do horror que havia sido o final do sítio de Badajoz. Agora estava em Adrados, onde havia encontrado outros homens desesperados que seguiriam seu jogo de maldade, dariam satisfação a sua loucura e o seguiriam até as trevas de suas luxúrias.

— É um prazer, né? — disse a Sharpe rindo. — Agora tem que me chamar de “senhor”! Sou coronel! — Pot-au-Feu olhava para Hakeswill com carinho, sorrindo diante daquele espetáculo. O rosto se encrespou. — Vai me cumprimentar, né? — tirou o bicorne e o cabelo, já branco, caiu escorrido sobre a pele amarelada. Em seu rosto convulsionado destacavam os olhos azul-celeste. Olhou atrás de Sharpe. — Vejo que o maldito irlandês veio com você. Maldita merda irlandesa saída de uma pocilga!

Harper devia ter ficado calado, mas era orgulhoso e respondeu depreciativo.

— Como está a sifilítica de sua mãe, Hakeswill?

Sua mãe era a única pessoa no mundo a quem Hakeswill amava. Não a conhecia muito bem, não a havia visto desde que tinha doze anos, mas a amava. Tinha esquecido suas surras e como ele choramingava de menino quando sofria sua ira; agora só se recordava que ela havia mandado seu irmão para resgatá-lo do cadafalso, e em seu mundo, esse fora o único ato de amor. As mães eram sagradas. Harper passou a rir e Hakeswill lançou um bramido de raiva incontrolada, lançou-se correndo e procurou torpemente a estranha espada que levava do lado.

O claustro ficou atônito ante a magnitude de sua raiva, ante a força e o ruído que ressoou entre seus arcos quando aquele homem enorme carregou contra Harper.

O sargento não se alterou. Baixou a pederneira até tocar o aço de sua arma, girou-a e com a pesada culatra com borda de latão golpeou em Hakeswill na barriga, saiu de um lado e lhe bateu de lado.

Os mosquetes dos seguidores de Pot-au-Feu saltaram aos ombros com as pederneiras preparadas, e Sharpe fincou um joelho no piso, fuzil em mão, e apontou com o cano de seu fuzil justo entre os olhos de Pot-au-Feu.

— *Non! Non!* — gritou Pot-au-Feu para seus homens sinalizando para Sharpe com ambas as mãos. — *Non!*

Hakeswill estava outra vez de pé, seus olhos transbordavam dor e cólera, levava a espada nas mãos e a brandiu ante o rosto de Harper, o aço assobiou e se fez borrado sob a luz do sol, e então Harper a parou com a culatra de sua arma e sorriu com sarcasmo. Ninguém fez nada para ajudar Hakeswill porque temiam ao enorme fuzileiro. Dubreton olhou para Bigeard e consentiu com um movimento de cabeça.

Aquilo tinha que acabar. Sharpe sabia que se Hakeswill morresse, estavam perdidos. Se Harper morresse, Pot-au-Feu morreria e seus homens se vingariam. Bigeard foi caminhando tranquilamente até situar-se atrás dos oficiais e Hakeswill gritou, pedindo ajuda, mas ninguém se movia. Arremeteu com a espada contra Harper, falhou, e se lançou impotente sobre o sargento francês que parecia rir, mas este se moveu com grande rapidez e Hakeswill ficou preso entre seus fortes braços. O inglês lutou com todas suas forças, forcejou com as mãos que o aprisionavam, mas parecia um gatinho entre as garras do francês. Harper se adiantou, arrancou-lhe a espada e retrocedeu.

— Sargento! — advertiu Dubreton.

Sharpe ainda tinha Pot-au-Feu no ponto de mira.

Harper sacudiu a cabeça em sinal de negação. Não tinha intenção de matar àquele homem ainda. Segurava a empunhadura com a mão direita e a lâmina com a esquerda, olhou para Hakeswill com um sorriso brincalhão e com o joelho partiu a espada em dois pedaços que jogou ao piso. Bigeard sorriu com ironia.

Um grito inundou o convento, um grito horroroso, agônico que cortava o ar. Ninguém se moveu. O grito havia surgido do interior do convento. Era um grito de mulher.

Pot-au-Feu dirigiu seu olhar para o fuzil de Sharpe, depois para Dubreton. Falou com tom moderado, sua voz profunda soava conciliadora, e Dubreton olhou para Sharpe.

— Sugere que esqueçamos este pequeno contratempo. Se baixar sua arma, chamará seu homem.

— Diga-lhe que chame seu homem primeiro.

Era como se não tivessem ouvido o grito.

— Obadiah! Obadiah! — gritou Pot-au-Feu como se quisesse bajulá-lo. — Venha aqui, Obadiah, venha.

Dubreton se dirigiu a Bigeard e o sargento francês abriu pouco a pouco suas garras. Sharpe pensou por um momento que Hakeswill se lançaria de novo sobre Harper, mas a voz de Pot-au-Feu conseguiu atrair aquela figura contorcida e amarela. Hakeswill se deteve, recolheu o pedaço da espada da empunhadura e o introduziu, de forma patética, na bainha para que, pelo menos, parecesse normal. Pot-au-Feu lhe falou com suavidade, deu-lhe umas palmadinhas nos braços e chamou com sinais uma das garotas que se aproximou de Obadiah e o acariciou. Sharpe baixou seu fuzil e se endireitou.

Pot-au-Feu se dirigiu a Dubreton. O coronel traduziu para Sharpe.

— Diz que Obadiah é um servente leal. Obadiah mata para ele e ele o recompensa com bebida, poder e mulheres.

Pot-au-Feu soltou uma sonora gargalhada quando Dubreton terminou a frase. Sharpe percebeu a tensão que havia no rosto do coronel e soube que o francês estava pensando no grito que haviam ouvido. Sua esposa estava retida ali. Nenhum dos dois oficiais se atreveu a mencioná-lo, porque sabiam que fazê-lo

seria entrar no jogo de Pot-au-Feu. Era evidente que esperava e desejava que perguntassem.

E voltou a ser ouvido, elevando-se até uma intensidade estridente, soluçando em ofegos até desvanecer-se. Pot-au-Feu simulou não ter ouvido nada. Falava de novo com Dubreton com voz profunda.

— Diz que contará o dinheiro e então nos trarão as mulheres.

Sharpe havia suposto que a mesa serviria para contar o dinheiro, mas três homens arrastaram as moedas até umas lajotas limpas e começaram a laboriosa tarefa de empilhá-las e contá-las. A mesa tinha outra utilidade. Pot-au-Feu deu uma palmada com suas mãos balofas e apareceu uma quarta garota com uma bandeja que deixou sobre a mesa. O francês gordo acariciou a garota, retirou a tampa da panela de barro que havia na bandeja e falou largamente com Dubreton. Falou com uma voz transbordante de prazer e se foi recreando com lascívia em certas palavras enquanto servia a comida em uma tigela.

Dubreton suspirou e se virou para Sharpe, mas seus olhos olhavam para o céu. Elevava-se fumaça quando há vinte minutos não era assim.

— Quer saber o que disse?

— Deveria, senhor?

— É uma receita de refogado de lebre, major — respondeu Dubreton com um leve sorriso. — Acredito que é uma muito boa.

Pot-au-Feu comia como um glutão e o molho espesso lhe caía sobre os calções brancos apertados.

Sharpe sorriu.

— Eu simplesmente o esquartejo e fervo em água com sal.

— Eu realmente acredito, major. Eu tive que ensinar a minha mulher a cozinhar.

Sharpe arqueou as sobrancelhas. Dubreton havia pronunciado aquelas palavras com um tom que intrigou a Sharpe.

O francês sorriu.

— Minha esposa é inglesa. Nós nos conhecemos e nos casamos durante a paz de Amiens, da última vez que estive em Londres. Viveu estes dez anos na França e agora é uma cozinheira nada desprezível. Não tão boa como os

serventes, claro, mas não demorou muito a aprender como é simples cozinhar.

— Simples?

— Certamente. — O coronel olhou para Pot-au-Feu, que pegava com delicadeza um pedaço de carne que lhe havia caído no colo. — Ele pega as lebres, as desossa e as macera durante um dia em azeite de oliva, vinagre e vinho. Acrescenta alho, major, um pouco de sal, um pouco de pimenta e um punhado de bagas de zimbro quando as tem. Reserva o sangue e o mistura com uma pasta feita com os fígados. — Dubreton explicava com entusiasmo. — Então, depois de um dia se retira a carne e a frita em manteiga e gordura. Só tem que dourá-la. Põe-se um pouco de farinha na frigideira e depois se acrescenta todo o molho. Junta-se vinho. Acrescenta-se o sangue e o fígado e se esquenta. Deixa-se ferver. É excelente, sobretudo se ao servi-lo acrescentar uma colherada de azeite de oliva.

Pot-au-Feu ria entre dentes, havia entendido quase toda a explicação de Dubreton e quando Sharpe olhou para o francês gordo, este sorriu e levantou uma jarrinha.

— Azeite! — disse dando umas palmadas na barriga e arrotou.

Voltaram a ouvir o grito, pela terceira vez, desta vez era de uma angústia desesperada. Estavam ferindo muito uma mulher e os homens de Pot-au-Feu olharam para os quatro estranhos e sorriram com cinismo; sabiam o que estava ocorrendo e queriam ver a reação dos visitantes. Dubreton falou em voz baixa.

— Logo nos chegará o momento, major.

— Sim, senhor.

Hakeswill e a mulher que o acompanhava foram para as pilhas de dinheiro e se voltaram com um amplo sorriso no rosto.

— Está tudo aqui, marechal.

— *Bon!*

Pot-au-Feu estendeu uma mão e Hakeswill lhe lançou um dos guinéus de ouro. O francês o elevou e o girou.

Hakeswill esperou que o espasmo de seu rosto terminasse e se dirigiu a Sharpe.

— Quer a mulher agora, Sharpy?

— Esse era o trato.

— Ah! O trato! — riu Hakeswill, e agarrou a mulher que tinha ao lado. — O que acha desta, Sharpy?

A mulher olhou para Sharpe e riu. Hakeswill desfrutava.

— Esta é espanhola, Sharpy, como sua mulher. Chama-se Teresa? Ainda a tem já morreu de sífilis?

Sharpe não respondeu. Ouviu como Harper se inquietava atrás de si.

Hakeswill se aproximou com a garota.

— Por que não leva esta agora, Sharpy? Ela lhe agradaria. Olhe-a! — passou a mão pelas costas da garota e soltou os cordões do corpete, que se abriu. Hakeswill cacarejou. — Pode olhar, Sharpy. Vamos, olhe! Ah, claro. Você é um maldito oficial não? Muito importante e poderoso para olhar as tetas de uma puta!

Os homens postados nas paredes do claustro passaram a rir. A garota também ria enquanto Hakeswill a manuseava e cacarejava.

— Pode ser sua, Sharpy. Também é um soldado, portanto o dinheiro que trouxe a faz sua pelo resto de sua vida. — Era soldado porque, assim como os homens da tropa, servia por um xelim por dia. A garota se insinuou para Sharpe com um gesto provocativo de seus lábios pintados.

Pot-au-Feu riu e depois falou em francês com Dubreton. As respostas deste eram breves.

Hakeswill não havia terminado ainda de zombar de Sharpe. Empurrou a garota para este, de tal maneira que tropeçasse com o fuzileiro, apontou para eles e se passou a rir.

— Ela lhe quer!

Sharpe jogou seu fuzil. Os olhos da garota eram duros como uma pedra, tinha o cabelo sujo. Olhou-a fixamente e ela viu algo em seus olhos que a envergonhou e baixou o olhar. Sharpe a afastou com suavidade, pegou os cordões de seu corpete e os atou.

— Vá.

— Major? — inquiriu Dubreton em voz baixa. Indicou-lhe com um gesto que a porta do muro oeste estava aberta; detrás havia outra porta, uma grade, e

atrás dela Sharpe viu a luz de outro claustro. — Quer que vamos ali. Somente nós dois. Acho que deveríamos ir. — Dubreton deu de ombros.

Sharpe passou pelo tanque com o oficial francês de seu lado, os homens que estavam no muro oeste do claustro se retiraram quando eles passaram pelo arco da porta. Ao tocá-la, a grade se abriu, entraram em um corredor frio e curto e subiram para o terraço do claustro interno. Hakeswill os seguiu e com ele uma dúzia de soldados que escoltavam os oficiais. Levavam os mosquetes engatilhados e apontavam com as baionetas para Sharpe e Dubreton.

— Meu Deus! — exclamou Sharpe em tom amargo.

Aquele claustro interno deve ter sido bonito. Haviam canalizado água por todo o átrio através de um labirinto de canais. As calhas eram muito bonitas e eram decorados com lajotas pintadas, mas fazia muito tempo que não corria água e as calhas estavam quebradas e as pedras do átrio rachadas.

Sharpe percebeu tudo isto em alguns instantes, assim como os crategos que cresciam selvagens em um canto, as trepadeiras que o inverno havia secado e que subiam pela alvenaria fina e pálida, e os soldados que estavam no pátio que havia mais abaixo. Olharam para cima e sorriram para os espectadores. No centro do claustro um braseiro ardia, de modo que o ar resplandecia por cima, e aquele brilho fazia resplandecer as baionetas.

Havia uma mulher deitada no centro do pátio; seus pulsos e os tornozelos estavam amarrados a uns postes de ferro que se erguiam entre as pedras rachadas. Nua da cintura para cima, tinha o peito arroxeado e ensanguentado, e manchas de sangue lhe salpicavam as costelas. Sharpe olhou para Dubreton, temendo que fosse sua esposa inglesa, mas o francês não fez sinal algum.

— Olhe Sharpy — disse Hakeswill a suas costas.

Um dos soldados se aproximou do braseiro e, protegendo-se a mão com um trapo, tirou uma das baionetas das chamas. Comprovou que a ponta estivesse ao vermelho vivo, deu a volta e a mulher começou a se agitar e a gritar aterrorizada, o soldado lhe pôs a bota sobre o ventre, ocultando pela metade o que estava fazendo, e a mulher gritou. Aproximou a lâmina ardendo e um grito retumbou no claustro; a mulher desmaiou. O soldado se afastou.

— Tentou escapar, Sharpy — disse Hakeswill lançando seu asqueroso bafo por cima do ombro de Sharpe. — Não lhe agradava ficar conosco, sabe? Pode ler o que põe, capitão?

O odor de carne queimada subiu até o piso superior. Sharpe queria desembainhar sua grande espada, liberá-la para descarregá-la sobre os canalhas que havia naquele convento, mas sabia que não podia fazer nada. Não era este o momento, mas logo chegaria.

Hakeswill começou a rir.

— Puta. Isso é o que põe. É espanhola, sabe, capitão. Por sorte não é inglesa, porque a palavra em inglês, *whore*, tem uma letra a mais.

A mulher estava marcada para toda a vida, marcada com o ferro quente da maldade. Sharpe supôs que era uma das mulheres do povoado, ou talvez uma visitante de outra aldeia que havia tentado escapar pelo caminho que serpenteava para o oeste da Entrada de Deus. Devia ser tão difícil escapar de Adrados como se aproximar das muralhas do castelo sem ser visto.

Os soldados retiraram os postes do piso, cortaram as amarras e dois deles arrastaram a mulher pelas pedras até perder-se sob os arcos do andar inferior.

Hakeswill havia dobrado a esquina do claustro superior e olhava para os dois oficiais desde o canto. Tinha as mãos apoiadas na balaustrada de pedra e sorria com desprezo.

— Queríamos que o vissem, assim saberiam o que ocorrerá a suas vadias se tentarem chegar até aqui em cima. — Seu rosto se contraiu enquanto apontava para as manchas de sangue que havia junto ao braseiro. — Isso! — ainda restavam duas baionetas no fogo. — Como veem, senhores, mudamos de opinião. Agrada-nos ter aqui às senhoras, portanto ficaremos com elas. Não queremos que tenham que carregar outra vez todo aquele dinheiro, portanto também ficaremos com ele. — Olhou seus rostos e riu. — Porém, em vez disto, podem levar uma mensagem. Entende isto, franchinote?

Dubreton respondeu com desdém.

— Entendo. Estão vivas?

Seus olhos azuis se arregalaram, fingindo ingenuidade.

— Vivas, franchinote? Diabos, claro que estão vivas. Continuarão vivas desde que se mantenham longe daqui. Eu lhes mostrarei uma delas dentro de um minuto, mas primeiro têm que escutar com atenção.

Outro espasmo, seu rosto se sacudia sobre o comprido pescoço e a gravata-borboleta que se segurava com um alfinete desabotoou e deixou à vista a cicatriz

que tinha no lado esquerdo do pescoço. Puxou ela até esconder a cicatriz. Sorriu ironicamente mostrando as raízes enegrecidas dos dentes.

— Não sofreram nenhum arranhão, ainda, mas sofrerão. Primeiro as queimarei e marcarei, e depois as entregarei aos garotos, e depois morrerão. Estão me entendendo? — disse gritando. — Entendeu, Sharpy?

— Sim.

— E você, franchinote?

— Sim.

— Que inteligente! — exclamou rindo amplamente, semicerrou os olhos e mostrou as raízes dos dentes picados. De repente, seu rosto se retorceu, uma só vez, e depois o espasmo desapareceu. — Agora que trouxeram o dinheiro, direi para serviu. Com ele compraram sua virtude! — voltou a rir. — Salvaram-nas por certo tempo, porque, evidentemente, é possível que queiramos mais dinheiro se acharmos que sua virtude é mais valiosa, está claro? Agora temos mulheres, todas as que queremos, portanto não utilizaremos as suas vadias se nos pagam.

Sharpe sonhava algumas noites que matava àquele homem. Hakeswill era seu inimigo há quase trinta anos e Sharpe queria ser o homem que demonstraria que Hakeswill podia morrer. A raiva que sentia naquele momento era de impotência.

Hakeswill ria, ia de um lado para outro da balaustrada.

— Trarei uma dessas vadias e poderão falar com ela. Porém, cuidado! — disse indicando o braseiro. — Lembrem-se do ferro, porque penso marcá-la uma letra na pele se perguntarem onde a prendemos. Ficou claro? Não sabem em qual edifício estão encerradas, não é mesmo? Mas gostariam de saber, né? Nem se atrevam a perguntar ou marcarei a uma das mais belas. Entenderam?

Os dois oficiais consentiram. Hakeswill virou-se e fez um sinal para o homem que estava de pé no pátio perto do lugar por onde haviam levado a primeira mulher arrastada. O homem se voltou e chamou alguém atrás.

Sharpe notou que Dubreton se punha tenso quando trouxeram uma mulher ao pátio. Ia vestida com uma comprida capa negra e foi evitando as calhas quebradas. Dois homens, que portavam baionetas, a custodiavam. Tinha o cabelo loiro e fino mal arrumado.

Hakeswill olhava para os dois oficiais.

— Escolhi esta especialmente para vocês. Fala inglês e francês. É incrível, inglesa e vai e se casa com um franchinote — apontou rindo.

Os soldados a obrigaram a parar no centro do pátio e um deles lhe deu uma cotovelada e lhe indicou que olhasse para cima, e ela olhou para o balcão. Nada indicava que tivesse reconhecido seu marido, tampouco que ele a reconhecesse, e Sharpe soube que ambos eram orgulhosos o bastante para não dar aos captores a satisfação de conhecer mais a respeito dela.

Hakeswill retrocedeu silenciosamente para os oficiais.

— Vamos! Falem!

— Madame — disse Dubreton com amabilidade.

— Monsieur.

“Provavelmente — pensou Sharpe —, devia ser uma mulher bonita, mas seu rosto estava na sombra, e mostrava sinais de cansaço e o horror do cativeiro lhe desenhava com maior profundidade as linhas dos lábios”. Era delgada, como seu marido e, quando falou, o fez com voz digna e comedida. Um dos soldados que a custodiava era francês e escutou a conversa.

Hakeswill se chateou.

— Em inglês!

Dubreton olhou para Sharpe e outra vez para sua mulher.

— Tenho a honra de lhe apresentar ao major Richard Sharpe, madame. Pertence ao exército inglês.

Sharpe fez uma reverência e viu que ela inclinava a cabeça em sinal de respeito, mas não ouviu suas palavras porque Hakeswill passou a rir sonoramente.

— Major! Fizeram-no major, Sharpy? Mãe minha! Têm que estar realmente desesperados! Major! — Sharpe não usava ainda as estrelas de major nos ombros; Hakeswill não se havia informado até então.

Madame Dubreton olhou para Sharpe.

— Lady Farthingdale se alegrará de que o senhor tenha estado aqui, major.

— Peço que lhe transmita os cumprimentos de seu marido, senhora. Espero que ela, e todas as senhoras, estejam bem.

Hakeswill escutava e sorria com ironia. Sharpe buscava desesperadamente

uma forma, qualquer, de insinuar àquela mulher que devia lhes dar algum sinal de onde as retinham. Estava decidido a vingar os insultos que havia recebido naquele dia e a resgatar aquelas mulheres, mas Hakeswill tinha razão: se não soubesse onde se encontravam, não poderia fazer nada. Apesar de tudo não lhe ocorria nada que não soasse suspeito, que não incitasse Hakeswill a ordenar que marcassem a esposa de Dubreton.

A dama consentiu com um gesto.

— Estamos todas bem, major, e não nos fizeram mal.

— Alegro-me de ouvir isso, senhora. — Hakeswill se apoiou na balaustrada.

— Estão contentes aqui, verdade, querida? — indicou rindo. — Diga! Estão contentes!

Ela o olhou.

— Estou murchando na flor da vida, coronel. Estou perdida em uma solitária penumbra.

— Ah! Como fala bem! — disse sorrindo tontamente, e olhou para os oficiais. — Satisfeitos?

— Não — respondeu Dubreton refletindo grande dureza no rosto.

— Bem, pois eu sim. — Fez um sinal para os soldados —, Levem-na!

Obrigaram-na a dar a volta e, pela primeira vez, a mulher perdeu a serenidade. Empurrou os homens, virou-se, e disse com voz suplicante e desesperada.

— Estou murchando na flor da vida!

— Levem-na!

Sharpe olhou para Dubreton, mas seu rosto era uma máscara inexpressiva ante a angústia de sua esposa. O francês a seguiu com o olhar até que desapareceu e depois dirigiu o olhar, sem dizer palavra, para o claustro superior.

Harper e Bigeard estavam juntos e se sentiram aliviados ao ver que seus oficiais regressavam ao claustro. A porta se fechou atrás deles e os soldados se alinharam de novo ao longo do muro oeste, e Pot-au-Feu, que seguia em sua cadeira, falou em transes com Dubreton. Quando terminaram seguiu comendo o refogado da panela de barro.

Dubreton olhou para Sharpe.

— Disse o mesmo que há dito seu homem. Que pagamos por sua virtude, isso é tudo. Temos que partir com as mãos vazias.

Quando o coronel acabou a tradução, Pot-au-Feu riu, engoliu o que tinha na boca e avisou aos soldados que obstruíam a entrada do convento para que se afastassem. Fez um sinal para os oficiais com a colher.

— Vão! Vão!

Dubreton olhou rapidamente para Sharpe, mas Sharpe só fez um movimento: pegou o fuzil do ombro e com o polegar, alçou a pederneira. Havia ficado algo sem dizer, algo que tinha que dizer, e ainda que soubesse que fosse inútil, tinha que tentar. Alçou a voz e olhou para os homens com uniforme vermelho que rodeavam o claustro.

— Tenho uma mensagem para vocês: todos os que estão aqui morrerão exceto aqueles que se entreguem. — Começaram a zombar dele, vaiaram, mas a voz de Sharpe era preparada para dar ordens. Suas palavras conseguiram vencer o ruído. — Devem se apresentar em nossos postos de vanguarda antes do dia de Ano Novo. Lembrem-se! Se não...! — deixou de falar e apertou o gatilho.

Que a arma se disparasse foi uma sorte, ainda que ele soubesse que dispararia porque assim tinha desejado, e não ia partir dali sem se vingar da escória daquele lugar. Disparou desde o quadril, mas o alcance era curto e o alvo grande, portanto a bala fez em pedaços a panela e Pot-au-Feu gritou de dor quando o molho e carne ardendo caíram sobre seus calções. O marechal se jogou de lado, perdeu o equilíbrio e caiu com todo seu peso sobre as lajotas. Os soldados se ficaram mudos. Sharpe olhou ao seu redor.

— Ano Novo!

Baixou a culatra do fuzil, procurou um cartucho em seu bolso e depois, diante de todos, recarregou a arma com a destreza de um profissional. Sacou a bala do cartucho de papel, preparou a caçoleta, fechou-a, e depois jogou o restante da pólvora no cano, introduziu a bucha e cuspiu a bala dentro do pedaço de couro engraxado que forçava o rajado em espiral do cano e que convertia o fuzil Baker na arma mais certeira do campo de batalha. Fez isso com rapidez, olhando para os homens que o vigiavam e não o que fazia, e recheou as sete ranhuras em espiral, encaixou a baqueta nos tubos de cobre, e a arma voltava a estar carregada.

— Sargento!

— Senhor.

— O que fará a estes canalhas no Ano Novo?

— Matá-los, senhor — respondeu Harper com aprumo; estava contente.

Dubreton sorriu e falou suavemente com o olhar posto em Pot-au-Feu. Este tentava se levantar do piso com a ajuda de duas das garotas.

— Isso foi perigoso, amigo. Podiam ter disparado.

— Nossos sargentos os assustam.

Qualquer um se assustaria diante daqueles dois.

— Vamos, major?

Uma grande multidão havia se reunido às portas do convento, homens, mulheres e crianças, que insultavam aos gritos aos dois oficiais, insultos que se desvaneceram quando os dois enormes sargentos apareceram com suas armas prontas para disparar. Os dois gigantes desceram a escada e apenas com sua presença dispersaram a multidão. Parecia que Harper e Bigeard se gostavam, cada um comprazido de ter encontrado outro homem tão forte como ele. Sharpe desejou que nunca tivessem que se enfrentar em um campo de batalha.

— Major? — Dubreton estava de pé na escada, pondo-se luvas de pele fina.

— Senhor?

— Tem intenção de resgatar os reféns? — perguntou em voz baixa apesar de que não havia nenhum inimigo à vista.

— Se for possível, senhor. E o senhor?

Dubreton deu de ombros.

— Este lugar fica mais afastado de nossas linhas que das suas. Vocês se movem por este país muito melhor que nós. — Sorriu; referia-se à emboscada que lhes armaram nas colinas do norte. — Nós necessitamos de todo um regimento de cavalaria para chegar a três quilômetros deste lugar. — Puxou as luvas para acomodá-las. — Se o fizer, major, posso lhe pedir algo?

— Sim, senhor.

— Sei que nos entregará nossos reféns. Agradeceria que também nos entregasse nossos desertores. — Levantou sua elegante mão. — Não para lutar de novo, asseguro, mas para que recebam seu castigo. Deduzo que aos seus lhes ocorrerá o mesmo. — Desceu a escada e se virou para olhar para Sharpe. — Por

outro lado, major, um resgate não seria muito complicado?

— Sim, senhor.

— A menos que saiba onde prendem as mulheres.

— Sim, senhor.

Dubreton sorriu. Bigeard esperava com os cavalos. O coronel levantou a vista para o céu como se olhasse o tempo.

— Como viu, major, minha esposa age com grande dignidade. Não deu a esses sacanas o prazer de saber que eu era seu marido. Ainda que ao final parecesse um tanto histérica, né?

— Sim, senhor — consentiu Sharpe.

Dubreton sorriu alegremente.

— Não é estranho que se mostrasse tão apaixonada pela poesia, major? A menos que fosse poetisa, claro, mas lhe ocorre pensar que uma mulher faça poesia? — parecia contente consigo mesmo. — Cozinham, fazem amor, tocam música, podem conversar, mas não fazem poesia. Minha esposa, contudo, lê muita poesia. — Deu de ombros —, "Murchando-me na flor da vida, perdida em uma penumbra solitária". Recorda destas palavras?

— Sim, senhor.

Dubreton tirou uma das luvas e estendeu a mão.

— Foi uma honra, major.

— Digo o mesmo, senhor. Talvez voltemos a nos ver.

— Seria um prazer. Minhas mais cordiais saudações a sir Arthur Wellesley, ou a lorde Wellington, como devemos chamá-lo agora.

Do rosto de Sharpe escapou um gesto de surpresa, para deleite de Dubreton.

— Ele conhece o senhor, senhor?

— É claro. Fomos juntos à Academia Real de Equitação de Angers. É estranho, major, que seu melhor soldado tenha aprendido a lutar na França. — Dubreton estava satisfeito daquele comentário.

Sharpe começou a rir, se enquadrou e cumprimentou ao coronel francês. Aquele homem lhe agradava.

— Desejo-lhe um feliz regresso para casa, senhor.

— E eu desejo o mesmo ao senhor — disse Dubreton estendendo a mão para Harper. — Cuide-se sargento!

Os franceses partiram para o leste, rodeando o povoado; Sharpe e Harper para o oeste descendendo o cume do desfiladeiro, trotando pelo caminho que serpenteava para Portugal. De repente, o ar parecia limpo, a loucura havia ficado para trás, apesar de Sharpe saber que voltariam. Uma vez, um sargento-mor escocês, um soldado velho e sábio, estivera falando com Sharpe durante a escura noite anterior a uma batalha. Tivera vergonha de contar uma ideia sua a Sharpe, mas ao final havia contado e agora Sharpe a recordava. Um soldado, explicou o escocês, é um homem que luta pelas pessoas que não podem lutar por si mesmas. Atrás de Sharpe, na Entrada de Deus, ficavam mulheres que não podiam lutar por si mesmas. Sharpe voltaria.

Capítulo 6

— Então não a viu!

— Não, senhor — respondeu Sharpe incômodo.

Sir Augustus Farthingdale não havia considerado oportuno lhe oferecer uma cadeira. Pela porta entreaberta do salão de Farthingdale, um dos aposentos de sua residência situada na melhor zona da cidade, Sharpe viu que se estava celebrando um jantar. O faqueiro de prata reluzia sobre a louça de porcelana e dois criados permaneciam com deferência junto a uma mesa auxiliar.

— Portanto não a viu — grunhiu Farthingdale pondo de manifesto que Sharpe havia fracassado.

Sir Augustus Farthingdale não vestia uniforme; usava um paletó granada de veludo com as bordas de renda e uns ajustados calções de camurça sobre as botas altas e bem escovadas. Sobre o colete destacava uma cinta de seda azul decorado com uma pesada estrela dourada. Provavelmente se tratasse de alguma ordem portuguesa.

Sentou-se ao mesa iluminado por cinco velas dispostas em elegantes candelabros de prata e brincou com um abre-cartas de cabo comprido. Seu cabelo só podia receber um qualificativo: prateado; cabelo de prata que lhe caía desde a testa e que arrumava para trás com um laço negro passado de moda que ressaltava mais seu cabelo grisalho. Seu rosto era magro e alongado, no qual destacavam certa petulância nos lábios e um olhar de irritação nos olhos. Sharpe pensou que aquele rosto devia ser belo, o rosto de um homem maduro e sofisticado, com dinheiro, inteligência e um orgulhoso desejo de usar ambas as qualidades em proveito próprio. Olhou para a sala de jantar.

— Agostino!

— Senhor? — respondeu um servente que Sharpe não havia visto.

— Feche a porta!

Fechou a porta de madeira e o ruído das vozes se desvaneceu. Os olhos de sir Augustus, hostis, revisaram Sharpe de cima abaixo. O fuzileiro acabava de chegar a *Frenada* e não havia querido se demorar arrumando o uniforme ou se asseando, depois da viagem, o rosto e as mãos. A voz de Farthingdale soava fria

e precisa.

— O marquês de Wellington está profundamente preocupado, major Sharpe, profundamente.

Farthingdale quis deixar claro que ele e Wellington eram muito amigos e que estava revelando um segredo de Estado a Sharpe. O abre-cartas repicava sobre a mesa de madeira polida.

— Minha esposa, major, tem relações muito influentes na corte portuguesa. Entende?

— Sim, senhor.

— O marquês de Wellington não quer pôr em perigo nossas relações com o governo português.

— De acordo, senhor.

Sharpe se conteve de dizer a sir Augustus Farthingdale que era um néscio pomposo. Era interessante que Wellington tivesse escrito, porque se houvesse enviado uma carta para o norte com um dos jovens oficiais de cavalaria, este dificilmente teria podido percorrer cem quilômetros em um dia ainda que tivesse trocado amiúde de cavalo. Portanto, Wellington devia estar em Lisboa, pois era impossível que a notícia tivesse chegado a Cádis com tempo suficiente para que a resposta já estivesse de volta. Farthingdale se mostrava pomposo, porque até mesmo Sharpe sabia que a principal preocupação de Wellington não era o governo português mas o espanhol. A história de Adrados havia corrido como pólvora, tinha se alimentado das sensibilidades do orgulho espanhol, e no dia de Ano Novo o exército inglês devia regressar à Espanha. O exército compraria os víveres aos espanhóis e utilizaria espanhóis para fazer o pão e levar as mulas, proporcionar-lhes forragem e refúgio, e Pot-au-Feu e Hakeswill haviam posto em perigo essa colaboração. O veneno de Adrados devia se apresentar como um pequeno passo para a vitória.

Apesar de tudo, Sharpe intuía que ele conhecia Wellington há mais tempo que Farthingdale e sabia que havia algo mais que Pot-au-Feu que chateava profundamente ao general. Wellington considerava que a anarquia sempre constituía um simples grito de demagogia contra a ordem, e a ordem, pensava, não era só uma condição essencial, mas a virtude suprema. Pot-au-Feu havia desafiado essa virtude e por isso devia ser destruído.

Largou o abre-cartas sobre um monte de papéis, talvez seu próximo livro de

Instruções práticas para oficiais jovens, e cruzou as pernas com grande elegância. Sir Augustus Farthingdale alisou a borla de uma bota.

— E diz que não a feriram? — perguntou com um indício de preocupação na voz.

— Isso é o que assegurou a senhora Dubreton.

O relógio do saguão deu as nove. Sharpe supôs que a maioria dos móveis daquela residência havia sido transportada exclusivamente para a visita de sir Augustus. Ele e lady Farthingdale haviam feito um percurso extraordinário pelos quartéis de inverno do exército português antes de deter-se em *Frenada*, em seu caminho de regresso para o sul, para que lady Farthingdale pudesse visitar o santuário de Adrados e rezar por sua mãe, que estava morrendo. No fatídico dia, Farthingdale preferiu ir caçar e dois jovens capitães se haviam oferecido com entusiasmo para acompanhar a sua esposa até as colinas. Sharpe desejava que sir Augustus lhe mostrasse um retrato de sua esposa, porém, evidentemente, o coronel não o considerou oportuno.

— Estive pensado, major, em dirigir o resgate de lady Farthingdale — disse sir Augustus com entonação interrogativa, quase desafiante.

Sharpe não respondeu.

O coronel se golpeou ligeiramente os lábios e depois observou a polpa do dedo como se algo lhe houvesse ficado colado.

— Diga-me, major, um resgate é possível?

— Poderia ser realizado, senhor.

— O marquês de Wellington — outra vez a chata verborreia, o título completo de Wellington — deseja que seja realizado.

— É preciso saber em que edifício está, senhor. Há um castelo, um convento e todo um povoado, senhor.

— E sabemos?

— Não, senhor — Sharpe não quis especular a respeito. Era melhor esperar até que visse Nairn.

Uma olhada hostil se cravou em Sharpe. A expressão de sir Augustus indicava que Sharpe havia fracassado totalmente. Deixou escapar um suspiro.

— Portanto perdi minha esposa e quinhentos guinéus, pelo menos não

perdeu o relógio.

— Sim, senhor. Claro, senhor.

Sharpe desprendeu a corrente do relógio com desânimo. Nunca havia tido um relógio, de fato nunca havia confiado nesses artefatos porque pensava que um oficial que os necessitasse para saber qual momento do dia era não merecia usar uniforme, mas agora lhe parecia que possuir esse relógio, ainda que emprestado, dava certo ar de êxito e posse, algo próprio de um major.

— Aqui o tem, senhor.

Ele o devolveu a sir Arthur Farthingdale, e este levantou a tampa, comprovou que os ponteiros e o vidro estavam bem e depois abriu uma gaveta da mesa e o depositou dentro. Em continuação juntou os dedos longos e finos.

— Obrigado, major. Sinto que esta experiência tenha sido infrutífera. Sem dúvida, nós nos veremos na reunião que Nairn convocou amanhã no quartel general. — Levantou-se com movimentos precisos como os de um felino. — Boa noite, major.

— Senhor.

Quando Sharpe chegou a seu alojamento lhe esperava a ordem de se apresentar no quartel na manhã seguinte. Também encontrou uma garrafa de conhaque, presente de Nairn, junto a uma carta escrita à mão que dizia que se havia sido pontual, necessitaria do conteúdo da garrafa. Sir Augustus não lhe tinha oferecido nem um copo de água, muito menos uma taça de vinho, e Sharpe compartiu a garrafa com o tenente Harry Price e desabafou dizendo o que sentia pelos civis vestidos de veludo que se achavam coronéis. Price sorria com cumplicidade.

— Isso é o que eu quero, senhor. Um abrigo de veludo, uma esposa jovem e que heróis como o senhor tenham que me saudar.

— Talvez o consiga, Harry.

— Talvez todos os sonhos se convertam em realidade, senhor.

Price havia costurado um remendo em sua casaca vermelha. Como a maioria dos homens do South Essex, usava uma casaca vermelha; somente Sharpe e os poucos fuzileiros que haviam sobrevivido à retirada de A Corunha e haviam sido instruídos na Companhia Ligeira do South Essex seguiam exibindo com orgulho as casacas verdes. Casacas verdes! Claro! Malditas casacas verdes!

— O que houve, senhor? — Price segurava a garrafa de boca para baixo esperando um milagre.

— Nada, Harry, nada. É só uma ideia.

— Então, senhor, que Deus nos ampare, senhor.

Sharpe tinha uma ideia, havia refletido sobre ela e pela manhã a exporia no quartel.

De noite o céu havia ficado nublado e durante quase toda a manhã estivera caindo uma chuva fina, e a mesa do saguão anterior ao quarto onde Nairn esperava estava coberta de abrigos, mantos, bainhas de espada e chapéus molhados. Sharpe deixou o seu sobre o monte e apoiou o fuzil na parede, um ordenança prometeu que o vigiaria.

Nairn, Farthingdale, Sharpe e um tenente-coronel ao qual não conhecia assistiam à reunião. Desta vez, Nairn havia se desprendido de seu roupão e usava as bordas verde-escuro e as rendas douradas de um dos regimentos das Highlands. Sir Augustus estava impecável com o uniforme vermelho, negro e dourado dos Dragões reais do príncipe e as esporas douradas que arranhavam no tapete. O tenente-coronel era do 69º regimento de infantaria, usava uma casaca vermelha com bordas brancas e cumprimentou cordialmente a Sharpe com um movimento de cabeça. Nairn fez as apresentações.

— Tenente-coronel Kinney. Major Sharpe.

— A seus pés, Sharpe, é um honra. — Kinney era grande, com um rosto amplo e sorriso fácil. Nairn o olhou e sorriu.

— Kinney é galês, Sharpe, portanto não se fie muito dele. Kinney soltou uma gargalhada.

— Está assim desde que meus homens resgataram seu regimento em Barossa.

Sir Augustus tossiu intencionalmente em sinal de protesto pelas brincadeiras celtas e Nairn lhe lançou um olhar sob suas enormes sobrancelhas.

— Certamente, sir Augustus, claro. Sharpe, conte-nos sua história!

Sharpe a contou e só o interromperam uma vez. Nairn o olhou com incredulidade.

— Ele tirou o corpete! Jogou-a contra o senhor?

— Sim, senhor.

— E o senhor lhe abotoou?

— Sim, senhor.

— Extraordinário! Continue!

Quando Sharpe terminou, Nairn tinha uma folha de papel cheia de anotações. Um raio caiu sobre a terra. A chuva golpeava suavemente contra os vidros da janela. Em algum lugar daquela cidade, um sargento gritava para que seus homens formassem uma coluna de quatro filas. O general de divisão se reclinou.

— E o francês, Sharpe? O que pensa fazer Dubreton?

— Quer organizar um resgate, senhor.

— Verdade?

— Eles terão de percorrer o dobro do caminho que nós, senhor.

Franceses e ingleses passavam o inverno bastante afastados. Nairn grunhiu.

— Temos que fazê-lo primeiro. Um resgate, sacar essas sevandijas de seus buracos. — Agitou uma folha de papel. — É o que quer o general e é o que faremos. O que necessita para resgatar essas mulheres, Sharpe?

— Senhor! — disse sir Augustus inclinando-se para frente —, espero que me confiem a missão do resgate.

Nairn observou sir Augustus e guardou silêncio até que este foi incômodo. Depois lhe respondeu.

— É muito nobre de sua parte, sir Augustus, diz muito a seu favor. Contudo, Sharpe esteve lá, deixe que nos conte suas ideias primeiro, de acordo?

Era o momento de contar a primeira, que à luz do dia não parecia muito acertada mas ia tentar.

— Podemos resgatá-las, senhor, desde que saibamos onde se encontram. Se soubermos, senhor, só vejo uma maneira. Temos que viajar de noite para podermos nos aproximar sem sermos vistos, esconder-nos durante todo o dia e atacar na noite seguinte. Fuzileiros deveriam fazê-lo, senhor.

— Fuzileiros! — exclamou Nairn enquanto Kinney sorria. — O senhor só pensa em fuzileiros! Acaso acha que ninguém mais pode lutar neste exército?

— Senhor, lá vi muitos uniformes, mas não vi nenhum de fuzileiro. Isso

significa que, na noite do ataque, tudo o que não use uniforme verde é inimigo.

— Mas o senhor não viu a todos seus homens — afirmou Nairn irritado.

— Não, senhor — admitiu Sharpe, mas todos sabiam que desertavam menos fuzileiros que membros de qualquer outro regimento.

Nairn dirigiu um olhar para o traje vermelho, negro e dourado de sir Augustus.

— Bem, então, fuzileiros. E o que mais?

Havia algo mais, mas seria inútil a menos que Sharpe soubesse em que edifício estavam os reféns. Assim que o explicou, e Nairn sorriu levemente e com malícia.

— Mas nós sabemos onde estão.

— Sabemos? — disse Sharpe surpreendido.

— Sabemos, sabemos — afirmou rapidamente Nairn sorrindo.

Kinney esperava. Sir Augustus parecia estar irritado.

— Talvez queira nos contar, senhor.

— É meu dever e um honra, sir Augustus.

Nairn fechou os olhos, reclinou-se e ergueu a mão direita com grande dramatismo e iniciou em tom declamatório:

— Linha atrás de linha meus olhos lacrimejantes se transbordam, por uma... Não sei o que, não sei o que mais... Desgraça: Agora enamorado! — Nairn havia erguido a voz triunfante ao chegar à palavra “enamorado” e depois baixou o tom a modo de conspiração e abriu os olhos —.... Agora murchando-me na flor da vida, perdido na solitária penumbra de um convento! — Nairn sorriu com gesto travesso. — Alexander Pope, de *Eloísa e Abelardo.* É a triste história de um homem castrado em sua juventude. Isso é o que ocorre por um excesso de amor. Assim que estão no convento. Inteligente garotinha, a esposa do francês.

Kinney se inclinou.

— Quantos fuzileiros?

— Duas companhias, senhor?

Kinney consentiu.

— Poderão tomar o convento de noite?

— Sim, senhor — consentiu Sharpe.

— Portanto necessitará de ajuda pela manhã, não?

— Sim, senhor.

Kinney olhou para Nairn.

— É o que dissemos, senhor. Um pequeno grupo que entre e proteja as mulheres e um batalhão que chegue pela manhã para castigar os homens. Mas tem algo que me preocupa.

Nairn arqueou uma sobrancelha.

— O que é?

— Pode ser que sejam desertores, mas acho que podemos afirmar que não são tontos. Se o senhor entrar de noite — disse olhando para Sharpe e esquecendo, ou não fazendo caso das perguntas de sir Augustus —, não acha que esperarão algo assim pela manhã. Haverá vigilantes, haverá um piquete de vigilância. É um risco, Sharpe, e ainda que não me importe em correr riscos, pode ser que tenham tempo suficiente para se vingarem nas senhoras.

Sir Augustus consentiu, parecia que havia mudado de opinião com respeito à possibilidade de um resgate.

— Estou de acordo com Kinney.

Nairn olhou para Sharpe.

— E então, major?

— Eu pensei nisso, senhor — respondeu sorrindo, esta havia sido a segunda ideia, a melhor. — Estava pensando em ir no Sowan’s Nicht.

Nairn sorriu com certa euforia. Automaticamente corrigiu a pronuncia de Sharpe.

— Sowan’s Nicht! Agrada-me a ideia! Sowan’s Nicht! Os canalhas estarão completamente bêbados!

Sowan’s Nicht, a expressão escocesa para noite de Natal, a noite em que todo soldado podia se embebedar. Na Inglaterra era a noite em que se tomava uma bebida letal feita com trigo em casca, fervido em leite e condimentado com rum e gema de ovo, chamada “Frumenty”, e que se devia beber até ficar inconsciente. Noite de Natal.

Kinney consentiu sorrindo.

— Fomos os primeiros a cair nessa trapaça, também podemos usá-la.

Referia-se à noite de Natal de 1776, quando George Washington pegou desprevenida a guarnição de Trenton porque os defensores pensavam que não havia guerra possível no Natal. Kinney sacudiu a cabeça.

— Porém...

— Porém? — perguntou Nairn.

O rosto de Kinney pareceu entristecer-se, se desvanecia a esperança que tinha de contar a trapaça feita por Washington.

— A noite de Natal, senhor, o dia que o senhor quer que meus homens ajudem ao major Sharpe. Faltam apenas cinco dias, senhor. — Voltou a menear a cabeça. — Posso fazê-lo! Posso conseguir que meus homens estejam lá, mas não me agrada muito ir com as mãos vazias. Pensava se seria possível uma ração extra, e caso os franceses a marchem aos empurrões para se introduzirem no lugar, gostaria de contar com uma partida adicional de cartuchos.

Sharpe sabia que isso quereria dizer contar com até 500 quilos de carne seca e quase quatro mil cartuchos. A expressão de Kinney mostrava cada vez mais indecisão.

— Não há nem uma mula, senhor. Tardaremos mais de uma semana em trazê-las de onde pastam no inverno.

Quase todas as mulas, assim como a cavalaria inglesa, passavam o inverno nas férteis terras próximas ao mar.

Nairn se lamentou para seu interior, enquanto traçava marcas sobre o papel.

— Poderia chegar até lá sem mulas?

— Sem dúvida, senhor. Mas o que ocorrerá se os franceses chegarem?

— Não irão ali para lutar conosco, não é mesmo? Estarão ali para capturar a esse Pot-au-Feu!

Kinney consentiu.

— E o que farão se também virem a oportunidade de destruir a todo um batalhão?

— Bem, bem, sim, sim. — Nairn se mostrava desgostoso. — Acho que tem razão. O que acha da véspera de Ano Novo, Sharpe?

Sharpe respondeu com um sorriso.

— Prefiro a noite de Natal, senhor. — Olhou para Kinney. — Serviriam sete carretas puxadas por cavalos e alguns cavalos de carga prontos para partir?

— Se serviriam? Santo Deus, claro que servirão. Será mais que suficiente. Mas diga-me como vai conseguir esse milagre.

Sharpe desviou a vista para Nairn.

— O batalhão de foguetes, senhor. Estou seguro que o príncipe regente ficaria encantado se servissem em algum tipo de atividade bélica.

— Meu Deus, Sharpe! — exclamou Nairn sorrindo. — Faz duas semanas que o ascendi a major e agora pretende me dizer o que agradaria a Sua Alteza Real! — olhou para Kinney. — Acha boa a sugestão do plenipotenciário do príncipe de Gales, coronel?

— Sim, senhor.

Nairn sorriu com satisfação olhando para sir Augustus Farthingdale.

— Parece que sua esposa se encontrará sã e salva em seus braços dentro de uma semana, sir Augustus.

Sir Augustus vacilou, mas inclinou a cabeça.

— Sim, parece que sim, e lhe agradeço. Ainda que gostasse de me unir à força de resgate, senhor.

— Gostaria, hem? — Nairn franziu o cenho sem acabar de entender aquela petição. — Não é que queira lhe ofender com minhas palavras, sir Augustus, em absoluto. Mas não acha que é melhor deixar as façanhas para as mentes ativas! Nós, mentes passivas, devemos esperar pacientes, escrever livros!

Sir Augustus lhe respondeu com um sorriso.

— Refere-se a mentes velhas, senhor?

— Mais velhas, mais sábias e mais passivas! Além do mais, realmente gostaria ter que escalar uma maldita colina em plena noite, esconder-se durante todo um dia e na noite seguinte suportar a tipos como Sharpe? Admiro sua intenção, sir Augustus, de verdade, mas lhe suplico que reconsidere sua petição.

O fino rosto rodeado por uma bonita mata de pelo baixou a vista para a mesa. Talvez, pensou Sharpe, estava pensando naquele dia frio que seria a véspera do Natal. Sharpe não queria que estivesse ali e se atreveu a sussurrar um comentário que poderia contribuir para que sir Augustus retirasse a petição que Nairn

dificilmente poderia negar.

— Não levaremos cavalos, senhor, nenhum.

Levantou a cabeça bruscamente e respondeu.

— Major, eu posso marchar se tenho que fazê-lo!

— Estou seguro disso, senhor.

— Quem me preocupa é lady Farthingdale. É uma dama delicada, de boa família. Não me agradaria pensar que a tratam... — Fez uma pausa. — Gostaria de lhe oferecer minha proteção, senhor.

— Por Deus, sir Augustus! — atalhou Nairn. Estava sugerindo que lady Farthingdale, depois de sobreviver à captura de Pot-au-Feu, estaria em perigo nas mãos dos homens de Sharpe. Nairn sacudiu a cabeça. — Estará a salvo, sir Augustus, estará a salvo. O senhor pode ir com Kinney na manhã seguinte, certo Kinney?

O coronel galês não se mostrou excessivamente comprazido mas consentiu.

— Sim, senhor. Certamente, senhor.

— Além disso, o senhor chegará à alvorada, sir Augustus!

Sir Augustus aceitou e se reclinou.

— Muito bem. Irei a cavalo com o batalhão. — Olhou com hostilidade para Sharpe. — Pode me assegurar que tratarão lady Farthingdale com respeito?

Suas palavras constituíam um insulto ultrajante, mas Sharpe pensou nos ciúmes que, muito possivelmente, um homem mais velho sentiria de sua jovem esposa. Decidiu dar-lhe uma resposta adequada.

— Certamente, senhor. — Voltou-se para Nairn e lhe fez uma pergunta. — Temos os fuzileiros, senhor?

Nairn sorriu de novo com gesto travesso e lhe estendeu uma carta.

— O terceiro parágrafo começando de baixo, major. Vêm a caminho.

Sharpe leu a carta e compreendeu o gesto de Nairn. A carta tinha sido ditada por Wellington a seu secretário militar, e o general dava sugestões explícitas de como deviam derrotar a Pot-au-Feu. O terceiro parágrafo começava: “Lhe aconselho que seja o major Sharpe, neste momento sem ocupação, e acho que com duas companhias de fuzileiros poderia levar a cabo o resgate antes que chegue o batalhão de castigo. Com este fim, e acreditando que considerarão esta

medida adequada, dei ordens a duas companhias do 60º para que se apresentem no quartel general".

Sharpe ergueu a vista, olhou para Nairn e sorriu amplamente.

— É interessante comprovar que tenhamos chegado às mesmas conclusões.

— É evidente que sim, senhor.

— Console-se com a ideia de que ele não pensou em utilizar o esquadrão de foguetes. Contudo, o general pediu aos guerrilheiros que nos ajudem. Certa cavalaria irregular pelas colinas nos facilitará as coisas.

Sharpe se perguntava se Teresa receberia a mensagem. Talvez pudesse vê-la no Natal. Sentiu-se animado e comprazido. Nairn pegou a carta e virou a folha. Estava sério.

— Contudo, os guerrilheiros não devem apropriar-se do êxito. Toda Espanha acredita que as tropas inglesas estupraram as mulheres daquela cidade e saquearam a igreja. O novo sermão que se dará nas igrejas será que as tropas inglesas vingaram o massacre e que todo mundo está a salvo sob a proteção de nossa bandeira.

Era evidente que parafraseava a carta, depois a largou e sorriu para Sharpe.

— Disse àqueles sacanas que tinham até o Ano Novo?

— Sim, senhor.

— Bem, então rompa sua promessa, major. Vá e mate-os no Natal.

— De acordo, senhor.

Nairn olhou pela janela. Havia parado de chover e o céu estava se limpando, mostrando-se de novo azul. O escocês sorriu.

— Boa caça, senhores. Boa caça.

Capítulo 7

O capitão dos fuzileiros tinha um aspecto vil. Era caolho do olho esquerdo e cobria o espaço com um couro negro debruado de verde. Faltava a maior parte de sua orelha direita e dois de seus dentes haviam sido reduzidos a raízes. Tudo isso sequelas dos campos de batalha.

Ficou em sentido na frente de Sharpe e lhe cumprimentou, mas aquela precisão militar ficou diluída pelo receio que mostrava seu tom de voz.

— Capitão Frederickson, senhor.

Frederickson tinha um aspecto ágil e espigado, duro como o bronze dos fuzis de seus homens.

O segundo capitão, mais robusto e menos confiado, desenhou um sorriso enquanto lhe cumprimentava.

— Cross, senhor. Capitão Cross.

O capitão Cross queria agradar ao major Sharpe, o capitão Frederickson não se importava em absoluto.

Tinha se alegrado enormemente com sua promoção, mas agora lhe surpreendia ver-se tão nervoso. Assim como Cross queria agradar a Sharpe, Sharpe queria agradar aos homens que estavam sob suas ordens. Tentava acreditar que se se mostrasse amigável, acessível e amável, os homens o seguiriam com mais entusiasmo. Contudo, a amabilidade não era o caminho para a lealdade e sabia que devia resistir a essa tentação.

— Do que ri, capitão?

— Senhor?

Os olhos de Cross se cravaram em Frederickson, mas o caolho olhava com dureza para frente. O sorriso se desvaneceu.

Ambos os capitães com suas companhias constituíam o grupo que Sharpe ia dirigir pela Entrada de Deus, para a difícil missão noturna, e lá não teria lugar para um homem amigável, acessível, razoável e amável. Com o tempo talvez chegasse a lhes agradar, mas a princípio tinham de sentir antipatia por ele porque lhes ditava ordens, porque a lealdade se baseava no respeito.

— Quantos são?

Frederickson respondeu primeiro, tal e como Sharpe supunha.

— Setenta e nove homens, senhor. Quatro sargentos e dois tenentes.

— Munições?

— Oitenta cartuchos, senhor.

Aquela resposta por mais firme que fosse, era mentira. A pólvora britânica era a melhor do mundo e a maioria de soldados ganhava alguns poucos peniques extras vendendo cartuchos aos aldeãos. Contudo, a resposta de Frederickson também implicava que a falta de cartuchos não era assunto de Sharpe. Ele, Frederickson, se asseguraria de que seus homens entrassem em batalha com a cartucheira cheia. Sharpe olhou para Cross.

— Capitão?

— Cinquenta e oito homens, senhor. Quatro sargentos e um tenente.

Sharpe olhou para as companhias que formavam na praça de *Frenada*. Os homens estavam cansados, desgrenhados, esperando romper filas. Acabavam de chegar de *Coa* e necessitavam do calor de um alojamento, bebida e comida. Havia meia dúzia de cavalos de propriedade dos oficiais na frente das filas de soldados vestidos com casacas verdes. Sharpe olhou para o sol. Restavam três horas de luz.

— Levaremos munição adicional. Está decidido. Direi a seus sargentos onde está.

Cross consentiu.

— Senhor.

— Esta noite percorreremos dezesseis quilômetros. Os cavalos dos oficiais ficarão aqui.

Virou-se para partir mas uma exclamação de surpresa do capitão Cross o deteve.

— Capitão?

— Nada, senhor.

Frederickson sorria, só sorria.

Passaram a noite ao relento, com um frio de mil demônios, montando refúgios com galhos e cozinhando a carne em panelinhas. Os fuzileiros nunca levavam os grandes caldeirões de Flanders do exército que deviam ir em mulas porque eram muito pesados. Para esquentar um daqueles caldeirões se necessitava de todo um tronco e as tropas ligeiras de Wellington tão somente levavam as panelas pequenas que subtraíam dos inimigos que matavam, assim como faziam com as cômodas mochilas, e Sharpe olhou com satisfação os trinta pequenos fogaréus. Sua companhia também estava ali, minguada porque o verão de 1812 havia causado muitas baixas. O tenente Price, três sargentos, e somente vinte e oito homens formavam o grupo de atiradores do South Essex, e só nove deles, além de Harper, haviam formado parte da antiga companhia do 95º que ele havia salvado da retirada de A Corunha há quatro anos. Price compartia um dos fogos com Sharpe, olhou para seu comandante e estremeceu.

— Não podemos ir com o senhor, senhor?

— Você usa casaca vermelha, Harry.

Price jurou.

— Tudo sairá bem, senhor.

— Não, não sairá bem. — Sharpe tirou uma castanha do fogo com sua faca. — Terão muito trabalho no dia de Natal, Harry. De verdade.

Price respondeu ressentido.

— Sim, senhor. — Então, incapaz de ficar triste durante muito tempo, sorriu e sinalizou com um gesto os fogos do acampamento. — O senhor os animou muito, senhor. Nem se imagina o quanto se surpreenderam.

Sharpe passou a rir. Dois dos tenentes estavam mancando depois de uma marcha de dezesseis quilômetros, não estavam acostumados a caminhar. Os fuzileiros se resignavam. Sharpe era só um sacana mais que lhes havia negado uma cama quente, a oportunidade de uma garota cálida e lhes havia obrigado a dormir ao ar livre em uma fria noite de dezembro. Price amaldiçoou porque havia queimado os dedos com uma castanha.

— Decididamente, senhor, estão intrigados.

— Intrigados?

— Nossos garotos falaram com eles. Contaram algumas coisas. — Sorriu ao conseguir descascar a castanha. — Contaram que a gente que luta para Sharpe

vive muito tempo.

— Por Deus, Harry! Também não tem que exagerar!

Price mastigava alegremente.

— São homens duros, senhor. Tudo irá bem.

Eles também eram duros. Os homens do 60º regimento, o dos Fuzileiros Reais Americanos criado na colônia antes da revolução, haviam sido treinados como atiradores certeiros, caçadores à espreita e assassinos nas profundidades do bosque, mas desde que perderam a América, as filas do regimento se haviam enchido de britânicos e alemães exilados. No mínimo, a metade dos homens eram alemães e Sharpe havia descoberto que Frederickson era filho de mãe inglesa e pai alemão e falava ambos os idiomas com fluidez. O sargento Harper havia descoberto o irônico sobrenome com o qual a companhia de Frederickson havia batizado seu capitão; o capitão William Frederickson, um dos mais duros do exército, havia se convertido em William o doce.

William o doce se aproximou do fogo de Sharpe.

— Posso falar com o senhor, senhor?

— Adiante.

Frederickson se agachou mostrando um olhar maléfico.

— Há contrassenha para esta noite, senhor?

— Contrassenha?

Frederickson deu de ombros.

— Gostaria de sair em patrulha, senhor.

Sua intenção não era pedir permissão. Para os capitães do 60º, pedir permissão constituía uma ofensa. Este regimento não lutava em batalhões, como outros, dividia-se em companhias que se uniam às divisões do exército para reforçar as linhas de atiradores. As companhias do 60º eram os órfãos do exército e se sentiam orgulhosos de sua solidão.

Sharpe sorriu com certa ironia. Naquele país não era necessário patrulhar; Portugal, um país seguro e amistoso.

— Quer levar uma patrulha, capitão.

— Sim, senhor. Alguns de meus homens gostariam de um pouco de treinamento noturno.

— Quanto tempo?

O homem de rosto magro e tapa-olho olhou as chamas e depois para Sharpe.

— Três horas, senhor.

Tempo suficiente para ir à povoação que haviam deixado para trás ao anoitecer e entrar na granja que havia sobre a colina atrás da igreja. Sharpe também tinha ouvido os ruídos e havia experimentado a mesma sensação de fome que Frederickson. Portanto queria uma contrassenha para retroceder e cruzar a linha de piquetes?

— Costeleta de porco, capitão.

— Senhor?

— Essa é a contrassenha. E o preço que peço. Esboçou um leve sorriso.

— Seus homens dizem que não aprova o roubo, senhor.

— Nunca me agradei ver como a polícia militar enforca os homens por saque. — Sharpe meteu a mão em sua bolsa e lançou uma moeda para Frederickson —, deixe isto na porta da granja.

Frederickson consentiu.

— Farei isso, senhor — disse se levantando.

— E capitão...

— Senhor?

— Gosto das costeletas do centro. As que levam os rins.

O sorriso se intuiu na escuridão.

— Sim, senhor.

Comeram o porco ao anoitecer do dia seguinte, ocultos em um carvalhal depois de um longo dia de marcha. Nessa noite não descansariam, tinham que avançar, cruzar o rio e subir até as colinas. Sharpe os fez formar, deixou-os sem mochilas, cantis, bolsas, gabães e chapéus e observou os sargentos que revistavam os homens e seus equipamentos em busca de bebida. Nessa noite e no dia seguinte, nenhum homem podia correr o risco de ficar bêbado, e os fuzileiros viram com mau-humor como jogavam suas bebidas fora. Depois, Sharpe mostrou uns cantis.

— Conhaque. — Os homens se alegraram um pouco. — Repartiremos amanhã para vencer o frio. E uma vez terminado o trabalho, poderão beber até se saciarem.

Aquela noite subiram por uma paisagem escura de rochas rachadas e sombras lúgubres; os uivos dos lobos lhes retumbavam nos ouvidos. Os lobos quase nunca atacavam os homens, apesar de que Sharpe havia visto um saltar sobre um cavalo atado, dar-lhe uma mordida na anca e perder-se assustado na escuridão debaixo de uma inútil descarga de mosquete. Seguiram subindo para o leste; a lua que aparecia e desaparecia dificultava para Sharpe a tarefa de reconhecer os sinais que havia memorizado durante sua visita ao convento. Caminharam para o norte da Entrada de Deus e, depois de meia-noite, dirigiu os soldados para o sul. O avanço agora era mais fácil porque já havia concluído a subida. Temia a chegada da alvorada. Tinham que se esconder antes que os guardas de Pot-au-Feu pudessem esquadrinhar desde a torre em busca de intrusos.

Tinham se aproximado demais, mas não foi consciente disso até que um sentinela jogou ao fogo um cratego inteiro e as chamas cresceram de repente e iluminaram as pedras da atalaia. Sharpe pediu silêncio. Estavam realmente muito perto. Retrocederam e justo antes do amanhecer, encontraram um barranco.

O barranco era perfeito, salvo que ficava muito perto do convento. Um major, dois capitães, quatro tenentes, onze sargentos e cento e sessenta e cinco soldados se escondiam no barranco. Deviam se ocultar durante todo o dia.

Era uma forma um tanto estranha de passar o dia da véspera de Natal. Na Grã-Bretanha, estariam preparando a comida da ceia de Natal. Haveria gansos depenados pendurados nas paredes das granjas junto a deliciosos presuntos defumados. Fariam pudins de ameixas junto às lareiras onde se cozinharia a cabeça de porco. Nas casas dos ricos, os serventes tirariam as cabeças de porco do barril de maceração e as rechearam com carne picada. Fariam bolos de Natal, de novilho e vaca, e enquanto os panetones, típicos de Natal, estariam cozendo em fornos de tijolos e seu aroma se misturaria com o da cerveja recém-elaborada. A luz do fogo se refletiria em garrafas de vidro, cheias de vinho caseiro, e no recipiente aonde iam se misturar as especiarias e o vinho quente do brinde. No Natal, todo mundo deveria ficar ao calor de uma lareira envolvido no vapor dos alimentos cozinhados, e pensando apenas na celebração.

Sharpe se perguntava se aqueles homens se ressentiriam de ter que passar o

Natal na guerra, ainda que conforme avançava a fria véspera de Natal, descobriu que sentiam certo orgulho por terem sido escolhidos para aquela tarefa. Haviam alimentado um ódio amargo pelos desertores e Sharpe suspeitava que aquele ódio se devesse, em parte, à inveja. A maioria dos soldados pensava, em um momento ou outro, na deserção, mas muito poucos chegavam a desertar, e todos sonhavam com um paraíso perfeito onde não existisse a disciplina e sim o vinho em abundância e muitas mulheres. Pot-au-Feu e Hakeswill quase haviam conseguido alcançar esse sonho e os homens de Sharpe lhes castigariam por se atrever a realizar o que eles tinham sonhado.

Frederickson achou que Sharpe estava pensativo. Sentou-se de um lado do barranco, junto de Sharpe e Harper, e fez um movimento de cabeça.

— É porque são românticos, senhor.

— Românticos? — o adjetivo o surpreendeu vindo de William o doce.

— Olhe para os sacanas. A metade deles mataria por dez xelins ou menos. São uns bêbados, roubariam o anel de casamento de suas mães por meio litro de rum. Jesus! São uns canalhas! — sorriu olhando-os com carinho, depois se levantou, ergueu uma borda desfiada de seu tapa-olho e futucou na ferida com o dedo. Parecia um gesto normal e inconsciente. Limpou o dedo na casaca. — Deus sabe que não são santos, mas estão preocupados com as mulheres do convento. Gostam da ideia de resgatar as mulheres. — Frederickson torceu a boca esboçando um sorriso. — Todo mundo odeia ao maldito exército até que se tem que resgatar alguém, então somos verdadeiros heróis e salvadores — acrescentou rindo.

Quase todos os homens tinham dormido de vez em quando durante a manhã, enquanto os casacas-vermelhas de Price montavam guarda. Agora asses homens dormiam amontoados enquanto os piquetes do capitão Cross vigiavam a borda do escarpado. Suas cabeças quase não eram visíveis. Sharpe havia visto silhuetas no torreão da atalaia e, depois do meio-dia, haviam aparecido pelo leste três homens a cavalo. Sharpe tinha suposto que formavam uma patrulha, mas desapareceram em uma cavidade e não saíram de lá até uma hora depois. Achou que estiveram bebendo e depois regressaram ao vale informando que tinham patrulhado sem novidade.

A maior preocupação de Sharpe era o frio. A noite havia sido mais fria, mas os homens tinham se movido, enquanto que agora permaneciam imóveis, sem poder acender fogueiras, e o vento que soprava pelo esconderijo, e que às vezes

trazia chuvisco, gelava a todos. Quando a patrulha desapareceu, Sharpe iniciou um jogo infantil cujo limite era o imaginário contorno do barranco e cuja regra principal era o silêncio. O jogo durou mais de duas horas e assim conseguiu manter os homens quentes. Quando um oficial entrava no jogo, o alvoroço crescia. Tratava-se de jogar o outro jogador ao piso e Sharpe já havia acabado duas vezes no chão, com os ossos moídos, e as duas vezes tinha respondido indo em busca do mesmo homem. Agora que já começava a anoitecer, os homens que estavam sentados com suas armas se ocupavam em preparar o assalto.

Patrick Harper tinha a espada de Sharpe. Ele mesmo a havia comprado e preparado e presenteara a Sharpe quando todos pensavam que ia morrer no hospital militar de Salamanca. Era uma pesada espada de cavalaria, enorme e de lâmina reta, difícil de manejar devido a seu peso, mas era uma boa arma se fosse manejada com força. Leroux, o francês que tinha disparado em Sharpe e o levara tão perto da morte, perdeu a vida com essa espada. Harper afiou a lâmina com sua pedra, sabia muito bem como fazê-lo, e a estendeu para Sharpe.

— Aqui está, senhor. Como nova.

Depois começou a se ocupar de sua arma de sete canos que havia deixado Frederickson maravilhado. Seria a única arma carregada que entraria no convento com o primeiro destacamento. Os homens desse destacamento tinham sido cuidadosamente escolhidos, a flor e nata das três companhias, e atacariam unicamente com espadas, facas e baionetas. Sharpe dirigiria o destacamento. Harper iria atrás dele e o sinal para que o restante dos fuzileiros comparecesse seria um disparo da arma do sargento irlandês. Harper pegou a arma, futucou a chaminé com arame, soprou e sorriu comprazido.

— Bolo de carne, senhor.

— Bolo de carne?

— É o que estaríamos comendo em casa. Bolo de carne de cordeiro, batatas e mais bolo de carne. Minha mãe sempre prepara bolo de carne de cordeiro para Natal.

— Nós comíamos ganso — disse Frederickson. — E uma vez comemos cisne assado. Vinho francês. — Sorriu enquanto introduzia uma bala em sua arma. — Bolos de carne picada. Isso sim que enche. Boa carne de novilho picada.

— Para nós davam bucho — disse Sharpe.

Frederickson o olhou com incredulidade, mas Harper respondeu com um sorriso para o capitão caolho.

— Se lhe perguntar amavelmente, senhor, ele contará o que queira da vida no orfanato.

Frederickson olhou para Sharpe.

— É verdade?

— Sim. Cinco anos. Desde os quatro.

— E lhe davam bucho no Natal.

— Isso com um pouco de sorte. Bucho e ovos duros, chamavam de carne picada. Costumávamos passar muito bem no Natal. Não havia trabalho.

— Quê, trabalho?

Harper sorriu porque já tinha ouvido essas histórias antes.

Sharpe voltou a apoiar a cabeça na mochila e observou as nuvens escuras e baixas.

— Costumávamos desfazer as maromas, as que ficam recobertas de alcatrão. Obtinha-se uma corda de vinte centímetros, dura como a pele gelada, e as crianças com menos de seis anos tinham que desfazer dois metros por dia. — Sorriu. — Vendiam aquele material a calafetadores e tapeceiros. Mas isso não era tão ruim como a sala dos ossos.

— A o quê?

— A sala dos ossos. Alguns meninos trituravam ossos até convertê-los em pó, e com esse pó se fazia uma espécie de pasta. A metade do marfim que se compra não é mais que pasta de osso. Por isso gostávamos do Natal. Não havia trabalho.

Frederickson parecia fascinado.

— Então o que ocorria no Natal, senhor?

Sharpe se pôs a recordar. Havia esquecido muitas coisas. Em uma ocasião conseguiu escapar do orfanato, havia tentado esquecer todas aquelas lembranças. Agora eram tão remotas que parecia que pertenciam a outro homem muito menos afortunado.

— Íamos à missa pela manhã, isso o recordo. Tínhamos que escutar um sermão no qual nos asseguravam o quanto éramos afortunados. Depois a comida.

Bucho. — Sorria.

— E pudim de ameixas, senhor. O senhor me disse que uma vez lhe deram pudim de ameixas. — Harper estava carregando sua arma.

— Sim, uma vez. Era um presente de alguém. Naquela tarde nos visitava a alta sociedade. Meninos e meninas iam de mãos dadas com suas mães para ver como os órfãos viviam. Deus! Nós os odiávamos! Era o único dia em todo o inverno que esquentavam o edifício. Não podiam permitir que os filhos dos ricos pegassem um resfriado por visitar os pobres. — Levantou sua espada e ficou olhando a lâmina reflexivamente. — Mas isso faz muito tempo, capitão, muito tempo.

— Já voltou lá alguma vez?

— Não — respondeu Sharpe sentando-se, fez uma pausa. — Tinha pensado em fazê-lo. Seria agradável voltar, vestido de uniforme e com isto — levantou de novo a espada e sorriu com certa ironia. — Provavelmente tudo já mudou. Os canalhas que o dirigiam terão morrido e é possível que as crianças durmam em camas e comam três vezes por dia e não saibam como são afortunados — disse enquanto se levantava para embainhar a espada.

Frederickson sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— Não acredito que tenha mudado muito.

Sharpe deu de ombros.

— Não importa, capitão. As crianças são criaturas muito resistentes. Se as deixam a sua própria sorte e se recuperam — falou em um tom brutal porque ele havia se recuperado, e se afastou de Frederickson e Harper porque a conversa o fazia pensar em sua própria filha.

Já seria velha o bastante para se emocionar com as festas de Natal? Não sabia. Pensou em seu pequeno rosto redondo, seu cabelo escuro (era escuro como o seu, da última vez que a havia visto), e se perguntou que tipo de infância estaria vivendo. Uma vida sem um pai, uma vida que havia nascido da guerra, sabia que não queria deixá-la sozinha na vida.

Esteve falando com os homens, conversava amavelmente e escutava suas piadas, consciente dos medos que ocultavam. Fez que os sargentos repartissem outros doze cantis com conhaque e se sentiu comovido quando os homens lhe ofereceram alguns goles da apreciada bebida. Deixou o seu próprio destacamento para o final. Os quinze homens estavam sentados formando um

grupo e davam os últimos retoques em suas baionetas já afiadas. Tinha oito alemães que falavam inglês bastante bem para entender as ordens urgentes, fez um gesto para que se sentassem e com a formalidade própria de sua raça começaram a se sentar.

Gestos e sorrisos. “Sim, senhor”. Parecia que estavam gelados.

Um homem magro como uma baqueta, umedeceu os lábios enquanto passava um pedaço de couro engordurado por sua baioneta. Ergueu a lâmina para vê-la contra a luz mortiça do entardecer e pareceu ficar satisfeito. Largou a baioneta no solo com cuidado meticuloso, dobrou o pedaço de couro e o meteu em uma capa impermeável. Ergueu o olhar, observou o interesse de Sharpe e, sem mediar palavra, estendeu-lhe a baioneta para o major. Sharpe passou o polegar pela lâmina afiada. Incrível! Parecia uma lâmina de barbear.

— Como faz para que fique tão afiada?

— Com constância, senhor, constância. Trabalhando-a cada dia.

O homem pegou a baioneta e a introduziu em sua bainha.

Outro homem sorriu para Sharpe.

— Taylor gasta uma baioneta por ano. Ele as afia demais. Deveria ver seu fuzil, senhor.

Era evidente que Taylor era um exemplo para toda a companhia e, acostumado a chamar a atenção, havia estendido sua arma para Sharpe.

Também estava muito cuidada, como a baioneta. A madeira estava engraxada e muito bem polida. Havia moldado a culatra com uma faca, e tinha deixado uma empunhadura mais estreita atrás do gatilho, tinha recoberto a cantoneira com uma pele segura com rebites de cobre. Sharpe puxou o percussor depois de comprovar que não estivava carregada, parecia que a pederneira não estava bem, Sharpe tocou o gatilho e a arma disparou quase sem que tivesse que fazer pressão com o dedo. O homem magro sorriu:

— Bem limado, senhor.

Sharpe lhe devolveu o fuzil. A voz de Taylor lhe recordava a do major Leroy do South Essex.

— É americano, Taylor?

— Sim, senhor.

— Lealista?

— Não, senhor. Fugitivo. — Taylor parecia um homem sério e lacônico.

— Fugitivo do quê?

— Mercante, senhor. Escapei em Lisboa.

— Matou o capitão, senhor — afirmou outro homem com um sorriso de respeito.

Sharpe olhou para Taylor. O americano deu de ombros.

— De que parte você é?

Os frios olhos se cravaram em Sharpe como se a mente que havia detrás meditasse se devia responder ou não. Voltou a dar de ombros.

— De Tennessee, senhor.

— Nunca ouvi falar do Tennessee. Preocupa-o que estejamos em guerra com Estados Unidos?

— Não, senhor.

A resposta de Taylor parecia indicar que seu país se arrumaria bastante bem sem sua ajuda.

— Ouvi falar, senhor, que tem um homem em sua companhia que acredita que sabe disparar.

Sharpe sabia que se referia a Daniel Hagman, o atirador do South Essex.

— Sim.

— Diga-lhe que Thomas Taylor é melhor, senhor.

— A que distância?

Os olhos olharam para Sharpe inexpressivos. Outra vez parecia meditar a resposta.

— Acerto um alvo a cento e oitenta metros.

— Hagman também.

Sorriu de novo.

— Refiro-me a que acerto em um dos olhos do inimigo, senhor.

Evidentemente era uma presunção impossível, mas Sharpe gostou do ânimo com que o dizia. Supôs que Taylor seria um homem difícil de mandar, mas a

maioria dos fuzileiros o era. Se lhes animasse a ser independentes, a pensar por si próprios no campo de batalha, e os regimentos de fuzileiros haviam descartado muitas das antigas normas de disciplina e confiavam mais na capacidade motivadora da moral. Supunha-se que um oficial novo no 95º ou no 60º devia treinar a tropa, aprender as qualidades dos homens a quem daria ordens na batalha, e esse era um severo aprendizado para alguns, apesar da confiança e do respeito que demonstravam ambas as partes. Sharpe estava seguro daqueles homens. Lutariam, mas o que ocorreria com os homens de Pot-au-Feu que havia no convento? Todos eram soldados instruídos e sua única esperança, que parecia desvanecer-se junto com o dia frio, era que os desertores estivessem completamente bêbados.

Era de noite, véspera de Natal, e as nuvens cobriam o céu de maneira que nenhuma estrela os guiava. Na Inglaterra, nas igrejas paroquiais se entoariam as canções de Natal. “Que o céu nos deixe tocar as notas melodiosas e nos una à corte angelical”. Sharpe se lembrou dos sermões do orfanato. “Paz na terra aos homens de boa vontade”. Aquela noite não teria homens de boa vontade. Da escuridão emergiriam espadas, baionetas e a morte. Véspera de Natal de 1812, na Entrada de Deus haveria gritos e dor, ira e sangue, e Sharpe pensou nas mulheres inocentes do convento e deu rédea solta a sua ira. “Esperemos — se disse —, esperemos a chegada da noite”, e sentia dentro de si o fulgor da batalha, e queria que Hakeswill morresse, queria que a noite chegasse.

E a escuridão invadiu a noite de Natal. Os lobos vagueavam pelos picos serrados, o vento trazia frio do oeste, e os homens com casacas verdes esperavam, trêmulos, e seus corações hospedavam a vingança e a morte.

Capítulo 8

Era uma noite tão escura como a que precedeu à Criação. Uma escuridão absoluta, uma escuridão que nem sequer permitia vislumbrar o horizonte, uma noite de nuvens e sem lua. Noite de Natal.

Os homens produziam ruidinhos enquanto esperavam na depressão. Eram como animais que se entocavam para se defender de um frio cortante. Um chuvisco suave se entremesclava com a angústia.

Sharpe se adiantaria com seu grupo reduzido, depois Frederickson, o capitão mais veterano, encabeçaria o grosso dos fuzileiros. Harry Price devia esperar no exterior do convento até que abrissem fogo, ou até que, coisa impensável, fosse obrigado a cobrir uma retirada na escuridão.

Era uma noite em que o fracasso se representava uma e outra vez na mente de Sharpe. Havia olhado pela borda da vala ao crepúsculo e havia olhado fixamente por longo tempo para a rota que devia tomar na escuridão, mas e caso se perdesse? E se algum tonto desobedecesse às ordens e avançasse com o fuzil carregado, tropeçasse, e rompesse o silêncio da noite com um disparo acidental? E se não houvesse caminho para descer pelo lado norte do vale? Sharpe conhecia a existência de arbustos espinhosos nos flancos do vale e ele imaginava a si mesmo dirigindo suas tropas por entre os crategos e se enganchando e então esse pessimismo desapareceu de sua cabeça. Mas não totalmente, persistia. E se tivessem transferido os reféns e não os encontrasse no convento? Talvez estivessem mortos. Perguntava-se que tipo de mulher jovem e rica teria se casado com sir Augustus Farthingdale. Essa dama provavelmente consideraria que Sharpe era uma espécie de selvagem tremendamente desagradável.

A frase da canção de Natal ecoava persistente em sua cabeça, outra visita inoportuna a seus pensamentos. “Paz na terra aos homens de boa vontade”. Nesta noite não.

Sua intenção era ir à meia-noite, mas a noite era muito fechada para que Frederickson ou qualquer outro que tivesse relógio pudesse vê-lo e o frio era muito intenso para esperar ali interminavelmente. Os homens estavam entorpecidos e sonolentos por causa do frio, gelados até os ossos por culpa do vento do oeste, e Sharpe decidiu ir antes.

E havia luz. Era um resplendor, como uma névoa no ar produzida pelas fogueiras que havia no vale. O resplendor não se percebia da depressão, mas enquanto Sharpe guiava sua tropa para o sul, dando tropeções contra o terreno rachado, a crista do extremo norte do vale se recortava para o resplendor dos fogos no ar. Vislumbrava ligeiramente a ladeira no cume que ele tinha marcado como alvo, e o vislumbre da vereda que ziguezagueava para a esquerda e direita e depois continuava para as chamas que dominavam o vale de Adrados.

Tão somente carregavam armas e munições. Haviam deixado as mochilas, os cobertores e os cantis na depressão. Esse equipamento poderia ser recolhido pela manhã, mas esta noite lutariam sem carga. Os fuzileiros tirariam os gabães antes do ataque, e mostrariam seus uniformes verde-escuro que seriam seus distintivos esta noite. Os homens de boa vontade.

Sharpe parou ao ouvir um som na frente dele, e durante uma fração de segundo temeu que o inimigo tivesse uma linha de piquetes na margem do vale. Escutou melhor e relaxou. Era o som da farra, vivas e risos, o rugido das vozes dos homens. Noite de Natal.

“Uma noite maldita para nascer”, pensou Sharpe. No meio do inverno, quando a comida escasseia e os lobos rondam perto das povoações. Talvez na Palestina não fizesse tanto frio, e talvez os pastores que viram os anjos não tivessem que se preocupar com os lobos, mas o inverno seguia sendo inverno em toda parte. Sharpe sempre imaginara a Espanha como um lugar quente, e assim era no verão quando o sol abrasa as planícies até reduzi-la a cinzas, mas o inverno era gelado e pensou no que devia ser nascer em um estábulo onde o vento corta como uma navalha entre os rangidos das vigas de madeira. Seguiu conduzindo-os para a Entrada de Deus, uma linha escura de homens providos de facas sob a noite.

Atirou-se ao solo na margem do vale. Viam-se crategos escuros na ladeira que tinha diante de si o vale estava iluminado pelos fogos que haviam no castelo, no convento, na atalaia e na aldeia, e, glória a Deus nas alturas, havia uma vereda que descia formando um ângulo por entre os crategos.

Os risos provinham do convento. Sharpe viu homens perfilados pelos fogos no grande pátio do castelo. Fazia muito frio.

Girou a cabeça e sussurrou para seus homens.

— Recontagem!

— Um.

Era Harper.

— Dois.

Era um sargento alemão chamado Rossner.

— Três.

Thomas Taylor.

Frederickson havia se deitado junto de Sharpe, mas ficou em silêncio enquanto os homens iam se contando na escuridão. Todos estavam ali. Sharpe indicou o pé da ladeira, lá onde o escuro caminho que se estendia entre os arbustos desembocava em um pasto desigual que as luzes dos fogos manchavam de vermelho e negro.

— Esperem na linha das árvores.

— Sim, senhor.

Os homens de Frederickson teriam que cobrir apenas cinquenta metros desde as bordas dos arbustos até a porta do convento. Avançariam quando ouvissem o estampido da espingarda de sete canos, ou se ouvissem uma descarga de mosquetes, mas não se importariam com um disparo isolado de mosquete. Em uma noite como esta, uma noite de bebida e de celebração, um disparo solto não seria estranho. Se Frederickson não ouvisse nada durante quinze minutos, tinha que avançar igualmente. Sharpe olhou para o capitão cujo tapa-olho negro lhe conferia uma aparência espectral na escuridão; este homem começava lhe agradar.

— Seus homens estão bem?

— Pensando no prazer, senhor.

Os homens de boa vontade.

Sharpe fez seu grupo avançar. Olhou uma vez para a direita. Ao longe, em Portugal, um ponto de luz palpitava como uma estrela vermelha. Uma fogueira na linha fronteiriça.

A vereda era escarpada. Estava escorregadia por causa do chuvisco, e um dos homens de Sharpe escorregou e foi cair contra uma bagunça de galhos espinhosos. Todos estavam gelados. Os espinhos dos arbustos rangiam e se rompiam quando os homens tentavam se liberar deles a puxões.

Sharpe viu, na grande porta com arcos do convento, uma única abertura de luz que mostrava que as portas estavam ligeiramente entreabertas. Ouviam gritos e risos que provinham do edifício, e o estouro de uma taça e zombarias sonoras. Percebiam-se vozes de mulheres entre as dos homens. Ele avançava lentamente, assegurava cada passo, sentia a excitação, pois a vingança pelos insultos recebidos em sua última visita eram muito recentes.

A porta se abriu. Ele se deteve, os homens que iam atrás dele também se detiveram, e perceberam duas figuras na arcada do convento. Um homem, com um mosquete ao ombro, golpeava outro nas costas e o empurrava para a estrada. Por cima dos sons da bagunça se ouvia com clareza o ruído do homem que vomitava. Deu um chute contra o solo, soprou as mãos, e Sharpe ouviu como seu companheiro gritava para o homem que se encontrava mal que entrasse. A porta se fechou atrás deles.

Agora a ladeira era mais suave e Sharpe se arriscou e deu uma olhada para trás e lhe surpreendeu o desprotegidos e visíveis que eram seus homens. Certamente tinham que vê-los! Contudo ninguém havia dado o alarme desde o vale, nenhum disparo havia rompido a noite, e então estavam no limite dos arbustos e fez seus homens pararem.

— Taylor e Bell?

— Senhor?

— Boa sorte aos dois.

Os dois fuzileiros, com os uniformes ocultos sob os gabães, avançaram para o convento. Sharpe teria gostado de levar a cabo ele mesmo este trabalho, mas corria o perigo de que um sentinela o reconhecesse, a ele ou a Harper. Tinha que esperar.

Ele os havia escolhido cuidadosamente, pois matar um homem em silêncio com uma lâmina nua não era um trabalho para principiantes. Bell tinha aprendido a técnica nas ruas de Londres, Taylor pelo resto do mundo, mas os dois eram de confiança. Seu trabalho consistia simplesmente em matar os sentinelas da entrada.

Não fizeram nada para dissimular que se aproximavam. Golpeavam com os pés a estrada, suas vozes articulavam mal, como se estivessem bêbados, e Sharpe ouviu as maldições que lançou Bell quando o fuzileiro pisou os vômitos ao pé da escada. A porta se abriu e o sentinela deu uma olhada. Abriu-a totalmente e ali

havia um segundo homem, com o mosquete pendurado.

— Venha! Faz um frio impressionante!

Um braseiro fumegava atrás deles.

Taylor se sentou no degrau inferior e começou a cantar. Levantou uma garrafa que Sharpe lhe dera.

— Tenho um presente para você — ia cantando uma e outra vez ao mesmo tempo em que ria.

Bell se inclinou ante eles.

— Um presente!

— Deus! Venha!

Bell fez um sinal para Taylor.

— Não pode andar.

Seguia mantendo a garrafa no alto. Os dois sentinelas desceram a escada amavelmente e um deles foi pegar a garrafa e nunca chegou a ver a mão direita que extraiu a lâmina afiada do gabão, a brandiu, e a mão direita do sentinela estava tocando a garrafa quando a lâmina de Taylor lhe penetrou sob a axila, dirigiu-se ligeiramente para cima, direta para o coração e as artérias. Taylor continuava segurando a garrafa, mas agora também segurava o peso do homem morto.

Bell sorriu com cinismo para o segundo sentinela, justo quando o alarme se apoderava de seu rosto e o londrino seguiu sorrindo enquanto sua faca cortava qualquer grito que pudesse proferir a garganta daquele homem. Sharpe viu como o corpo se sacudia, resistia, e os dois fuzileiros conduziram os dois cadáveres para a escuridão.

— Vamos!

Fez o restante de seus homens avançarem. Frederickson esperava ao pé da ladeira; começava a lenta contagem dos quinze minutos ou o som do disparo, sinal para o início da vingança de Adrados.

A escada do convento estava suja pelo sangue das vítimas de Bell, e as botas de Sharpe iam deixando escuras marcas no corredor da entrada junto ao braseiro. Dirigiu-se sozinho até o claustro superior, pisando as sombras das arcadas, e parecia que o claustro estava deserto. Os gritos e os risos procediam do claustro

interior, mas enquanto esperava e seus olhos reconheciam o pátio, ouviu gemidos e umas vozinhas provenientes da escuridão. O corredor que tinha diante ele, pelo qual escoltaram a ele e a Dubreton para ver a mulher que tinham marcado de puta, estava vazio, a porta e a grade abertas. Levantou a mão esquerda e estalou os dedos e conduziu seus homens sob a escuridão da arcada, lentamente. As botas ressoavam no piso calçado. O braseiro iluminava as lajotas junto ao tanque.

A porta da capela estava aberta e, quando Sharpe passou, uma mão surgiu e o agarrou pelo ombro esquerdo. Ele sacudiu a mão, movendo o punho direito, e depois se deteve. Uma mulher cambaleava e pestanejava, e atrás dela brilhavam umas velas, do outro lado da porta aberta da grade.

— Vem, querido? — sorriu para Sharpe, depois cambaleou contra a porta.

— Vá dormir.

A voz de um homem que falava em francês chamou do interior da capela. A mulher sacudiu a cabeça.

— Ele não está bem, querido. Conhaque, conhaque, conhaque.

Um menino, que ainda não teria três anos, aproximou-se de sua mãe e olhou para Sharpe com solenidade enquanto chupava seu polegar. A mulher olhou para Sharpe com os olhos semicerrados.

— Quem é você?

— Lorde Wellington.

A voz francesa voltou a gritar e se ouviu o rumor de algo que se movia. Sharpe empurrou a mulher porta adentro.

— Vá, querida. Agora se encontra melhor.

— Uma oportunidade seria uma grande coisa. Voltará, né?

— Voltaremos.

Conduziu seus homens, que sorriam zombadoramente, na esquina mais afastada e depois pelo passadiço que conduzia para o claustro interno. Ressoavam pisadas neste à medida que se aproximavam e então um menino surgiu da arcada, perseguido por outro menino, e correram para o claustro superior e estouraram em risos e excitação. Uma voz lhes gritou desde uma despensa. Parecia que os bêbados estavam dormindo no nível superior.

Sharpe fez que seus homens esperassem no passadiço e ele se dirigiu para o claustro do andar superior, ali onde ele havia falado com a senhora Dubreton. Ficou entre as sombras olhando para baixo, para o centro do caos. Esta era a anarquia que tanto Wellington temia, a um passo da desordem, o abandono da esperança e da disciplina.

Umas chamas iluminavam o claustro superior. Um grande fogo ardia sobre as pedras quebradas e os escombros das delicadas estrias. Crategos e pranchas, que se haviam arrancado dos grandes janelões do salão, no lado norte do claustro, alimentavam o fogo. As janelas iam desde a planta baixa, passavam pelo passadiço superior, até os finos arcos que havia debaixo da galeria, e agora que as pranchas que serviam de sujeição tinham sido arrancadas da pedra com alavancas, os espaços das janelas deixavam sem separação o pátio e o salão. O vidro fazia tempo que havia desaparecido. Homens e mulheres iam e vinham de ambos os espaços e Sharpe os observava de cima.

Ele havia escapado do orfanato antes de completar dez anos e entrara nos obscuros becos dos bairros baixos de Londres. Ali havia trabalho para um menino esperto. Era um mundo de ladrões, raptores, assassinos; de bêbados, aleijados, e de putas que se haviam vendido à doença e à feiura. A esperança não significava nada para os habitantes de St. Giles. Para muitos deles a viagem mais longa desse mundo consistia em percorrer uma milha e meia da Rua Oxford, em direção ao oeste, para o forcado trilátero de Tyburn. O campo, a apenas três quilômetros ao norte pela Tottenham Court, era tão remoto como o paraíso. St. Giles era um antro de doença, fome, e com um futuro tão negro que os homens o mediam em horas e se entregavam aos prazeres de acordo com isso. As tabernas, o riacho, os pisos das casas de hospedagem eram lugares onde os homens e as mulheres afogavam seu desespero na bebida e na cópula. E no final, a morte jogava a maioria nas sarjetas descobertas, junto com a colheita noturna de bebês mortos. Sem esperança não havia mais que desespero.

E estas pessoas também estavam desesperadas. Deviam saber que se aproximava a vingança, talvez na primavera quando os exércitos sacudissem a sonolência do inverno, e enquanto chegava ficavam paralisados pelo desespero. Tinham bebido e seguiam bebendo. A comida estava espalhada sobre as pedras quebradas, os homens jaziam com as mulheres, alguns meninos se abriam caminho entre os casais em busca de ossos que ainda tivessem carne ou odres que chupariam com desespero. Junto ao fogo alguns dos corpos estavam nus, adormecidos; mais lá apareciam cobertos com cobertores e roupas. Alguns se

moviam. Havia um homem morto, com sangue negro sobre o ventre aberto. O ruído não provinha daqui, mas do salão, e Sharpe não via o que era que provocava aquele ruído. Pensou que os minutos estavam passando e que Frederickson os contava nos frios crategos.

Virou-se para o passadiço e falou em voz baixa.

— Vamos dar a volta ao claustro, garotos. Caminhem lentamente. Vão de dois em dois e de três em três. Enquanto dão a volta, a vista lhes agradará.

Harper caminhava justo ao lado de Sharpe, ambos se aferravam às sombras dos muros. O irlandês enorme viu os casais junto ao fogo e sua voz soou alegre.

— Igual ao refeitório dos oficiais em uma sexta-feira à noite, né?

— Cada noite, Patrick, cada noite.

E o que podia impedir que seus homens se unissem a quem estava no pátio? Que lhe oferecessem bebida e mulheres em lugar de trabalho e disciplina era o sonho manifesto de todo soldado, portanto por que não iam agora? Matar a ele e a Harper e obter sua liberdade? Não tinha resposta. Só o que sabia era que confiava neles. E onde, era o mais importante, mantinham os reféns? Iam abrindo de um empurrão as portas pelas quais passavam, mas os aposentos estavam vazios ou ocupados por gente dormindo. Nenhum deles tinha guarda. Em uma ocasião um homem grunhiu desde a escuridão e duas mulheres riram tontamente. Sharpe fechou a porta. Sentiu que as chamas do grande fogo lhe esquentavam o lado esquerdo do rosto.

Dobrou a esquina e então teve uma visão do grande salão: uma centena de homens e outras tantas mulheres abarrotavam a planta. Uma espécie de plataforma que se elevava era o extremo mais afastado, uma tarima alta, e uma escada ia da tarima até uma galeria superior que atravessava a amplitude do salão. Sharpe viu duas portas que desde a galeria conduziam aos passadiços ou quartos traseiros. O acesso à galeria era fácil através das janelas altas e ocas. Um homem podia passar sem dificuldade do claustro para a galeria.

Os homens e mulheres gritavam, um grito que se orquestrava desde a tarima. Ali estava sentado Hakeswill. Sua cadeira sobressaía por cima de sua cabeça, como um soberano, em uma cadeira com braços decorados. Usava trajes de sacerdote, os hábitos lhe ficavam muito curtos e suas botas ficavam visíveis até quase os joelhos. Junto dele, apoiando-se no braço, com a mão de Hakeswill rodeando-lhe a cintura, havia uma garota pequena e magra. Vestia um vermelho

brilhante, com um lenço branco na cintura, e o cabelo comprido e negro lhe caía atrás dele.

Outra mulher, sentada na tarima, sorria com cinismo. Vestia um traje justo e por cima usava um colete e uma camisa. Na mão direita tinha um vestido e, ante os berros, lançou o vestido para um homem da multidão que o pegou e o agitou no ar. Hakeswill levantou a mão. Seu rosto se encrespou.

— Camisa! Venha, então! Quanto? Um xelim?

Era um leilão. Ela havia vendido seu vestido, parecia, e Sharpe viu dois meninos pequenos que sorriam brincalhões enquanto recolhiam moedas do piso e as depositavam em um chapéu colocado de boca para cima. Os gritos provinham do salão, dois xelins, três, e Hakeswill os pegou rapidamente e seus olhos olharam dentro do chapéu para ver os ganhos.

Animaram e gritaram enquanto a mulher tirava sua camisa.

O colete foi vendido por quatro xelins. As moedas ressoaram contra o piso. Sharpe se perguntava quantos minutos teriam passado.

O rosto amarelo sorriu com cinismo. A mão subia e baixava pela caixa torácica da garotinha.

— Seu traje! Vamos ver, dez xelins?

Ninguém respondeu.

— Piolhentos hemofílicos! Acham que não é tão bonita como Sally? Deus! Pagaram duas libras por ela, venha cá!

Repreendia-os subindo o tom de voz, e ante a grande gritaria e as moedas que lhe lançavam, ficou nua por uma libra e dezoito xelins. Lá estava ela sorrindo cinicamente, com a mão na cadeira, e Hakeswill se levantou de uma sacudida e se aproximou dela, seus hábitos de cor branco e ouro eram ridículos à luz das chamas, e seus olhos azuis e brilhantes olharam de soslaio para as pessoas no salão enquanto deslizava o braço direito pelos ombros da mulher.

— Agora vejamos. Quem a quer? Tem que pagar! A metade para ela, a metade para nós, venha!

Fizeram propostas e ante algumas delas a mulher deu a língua, de outras riu, e Hakeswill os incitava. Finalmente um grupo de franceses a comprou, o preço que ofereceram foi de quatro libras. Quando se aproximaram para pegá-la a multidão gritava cada vez mais alto enquanto um deles levava a mulher sobre

seus ombros para o fogo que havia no pátio.

Hakeswill lhes pedia calma com os braços abertos.

— Quem é a seguinte?

Gritaram-se alguns nomes, alguns homens empurraram para frente suas mulheres. Hakeswill bebia de uma garrafa, seu rosto se encrespou sobre o pescoço comprido, e a garotinha seguia solenemente aferrada a ele. Um grupo de homens começou a fazer coro.

— Uma prisioneira! Uma prisioneira!

A cantilena se fez mais curta.

— Prisioneira! Prisioneira! Prisioneira!

— Agora, garotos, agora! Já sabem o que diz o marechal!

— Prisioneira! Prisioneira! Prisioneira! — gritavam mulheres e homens, e cuspiam as palavras da boca como bílis.

— Prisioneira! Prisioneira! Prisioneira!

Hakeswill deixava que coreassem e os reconhecia com os olhos. Levantou a mão.

— Já sabem o que diz o marechal! São nosso tesouro, as prisioneiras! Não podemos tocá-las, oh, não! São ordens do marechal. Pois bem! Se os sacanas vierem! Ah, então poderão tocá-las, prometo.

A multidão protestou com rugidos e ele deixou que berrassem antes de voltar a levantar de novo a mão. A garota delgada se aferrava a ele, com a mão esquerda se segurava com força à vestimenta bordada.

— Porém!

A multidão foi se calando lentamente.

— Porém! Como estamos no Natal poderíamos dar uma olhada em uma. Sim? Só uma? Não tocá-la! Não, não! Tão somente comprovar tudo o que tem? Sim.

Homens e mulheres gritaram em aprovação e o rosto amarelo com o cabelo escorrido e grisalho se encrespou ao mesmo tempo em que sua boca desdentada se abria para emitir um riso silencioso. Algumas pessoas do pátio entraram atraídas pela nova gritaria. Sharpe virou-se e viu os rostos de seus homens pálidos no claustro, ansiosos, e se perguntou quanto tempo haveria transcorrido.

Quase já devia ter passado o quarto de hora.

Hakeswill tinha a mão esquerda enredada entre os cabelos compridos e negros da garota. Ele os retorceu e apontou para um homem.

— Vá dizer a Johnny que traga uma.

O homem se encaminhou para a escada, mas Hakeswill fez que parasse. Virou-se para seu público com o rosto sorrindo cinicamente.

— Qual delas querem?

A multidão voltou a rugir, mas Sharpe já havia visto o suficiente. Os reféns estavam atrás de uma das duas portas pelas quais se subia desde a galeria. Virou-se para seus homens com voz urgente e abafada para todos, salvo para eles, devido à cacofonia que se elevava do salão.

— Vamos para a galeria. Vamos caminhando até as janelas. Deixem os gabães aqui.

Ele o levava desabotoado.

— Os números pares entrarão pela porta da direita, os números ímpares pela da esquerda. Sargento Rossner?

— Senhor?

— Pegue dois homens e mantenha aqueles sacanas afastados da escada. O primeiro homem que encontre aos reféns, que grite! Agora, desfrutem, garotos.

Sharpe caminhou para a lateral norte do claustro seguro de que o viam, já que as janelas do salão davam a aparência de que o pavimento estivesse suspenso no meio do ar. Pôs a mão sobre a manga de Harper.

— Dispare quando entrarmos, Patrick. Direto dentro desse salão de merda.

— Senhor.

Suas botas ressoavam com sonoridade. Seus uniformes, já sem os gabães, viam-se verdes à luz do fogo. Abaixo, as vozes gritavam e cantavam e afogavam o som que produziam as botas dos fuzileiros. Nêmeses chegava a Adrados.

Uma janela, duas janelas, três janelas, e a voz de Hakeswill, que ressoava perto, levantou-se por cima do estrondo.

— A portuguesa não pode ser! Querem a raposa inglesa? A que é casada com o franchinote? Vocês a querem?

A multidão consentiu gritando, as vozes rugiam com excitação, e Sharpe viu dois homens armados procedentes da porta da direita e que cruzavam em direção à grade da galeria. Um deles deu uma olhada para os homens que havia no claustro, mas não pensou no que havia visto e se apoiou junto a seu companheiro para olhar para baixo e sorrir zombadoramente ante a bagunça que havia. O homem, que ia para buscar a refém, começou a subir a escada.

Sharpe voltou a tocar no braço de Harper.

— Leve os dois homens para a galeria.

— Sim, senhor.

Os fuzileiros já estavam agrupados. Sharpe os olhou.

— Desembainhem.

Alguns lutariam com as espadas das baionetas presas aos fuzis, outros prefeririam utilizá-las como armas curtas. Sharpe fez um sinal para Harper.

— Fogo!

Harper encheu o espaço da janela, a arma parecia gorducha entre suas mãos, seu rosto redondo e duro, e então apertou o gatilho e a explosão dos sete canos retumbou no salão e lançou os dois homens armados para os lados, feitos farrapos e crispados, enquanto que Harper saiu expelido para trás por causa do tremendo golpe. Sharpe, espada em mão, atravessou a fumaceira que invadia o espaço da janela e a longa espada pareceu aço vermelho à luz do fogo.

Os fuzileiros seguiram atrás dele gritando como diabos do inferno, pois Sharpe assim havia ordenado. Sharpe ia à frente para a porta da direita, a espera havia terminado, todo o nervosismo haviam se dissipado porque a luta tinha começado e agora só o que contava era ganhar. Este era o Sharpe que havia salvado a vida de Wellington em Assaye, que tinha aberto passagem a espadadas por entre a tropa para conseguir uma águia com Harper, que havia penetrado como um louco na brecha de Badajoz. Este era o Sharpe que o general de brigada Nairn tão somente havia sido capaz de imaginar enquanto contemplava o homem tranquilo e de cabelos escuros sentado em sua frente em *Frenada*.

Na porta apareceu um homem que empunhava um mosquete com a baioneta ajustada. Era um mosquete francês e o homem, desesperado, o levantou ao ver o oficial fuzileiro, mas não tinha nada o que fazer. Sharpe o desafiou aos gritos enquanto avançava o pé direito com força, a espada o seguiu, se torceu, o aço corria com a luz das velas do passadiço, e a espada penetrou no plexo solar do

francês. Sharpe voltou a torcê-la, deu uma patada em sua vítima e a lâmina foi liberada e então pôde passar por cima do homem moribundo que gritava.

Deus, que prazer o do combate. Nem sempre uma batalha era assim, mas em uma luta por uma boa causa... Sharpe alcançou o passadiço, tinha a ponta da espada escura e ouvia os fuzileiros que o seguiam; nesse momento se abriu uma porta, que derramou mais luz, e um homem apareceu nervoso, desajeitado, pois Sharpe estava sobre ele antes que pudesse entender que a hora da vingança chegara. A grande espada de cavalaria deslizou sob sua mandíbula e teve náuseas; retrocedeu de uma sacudida. Sharpe se encontrava na porta e de novo a espada avançou e o homem se agarrou à lâmina que tinha na garganta, Sharpe sentiu o fedor repugnante que a espada extraía do homem, e então sua arma ficou livre e já estava no quarto. Ali dois homens que manipulavam seus mosquetes, sacudiram a cabeça assustados, e Sharpe gritou para eles, saltou por cima do homem morto, e a espada se converteu em um debulhador em cima da mesa que o separava de seus inimigos. O sangue fluía da ponta da espada e então atacou. Sharpe viu como um fuzileiro ia para o outro lado da mesa com um sorriso de alegria maníaca no rosto e o segundo inimigo se afastou, até que se deu contra uma porta. O fuzileiro brandiu o fuzil e a lâmina da baioneta com tal força que teria esburacado pedra; a ponta da espada foi se cravar com força na porta. O inimigo ficou dobrado sobre ela, borbulhando e chorando, e um segundo fuzileiro, um alemão, o matou com muito menos força, mas com maior precisão.

O homem que Sharpe havia golpeado no rosto gritava sob a mesa. Sharpe não lhe fez caso. Dirigiu-se para os fuzileiros que enchiam a sala.

— Carreguem! Carreguem!

Três homens em um quarto armados e vigiando uma porta. Isto tinha que ser uma prisão. Passou pela frente da figura sangrenta e cravada e tentou abrir a porta. Estava fechada com chave. Atrás dele ouvia gritos, estouros de mosquetes, mas não lhes fez caso. Pressionou o trinco, girou e o fuzil se liberou da baioneta que ainda mantinha o homem morto cravado contra a porta. Então teve espaço para se colocar de frente para a porta, tomou impulso e tentou derrubá-la. A porta estremeceu. Voltou a forçá-la, uma terceira vez, e por fim a porta cedeu; a madeira junto à velha fechadura havia se lascado e o cadáver seguia pregado na madeira com a baioneta de quarenta centímetros. Quando a porta se escancarou, Sharpe entrou.

Gritos, gritos aterrorizados de medo o receberam; Sharpe ficou na porta, com a espada e a face ensanguentadas, com o sangue do homem que matara na porta, e viu as mulheres amontoadas contra a parede do fundo. Baixou a espada. O sangue que manchava seu uniforme verde era fresco, reluzia à luz das velas e gotejava no tapete que cobria o piso do aposento. Uma das mulheres não ocultava seu rosto, protegia outra mulher que afundava seu rosto no braço protetor e envolvente, e o rosto era orgulhoso, magro e coroado por loiros cabelos. Sharpe cumprimentou com uma meia reverência.

— Senhora Dubreton?

Dois fuzileiros se apinharam atrás de Sharpe com curiosidade e ele girou e lhes repreendeu.

— Fora! Há um combate! Vão lutar!

A senhora Dubreton franziu o cenho.

— Major? Major Sharpe, não é mesmo?

— Sim, *senhora.*

— Quer dizer? — perguntou ela quase sem acreditar e com o cenho ainda franzido.

— Sim, *senhora.* Isto é um resgate, *senhora.*

Ele queria deixá-las, voltar para ver como seus homens se saíam, mas sabia que essas mulheres deviam de estar aterrorizadas. Uma delas soluçava com histeria e olhava fixamente seu uniforme. A senhora Dubreton lhe disse algo em francês. Sharpe tentava sorrir para amortecer o golpe que lhes havia produzido.

— Será devolvida a seu marido, *senhora.* Agradeceria que lhe traduzisse isto de minha parte. E se me permite.

— Certamente.

A senhora Dubreton ainda parecia surpresa.

— Estão a salvo, *senhora.* Todas as senhoras.

A mulher que ocultava seu rosto nos braços da senhora Dubreton se separou. Tinha o cabelo negro e brilhante, e o retirou do rosto ao virar-se vacilante para Sharpe.

A senhora Dubreton a ajudou a se erguer.

— Major Sharpe, esta é lady Farthingdale.

“A sorte de Farthingdale!”, pensou Sharpe durante meio segundo. Depois experimentou uma absoluta incredulidade. A garota de cabelo negro olhou para Sharpe, abriu bem os olhos e então passou a gritar. Não era de medo, mas de algo que parecia alegria, atravessou o aposento saltando, correndo para ele, e se jogou em seu pescoço, apertou seu rosto contra a face ensanguentada e lhe falou ao ouvido.

— Richard! Richard! Richard!

Sharpe olhou de soslaio para a senhora Dubreton e sorriu levemente.

— Já nos conhecemos, *senhora.*

— Percebi.

— Richard! Deus, Richard! Você? Sabia que viria! A dama se separou de Sharpe, mas mantinha os braços pendurados em seu pescoço, e sua boca era tão desesperadamente generosa como ele se recordava, e seus olhos tão tentadores como um homem desejaria, e mesmo este sofrimento não havia deixado marcas em seu rosto.

— Richard?

— Tenho que ir lutar uma batalha. O ruído que procedia do exterior era forte: ordens e disparos, gritos e o estrondo do aço.

— Está aqui?

Ele lhe limpou a sangue da bochecha.

— Estou aqui.

Ela retirou os braços de seu pescoço.

— Espere aqui. Voltarei.

Ela consentiu com a cabeça, tinha os olhos brilhantes e Sharpe lhe sorriu zombeteiro.

— Voltarei.

Santo céu! Fazia dois anos que não a via, mas ali estava, mais bela que nunca, a puta de alta classe que finalmente havia se convertido em lady Josefina.

Capítulo 9

Deixou um homem protegendo as reféns. Dois montavam guarda nos passadiços, o restante protegia a escada e a entrada da galeria através das janelas que davam para o claustro. A fumaça ainda inundava a galeria; os fuzileiros metiam a golpes as baquetas nos canos das armas que haviam disparado e outros se agachavam à espera de um alvo. Harper voltava a carregar a espingarda de sete canos. Olhou para Sharpe, sorriu e levantou quatro dedos. Sharpe gritou:

— Temos às mulheres, garotos!

Eles se animaram e Sharpe realizou uma recontagem rápida. Todos seus homens estavam ali, e ao que parece ilesos. Viu como um fuzileiro levava sua arma ao ombro, apontava com rapidez e uma bala voou até o claustro. Ouviu-se um grito proveniente do extremo oposto, depois uma descarga discordante de mosquetes, as balas se elevavam. Uma bateu contra um anel de ferro, um lustre suspenso, velho e oxidado aguentado por correntes, e as quatro velas amarelas palpitaram quando a bala o golpeou. Sharpe se dirigiu à parte superior da escada.

Três corpos jaziam na escada derrubados pelos fuzis. O sargento alemão Rossner, com o rosto enegrecido pela pólvora que surgia da caçoleta de seu fuzil, olhou com alegria para Sharpe.

— Estão correndo, senhor.

Eles também o fizeram. Os desertores e suas mulheres gritavam e gritavam, davam empurrões e engatinhavam para penetrar no pátio do claustro. Sharpe buscava por Hakeswill com o olhar, mas o homem grande vestido de sacerdote havia desaparecido na aglomeração. Rossner indicou com seu fuzil para a escada.

— Descemos, senhor?

— Não.

Sharpe estava preocupado com os homens de Frederickson. Teria preferido que a força principal dos fuzileiros encontrasse a sua pequena vanguarda concentrada, de maneira que ninguém disparasse em um homem de seu próprio lado devido à confusão e à escuridão. Regressou para as janelas onde Harper esperava com a grande espingarda carregada de novo.

— Frederickson?

— Ainda não, senhor.

Alguém gritava no pátio, gritava pedindo ordem, alguém que talvez tivesse percebido que os atacantes não eram numerosos e que um contra-ataque massivo podia esmagá-los. Sharpe olhava fixamente para o extremo oposto do claustro superior; à luz do fogo, não via nenhum homem ali, os fuzis o haviam convertido em um lugar mortal, mas de repente diversas figuras corriam e gritavam pedindo ajuda, e Sharpe baixou de um empurrão um fuzil que ia disparar.

— Alto!

As mulheres e os meninos fugiam, isso significava que os homens de Frederickson deviam estar no claustro exterior e Sharpe advertiu aos homens que vigiavam as janelas:

— Fiquem atentos ao capitão Frederickson!

Então se viram silhuetas escuras na entrada do claustro superior, figuras que quando entraram no espaço aberto que oferecia o claustro se puseram a coberto. Sharpe voltou a gritar:

— Fuzileiros! Fuzileiros! Fuzileiros!

Atravessou a janela para o claustro onde a luz iluminava seu uniforme.

— Fuzileiros! Fuzileiros!

Um mosquete se acendeu por debaixo, a bala ricochetou na grade e se perdeu na noite.

— Fuzileiros! Fuzileiros!

— Eu lhe vejo, senhor!

Um homem com um sabre curvo permanecia do outro lado do claustro. Os fuzileiros iam desalojando a galeria superior e Frederickson chegou com eles até onde estava Sharpe.

William o doce apresentava um aspecto horroroso. Havia tirado o tapa-olho e os dentes postiços. Seu rosto era de pesadelo, um rosto que teria aterrorizado a qualquer criança, mas era um rosto que sorria enquanto ia se aproximando de Sharpe.

— Nós as temos, senhor?

— Sim!

O sabre de Frederickson também estava ensanguentado. Ele o dobrou, queria voltar a usá-lo, e observava como seus homens arrebentavam portas e gritavam para os homens e mulheres que se rendessem. Um homem saltou do claustro com a perna direita dentro da calça e a perna esquerda agarrada pelo tornozelo, e voltou envergonhado ao ver que alguns fuzileiros lhe bloqueavam o caminho, mas se deparou com outros fuzileiros lhe fechavam a fuga. Rodou por cima da grade, caiu no pátio e se afastou coxeando para uma arcada que havia no outro extremo.

Um dos tenentes de Frederickson deu alguns assobios longos, depois gritou de um lado para o outro do claustro.

— Tudo está seguro!

Frederickson olhou para Sharpe.

— Por onde descemos?

— Por ali — respondeu Sharpe enquanto indicava a galeria. Devia ter outro lugar, mas ele o desconhecia. — Uma seção que vigie a galeria.

— Senhor.

Frederickson já se havia posto em movimento, seu rosto mutilado estava ávido por luta. Sharpe o ia seguindo e deu uma palmada no ombro de Harper.

— Vamos!

Então se ouviu um alvoroço, uma estrepitosa carga degraus abaixo, uma perseguição aos gritos do inimigo que se havia amontoado na arcada do outro lado do claustro, uma luta de sabres e espadas e o estouro da espingarda de sete canos que desalojava os poucos defensores da habitação. No claustro ressoaram os berros das crianças, os gritos de suas mães, e os fuzileiros os rodearam, os juntaram e sacaram os homens de seus esconderijos.

Sharpe atravessou a arcada, o aposento, e lhe pareceu encontrar-se em uma espécie de cripta escura, úmida e gelada, e gritou pedindo luz. Um fuzileiro aproximou uma das tochas de palha e resina que ardiam na sala exterior e assim pôde ver uma caverna enorme e vazia, outro acesso em frente.

— Vamos!

Uma corrente de ar lhes vinha da frente, fazia oscilar a chama da tocha, e Sharpe percebeu que essa cripta devia conduzir ao buraco coberto com um cobertor que dava para a boca do desfiladeiro. Se ali havia um canhão, e ele

sabia que a guarnição espanhola possuía quatro canhões, ali haveria pólvora e um defensor poderia estar acendendo uma mecha que converteria aquela cripta em uma onda de chamas e destruição.

— Vamos! Vamos! Vamos!

Ele ia à frente e com a espada desembainhada, as botas batiam sobre as frias pedras e a luz da chama lhe mostrava que havia irrompido em um estranho passadiço e que com seus ombros ia roçando as pedras amareladas e brancas de curiosas formas arredondadas que iam do piso até o teto.

O canhão estava lá, abandonado pelos homens de Pot-au-Feu, e apontava para o buraco que se havia aberto no grosso muro do convento. A baqueta estava apoiada no cano sujo, junto dela uma pá para a pólvora e um estripador, o saca-rolhas gigante que se usava para extrair uma carga úmida. Sharpe viu balas e potes de metralha amontoados contra as curiosas paredes brancas que davam para o espaço no qual se havia colocado o canhão.

Havia um tubo de escorvar na ouvido do canhão, isso fazia supor que o canhão estava carregado, mas Sharpe não fez caso. Dirigiu-se para a abertura da qual se havia arrancado o cobertor, e escutou. Ouvia botas que corriam sobre a erva e as rochas do exterior, o ofegar das mulheres e dos meninos, os gritos dos homens. Os que haviam escapado do convento se dirigiam para o castelo. As tochas chamejavam sobre as ameias.

— Podemos dispará-lo? — perguntou Frederickson indicando o tubo de escorvar, um cano de pena recheado com pólvora fina onde se acendia o fogo e este descia até a carga que havia no saco de lona.

— Não, aí fora há crianças.

— Deus salve a Irlanda!

Harper havia agarrado uma das pedras redondas e esbranquiçadas que haviam caído atrás do canhão. Ele a segurava como se tivesse de matá-lo, seu rosto se retorceu com desagrado.

— Olhe isto. Santo Deus!

Era um crânio. Todas as “pedras” eram crânios. O homem que estava com a tocha se aproximou depressa até que Frederickson lhe mandou retroceder por causa dos barris de pólvora, mas sob a luz fumegante Sharpe viu que os crânios amontoados cercavam como uma muralha uma grande pilha de outros ossos humanos. Ossos de coxas, costelas, pelve, braços, mãos pequenas e curvadas e

ossos compridos dos pés, tudo amontoado naquele porão. Frederickson, com o rosto lívido, sacudiu a cabeça com assombro.

— Um ossuário.

— Um o quê?

— Um ossuário, senhor, um depósito de ossos. As freiras. Eram enterradas aqui. — Jesus!

— Primeiro lhes arrancam a carne, senhor. Sabe Deus como. Já tinha visto um antes.

Havia centenas de ossos, talvez milhares. Para dar lugar à tábua lateral do canhão, os homens de Pot-au-Feu haviam derrubado o monte bem formada e os esqueletos haviam desabado no solo, haviam afastado os ossos de lado com uma pá, e Sharpe viu um pó branco e fino salpicado de entulhos ali onde os homens haviam afastado os restos humanos.

— Por que o fazem?

Frederickson deu de ombros.

— Para ficarem todas juntas no momento da ressurreição, acho.

Na mente de Sharpe lhe veio repentinamente a imagem de que as valas comuns de Talavera e Salamanca se levantavam no último dia, os soldados mortos voltando à vida, as órbitas de seus olhos apodrecidos como a de Frederickson, a terra derramando as tropas mortas que surgiam da cova.

— Santo Deus!

Havia um balde com água suja debaixo do canhão preparado para o escovilhão e um trapo. Agachou-se e limpou sua espada antes de voltar a embainhá-la.

— Necessitaremos de seis homens aqui. Ninguém deve disparar sem que eu ordene.

— Sim, senhor.

Frederickson estava limpando o sabre, passava lentamente a lâmina curva pelo trapo úmido.

Sharpe retornou pelo caminho de caveiras, seguindo as largas costas de Harper. Recordou-se de quando tinha cruzado o campo de batalha de Salamanca no outono, antes da retirada para Portugal, eram tantos os mortos que não tinham

podido enterrar a todos. Recordava do som oco dos cascos de um cavalo que havia golpeado um crânio e este tinha rodado como uma bola deforme. Isso fora em novembro, não transcorreram nem sequer quatro meses desde a batalha, contudo os mortos inimigos já estavam esfolados até ficarem brancos.

Penetrou no claustro, um lugar para os vivos, e o fogo deixava ver os desconsolados prisioneiros rodeados pelas lâminas das baionetas. Um menino gritava chamando sua mãe, um fuzileiro levava nos braços um bebê abandonado, e as mulheres gritaram para Sharpe quando este apareceu. Queriam partir, não era assunto seu, não eram soldados, mas ele lhes ordenou que se calassem. Olhou para Frederickson.

— Que tal é seu espanhol?

— Bastante bom.

— Encontre as mulheres que foram capturadas aqui. Dê-lhes um alojamento decente.

— Sim, senhor.

— As mulheres reféns podem ficar onde estão. Já estão bastante cômodas, mas assegure-se de que tenha meia dúzia de homens de confiança para protegê-las.

— Sim, senhor. — Iam atravessando o pátio, passando por cima das pequenas fendas. — E o que fazemos com esta escória, senhor?

Frederickson parou junto aos desertores que haviam sido capturados. Ali não estava Hakeswill, apenas três dúzias de homens carrancudos e aterrorizados. Sharpe os olhou. Dois terços deles usavam uniformes britânicos. Levantou a voz para que todos os fuzileiros do pátio e da galeria superior pudessem ouvi-lo.

— Estes sacanas são a desonra do uniforme que usam! Todos. Dispam-nos!

Um sargento de fuzileiros sorriu para Sharpe com zombaria.

— Nus, senhor?

— Nus.

Sharpe deu a volta e afunilou as mãos.

— Capitão Cross! Capitão Cross!

O capitão Cross tinha sido enviado para capturar o claustro exterior, a capela e os armazéns.

— Já vem, senhor! — gritou alguém de cima.

— Senhor? — perguntou Cross assomando-se pela grade.

— Feridos? Mortos?

— Nenhum, senhor!

— Dê o sinal ao tenente Price de que suba! Assegure-se de que seus piquetes saibam.

— Sim, senhor.

O sinal era um toque de corneta.

— E quero homens no telhado! Duas horas de guarda somente.

— Sim, senhor.

— Isso é tudo, e obrigado, capitão.

Um sorriso se desenhou na cara de Cross ante o inesperado cumprimento.

— Obrigado, senhor!

Sharpe se virou para Frederickson:

— Também necessito de seus homens no telhado. Digamos que uns vinte?

Frederickson consentiu com a cabeça. Não havia janelas no convento assim que toda a defesa devia se centrar no parapeito do telhado.

— Frestas nas muralhas, senhor?

— São tremendamente grossas. Tente se quiser.

Aproximou-se um tenente com um amplo sorriso e entregou a Frederickson um pedaço de papel. O fuzileiro o retorceu aproximando-o do fogo e então olhou para o tenente.

— Mau?

— Em absoluto, senhor. Viverão.

— Onde estão? — perguntou Frederickson com voz sibilante por causa de sua boca desdentada.

— Na despensa de cima, senhor.

— Assegure-se de que não têm frio.

Frederickson sorriu para Sharpe brincalhão.

— A fatura da carnificina. É curta. Três feridos, nenhum morto. — O sorriso se fez mais amplo. — Parabéns, senhor! Deus, eu não estava seguro de conseguilo!

— Parabéns também para o senhor. Sempre soube que conseguiríamos.

Sharpe passou a rir ao ouvir-se dizer aquela mentira e então formulou a pergunta que se havia guardado desde que Frederickson apareceu no convento.

— E seu tapa-olho?

— Aqui — respondeu Frederickson enquanto abria a bolsa de couro e pegava os dentes e o tapa-olho. Voltou a pô-los, recobrando um aspecto humano, e passou a rir. — Sempre os tiro para lutar, senhor. Espanta aos idiotas do outro bando, senhor. Meus garotos asseguram que meu rosto vale tanto quanto uma dúzia de fuzileiros.

— O doce William na guerra, hem?

Frederickson riu ao ouvir seu apelido.

— Fazemos o que podemos, senhor.

— O que podem é muito bom.

O cumprimento soou forçado e desajeitado, mas Frederickson sorriu abertamente ao ouvi-lo, necessitava de um elogio proveniente de Sharpe e este se alegrava de fazê-lo. Sharpe girou e olhou para os prisioneiros aos quais despiam a força. Alguns já estavam nus. Seria difícil escapar em uma noite como aquela sem roupa.

— Arranje um lugar para eles, capitão.

— Sim, senhor. E elas? — perguntou Frederickson apontando com a cabeça para as mulheres.

— Coloque-as na capela.

As putas e os soldados eram uma mistura explosiva. Sharpe sorriu com cinismo.

— Procure algumas voluntárias e podem usar uma despensa cada uma. Será a recompensa dos garotos.

— Sim, senhor.

Frederickson se asseguraria de que algumas das mulheres se apresentassem como voluntárias.

— Isso é tudo, senhor?

Santo Deus, não! Havia me esquecido do mais importante!

— Os melhores homens que tenha, capitão. Procurem o armazém de bebidas. Todo homem que se embebedar esta noite deverá se apresentar a mim pela manhã.

— Sim, senhor.

Frederickson se foi e Sharpe se ficou junto ao fogo, desfrutando de seu calor, e pensou no que mais tinha que fazer. O convento poderia ser defendido do telhado, sua porta estava bem vigiada e se ocupara dos prisioneiros. Uma dúzia de desertores estavam feridos, três eram recuperáveis e tinha que buscar um lugar para eles. Tinha se ocupado das mulheres, das crianças também, e o claustro superior seria como um bordel por toda a noite, mas isso só era para seus homens. Um presente de Natal do major Sharpe. A bebida ficaria fechada com chave. Tinha que procurar comida para seus homens.

As reféns. Tinha que tranquilizá-las, consolar algumas, e olhou para cima, para o salão que dava para a galeria e riu. Josefina! Santo Deus! Lady Farthingdale.

Na última vez que tinha visto Josefina ela vivia comodamente em Lisboa, em uma casa com um terraço que dava para o Tejo e que se enchia com a luz do sol que se refletia no rio e rodeada de laranjeiras. Josefina Lacosta! Deixara Sharpe depois de Talavera e partira com um capitão da cavalaria, Hardie, mas ele havia morrido. Josefina tinha partido com Hardie por seu dinheiro, abandonando a pobreza de Sharpe. Sempre havia desejado ser rica. Havia conseguido e comprara a casa com terraço e as laranjeiras no bairro rico de Lisboa, Bons Ares. Ele sacudiu a cabeça ao se lembrar, fazia apenas dois invernos, quando sua casa era um lugar lânguido onde se congregavam os oficiais ricos e os mais ricos dentre eles competiam por Josefina. Ele a tinha visto em uma festa com uma banda arranhando os violinos em um canto, Josefina graciosa como uma rainha entre os uniformes deslumbrantes que a adulavam, desejavam, e teriam pagado o que fosse por uma noite com a Lacosta. Engordara desde Talavera e os quilos a faziam ainda mais bela, ainda que menos do agrado de Sharpe. E era suscetível, isso o recordava. Havia recusado um coronel da guarda que lhe oferecera quinhentos guinéus por uma única noite, e para maior ofensa tinha aceitado a um guarda-marinha jovem e bonito que só lhe havia oferecido vinte. Sharpe passou a rir outra vez e atraiu o olhar curioso de um soldado que conduzia os

prisioneiros para sua prisão fria e desnuda. Quinhentos guinéus! O preço que Farthingdale havia pagado por seu resgate! A puta mais cara da Espanha e Portugal. E casada com sir Augustus Farthingdale? Quem havia dito que era delicada! Santo Deus! Delicada! E com muitas influências? Isso era verdade, mas não tal como Farthingdale tinha feito acreditar, mas talvez tivesse razão. Josefina fora casada e seu marido, Duarte, tinha ido para a América do Sul no início da guerra. Ele era de boa família, Sharpe sabia, e tinha alguma relação com a família real portuguesa; Terceiro Cavaleiro da *Bacinilla* ou alguma bobagem do tipo. E como Josefina havia conseguido que sir Augustus caísse na armadilha? Ele conhecia seu passado? Provavelmente. Sharpe voltou a rir em voz alta e se virou para a escada que haviam descoberto no canto sudoeste do claustro. Apresentaria seus respeitos à Lacosta.

— Senhor?

Era Frederickson, estava com uma mão para o alto, fazia sinal para Sharpe esperar, enquanto que na outra mantinha seu relógio à luz de uma tocha.

— Capitão?

Frederickson não disse nada, manteve a mão no alto, olhava fixamente seu relógio, então, um momento depois, fechou a tampa de um golpe e sorriu para Sharpe.

— Feliz Natal, senhor.

— Meia-noite?

— Exatamente.

— Feliz Natal para o senhor, capitão. E para seus homens. Uma dose de conhaque para todos.

Meia-noite. Graças a Deus havia chegado cedo, senão a senhora Dubreton teria sido alvo do cruel jogo de Hakeswill. Hakeswill. Ele havia escapado para o castelo e Sharpe se perguntava se os desertores ainda estariam ali pela manhã, ou sabendo que a brincadeira havia terminado teriam fugido ao amanhecer? Ou talvez tentassem recuperar o convento enquanto os homens de Sharpe se familiarizavam com o terreno de batalha.

Era o dia de Natal. Ele dirigiu seu olhar para o céu, para a escuridão total, além das faíscas que redemoinhava o fogo. Natal. A celebração de uma virgem que dá à luz, contudo era muito mais que isso, muito mais. Antes de Cristo nascer, muito antes que houvesse uma Igreja militante na terra, existia uma festa

em meados do inverno. Celebrava-se o solstício de inverno, em 21 de dezembro, e era o dia mais curto do ano quando inclusive a natureza parecia estar morta e por isso a humanidade, com perversidade gloriosa, celebrava a vida. A festa era uma invocação da primavera, pois com esta chegariam novas colheitas, nova vida, novos nascimentos, e a festa mantinha a esperança de sobreviver à esterilidade do inverno. Esta era a época do ano em que a chama da vida ardia com menor força, quando as noites escuras eram mais longas, e precisamente durante essa noite Sharpe podia ser atacado no convento pelos desesperados homens de Pot-au-Feu. Nesse preciso momento do solstício de inverno, o amanhecer podia tardar muito, muito em chegar.

Viu um fuzileiro que subia ao telhado e ao se inclinar para pegar sua arma de um colega, o homem começou a rir por alguma brincadeira. Sharpe sorriu. Eles suportariam.

Capítulo 10

Manhã de Natal. Na Inglaterra as pessoas se dirigiriam à igreja através dos caminhos brilhantes de geada. Durante a noite Sharpe tinha ouvido um sentinela cantar para si a “Escuta o canto dos anjos anunciadores”. Era o hino dos metodistas, ainda que a Igreja da Inglaterra o acolhesse em seu livro de orações. Para Sharpe, essa melodia lhe recordava a Inglaterra.

A alvorada pressagiava um bom dia. A luz resplandecia ao leste, estendia-se pelo vale e mostrava uma paisagem ao qual a névoa dava um ar de mistério. O castelo e o convento pareciam as torres de entrada de um porto em que as águas brancas e suaves fluíam suavemente por cima da boca do desfiladeiro e se derramava lentamente pelo grande vale cheio de neblina no oeste. A Entrada de Deus, branca e misteriosa, estava em silêncio.

Não houve nenhum ataque dos homens de Pot-au-Feu. Por duas vezes os piquetes haviam disparado durante a noite, mas em ambas as ocasiões eram falsos alarmes e não se tinham ouvido passos apressados ao longo da noite, nem se haviam visto escadas postadas contra os muros do convento. Frederickson, chateado com a inatividade do inimigo, rogara que lhe permitisse atravessar o vale com uma patrulha e Sharpe os deixara partir. Os fuzileiros haviam disparado contra o castelo e a atalaia desde uma posição oculta, e isso provocou o medo e o pânico entre os defensores, e Frederickson tinha regressado contente.

Com a patrulha de volta, Sharpe dormiu por duas de horas. Mas agora toda a guarnição se mostrava atenta enquanto o amanhecer passava da cor cinzenta brilhante para a autêntica luz. O bafo de Sharpe se embaçava ante seu rosto. Fazia frio, mas a noite tinha terminado, os reféns haviam sido resgatados, e os outros soldados estariam subindo o longo desfiladeiro. O triunfo era doce. Nas muralhas do castelo via aos sentinelas de Pot-au-Feu, ainda em seus postos, e se perguntava por que não tinham fugido da ira que se aproximava. O sol tingia o horizonte de um vermelho dourado e radiante, e esse colorido impregnava a névoa branca, o dia chegava a Adrados.

— Retirem-se! Retirem-se! — iam repetindo os sargentos pelo telhado.

Sharpe virou-se para a rampa que Cross havia construído e pensou em desjejuar e se barbear.

— Senhor! — um fuzileiro o chamou a vinte passos dele. — Senhor! — repetiu sinalizando para o leste, diretamente para o resplendor do sol. — Cavaleiros, senhor!

Maldita seja, o sol não lhe deixava vê-los. Sharpe cobriu os olhos com as mãos e deixou uma abertura com os dedos através da qual olhou e lhe pareceu ver as figuras que cavalgavam pela ladeira do vale, mas não estava seguro.

— Quantos?

Um dos sargentos de Cross disse três, outro homem quatro, mas quando Sharpe voltou a olhar as figuras haviam desaparecido. Estavam lá, mas já não estavam. Homens de Pot-au-Feu? Explorando uma retirada para o leste? Podia ser. Alguns prisioneiros haviam falado de uma incursão dos guerrilheiros que queriam se vingar de Adrados, e também podia ser isso.

Sharpe permaneceu no telhado para ver os cavaleiros, mas o amanhecer não deixou ver nenhum outro movimento no leste. Atrás dele se ouviam gritos de advertência dos homens que carregavam bacias de água quente desde os improvisados fogões. Os homens que não estavam de guarda começaram a se barbear, desejavam feliz Natal uns pra os outros, brincavam com as mulheres que haviam decidido ficar com os conquistadores e que se misturavam com os fuzileiros como se sempre tivesse sido assim. Esta era uma bonita manhã para um soldado. Só quem resmungava era o destacamento que tinha que subir a colina em busca das mochilas que haviam ficado na depressão.

Sharpe os viu partir e algo que viu no claustro superior lhe intrigou. Um grupo de fuzileiros atava tiras de tecido branco à desfolhada bétula que se havia aberto passagem entre as telhas. Estavam de bom humor, riam e brincavam e levantavam um homem aos ombros de um companheiro para que pusesse uma fita mais comprida no galho mais alto. O metal brilhava nos galhos pelados, talvez fossem botões que haviam cortado dos uniformes capturados, e Sharpe não entendia. Desceu pela estreita rampa e fez sinais para Cross.

— O que estão fazendo?

— São alemães, senhor — explicou Cross como se isso respondesse à perplexidade de Sharpe.

— E então? O que estão fazendo?

Cross não era como Frederickson. Era mais lento, menos inteligente e muito mais temeroso da formalidade. Contudo era tremendamente protetor no que se

referia a seus homens e agora lhe parecia que Sharpe não aprovava aquela árvore decorada de forma estranha.

— É um costume alemão, senhor. É inofensivo.

— Não duvido que seja inofensivo! Mas o que diabos estão fazendo?

Cross franziu o cenho.

— Bem, é Natal, senhor! É o que fazem no Natal.

— Atam fitas brancas às árvores a cada Natal?

— Não só isso, senhor. Qualquer outra coisa. Em geral preferem uma árvore de folha perene, senhor, colocam em seu alojamento e a decoram. Presentinhos, esculturas de anjos, coisas assim.

— Por quê? — perguntou Sharpe enquanto seguia observando-os assim como faziam os homens de sua própria companhia, que nunca tinham visto nada igual.

Ao que parece Cross nunca perguntara o porquê, mas Frederickson tinha aparecido no claustro superior e havia ouvido a pergunta de Sharpe.

— É pagão, senhor. Isso é por que os antigos deuses germânicos eram deuses dos bosques. Isto faz parte do solstício de inverno.

— Quer dizer que estão adorando aos antigos deuses?

Frederickson consentiu com a cabeça.

— Nunca se sabe quem manda lá em cima, não é mesmo? — disse sorrindo com zombaria. — Os sacerdotes dizem que a árvore representa aquela na qual crucificaram Jesus Cristo, mas é uma autêntica bobagem. Isto é tão somente uma antiga oferenda aos antigos deuses. E assim o fazem desde antes dos romanos.

Sharpe olhou para a árvore.

— Me agrada. Fica bom. E depois o que ocorre? Sacrifica-se uma virgem?

Havia falado em voz alta e os homens o haviam ouvido, tinham passado a rir e estavam muito contentes de que o major Sharpe tivesse gostado de sua árvore e tivesse feito uma brincadeira. Frederickson observou como Sharpe penetrava no claustro interior e o capitão caolho sabia o que Sharpe não sabia; sabia por que aqueles homens haviam lutado durante aquela noite em lugar de desertar e se unir ao cômodo e luxurioso inimigo. Um homem gostava de se medir com altos ideais e quando esses ideais conduziam à vitória e à aprovação então os homens

sempre seguiriam. “Deus se apiede do exército britânico — pensou Frederickson — no dia em que os oficiais depreciem seus homens”.

Sharpe estava cansado, tinha frio e não havia se barbeado. Andava lentamente para o claustro inferior, desceu os degraus e encontrou o grande aposento gelado onde Frederickson havia confinado os prisioneiros. Três fuzileiros os vigiavam e Sharpe lhe fez um sinal para um com a cabeça.

— Algum problema?

— Não, senhor.

O cabo cuspiu saliva de tabaco pelo vão da porta. Não havia porta e os três fuzileiros olhavam por cima de uma grosseira barreira formada com vigas de madeira carbonizadas.

— Um *delos* estava *enfadao, senó,* há uma hora.

— Enfadado?

— Sim, *senó.* Gritava e berrava, *senó,* irritado. Que queria roupas, dizia. Que não *semos* animais e *toas* essas bobagens, *senó.*

— E o que houve?

— O capitão Frederickson lhe disparou, *senó.*

Sharpe olhou para o cabo com surpresa.

— Assim, sem mais?

— Sim, *senó* — respondeu o homem com um sorriso. — Ele não se importa com bobagens, o capitão, *senó.*

Sharpe lhe devolveu o sorriso.

— Você deve fazer o mesmo. Se alguém mais der problemas, faça o mesmo.

— Sim, *senó.*

Frederickson havia estado ocupado e ao que parece ainda estava, pois se ouviram alguns vivas procedentes de sua companhia que estava de guarda no telhado pelo claustro interior. Sharpe voltou a subir a escada, depois à rampa que saía da galeria superior. Ali viu o que animava aos homens.

Havia-se içado uma bandeira. Era uma haste improvisada, presa com pregos, e como não havia nem um sopro de vento durante essa fria manhã de Natal, Frederickson havia ordenado que se pregasse um travesseiro no mastro do qual

se havia pendurado a bandeira. Era o sinal de aviso para os casacas-vermelhas de que os resgatadores haviam vencido, que podiam subir o desfiladeiro, e Sharpe havia pensado em simplesmente pendurar a bandeira no exterior do edifício. A haste era uma ideia muito melhor.

Frederickson havia se aproximado a esta parte do telhado e levantou a vista até a bandeira.

— Não é a própria, senhor.

— A própria?

— A parte irlandesa.

Quando se havia aprovado a Ata da União que unia indissoluvelmente a Irlanda à Inglaterra formando uma única nação, acrescentara-se uma cruz vermelha diagonal à bandeira da União. Para algumas pessoas, mesmo transcorridos onze anos, continuava sendo estranho. Para outros, como Patrick Harper, ainda era ofensivo. Sharpe olhou para o capitão.

— Me disseram que disparou em um prisioneiro.

— Fiz mal?

— Não. Apenas poupou um conselho de guerra que ordenaria isso mesmo.

— Achei que isso os apaziguaria, senhor — respondeu Frederickson suavemente, dando a entender que havia feito um favor aos prisioneiros.

— O senhor dormiu?

— Não, senhor.

— Faça-o. É uma ordem. Talvez o necessitemos logo.

Sharpe não sabia por que dizia aquilo. Se tudo saísse como previa, os casacas-vermelhas manteriam o revezamento durante horas e estes já haviam feito seu trabalho. Contudo algo o inquietava. Talvez fossem aqueles estranhos cavaleiros do amanhecer, ou talvez fosse por não estar acostumado a mandar em quase duzentos homens. Bocejou, coçou a barba por fazer do queixo e se abrigou bem no gabão.

Um gato caminhava sobre o telhado de pouco atento, desprezando aos fuzileiros que se agachavam sob a mureta de pedra. Caminhava pela lombada das telhas, sentou-se e começou a se lavar a cara com as patas. Sua sombra comprida se refletia sobre as telhas rosadas.

Do outro lado do vale, a sombra da atalaia se estendia para o castelo. As duas edificações distavam uns quatrocentos e sessenta metros, a atalaia era uns cinquenta metros mais alta, e entre ambas se estendia um vale, estreito e coberto de crategos. A névoa se levantava do vale menor e deixava ver os crategos desfolhados cobertos pela geada e se adivinhava um riacho brilhante. Os homens seguiam vigiando o castelo e a atalaia, e isso era estranho. Achava Pot-au-Feu que, uma vez resgatadas às mulheres, seus inimigos partiriam tão facilmente?

Para o leste a chama dourada do sol alcançava as colinas de Portugal, os vales se viam ainda negros e cinzentos, com farrapos brancos de névoa, enquanto que o escuro horizonte seguia consumido na noite. Parecia que a paisagem se enrugava, como se tivesse de se espreguiçar e despertar. Ainda era de noite nos vales mais distantes.

Sharpe foi caminhando pelo telhado até que chegou à mureta norte, com pouca guarda, sentou-se sobre as telhas e olhou para a esquerda, para o desfiladeiro. Não havia sinal do 69º, mas ainda era cedo.

— Senhor? — perguntou uma voz com sotaque alemão atrás dele. — Senhor?

Virou-se. O homem lhe oferecia uma xícara de chá. Os alemães haviam adquirido o costume dos ingleses e, assim como eles, levavam folhas soltas nos bolsos. Uma boa tormenta podia destruir as provisões de uma semana.

— E você?

— Tenho mais, senhor.

— Obrigado.

Sharpe o pegou e o mexeu entre suas mãos enluvadas e observou como o alemão regressava para a bandeira. Salpicavam-na manchas de umidade. O fino tecido deixava atravessar o sol. Algo pelo que lutar.

A névoa fluía lentamente pelo desfiladeiro, derramava-se como se fosse água e Sharpe tomou um trago de chá quente e agradeceu por estar sozinho. Queria observar a grande beleza oculta do amanhecer, a luz que se estendia sobre Portugal através de um céu vasto e frisado de nuvens noturnas. Algumas nuvens ameaçavam o norte, nuvens negras, mas seria um bom dia.

Ouviu pisadas sobre o telhado mas não e girou porque não queria que o molestassem. Olhou para a direita, de propósito, para o lado oposto de onde procediam as pisadas e observou ao grupo que descia pela vereda empinada

entre os crategos com as mochilas atadas aos fuzis.

— Richard?

Virou-se e se pôs de quatro.

— Josefina.

A dama sorriu, um pouco nervosa, tinha o rosto envolvido na pele prateada de seu capuz verde-escuro.

— Posso ficar aqui?

— Sim, claro. Não está com frio?

— Um pouco — respondeu ela sorrindo. — Feliz Natal, Richard.

— Igualmente. — Sharpe sabia que os fuzileiros que estavam no telhado mais amplo e grande estariam olhando-os. — Por que não se senta?

Sentaram-se a dois passos de distância e Josefina se abrigou na grossa capa de pele.

— Isso é chá?

— Sim.

— Posso tomar um pouco?

— E seguir vivendo, quer dizer?

— Seguirei viva — respondeu ela, e estendeu uma mão e pegou a xícara. Deu um trago e fez uma careta. — Pensei que voltaria ontem de noite.

Sharpe riu.

— Estive ocupado.

Tinha ido ver as reféns e encontrara três tenentes que as cortejavam. Sharpe não tinha ficado muito tempo, só o necessário para se assegurar de que não tinham sofrido nenhum dano e para reconfortá-las dizendo que seriam devolvidas a seus maridos. Todas elas, curiosamente, se interessaram pela sorte de seus captores, e Sharpe fez uma lista de quem havia tratado bem às mulheres. Prometeu que tentaria salvá-los da execução.

Sharpe sorriu brincalhão para Josefina e pegou a xícara de chá.

— Teria sido bem recebido?

— Richard! — Josefina também passo a rir, já não estava nervosa, pois a voz

de Sharpe lhe indicava que a aprovava. — Recorda-se de quando nos conhecemos?

— Seu cavalo tinha perdido uma ferradura.

— E você estava mal-humorado e foi desagradável. — Josefina estendeu a mão de novo para a xícara. — Era muito sério, Richard.

— Creio que ainda sou.

Ela fez uma careta, soprou o chá e bebeu da xícara.

— Lembro que lhe disse que chegaria a coronel e que trataria muito mal a seus homens. Será verdade.

— Por acaso sou tão mau com meus homens?

— Os tenentes lhe têm medo. Salvo o senhor Price, e isso porque lhe conhece.

— E sem dúvida queria lhe conhecer?

Josefina sorriu alegremente.

— Ele tentou. É como um cachorrinho. Quem é o espantoso capitão caolho?

— É um lorde inglês, é imensamente rico, e é muito, mais que muito generoso.

— É?

Josefina o olhou, sua voz delatava interesse, mas então percebeu que Sharpe zombava dela e riu.

— E você é lady Farthingdale.

A dama deu de ombros debaixo da capa como se quisesse mostrar que o mundo era estranho. Deu outro trago e depois devolveu a xícara para Sharpe.

— Ele estava preocupado comigo?

— Muito.

— De verdade?

— De verdade.

Ela o olhou com atenção.

— Realmente estava muito preocupado?

— Estava realmente muito preocupado.

— Que encanto — disse ela sorrindo alegremente.

— Ele pensava que lhes estupravam todos os dias.

— Nenhuma vez! Aquele estranho “coronel” Hakeswill se assegurou de que não fosse assim.

— Ele fez isso?

Josefina consentiu com a cabeça.

— Eu lhe disse que viera aqui para rezar por minha mãe, o que era de certa forma verdade. — Começou a rir. — Não totalmente, mas Hakeswill acreditou. Ninguém podia me tocar. Costumava vir para me falar de sua mãe. Conversas intermináveis! Portanto eu seguia lhe dizendo que as mães eram a coisa mais maravilhosa do mundo, e quão afortunada havia sido sua mãe por ter um filho como ele, e não se cansava de escutá-lo!

Sharpe sorriu. Sabia da devoção de Hakeswill por sua mãe e sabia que Josefina não podia ter encontrado melhor proteção que esse sentimento.

— Para que veio aqui?

— Bem, minha mãe está enferma.

— Achava que não se davam bem.

— E verdade. Ela não aprova minha vida, mas está enferma. — Pegou a xícara de Sharpe, acabou o chá e pôs a xícara metálica sobre a mureta. Olhou para o fuzileiro e sorriu zombando. — A verdade é que queria sair por um dia.

— Sozinha?

— Não — respondeu ela com reprovação, dando a entender que ele a conhecia de sobra. — Com um capitão encantador. Mas Augustus insistiu em que também viesse outro, portanto teria sido muito difícil.

Sharpe sorriu. As pestanas de Josefina eram incrivelmente longas, sua boca indecentemente perfeita. Era um rosto que prometia o melhor.

— Entendo por que ele se preocupa com você.

Josefina riu e deu de ombros.

— Está apaixonado por mim — disse ela pronunciando a palavra “apaixonado” com ironia.

— E você está por ele?

— Richard! — exclamou ela com censura. — Ele é muito agradável, e é muito, muito rico.

— Muito, muito, mais que muito rico.

— Ainda mais rico que isso — acrescentou ela sorrindo. — Tudo o que quero! Tudo! Ele tenta ser rigoroso comigo, mas eu não vou permitir. Fechei-lhe a porta com chave por duas noites e desde então não tive problemas.

Sharpe virou-se e se alegrou por ninguém necessitar dele. Os sentinelas estavam sentados e caminhavam pelo telhado, ouvia-se o som de facas e cantis que provinha dos desjejuns que se tomavam nos claustros, e seguia sem se ver sinal de Kinney. Sharpe voltou a olhar para Josefina.

— Realmente me alegro de vê-lo, Richard.

— Teria se alegrado com qualquer um resgatador.

— Não. Alegro-me de vê-lo. Sempre me faz dizer a verdade.

— Para isso não necessita de mim — disse ele sorrindo.

— Você precisa de amigos — replicou ela sorrindo rapidamente. — Você me conhece de verdade, não é mesmo? E não me desaprova.

— Deveria?

— Normalmente é assim — respondeu ela olhando fixamente para a ladeira da colina. — Todos dizem o contrário e fazem discursos maravilhosos, mas eu sei o que pensam. Eu serei amada, Richard, enquanto tenha isto — disse indicando seu rosto.

— E o resto.

— Sim — acrescentou ela sorrindo. — Ainda funciona.

Ele lhe devolveu o sorriso.

— Por isso se casou com sir Augustus?

— Não — respondeu ela sacudindo a cabeça. — Isso foi ideia dele. Queria que eu fosse sua mulher para que fosse com ele para toda parte. — Josefina riu como se sir Augustus fosse estúpido. — Queria que fosse para o norte, para Bragança, e navegamos até Cádis, e não podia fazer que fosse às jantas como sua puta, não?

— Por que não? Muitos homens o fazem.

— Não nessas jantas, Richard. É tudo muito pomposo— disse com uma careta.

— Ou seja, casou-se com ele para poder ir a jantas ostentosas?

— Casar-me! — exclamou Josefina olhando para Sharpe como se estivesse louco. — Eu não estou casada com ele, Richard! Acha que me casei com ele?

— E não está?

Ela riu de Sharpe e sua voz atraiu a atenção dos sentinelas. Falou mais baixo.

— Ele só quer que diga que estou casada com ele. Você sabe o que me paga por isso?

Sharpe sacudiu a cabeça em sinal de negação e ela voltou a rir.

— Muito, Richard. Muito.

— Quanto?

Josefina começou a contar com os dedos.

— Tenho uma propriedade perto de Caldas da Rainha; trezentos acres e um grande casa. Uma carruagem e quatro cavalos. Um colar com o qual compraria a metade da Espanha e quatro mil dólares em um banco de Londres. — Deu de ombros. — Você não diria que sim a uma oferta como essa?

— Não acredito que alguém me faça tal proposta. — Sharpe a olhou com incredulidade. — Não é lady Farthingdale?

— Certamente que não — respondeu ela sorrindo —, Richard! Deveria me conhecer melhor! Além disso, Duarte ainda vive. Não posso me casar com ninguém enquanto esteja casada com ele.

— Então ele lhe sugeriu que se fizesse passar por sua mulher? É isso?

Josefina deu de ombros.

— Algo assim. Ele não tinha falado muito a sério, mas eu lhe perguntei o que me pagaria por isso e uma vez me disse que o acompanhasse. — A dama sorriu para si. — De fato já estava me pagando para que não fosse com ninguém mais que ele, portanto por que não fazer ver que estamos casados? É um bom matrimônio, não acha?

— Estou seguro de que seu sacerdote está de acordo — observou Sharpe com ironia.

— Quem quer que seja.

— E ninguém suspeita?

— Não dizem nada, pelo menos a Augustus. Ele disse a todo mundo que tinha se casado comigo, por que não acreditariam?

— E ele não acha que ninguém suspeite?

— Richard, já lhe disse — disse ela quase exasperada. — Ele está apaixonado por mim, de verdade. Não se cansa de mim. Ele pensa que a deusa lua me criou, pelo menos foi isso é o que disse em uma noite. — Sharpe riu e ela sorriu. — De verdade. Acha que sou perfeita. Sempre diz isso. E quer que lhe pertença, cada parte de mim, a cada hora, tudo. — Josefina deu de ombros. — Ele paga.

— E não sabe de nenhum outro?

— Refere-se ao passado? Ouviu coisas. Eu lhe disse que tudo eram rumores, que recebia os oficiais, mas por que não o faria? Uma mulher casada e respeitável em Lisboa, talvez uma viúva, nada me impedia de tomar chá com um oficial ou dois.

— E ele acredita?

— Certamente! Isso é no que ele quer crer.

— Quanto durará?

— Não sei. — Fez uma careta voltada para a ladeira da colina. — É bom. É como um gato. É muito limpo e muito delicado e muito ciumento. Sinto falta, bem, já sabe.

Sharpe uma risada.

— Josefina!

Era uma história incrível, mas não mais que dúzias delas que ele havia ouvido a respeito dos subterfúgios que utilizam homens e mulheres quando flechados pelo Cupido. Ela olhou ele ria.

— Sou feliz, Richard.

— E rica.

— Muito — ela confirmou sorrindo. — Portanto não vá dizer nada disto, entendido? Não diga!

— Não direi nado do que me disse.

— É melhor que não. Mais dois meses e terei o suficiente para comprar alguma propriedade em Lisboa. Assim que eu não lhe disse nada!

— Sim, senhora — disse golpeando-se a testa com os nós dos dedos.

— Lady Farthingdale.

— Sim, milady.

Ela riu.

— Começa a me agradar que me chamem assim. — Fechou o colarinho da capa. — Conte-me de você.

Ele sorriu brincalhão, sacudiu a cabeça e quando tentava encontrar algo pouco comprometedor para dizer ouviu um berro proveniente do outro lado do telhado.

— Senhor! Major Sharpe, senhor!

Ele se levantou e se virou.

— O que foi?

— Os cavaleiros, senhor. Eu os vi outra vez. Desapareceram.

— Tem certeza?

— Sim, senhor.

— O que eram?

— Não sei, senhor, salvo...

— Salvo o que? — gritou Sharpe.

— Não estou seguro, senhor, mas me pareceu que podiam ser aqueles sacanas dos franceses. Somente três, senhor, mas pareciam franchinotes.

Sharpe compreendia que o homem hesitasse. A cavalaria francesa raramente se movia se não fosse em grandes formações e era estranho que apenas três soldados de cavalaria inimigos pudessem andar pelo vale alto.

— Senhor? — voltou a chamar.

— Sim?

— Poderiam ser desertores, senhor. Usam uniformes franchinotes.

— Sigam olhando!

Provavelmente o homem tinha razão. Três cavaleiros franceses da turma de Pot-au-Feu iam simplesmente explorando o vale de leste a sul. Provavelmente Pot-au-Feu partiria. Sharpe se virou para Josefina.

— É hora de ir. Temos o que fazer. — Estendeu-lhe a mão e a ajudou a se levantar.

Ela o olhou com certa preocupação.

— Richard?

— Sim.

Ele supunha que ela se preocupava com a possibilidade de que houvesse tropas francesas no vale alto.

— Ficou alegre por me ver?

— Josefina — disse ele sorrindo. — Sim, certamente.

Caminhavam pelo espaço plano que havia entre a mureta e as telhas, os fuzileiros se afastavam a sua passagem e lançavam olhares de admiração para Josefina. Sharpe parou sob a bandeira e olhou fixamente para o oeste entre as sombras do desfiladeiro, aonde a névoa ia se desfazendo em volutas. Apreciava-se um ligeiro movimento entre as rochas cinzentas lá ao longe, um movimento apenas visível, mas suficiente para provocar o alarme de outro sentinela.

— Senhor!

— Eu os vi, obrigado!

Os fuzileiros estavam ao alcance da vista. Sharpe os buscou com o olhar por cima da frágil bandeira e se perguntou por que seguia tendo a sensação de que ainda teria de lutar por ela. Tentou tirar esse pensamento da cabeça, levou Josefina pela mão até a rampa e levantou a voz para que os fuzileiros pudessem ouvi-lo.

— Seu marido estará aqui em uma hora, milady.

— Obrigado, major Sharpe.

Josefina se inclinou suavemente e depois fez um gesto magnífico, levantou o braço e indicou todo o convento, um gesto com o qual abraçava a todos os fuzileiros que observavam. Levantou a voz.

— E obrigado a todos os senhores. Obrigado!

Todos pareciam estar agradecidos, envergonhados e agradecidos, e Sharpe

deu uma cotovelada em um sargento que tinha ao lado.

— Três hurras por sua senhoria?

— Oh, sim, senhor, certamente, senhor. — O sargento sorriu para os homens. — Três hurras para sua senhoria!

— Hurra!

Gritaram duas vezes mais, e assustaram ao gato que brincava sobre as telhas, e Josefina o agradeceu. Fez um sinal com a cabeça para todos, e por último para Sharpe, e ele teria jurado que lhe piscou um olho ao inclinar a cabeça.

Sharpe voltou a se dirigir para a bandeira sorrindo. Era uma manhã de surpresas. Uma árvore de Natal para o dia de Natal, Josefina para sir Augustus Farthingdale e ao leste três cavaleiros que criavam incerteza na manhã de Natal. As sombras que se viam no desfiladeiro eram uma linha de atiradores que subiam pela Entrada de Deus, com as companhias formando em coluna detrás. Sharpe levantou a vista para a bandeira e seu instinto lhe seguia advertindo que o problema se achava naquele ar sem vento e que aquele Natal ainda reservava outras surpresas.

Capítulo 11

O tenente-coronel Kinney mandou seus fuzileiros avançarem os últimos metros colina acima em ordem aberta. Ainda havia a possibilidade de que Pot-au-Feu abrisse fogo com os canhões capturados dos espanhóis, ainda que os prisioneiros capturados durante a noite jurassem que dois dos canhões estavam na atalaia e que o terceiro fora instalado na muralha leste do castelo e não podia apontar para o desfiladeiro. Contudo, Kinney não quis se arriscar.

Sharpe sentiu de repente certo pesar porque já não era o oficial de maior graduação na Entrada de Deus. Kinney tinha uma patente superior à sua, sir Augustus Farthingdale também, e Sharpe supunha que o único major dos casacas-vermelhas também teria uma categoria superior à sua. Kinney desceu do cavalo na entrada do convento e estendeu a mão para Sharpe, dispensando a saudação.

— Muito bom, major, excelente!

O elogio de Kinney era generoso e também embaraçoso, efusivo tendo em conta as dificuldades que havia deparado a marcha noturna, que se realizara em silêncio, e o assalto a um edifício no qual não se haviam produzido baixas entre os atacantes. Sharpe apresentou Frederickson, Cross e Price, e Kinney estendeu seus elogios a todos eles. Sir Augustus Farthingdale foi menos amável. Desmontou empertigado, ajudado por seu criado, e puxou bruscamente o cachecol de seda que levava metido no colarinho alto de sua capa de montar. Sob a capa, golpeou nas botas com o rebenque.

— Sharpe!

— Senhor.

— O senhor conseguiu!

— Afortunadamente sim, senhor.

Farthingdale soltou um grunhido, não precisamente de alegria. Tinha o nariz aquilino vermelha por causa do frio e a boca com um ar mais mal-humorado que de costume. Voltou a golpear o rebenque contra o couro.

— Muito bom, Sharpe. Bem feito — disse a contragosto. — Lady Farthingdale está bem, não é mesmo?

— Perfeitamente, senhor. Estou seguro de que se aliviará muito ao vê-lo.

— Sim. — Farthingdale se impacientava, seus olhos se dirigiam sem interesse algum para o castelo e o povoado. — O que está esperando, Sharpe? Leve-me até ela.

— Certamente, senhor. Sinto muito, senhor. Tenente Price?

Sharpe mandou Price conduzir sir Augustus até sua "esposa". Sir Augustus se dirigiu à escada do convento, tirou o chapéu bicorne de sua cabeça grisalha e lustrosa e fez um sinal para Kinney com a cabeça.

— Siga, Kinney!

— Esse homem acha que tenho a intenção de ir dormir?

Fez o comentário em voz alta e Sharpe o ouviu. Era evidente que Kinney tinha passado mal com sir Augustus durante a longa marcha noturna e agora o irlandês deu um chute em uma pedra e a enviou contra a muralha do convento.

— Maldita seja, Sharpe, mas ela deve ser uma mulher de destaque para trazer sir Augustus até aqui.

— É uma beleza, senhor — respondeu Sharpe sorrindo.

Kinney olhou para o leste, onde os homens de seu batalhão formavam longe do alcance da metralha que podia ser disparada do castelo ou da atalaia.

— E o que fazemos agora, hem?

A pergunta não era dirigida a Sharpe.

— Limpamos o povoado desses tipos e depois veremos o castelo.

— A atalaia, senhor?

Kinney virou-se para lá. Os dois canhões da atalaia, se existissem, podiam disparar no flanco de qualquer ataque que fosse feito pela desmoronada muralha leste do castelo. Se tivesse que se travar um combate no castelo, primeiro a atalaia teria que ser tomada. Kinney coçou a bochecha.

— Você acha que esses sacanas lutarão?

— Não fugiram, senhor.

Pot-au-Feu devia saber que suas aventuras tinham terminado. Já não tinha mais reféns, o convento havia sido tomado, e agora um batalhão de infantaria britânica se achava no vale. O mais sensato, pensava Sharpe, era que os

desertores fugissem, escapassem para o leste ou o norte, mas inexplicavelmente tinham ficado. As tropas de Pot-au-Feu se viam nas defesas do castelo e no terrapleno que havia ao pé da atalaia. Kinney meneou a cabeça.

— Por que ficaram, Sharpe?

— Deve pensar que pode nos vencer, senhor.

— Então é o homem deve ser desenganado — disse Kinney pronunciando com ênfase a última palavra. — Não desejo que nenhum de meus homens morra hoje, major. Seria uma horrível tragédia no dia de Natal. — Sorveu o nariz. — Limparei o povoado com baionetas, depois manterei uma conversa com aquele homem do castelo para ver se quer se render. Se quiser o pior... — Olhou para a atalaia. — Nesse caso, eu lhe agradeceria se pudesse tomar emprestada uma companhia de fuzileiros, major.

Era agradável que Kinney enfeitasse uma ordem com tanta cortesia.

— Certamente, senhor.

— Esperemos que não se chegue a isso. Até lá, o jovem Gilliland já terá chegado.

O esquadrão de foguetes vinha uma hora atrás do 113º, tinha se atrasado por culpa do aro de uma roda. Kinney sorriu abertamente.

— Dois desses fogos de artifício subindo-lhes pelo traseiro poderiam persuadi-los e lançá-los à nossa mercê.

Kinney pediu seu cavalo, grunhiu enquanto subia seu pesado corpo para a sela e depois, de cima, dirigiu para Sharpe um sorriso brincalhão.

— Provavelmente, Sharpe, não fugiram porque estão totalmente bêbados. Bem, então! Ao trabalho! Ao trabalho! — pegou as rédeas, parou e olhou por cima da cabeça de Sharpe. — Santo Deus, Santo Deus!

Josefina estava na entrada do convento, acompanhada por sir Augustus Farthingdale, que tinha um aspecto bem diferente. Seu mau humor havia desaparecido e o substituía a atenção afetada que oferecia a uma mulher extraordinária que deslumbrou a Kinney com seu sorriso. A voz de Farthingdale denotava orgulho, o orgulho da posse.

— Coronel Kinney? Tem a honra de conhecer a minha mulher? Querida, este é o coronel Kinney.

Kinney se descobriu.

— Milady. Teríamos percorrido meio mundo para salvá-la.

Josefina o recompensou separando os lábios, pestanejando e com um belo discurso que bajulava tanto a Kinney como a sua tropa. Sir Augustus observava com prazer, desfrutando da admiração que transluziam os olhos de Kinney, aprovando que sua "mulher" se dirigisse para acariciar o cavalo de Kinney. Quando a mulher se afastou de seu lado, ele deu um puxão em Sharpe pela manga.

— Tenho que falar com o senhor.

Ela lhe teria contado que Sharpe a conhecia? Parecia incrível, mas Sharpe não achava outra explicação para que sir Augustus o chamasse à parte, de maneira que Josefina não os ouvisse. O rosto do coronel denotava raiva.

— Aí dentro há homens nus, Sharpe!

— Prisioneiros, senhor — respondeu Sharpe reprimindo o riso.

Tinha ordenado a um grupo de desertores que continuassem com a dura tarefa de fazer seteiras nas enormes muralhas.

— Por que diabo estão nus?

— Desonraram seus uniformes, senhor.

— Santo Deus, Sharpe! Permite que minha mulher veja isto?

Sharpe mordeu a língua para não replicar que Josefina provavelmente havia visto mais homens nus que sir Augustus e respondeu amavelmente.

— Farei que se cubram, senhor.

— Faça-o, Sharpe. Outra coisa.

— Senhor?

— O senhor não se barbeou. Está em uma situação pouco adequada para falar de desonrar uniformes!

Farthingdale virou-se bruscamente e seu rosto mudou para um sorriso indulgente quando Josefina se aproximou.

— Querida. Realmente quer ficar aqui fora, com o frio que faz?

— Claro, Augustus. Quero ver como os homens do coronel Kinney castigam os meus sequestradores.

Sharpe quase sorriu ao ouvir a última palavra, mas ela a havia escolhido bem

para sir Augustus. Este se ergueu, adotou um aspecto feroz e consentiu com a cabeça.

— Certamente, querida, certamente. — Olhou para Sharpe. — Uma cadeira para sua senhoria e algo para beber, Sharpe.

— Sim, senhor.

— Não é que será travado um grande combate — disse sir Augustus para Josefina. — Não têm estômago para lutar.

Transcorrida uma hora se podia dizer que sir Augustus tinha razão. Os desertores que tinham ficado no povoado fugiram com suas mulheres e filhos quando a Companhia Ligeira de Kinney penetrou pelo norte. Fugiram tranquilos através do vale e se coaram por entre os crategos para a atalaia. Duas dúzias deles iam a cavalo, com os mosquetes pendurados ao ombro e os sabres bem visíveis dos lados. A senhora Dubreton e as outras duas reféns do exército francês saíram um pouco e tomaram o chá com Josefina, mas o frio fez que voltassem para o interior do convento que havia sido sua prisão. Sharpe perguntou à senhora Dubreton o que havia pensado quando viu seu marido na galeria superior do claustro interno.

— Pensava que não voltaria a vê-lo.

— Não deixou verem que o conhecia. Isso deve ter sido duro.

— Para ele também, major, mas não queria lhes dar essa satisfação.

Ele comentou com a senhora Dubreton, enquanto Price tentava cativar Josefina, as dificuldades que implicava viver na França para uma inglesa, mas ela as negava dando de ombros.

— Estou casada com um francês, major, minha lealdade é óbvia. E ele não me exige que sinta inimizade por minha própria pátria. — A mulher sorriu. — Para dizer a verdade, major, a guerra nos afeta pouco. Imagino que deve ser como viver em Hampshire. Ordenham as vacas, vamos a bailes e uma vez por ano ouvimos falar de uma vitória e então nos recordamos de que há uma guerra. — A dama olhou para sua saia e depois levantou a vista. — É difícil com meu marido longe, mas a guerra acabará, major.

A guerra de Pot-au-Feu terminava agora. Com o povoado livre de inimigos, Kinney fez os homens de seu batalhão formarem sob a fria luz do sol e avançou

a cavalo para o castelo, lentamente e com dois oficiais a seu lado. Sharpe caminhou vale acima com a intenção de ver a muralha leste que estava desmoronada e Frederickson foi com ele.

O capitão lhe fez um sinal com a cabeça em direção aos três cavaleiros.

— Vão para exigir uma rendição?

— Sim.

— Não entendo por que os sacanas não fugiram. Devem saber o que lhes espera.

Sharpe não respondeu. Isso também lhe preocupava, mas talvez Kinney tivesse razão. Talvez estivessem muito bêbados para saber o que estava sucedendo, ou talvez os sobreviventes do bando de Pot-au-Feu preferissem se entregar à clemência do exército britânico do que enfrentar um frio inverno naquelas colinas que deviam estar infestadas de guerrilheiros vingativos. Ou talvez simplesmente Pot-au-Feu não quisesse partir. Os prisioneiros a quem tinham interrogado durante a noite confirmaram que o francês gordo se instalara no castelo com uma pompa grotesca, que era tão despótico em seu comando como um barão medieval dando justiça e recompensando a seus seguidores. Talvez a fantasia do marechal Pot-au-Feu fosse tão forte que estavam convencidos, ele e seus seguidores, de que o castelo podia resistir a um assalto. Qualquer que fosse o motivo, tinha ficado, e seus homens também, e agora Kinney com seus dois oficiais refreavam os cavalos a setenta metros da muralha leste, desmoronada, cujos entulhos formavam um obstáculo, à altura do peito de um homem, que protegia o grande pátio.

Kinney permanecia elevado sobre os estribos com as mãos formando megafone junto a sua boca. Um grupo de homens estava sobre os entulhos e Sharpe viu que um deles fazia sinais para o cavaleiro de que se aproximasse. “Não o ouvem”, pensou.

— Deus! — exclamou Frederickson com frustração.

Ele não estava de acordo com que se parlamentasse com um inimigo desonroso. Apalpava a borda desfiada do seu tapa-olho e obviamente desejava conduzir seus fuzileiros contra o inimigo que seguia indicando a Kinney que se aproximasse.

Kinney, já irritado, deu um golpe com os saltos e seu cavalo avançou ao trote. Parou a quarenta e cinco metros do inimigo, a um tiro de mosquete e

voltou a gritar. Então pareceu que puxava as rédeas, inclinou-se para a direita para ajudar o cavalo a girar, pois havia visto algum movimento a sua esquerda: descobriam o canhão que estava em uma fresta no extremo desmoronado da muralha leste. Mas era tarde demais.

Sharpe viu primeiro a fumaça, que se elevava sobre o restante da muralha, e então começou a detonação, um som surdo que retumbou pelo vale como um trovão que se afastasse, e o som tinha o estalido inconfundível da metralha disparada por um canhão. O pote metálico tinha explodido na boca do canhão e as balas de mosquete se espalharam formando um cone de diâmetro cada vez mais largo em cujo centro se achava o tenente-coronel Kinney. Cavalo e homem caíram de lado, e enquanto o cavalo se sacudia inutilmente e tentava voltar a se erguer, o homem jazia imóvel banhado em seu próprio sangue. Sharpe olhou rapidamente para Frederickson.

— Leve a sua companhia até a Companhia Ligeira de fuzileiros! Atacarão a atalaia!

— Senhor!

Sharpe olhou para seus homens que folgavam junto à muralha do convento.

— Sargento!

Farthingdale se havia levantado da cadeira, pedia seu cavalo e logo chamou por Sharpe.

— Major!

— Senhor?

— Quero seus homens em frente ao castelo! Uma linha de escaramuçadores!

Frederickson, que já ia correndo, ouviu Farthingdale e parou para olhar para Sharpe. Sharpe olhou para o coronel que subia em sua sela.

— A atalaia, não, senhor?

— Já me ouviu, major! Mova-se!

Sir Augustus esporeou seu cavalo e se dirigiu para o batalhão, em silêncio e aturdido que formava do outro lado do caminho que saía do povoado. Sharpe apontou para o castelo.

— Linha de escaramuçadores! Minha companhia à esquerda da linha, capitão Cross no centro, capitão Frederickson à direita! Movam-se!

Por que, em nome de todos os santos, Pot-au-Feu havia provocado aquele combate? Achava realmente que podia vencer? Quando Sharpe atravessava correndo o pasto do vale viu os dois oficiais que cavalgaram junto de Kinney levantarem o coronel do solo. Um deles matou o cavalo do coronel, com um disparo de pistola. O inimigo não se importou com os dois oficiais, talvez já estivesse satisfeito com a morte do coronel, mas por que o haviam feito? Pensavam que podiam derrotar a um batalhão em um combate direto? Contudo, Sharpe se esqueceu dos motivos de Pot-au-Feu porque as primeiras balas de mosquete salpicavam o capim e a terra que tinha a seus pés. A fumaça se desvanecia formando diminutas nuvens por cima dos crategos que cresciam entre o castelo e a atalaia, e Sharpe gritou para o tenente Price:

— Dê trabalho àqueles sacanas, Harry. Use os mosquetes e quatro fuzis.

— Já, já, senhor. — Price estendeu os braços. — Abram-se! Abram-se! — pegou o pequeno apito que levava nos cinturões cruzados e assobiou o sinal.

Tanto Frederickson como Cross utilizavam cornetas para transmitir as ordens no campo de batalha. Seus garotos, não mais de quinze, emitiam sons entrecortados enquanto corriam, mas as chamadas ordenavam, inequivocamente, que as companhias formassem a corrente de atiradores. Sharpe mandou que se detivessem a noventa metros da muralha desmoronada, fora do alcance efetivo dos mosquetes, e ordenou aos corneteiros de Cross que tocassem uma única nota, o sol sustenido, que indicava aos fuzileiros que se jogassem ao solo.

— Agora “fogo aberto”, garoto.

— Sim, senhor.

Tomou ar e o impulso glorioso de três notas escalando uma oitava se repetiu até que os fuzis estalavam na linha e as balas obrigavam os defensores de Pot-au-Feu a se abrigarem com rapidez.

Sharpe olhou a sua direita. Price mantinha ocupado o inimigo que estava disperso entre os crategos, o tenente caminhava para cima e para baixo atrás de seus homens em busca de alvos. Na frente de Sharpe pareceu como se de repente o castelo ficasse livre de defensores, a pontaria dos fuzis os havia obrigado a se ocultar atrás das ameias ou dos entulhos. Atrás dele ouvia as ordens que eram gritadas para os casacas-vermelhas. Maldito seja, Farthingdale pretendia um assalto imediato. O canhão, oculto na parte da muralha leste que se mantinha de pé, somente seria vulnerável se lhe disparasse desde a direita da linha de Sharpe e ele voltou a chamar o corneteiro de Cross.

— Cumprimente ao senhor Frederickson de minha parte e lhe diga que vigie o canhão.

"Vigiar" era uma maneira pouco adequada de dizê-lo, mas isso não importava, pois certamente não era preciso recordar daquela arma a Frederickson. O fogo dos fuzis era menos intenso e se convertia em estalidos espaçados cada vez que um dos defensores mostrava a cabeça. Sharpe escutava como os tenentes gritavam para seus homens que gritassem os alvos e que não desperdiçassem os tiros. Atrás deles, longe, em direção ao povoado, sir Augustus fazia formar os casacas-vermelhas em duas colunas de quatro filas que apontavam para a muralha desmoronada como aríetes humanos. O sargento Harper, fazendo uso do privilégio de sua classe, levantou-se e foi para junto de Sharpe. Só se ouviam disparos de mosquete esporádicos que provinham da ladeira da colina, e o campo de tiro era muito amplo. O enorme irlandês sorriu para Sharpe com malícia.

— Senhor?

— Sargento?

— Importa-se que lhe faça uma pergunta? Não era aquela do convento a senhorita Josefina?

— Você a reconheceu?

— Não se esquece facilmente, senhor. Está se convertendo em uma beleza. — Harper gostava de mulheres mais cheias que Sharpe. — É lady Farthingdale?

Sharpe ficou tentado de contar a verdade a Harper, mas se segurou.

— Cuida-se bem.

— É sim. Eu a cumprimentarei.

— Eu não faria isso enquanto sir Augustus esteja por aqui.

— Ah é? Ela se incomodaria? — perguntou Harper com um sorriso.

— Em absoluto.

Sharpe olhou para o convento. Viu alguns fuzileiros no telhado vigiando dali às mulheres e os prisioneiros e viu a uns metros da porta a capa verde-escuro de Josefina. Ela seria o motivo desse ataque precipitado? Sir Augustus estava tão ansioso de mostrar sua virilidade a sua jovem "desposada" que enviaria os casacas-vermelhas contra o castelo antes que os canhões da atalaia pudessem ser calados? Talvez estivesse certo. Nenhum canhão havia disparado desde a colina.

Os estandartes dos fuzileiros foram retirados dos estojos de couro, desdobrados e erguidos entre as polidas alabardas cuja missão era protegê-los. Cada alabarda era um machado gigante de aço polido até reluzir como a prata, e a visão dos estandartes no meio das lâminas brilhantes emocionava a todo soldado. A pompa da guerra. Sir Augustus, à frente das bandeiras, se descobriu, cumprimentou e as duas colunas e meio batalhão iniciou uma marcha rápida.

Sharpe fez megafone com as mãos e gritou:

— Fogo! Fogo!

Não importava que houvesse poucos alvos. O que importava nesse momento era que as balas de fuzil passassem assobiando pelos ouvidos dos defensores, para que se desmoralizassem e se atemorizassem antes que as duas colunas irrompessem por cima dos entulhos da muralha desmoronada. O corneteiro de Cross regressou de seu recado com dificuldades e ofegando, e Sharpe lhe mandou tocar o avanço e foi adiante da linha por dezoito metros antes de dar ordem de parar.

— Fogo! Que saibam quem somos!

Os entulhos da muralha leste convidava as duas colunas ao avanço. Podia-se subir por eles com facilidade, as enormes pedras haviam caído formando uma suave rampa sobre a qual Sharpe via que as balas dos fuzis de seus homens levantavam jorros esbranquiçados de poeira. Imaginou as duas colunas de fuzileiros fluindo por cima da muralha e penetrando no pátio, acesos pela raiva que lhes produzia a morte de Kinney. Porém, Santo Deus, por que Pot-au-Feu tinha provocado esse ataque?

Os fuzis se viram afogados por uma explosão dupla procedente da colina da atalaia e Sharpe virou-se e viu colunas de fumaça borbulhante que marcavam a posição dos dois canhões que havia no terrapleno, debaixo da torre. As balas retumbaram, golpearam contra o terreno perto das colunas e ricochetaram por cima de suas cabeças. Os fuzileiros zombaram e seus oficiais os fizeram calar. As baionetas reluziam entre a tropa.

Os sargentos ordenaram a seus homens formar, mandaram marchar e algumas casacas vermelhas com bordas brancas se viam limpas e reluzentes e indicavam que novos recrutas lutavam nessa manhã de Natal. Os canhões voltaram a disparar.

Os canos das armas já estavam mais quentes, ou os parafusos para elevá-la se

haviam tocado um pouco, e desta vez o primeiro pote de balas caiu na coluna mais próxima e Sharpe viu que golpeava as filas pelo lado, o sangue salpicou para trás e um homem caiu de bruços, largou o mosquete, afastou-se da coluna cambaleando e desabou.

— Fechem! Fechem!

— Mais depressa! — gritava Farthingdale agitando o chapéu.

"Talvez ainda tivesse razão", pensou Sharpe. Era pouco o estrago que os canhões podiam fazer até que as colunas chegassem ao castelo. Podiam matar a uma dúzia de homens, ferir outros tantos, mas isso não deteria o ataque. Olhou para o castelo. De quase todas as frestas brotava fumaça de mosquete, seus fuzileiros tinham agora alvos, e nenhuma bala dava contra ladeira da muralha desmoronada. Ordenou que a linha de atiradores avançasse outros dez passos.

As balas não golpeavam contra os entulhos. Voltou a olhar. Tampouco se via fumaça de mosquete por cima da muralha. Seus homens repeliam o ataque, e ninguém lhes respondia desde a muralha, o que significava que estava sem defesa. Indefensa! Não havia homens ali, e então Sharpe blasfemou e começou a correr com dificuldade pelo terreno desigual para as colunas que estavam próximas a sua linha de atiradores.

Um canhão disparou da atalaia, desta vez alto, de forma que a bala acertou entre as colunas e quicou para cima. Os sargentos ordenaram aos gritos retomar a marcha e os oficiais começaram a cavalgar ou caminhar junto a suas companhias com os sabres desembainhados. O segundo canhão disparou e esmagou de novo a coluna mais próxima, arrancando homens das filas de forma que quem ia detrás passava por cima da carnificina e fechava filas. As colunas seguiram avançando. O eco do canhão se perdeu pelo vale. Os fuzis avançavam estalando, os mosquetes cuspiam desde as defesas e os homens que encabeçavam as colunas morriam entre a fumaça que envolvia a primeira posição das linhas de atiradores.

Sharpe abriu passagem sem consideração entre a tropa da coluna mais próxima. Fez um sinal com a mão par sir Augustus, que estava bem orgulhoso montado sobre seu inquieto cavalo.

— Senhor! Senhor!

Farthingdale tinha o sabre desembainhado. A capa jogada para trás permitia que se vissem as cores vermelho, branco e dourado de seu uniforme. Tinha

subido comprando suas classes até o posto de coronel sem nunca ter tido que lutar, atuando sempre como um soldado de salão nos palácios e parlamentos do poder.

— Senhor!

— Major Sharpe! — disse com tom jovial. Dirigia um ataque ante os olhos de sua amante.

— A muralha está minada, senhor!

O mau humor voltou a se apoderar de seu rosto. Olhou para Sharpe incomodado, pensando, e conteve seu cavalo inquieto.

— Como sabe?

— Ninguém a defende, senhor.

— São desertores, Sharpe, não um exército!

Sharpe caminhava junto ao cavalo, que estava bastante agitado.

— Pelo amor de Deus, senhor! Está minada!

— Maldito seja Sharpe! Saia do meio!

Seu cavalo ergueu a cabeça e avançou para frente; Sharpe ficou ali impotente, enquanto as duas colunas desfilavam imperturbáveis. Duzentos e setenta homens em cada coluna, com as baionetas reluzentes junto a seus rostos, marchavam em direção a uma muralha aparentemente inofensiva, mas Sharpe sabia que só era uma provocação à qual nesse momento respondiam. Maldita seja! Olhou atrás dele. A erva havia ficado pisoteada e pálida atrás da passagem das duas colunas e coberta pelos mortos e feridos ali onde havia golpeado o fogo do canhão. Os canhões voltaram a disparar e Sharpe abriu passagem aos empurrões por entre a coluna e voltou a se dirigir para seus homens. Deus quisesse que estivesse errado.

Cross havia afastado a sua companhia para deixar passagem para as colunas e Sharpe via os estandartes bem altos e sabia que os porta-bandeiras, quase na infância ainda, sentiam-se orgulhosos daquele momento. Kinney não levava uma banda consigo, se não os músicos iriam tocando o avanço do ataque até que tivessem que encarregar-se de sua segunda obrigação, ocupar-se dos feridos. Farthingdale fazia sinais com a mão para que continuassem, alentava-os, e finalmente os fuzileiros se animaram e passaram a correr os últimos metros.

O canhão que havia na muralha leste não estava oculto, disparou e a cabeça

da coluna mais avançada foi destroçada pelo açoite da metralha. Um homem se arrastava sobre a erva, com as calças brancas empapadas de vermelho, e sacudia a cabeça, pois não sabia o que havia sucedido.

— Avançar! Avançar! Avançar!

Sir Augustus Farthingdale deteve seu cavalo, deixou que os estandartes passassem por ele e então fez que as colunas se apressassem para a muralha leste. A fumaça do canhão se elevou sobre os entulhos.

"Deus queira que me equivoque — rogava Sharpe. — Que me equivoque". Os primeiros homens que subiram os entulhos romperam filas. Dispersaram-se e cada um escolheu um caminho sobre as pedras desiguais. Levavam os mosquetes preparados para a estocada mortal da baioneta.

— Avançar! Avançar! Avançar!

Farthingdale estava de pé sobre os estribos e brandia o sabre no ar. Sharpe o maldizia, pois sabia que toda aquela exibição era dedicava a Josefina. Balas de mosquete golpearam contra as colunas provocando uma agitação similar à de uma pedra lançada contra uma corrente; os homens voltaram a fechar o espaço.

— Avançar! Avançar! Avançar!

Corriam para os entulhos, abarrotavam-nos, dispersavam-se ao chegar acima e lançavam vivas quando viam o pátio diante deles. Sharpe desejava vivamente ter se equivocado, e então viu que os primeiros homens haviam passado por cima das pedras e sentiu um grande alívio ao compreender que não iam morrer no espanto que produziria uma mina ao explodir num dia de Natal pela manhã.

Parecia que a coluna de fumaça saltava, como uma serpente acesa, desde a base das pedras para Farthingdale e seu cavalo, e este se empinou e lançou Farthingdale para trás; neste então a fumaça já provinha de cada fenda das pedras. Sharpe gritou em vão para adverti-los.

A muralha desmoronada saltou pelos ares, se acendeu em chamas e se produziu uma negra e densa fumaceira que antecipou a noite na qual os fuzileiros saíram expelidos pelos ares, pela pólvora comprimida sob as pedras. A explosão retumbou, depois estourou em um trovão desafiante que rodou entre as colinas cobertas de crategos e a muralha se levantou e os homens que não haviam chegado até a barreira destroçada se detiveram espantados. O canhão disparou de novo e então se ouviram vivas provenientes do castelo e da colina junto à atalaia, e Pot-au-Feu lançou todos seus mosquetes contra as colunas

imóveis. As chamas lambiam a barreira destroçada debaixo da fumaça. Os lampejos dos mosquetes tinham um alvo fácil. O inimigo ia à caça dos sobreviventes que penetraram primeiro no pátio.

— Recuar! Recuar! — gritou alguém, e as duas colunas retrocederam afastando-se da fumaça e do som dos mosquetes; então Price gritou para Sharpe:

— Senhor!

Alguns homens desciam em fila entre os crategos para atacar o batalhão ferido por seu flanco.

— Formem uma coluna! — gritou Sharpe.

A corneta de Cross tocou as três notas que significavam “formar” e Sharpe empurrou os homens para a tropa de casacas-vermelhas.

Um capitão de fuzileiros, enfurecido e confuso, gritava a seus homens que retrocedessem. Sharpe lhe ordenou que se mantivesse firme. Pelo menos seis companhias não tinham sido afetadas pela mina e ainda podiam lançar-se dentro do pátio, mas os fuzileiros obedeciam às vozes de seus próprios oficiais.

— Recuar!

Os homens que haviam surgido dos crategos formavam uma rudimentar linha de atiradores para atacar o batalhão que se retirava e sentiam certa satisfação, não muita, ao ver que os disparos certeiros dos fuzileiros os faziam retroceder. Então Sharpe ouviu o choque de aço do outro lado da fumaça, o som de mais disparos e se notou de que alguns fuzileiros foram apanhados no pátio do castelo. Aqueles homens não tinham que morrer, ou pior ainda, converter-se em novos reféns para os cruéis vícios de Hakeswill. Sharpe lançou seu fuzil carregado para Hagman, desembainhou a espada e se virou para onde a fumaça negra ainda se aferrava às pedras frisadas de sangue. Resgataria àqueles homens e depois tomariam o castelo da maneira adequada, de forma profissional, e se virou ao ouvir alguns passos junto a ele sobre a erva.

— O que está fazendo?

— Vou com o senhor — respondeu Harper com um tom que não admitia discussão.

Era o dia de Natal e eles iam à guerra.

Capítulo 12

Atravessar aquela acre cortina de fumaça entre as labaredas que acabavam de consumir os restos do barril de pólvora, era como penetrar em um mundo diferente. O ar limpo e a erva fresca do vale desapareciam para dar lugar à pedra destroçada, polida com sangue e manchada com restos de carne queimada e irreconhecível; no pátio os sobreviventes da explosão eram perseguidos com fúria.

Sharpe viu que Harper descia e parou assustado buscando o sargento, então viu o enorme irlandês que arrancava de um corpo a lança da alabarda. A lâmina ergueu-se entre a fumaça como se fosse um grande machado de luz prateada e Harper soltou seu grito de guerra em gaélico. Sharpe já havia conhecido momentos como aquele, quando o sargento, geralmente plácido, se excitava com a raiva dos heróis irlandeses e não lhe importava estar a salvo, tão somente queria combater de acordo com as tristes canções irlandesas que mantinham vivo o heroísmo de uma nação.

No interior do pátio havia uma muralha nova e baixa que se podia saltar facilmente; essa era a linha de defesa de Pot-au-Feu dentro do castelo. Alguns homens corriam pela muralha com o riso nos lábios e os mosquetes preparados para disparar nos fuzileiros que estavam aturdidos entre a fumaça. Outros homens de Pot-au-Feu haviam saltado a muralha e iam à caça dos sobreviventes, brandindo as baionetas. Uns poucos fuzileiros, que tinham se agrupado junto a um sargento que estava ao comando, brandiram suas baionetas, mas morreram, pois as balas de mosquete atravessaram o insignificante muro.

Então Harper saiu do fogo.

Para os defensores deve ter parecido que uma criatura mítica surgia entre a escuridão da explosão. Era um homem enorme e excitado para a batalha que brandia entre suas mãos a cabeça de um machado e que foi correndo para o muro, o saltou e a lâmina de aço rachou a fumaça e mordeu em cheio os defensores.

— Fuzileiros! Fuzileiros! — gritava Sharpe.

Escorregou, pois tinha o salto direito manchado de sangue, e a queda o livrou da baioneta de um francês que lhe vinha pela esquerda. Sharpe rodou pelo chão,

brandiu a enorme espada e viu que uma lasca de madeira se separava do mosquete que estava em cima dele. Deu uma patada com o pé esquerdo, acertou o homem na rótula e este cambaleou, Sharpe se levantou e a espada acabou com o francês.

— Fuzileiros! A mim!

Puxou da lâmina da espada, deu uma patada no corpo e a arma saiu com dificuldade.

— Fuzileiros!

Deus, grande lugar, este! A presença de alguns inimigos ao redor dos sobreviventes era a única coisa que impedia que os mosquetes de Pot-au-Feu varressem o pátio. Quatro homens jaziam aos pés de Harper, outros haviam retrocedido ante a fúria daquele gigante e a grande lança que brandiam seus potentes braços, e Sharpe viu que um homem apontava com cuidado com o mosquete.

— Patrick!

Lançou a alabarda e a lingueta da cabeça da lança se afundou na testa daquele homem. Harper regressou do outro lado do muro e pegou sua espingarda de sete canos.

— Aguarde, Patrick! A mim, a mim!

O sargento empurrou seus homens para Sharpe. Três feridos recebiam ajuda, um homem levava os dois estandartes dos fuzileiros envoltos de qualquer maneira debaixo do braço. Os mastros estavam quebrados e lascados.

— Por aqui!

Sharpe girou-se e aproveitou o impulso com sua espada e lançou para trás a um homem vestido com uniforme português que vinha correndo desde os entulhos. Este parecia estar raivoso e enlouquecido pela luta. Sharpe viu outras figuras sobre a muralha desmoronada onde a fumaça se demorava e se espessava ao misturar-se com o cheiro da carne queimada. Sharpe se concentrou naquele homem, deixou que toda sua raiva fluísse e penetrasse com a estocada da espada que retorcia e viu como o uniforme marrom se dobrava sobre a grande espada, girou-a para extraí-la com conhecimento de causa de que estavam cercados.

Uma bala de mosquete bateu contra as pedras junto a seu pé esquerdo, outra deu um puxão na bainha de sua casaca e uma terceira atingiu um fuzileiro que

morreu antes de cair ao chão. Sharpe viu que muitos homens se dirigiam correndo para eles e percebeu que não conseguiria levar os feridos para o outro lado da barreira. Voltou a girar. Ele não ia morrer ali! Não nas mãos dessa escória e precisamente nesse dia!

Eles esperavam dele que resistisse e lutasse, ou que corresse para as pedras, portanto o que tinha que fazer era outra coisa, e devia decidi-lo em um instante, do contrário todos morreriam; ou pior que isso. Pot-au-Feu realmente acreditava que podia vencer! Estava demonstrando a seus homens e eles o recompensavam lutando com um fanatismo que em boa parte surgia da consciência de que se fossem derrotados estavam condenados.

À sua direita ficava a entrada da torre, enorme e com muitos torreões. Tinha que haver uma porta e Sharpe se moveu, gritou e os fuzileiros mudaram de direção, e Sharpe os guiou com sua espada; os desertores retrocederam porque não era isso o que esperavam e ele brandiu a espada contra eles. Passou por cima de um corpo vestido com uma casaca vermelha que tinha a boca aberta e vermelha e então com a espada estocou um homem nas costas e Harper agarrou o mosquete caído e apertou o gatilho. Sharpe já se encontrava no muro baixo e o atravessou gritando como se estivesse com o diabo. Começava a desfrutar daquela carga louca para o coração das defesas inimigas, e lá estava a porta, pequena e negra, a sua direita.

— Ali! Venha, venha, venha!

O sargento na cabeça, puxava um homem ferido apesar dos gritos de dor que proferia, até que Sharpe agarrou Harper pelo ombro, virou-o de maneira que ambos formassem a retaguarda enquanto os fuzileiros penetravam correndo pela porta pequena demais. Um golpe de canto e mandou para o ar um mosquete com baioneta, retirada, estocada, e gritos triunfantes porque outro sacana estava estendido. E então houve um grito pelo pátio.

— Atrás deles!

Era a voz de Hakeswill. As balas de mosquete se esmagavam contra a porta da torre, picavam nos seixos e Sharpe retrocedeu.

— Entrem!

Afortunadamente a fumaça que havia no pátio os ocultava. Mas então se fez visível uma grossa linha que se dirigia para eles, com as bocas abertas, as baionetas dispostas ao ataque e Harper pôs um joelho no piso e a arma enorme

ao ombro.

— Para trás, senhor!

O retrocesso da arma de sete canos quase manda Harper contra a porta. O centro da linha de ataque foi varrida, o disparo retumbou com força no castelo e Sharpe agarrou Harper pelo colarinho e o arrastou para trás. O sargento rodou porta adentro e sacudiu a cabeça.

— Deus salve a Irlanda.

— Escadas, senhor! — gritou o sargento de fuzileiros indicando uma escada caracol.

— Porta!

Harper a empurrou. Parecia que estava apodrecida e quebrada, os pregos quase caiam do que em seu dia haviam sido fortes pranchas. Havia uma barra e Sharpe a deixou cair enquanto uma bala de mosquete abria um buraco junto a seu pulso direito.

O sargento dos fuzileiros hesitava na parte inferior da escada.

— Esses sacanas estão lá em cima, senhor.

Sharpe lhe disse o que pensava dos defensores que estavam lá em cima e então lhe mostrou o caminho com sua espada desembainhada. Ao ir subindo pela estreita escada caracol,

Sharpe percebeu a inteligência dos antigos construtores. Os degraus, nessa direção, giravam no sentido horário. O braço com o qual Sharpe manejava a espada, assim como o da maioria dos homens, era o direito. E, precisamente, o fundamento da pedra central que prendia o interior de cada degrau bloqueava esse braço e obstruía o movimento. Um defensor, ainda que subisse as escadas de costas, teria maior movimento com seu braço direito. Por isso ninguém disputava a subida.

Ele avançava lentamente, com cuidado, temeroso a cada degrau. Mais abaixo ouvia as batidas de culatras dos mosquetes contra a porta. Não ia aguentar. Então um de seus feridos lançou um grito horrível e Sharpe se lembrou de ter entrevisto um osso de coxa quebrado que saía da carne rasgada e percebeu que estavam arrastando o ferido escada acima. Pobre diabo, o dia de Natal de 1812, e esse pensamento lhe produziu tal ira que deixou de precauções e correu degraus acima gritando até dar com uma aposento espaçoso onde alguns homens, muito

mais assustados que ele, esperavam para ver o que saía daquela porta. Não sabiam se eram amigos ou inimigos e hesitaram tanto que a espada acertou um e os outros dois retrocederam correndo por uma porta aberta que subia para a parte norte das muralhas. Sharpe fechou a porta de um golpe, travou-a e depois girou para olhar onde haviam se refugiado.

Era um aposento amplo e retangular iluminado por duas seteiras que olhavam para o vale. Na dependência havia dois tornos enormes, quebrados e muito apodrecidos e uma polia oxidada no teto indicava o lugar por onde outrora os guardas dessa sala levantavam e baixavam um rastelo. Outra escada caracol subia de uma porta e Sharpe percebeu que devia conduzir à parte mais alta do torreão de onde os homens de Pot-au-Feu haviam disparado o ataque.

Harper estava carregando sua arma de sete canos, um processo que era demorado, enquanto que os fuzileiros arrastavam os feridos para o interior do aposento. Sharpe agarrou o sargento pelo ombro.

— Dois homens em cada entrada, os mosquetes carregados.

Olhou para o torno. Os grandes tambores ainda estavam ali, com a madeira apodrecida e empoeirada.

— Tente bloquear a escada com um deles.

Um disparo retumbou degraus acima, depois outro, então se ouviu o estouro de lascas da porta que era derrubada. Sharpe sorriu.

— Não se preocupe. Terão muito cuidado para subir aqui em cima.

Dois fuzileiros tentaram arrastar o torno mais próximo, mas só conseguiram que se desprendessem pedaços de madeira da velha armação. Harper deu a um deles sua arma de sete canos e um punhado de cartuchos para carregá-lo.

— Carregue isto, garoto. Como se fosse um mosquete. Agora vá.

Rodeou o tambor largo de madeira com seus enormes braços, calculou suas forças contra as âncoras que prendiam o eixo à grande viga que havia debaixo e então esticou os braços, empurrou com as pernas, a cara era uma máscara pelo esforço e o tambor seguia sem se mover. Um dos vigias da escada escorvou seu mosquete, apontou rapidamente e disparou pela escada caracol. Ouviu-se um grito. Isso os reteria.

Harper puxou do tambor, amaldiçoou, o sacudiu ritmicamente para que seus músculos rasgassem os antigos suportes. Voltou a puxar, tinha os tendões como

as cordas que outrora elevavam o rastelo pela fenda que havia no piso, e Sharpe viu que uma cantoneira de ferro oxidado se partia, ouviu a madeira seca que se lascava e as pernas de Harper se endireitaram enquanto o tambor se levantava com lentidão e derramava a poeira de muitos anos. O irlandês o arrastou, com passos tão desajeitados como os de um urso bailando. A pesada carga parecia uma pipa de cerveja entre seus braços e grunhiu para os dois guardas para que se saíssem da frente. Ele o deixou ir pela escada, rolando, chocando-se e saltando, e depois ficou preso na curva. Harper limpou as mãos e sorriu.

— Um presente do irlandês. Terão que queimá-lo para tirá-lo de lá.

Dirigiu-se para sua arma de sete canos que já estava carregada e sorriu para Sharpe.

— Andar seguinte, senhor?

— Já lhe disse alguma vez que é muito útil tê-lo por perto?

— Minha mãe me dizia isso, senhor. Queria me devolver por ser tão pequeno.

Um dos fuzileiros passou a rir quase com histeria; usava uma casaca limpa e reluzente, era um recruta e Harper lhe sorriu.

— Não se preocupe, garoto, eles têm muito mais medo de você que você deles.

O garoto vigiava a porta que dava para a muralha norte, uma defesa que estava livre de inimigos pois não se temia um ataque por esse lado.

Sharpe foi para a porta que conduzia à parte mais alta do torreão e se assomou com cautela. Uma escada que ascendia. Uma voz lançou uma maldição na outra escada, uma baioneta arranhava a madeira que obstruía, mas Sharpe já não temia um ataque vindo de baixo. Contudo, essa escada lhe dava medo. Os homens que estavam acima já deviam saber que debaixo estava o inimigo. Estava tentado a deixá-los lá, mas sabia que podia defender a parte mais alta da torre com maior facilidade que esse aposento.

— Eu irei primeiro.

— Com respeito, senhor, o que leva a arma — disse Harper ao mesmo tempo em que levantava sua arma.

Era verdade, mas Sharpe não podia permitir que outro fosse à frente.

— Você atrás de mim.

Aquela escada era como a primeira; infelizmente girava para a direita, e Sharpe se tirou da cabeça a ideia de que os capitães no passado deviam enviar primeiro aos canhotos em escadas como essa. Estava espantado. A cada passo aumentava seu temor, cada passo mostrava um novo trecho de muro escuro e desconhecido. Um homem sozinho com um mosquete não teria maior dificuldade em matá-lo. Parava, escutava, teria desejado ter pensado em deixar as botas para que a subida fosse mais silenciosa.

Abaixo se ouviam mosquetes, um grito, e a seguir a voz pausada de um sargento dos fuzileiros. Aquele homem podia defender o aposento com facilidade durante alguns minutos, mas Sharpe meio desejava que seu grupinho ficasse isolado nesse castelo durante horas. Tinha que se apoderar do cume do torreão, pensou nos defensores que lhes esperavam escada acima e desejou com todas suas forças não ter que subi-la. Ouvia a Harper que estava inquieto e grunhia atrás dele e o fez calar irritado. O irlandês lhe estendeu algo.

— Tome, senhor.

Era sua casaca verde. Sharpe entendeu. Penduraria a casaca na ponta da espada porque os defensores, nervosos por sua vez, apenas esperavam que aparecesse algo entre a escuridão da escada. Harper sorriu e, com um movimento de sua arma, indicou a Sharpe que se mantivesse perto da coluna da escada para poder disparar e confiar no rebote das sete balas. Sharpe passou a ponta ensanguentada da espada pelo colarinho da casaca e na penumbra viu a coroa de louro que levava costurada na manga. Sharpe também levava uma dessas; a cobiçada condecoração indicava que um fuzileiro havia sido o primeiro a entrar por uma brecha defendida. Contudo, Badajoz já estava tão longe que aquele medo atroz era só uma recordação borrada, enquanto que o medo daquele momento era grande e paralisante. A morte parecia esperar no alto daquela escada, mas Sharpe sabia que os passos a que um mais temia eram aqueles que tinha de dar. Subiu.

A jaqueta que lhe precedia era uma forma escura na penumbra, e tentou recordar a altura tinha torre e quantos degraus faltavam para chegar à parte superior, mas estava confuso. Com as voltas da escada havia perdido o senso de direção, o medo fazia que o chiado que produziam as solas das botas sobre a pedra fria se convertesse em um sinal de alarme, pois imaginava a bala disparada de cima. A lâmina da espada se chocava com o pilar central. A casaca se meneava a cada passo; era uma treta patética, não se parecia em nada com um homem. Mas ele se repetia a si mesmo que os defensores também estariam

nervosos; certamente estariam representando em suas mentes o ataque que irromperia naquela escada, também devia pensar na morte naquele dia de Natal.

A descarga, quando se produziu, aproximou-se terrivelmente, e as balas tentaram acertar na casaca, fizeram-na ondular e a rasgaram. Sharpe se agachou instintivamente, pois parecia que a escada estava cheia de pedra que feria como o metal; então, perto de seus ouvidos, explodiu a arma de sete canos, que o deixou surdo, e Sharpe lançou gritos de desafio que não foi capaz de ouvir, tirou de um puxão a casaca da ponta e carregou degraus acima.

A casaca lhe salvou a vida. Ele só quis se desfazer da casaca para deixar livre a lâmina, mas a pisou com o pé direito, caiu para frente e derrubou Harper que ia atrás dele. O irlandês esmagou e cortou a respiração de Sharpe, apertou suas costelas contra os cantos dos degraus e enquanto caiam, a segunda descarga ardeu por cima de suas cabeças; tinham se livrado dela. Harper sentiu o hálito quente das armas, percebeu que os disparos haviam falhado e abriu passagem a arranhões por cima do corpo de Sharpe e fez uso de sua arma enorme a modo de garrote na entrada do pequeno torreão que coroava a torre.

Sharpe o seguia, a cabeça lhe zumbia devido à explosão do arma de sete canos, e no reduzido espaço do teto a melhor arma com que contava era sua espada. De novo surgiu o medo, como uma besta à qual se libera de uma jaula pestilenta. E ele foi matando com a espada. Não podia ouvir nada, apenas via ao inimigo que retrocedia diante dele. Percebeu que aqueles homens lhe haviam deixado nervoso, tinham-no feito sentir medo em um lugar reduzido e foi matando com toda a destreza e eficácia de seu braço armado.

Seis homens se agacharam em um canto do torreão, haviam soltado suas armas e levantavam as mãos em sinal de rendição. Os fuzileiros não lhes fizeram caso. Três homens seguiam lutando e morreram; dois com a espada e o terceiro, Harper o levantou e o jogou ao interior do pátio. Seu grito foi o primeiro som que penetrou nos ouvidos ensurdecidos e confusos de Sharpe.

Baixou a espada, cravava seu olhar feroz nos homens aterrorizados que se apinhavam contra as ameias. Respirou fundo e sacudiu a cabeça.

— Jesus.

Harper levou os outros dois corpos até a escada e os lançou um atrás do outro. Olhou para seu oficial.

— Escadas desalojadas e o castelo tomado. Deveríamos nos ocupar de algo?

— Não me agradou isto.

— A eles tampouco.

Sharpe passou a rir. Tinham conseguido, haviam tomado o cume do torreão e se perguntou quem teria sido o último a subir aqueles degraus em um combate e quantos anos faria. Teria sido antes da pólvora? O último a sair à luz daquelas muralhas usaria uma incômoda armadura, faria balançar um maça curta que se esmagaria contra o reduzido espaço da escada caracol? Sorriu para Harper e lhe deu uma palmada no braço.

— Bem feito.

Quem quer que fosse o último a subir a escada, lutando em sentido ascendente, tinha feito exatamente igual a Sharpe. Gritou escada abaixo, bem alto, e esperou que o homem lhe trouxesse o que queria. Balas assobiaram sobre suas cabeças procedentes da torre de homenagem, mas Sharpe não fez caso. Voltou a gritar impaciente, e aí estavam, com as hastes quebradas, mas não importava.

Sobre as velhas ameias, para o leste e de cara para os casacas-vermelhas, pendurou os estandartes. Estavam descoloridos por causa da fumaça, rasgados pelas explosões e balas, mas eram as bandeiras. Estandartes ondeando na muralha de um castelo, o orgulho de um combatente, estandartes que Sharpe e Harper haviam pendurado. Tinham tomado a entrada.

Capítulo 13

Pendurar os estandartes na torre tinha sido uma bravata. Eles estavam presos em baionetas inimigas que atravessavam o pano e se cravavam na argamassa desfeita das defesas. Sharpe pensou que ele e Harper tinham salvado aqueles estandartes da impetuosidade de sir Augustus, da estupidez daquele homem, e Sharpe olhou para o lugar onde Farthingdale havia caído. A fumaça ainda se elevava ali e então Sharpe soltou um maldição, agachou-se e uma bala procedente do vale bateu na pedra junto às bandeiras. Lá embaixo alguém achava que haviam capturado os estandartes e que o inimigo alardeava isso.

— Senhor? — inquiriu Harper sinalizando o norte para o convento.

O esquadrão de foguetes havia chegado. O combate que se tinha travado na muralha leste lhes havia permitido passar pelo desfiladeiro sem incidências, junto à muralha norte do castelo. Agora as carroças estavam estacionadas no caminho que levava ao convento, os soldados da cavalaria observavam com curiosidade a confusão do ataque frustrado.

Quem estava ao comando lá abaixo? Sir Augustus ainda seguia com vida? Sharpe havia dado Kinney por morto. Certamente o galês tinha ficado muito malferido, portanto quem dava as ordens às companhias que tinham se livrado da explosão? As balas convertiam o espaço por cima da torre em um lugar mortífero, chegavam balas disparadas de ambos os lados, desde a torre de homenagem e do vale. Sharpe se sentou e observou Harper, que estava carregando sua arma de sete canos.

— Esperemos.

Sharpe não podia fazer nada do alto torreão. Havia afastado alguns fuzileiros do caos, salvara os estandartes e agora teriam que ficar sentados até que o castelo caísse. Lamentou não ter desjejuado algo.

Sharpe tinha içado os estandartes com valentia, mas os fuzileiros os via como uma zombaria do fracasso. Eles não viam que havia fuzileiros no alto da muralha, somente viam seu orgulho, seus estandartes, ondeando na fortaleza inimiga. Os homens não lutavam pelo rei e a pátria mas por esses pedaços de seda e franja, e os fuzileiros, que estavam de novo em ordem, viam as bandeiras e não havia nada na terra que pudesse impedi-los de tentar recuperá-las. Seis

companhias haviam ficado intactas depois da explosão, outras duas tinham sido pouco afetadas e então viraram, carregaram e Frederickson lançou seus homens com ele à cabeça.

Ninguém havia notado que os canhões da atalaia já não disparavam. Ninguém dirigia a batalha, era uma expressão de ira.

As balas haviam deixado de atingir a torre e Sharpe se arriscou a dar uma olhada, viu a onda de homens que se aproximavam do vale e retrocedeu.

— Mosquetes! — gritou indicando as armas que tinham estado nas mãos da dúzia de prisioneiros que seguiam agachados entre as pedras.

Harper inclinou os mosquetes para eles, selecionou quatro que ainda estavam carregados e arqueou as sobrancelhas olhando para Sharpe.

— O canhão.

O canhão que estava na muralha leste, muito perto da torre de homenagem, era a única arma que podia estragar o ataque. Estava longe para um mosquete, mas pelo menos as balas que assobiassem junto às orelhas dos artilheiros os dissuadiriam. Sharpe brandiu um mosquete francês com o qual não estava familiarizado. Achou estranho. Via os artilheiros atrás da fresta, um deles segurava a mecha com a qual acenderia o tubo de escorvar e o canhão lançaria a metralha. Apontou um pouco por cima da cabeça do homem e apertou o gatilho. A arma lhe golpeou no ombro, a fumaça lhe tampou a visão e então o mosquete de Harper soou na fresta seguinte. Sharpe pegou o segundo mosquete, engatilhou e esperou a fumaça do primeiro disparo se dispersar. “Maldita seja, não tem vento!”

Os artilheiros tinham se agachado, olhavam com olhos exorbitados de onde provinham os disparos. Sharpe sorriu, apontou mais baixo, e de novo uma pederneira tirou faíscas sobre o aço, a escorva explodiu na sua cara, a pólvora ardendo lhe espetou na bochecha e de novo a fumaça lhe impediu a visão. Então se ouviram vivas que provinham dos entulhos, gritos de alarme do pátio, e Sharpe e Harper se ergueram e observaram a cena de cima.

Pot-au-Feu carecia de defesa para este segundo ataque. Havia posto todas suas esperanças no poder destrutivo da mina e no desespero de seus homens, mas agora sua defesa se derrubava. Sharpe viu com satisfação que os artilheiros abandonavam o canhão sem dispará-lo e corriam para a segurança que lhes oferecia a torre de homenagem. Os canalhas que estavam no pátio seguiam seu

exemplo. Os uniformes vermelhos fluíam por cima dos entulhos, precedidos por uma linha de fuzileiros verdes e os restantes não estavam de humor para se compadecer. Empunharam as esbeltas baionetas de quarenta e três centímetros contra o inimigo, as cravaram e as lâminas saíam avermelhadas enquanto que os homens de Pot-au-Feu berravam e lutavam tentando se salvar na única porta de acesso para a torre de homenagem. Um corneta estava tocando, era uma nota dupla no centro de cada chamada que mandava os homens à carga, e os fuzileiros de Frederickson, com suas baionetas mais compridas, empurravam os fugitivos para o estábulo debaixo das muralhas do oeste. Saltavam a muralha baixa, lançavam desafios e o inimigo passou a correr.

As baionetas não se utilizavam com frequência no campo de batalha, a menos para matar. A força da arma residia no medo que provocava e Sharpe havia sido testemunha de dúzias de cargas com baioneta em que as lâminas nunca alcançaram o inimigo. Os homens davam a volta e corriam antes de enfrentar o aço afiado. Contudo, aqui, nos limites do pátio, alguns fuzileiros tinham pegado o inimigo encurralado. E mataram, como foram instruídos, e passou algum tempo antes que os soldados vissem que alguns dos desertores já estavam se rendendo. Então alguns atacantes começaram a defender os prisioneiros desarmados da fúria de outros homens que os perseguiam com as lâminas ensanguentadas.

Sharpe viu que Frederickson, sem o tapa-olho e a dentadura, mandava a tropa subir a escada junto ao estábulo que conduzia à muralha oeste. O castelo caía.

— Vamos descer.

Dois fuzileiros mais haviam chegado ao cume do torreão e Sharpe os deixou vigiando os prisioneiros. Harper e ele correram degraus abaixo com vontade, agora já não era um lugar de medo paralisante, e se adentraram no amplo aposento onde gemiam os feridos, e o sargento de fuzileiros olhou com rosto preocupado para Sharpe.

— Nossos garotos, senhor?

— Sim. Siga gritando degraus abaixo. Conhecerão seu nome, não?

— Sim, senhor.

Sharpe abriu a porta que conduzia para a muralha norte. As defesas estavam vazias. No final havia um túnel na torre do noroeste antes de girar para a

esquerda para a muralha oeste. Ao olhar para ali viu que uma figura aparecia na torre, fincava um joelho no piso e elevava um fuzil. Sharpe se pôs ao sol.

— Não dispare!

Thomas Taylor, o americano, levantou seu fuzil de um golpe. Ele sorria brincalhonamente, pois era consciente de que havia assustado Sharpe e depois chamou por cima do ombro. Apareceu Frederickson com o sabre na mão e seu rosto refletia surpresa e depois alegria. Correu pela muralha.

— Era o senhor lá em cima?

— Sim.

— Deus! Achávamos que eram inimigos. Santo Cristo! Eu pensava que estava morto, senhor!

Sharpe olhou para o pátio onde os homens de Pot-au-Feu defendiam desesperadamente a entrada da torre de homenagem.

Fora disso, reinava o caos, pois os fuzileiros faziam prisioneiros, os revistavam e gritavam exaltados se encontravam algum butim.

— Quem está ao comando?

— Oxalá o soubesse, senhor.

— Farthingdale?

— Não o vi.

Sharpe imaginava o que aconteceria se os fuzileiros achassem o vinho que com toda segurança Pot-au-Feu tinha no interior da torre de homenagem. Deu ordens a Frederickson, gritou outras tantas para o capitão Cross, cujos fuzileiros formavam na muralha leste, e se virou para Harper.

— Vamos ver se podemos achar o maldito ouro que entregamos.

— Deus! Tinha me esquecido dele! — exclamou o sargento sorrindo. — O senhor primeiro, senhor.

Não encontraram resistência no caminho que levava desde as muralhas para o interior da torre de homenagem. Os fuzileiros já haviam passado por ali e se espalharam pelos pisos que davam para o pátio central da torre. Tiravam os prisioneiros de seus esconderijos, desciam fazendo ressoar suas botas pelas empinadas escadas de caracol e Sharpe ouvia os gritos das mulheres e os choros dos meninos assustados. Então, ao olhar para o lado sul da torre de homenagem

para uma seteira que estava desmoronada, soltou uma maldição.

— Senhor?

— Olhe.

A culpa era sua. Uma patrulha de fuzileiros descobrira de madrugada que havia uma escapatória para as colinas diretamente da torre de homenagem. Sharpe não a via, mas supôs que tinham caído pedras de uma parte da muralha baixa e viu o que restava do bando de Pot-au-Feu que avançava por entre os crategos para o capim mais desimpedido do cume da colina. Montes deles, homens, mulheres e meninos, todos fugindo. Voltou a amaldiçoar. Isso era culpa sua. Tinha que ter efetuado um reconhecimento pelo sul. Harper também soltou um palavrão e apontou através da seteira.

— Mais vidas que uma cesta cheia de gatos.

Hakeswill, montado a cavalo, com o comprido pescoço bem visível, ia esporeando seu cavalo em direção ao cume da colina. Harper desceu da canhoneira.

— Não irá muito longe, senhor.

A maioria não chegaria muito longe. O inverno e os guerrilheiros se ocupariam de que assim fosse, mas Hakeswill tinha escapado, havia escorrido para o mundo e ali planejaria mais estragos. Harper seguia tentando disfarçar o fracasso.

— Devemos ter a metade deles, senhor. Mais!

— Sim.

Era um êxito, sem dúvida o era. Adrados tinha sido vingado, os reféns haviam sido resgatados, as mulheres que foram capturadas no Dia do Milagre estavam a salvo e os sacerdotes que lançaram suas calúnias dos púlpitos teriam que se retratar. Era um êxito. Mas Sharpe via seus inimigos no cume da colina, um inimigo que se detinha, girava sobre a sela e depois seguia cavalgando pelo cume.

— Levaram o maldito ouro.

— Provavelmente.

Gritos, disparos de mosquete, os sons dos caçadores e dos caçados se seguiam ouvindo provenientes dos aposentos do castelo. Os casacas-vermelhas perambulavam pelos pisos, em busca de butim ou de mulheres, e Sharpe e

Harper abriram passagem a cotoveladas entre eles para descer até o pátio. Um berro lhes chamou a atenção e viram a Frederickson, com o sabre ainda desembainhado, que ameaçava alguns fuzileiros. Viu a Sharpe e sorriu.

— O vinho está aí dentro, senhor — indicou com a cabeça para uma porta que tinha detrás. — O bastante para embebedar toda Londres.

Agruparam os prisioneiros nos cantos do pátio, uma repetição da cena que se havia produzido na noite anterior no convento, e Sharpe observou como os oficiais controlavam seus homens. Havia terminado, estava acabado, o trabalho de um dia de Natal. Olhou para Frederickson, que colocava o tapa-olho no olho, sinal de que a luta tinha terminado.

— Alguma outra coisa interessante?

— Deveria olhar nas masmorras, senhor. Às escuras, algo asqueroso.

Para iluminar aquela escuridão utilizaram umas tochas de palha que alguns homens curiosos levaram ao interior das masmorras do castelo. Era um lugar sumamente desagradável. O aposento era amplo, com abóbadas baixas, úmido e glacial. Sharpe abriu passagem entre os fuzileiros e parou na borda daquele espanto. Viu um sargento.

— Não fique aí parado! Pegue um destacamento de prisioneiros. Desfaça-se disto!

— Sim, senhor.

— Hakeswill? — perguntou Harper.

— Quem sabe? Podemos tentar averiguar se algum dos sacanas diz a verdade.

Alguém havia estado muito ocupado. Entre a turma de desertores da Entrada de Deus não tinha reinado a fraternidade. Tinha havido castigos também, e foram piores que os que teria infligido qualquer exército. A masmorra fedia: homens mutilados, e Sharpe adivinhou, ao olhar entre as sombras espantosas, que também havia algumas mulheres naquele lugar de castigo; parecia que os corpos tinham sido atacados a machadadas por um louco, depois tinham sido abandonados como comida para os ratos, e apenas um corpo, nu e rígido, estava inteiro. Parecia intacto e Sharpe, curioso, aproximou-se para poder ver a cabeça.

— Foi Hakeswill que fez isso.

— Como sabe?

Sharpe deu um golpe com uma unha no crânio. O som era metálico.

— Mataram-no com um prego.

— Como? Pregado?

— Não exatamente. Já tinha visto isso antes. Na Índia.

Sharpe explicou a Harper a história e os fuzileiros o escutaram. Contou como tinham sido capturados pelas tropas do sultão Tipu e como os tinham levado para as celas em Seringapatam, onde pôde observar, através das janelas com forma de meia lua que ficavam ao nível do solo, como torturavam os prisioneiros britânicos. Talvez a palavra tortura fosse forte demais, pois os homens tinham morrido com bastante rapidez. O sultão Tipu, para seu próprio prazer e o de suas mulheres, empregava Jetties, musculosos profissionais, e Sharpe havia observado como arrastavam alguns homens do 33º para a areia, até onde esperavam os homens musculosos. Recordava que os saltos dos prisioneiros haviam deixado rastros. Naquele dia mataram de duas maneiras. A primeira, segurando a cabeça da vítima com seus enormes antebraços de cada lado e, a uma sinal de Tipu, respiravam e davam um puxão na cabeça desenhando a metade de um círculo. Outro Jettie segurava bem o corpo para que este não se movesse e, qualquer que fosse a resistência que opusessem os prisioneiros, o pescoço era torcido com tanta rapidez, como o de um frango.

O outro método consistia em colocar um cravo no crânio da vítima e introduzir quinze centímetros com um grande golpe da palma da mão. Era também uma morte rápida, se não fosse mal feito e Sharpe se recordava de ter contado ao sargento Hakeswill, que escutava com os outros homens junto ao fogo de acampamento. Hakeswill o tinha provado com prisioneiros indianos, e praticou até dominar o método. Maldito Hakeswill. Sharpe também maldisse em seu momento ao sultão Tipu, e teve a oportunidade de matá-lo mais tarde quando as tropas britânicas assaltaram a cidadela de Seringapatam. Sharpe ainda recordava o olhar daquele homenzinho obeso quando um de seus prisioneiros surgira do outro extremo do túnel aquático de onde o sultão disparava com suas enfeitadas escopetas contra os britânicos. Aquilo era uma boa recordação, unicamente embaçado por aquele rubi que Sharpe havia cortado de um dos dedos mortos e gorduchos do sultão e que depois presenteou a uma mulher de Dover, uma mulher a quem achava amar mais que a sua própria vida e que acabou fugindo com um professor míope. Achava que ela havia sido sensata. Quem quer um soldado como marido? Um estouro de vivas o sobressaltou;

provinham do extremo superior das escadas da torre sudoeste; eram vivas e zombarias, risos e vaias, e deixou os corpos entre aquele horror encrostado e foi ver o que era que causava aquela agitação.

[Os fuzileiros tinham formado um corredor pelo qual empurravam um prisioneiro com as culatras de seus mosquetes e fuzis. O prisioneiro fazia pequenos gestos em vão com suas mãos gordas e sorria para a direita e esquerda, inclinava-se e gritava quando outra culatra de mosquete lhe atiçava em seu amplo traseiro. Pot-au-Feu. Ainda usava o absurdo uniforme de marechal, somente lhe faltava a cruz de ouro esmaltada que pendia de seu pescoço. Viu Sharpe e se deixou cair de joelhos, rogando com sua voz profunda enquanto o inimigo ria dele. Um fuzileiro que estava atrás dele levantou o mosquete e apontou para o pescoço debaixo do chapéu com penas brancas.

— Pare com isso! Você o encontrou?

— Sim, senhor.

O homem soltou o mosquete.

— Estava nos estábulos, senhor, escondendo-se debaixo uma lona alcatroada. Suponho que está gordo demais para correr, senhor.

Sharpe olhou o rosto gordo que lhe balbuciava algo.

— Cale-se!

A trêmula massa de gordura uniformizada calou. Sharpe deu uma volta ao redor dele, arrancou o chamativo chapéu que usava sobre os cachos brancos de querubim.

— Este, garotos, é nosso inimigo. Este é o marechal Pot-au-Feu.

Os fuzileiros passaram a rir. Alguns deles cumprimentaram ao gordo cujos olhos observavam Sharpe enquanto este dava a volta. Cada vez que Sharpe se situava atrás dele aquela cabeça dava um puxão sobre o leito de papadas para ver como girava Sharpe.

— Nem todos os dias se captura a um marechal francês, hem? — disse Sharpe ao homem que havia encontrado a Pot-au-Feu. — Quero que cuidem bem dele, garotos. Não lhe façam mal. Sejam muito amáveis com ele porque ele vai ser muito amável com vocês. — A cabeça voltou a dar um puxão, os olhos mostravam preocupação. — Este é na realidade um sargento franchinote e era cozinheiro.

Um cozinheiro muito, mas que muito bom. Tão bom que agora mesmo irá para a cozinha para preparar o almoço de Natal!

Os soldados se animaram ao ouvir aquilo e observaram como Sharpe punha Pot-au-Feu a seus pés. Sharpe tirou umas palhas de sua casaca azul e ouro.

— Porte-se bem, sargento! Não ponha na sopa nada que não deva!

Custava bastante relacionar a este rosto gordo e de aspecto feliz com os horrores das masmorras. Pot-au-Feu, que havia entendido que não iam matá-lo no ato, fazia gestos com a cabeça para Sharpe.

— Vigiem-no. Levem-no.

Aquilo fazia a vitória ser mais doce; ter capturado o chefe daquela turba miserável aliviava o erro que supunha não ter bloqueado a rota de fuga do castelo. Sharpe observou como agrupavam os prisioneiros, ouviu os gritos das mulheres que saíam dos braços de seus capturadores e procuravam gritando por seus maridos e amantes. O caos seguia reinando no pátio.

Um tenente dos fuzileiros o encontrou e o cumprimentou.

— Saudações do capitão Frederickson, senhor, ele diz que abandonaram a atalaia.

— Onde está o capitão Frederickson?

— No telhado, senhor — respondeu o tenente sinalizando com a cabeça para a torre de homenagem.

— Deixe três homens vigiando a bebida e peça ao capitão que leve a companhia para a torre.

Sharpe não gostava da ideia de carregar Frederickson com mais trabalho, mas só o que podia fazer era enviar uma companhia de fuzileiros para a atalaia, pelo menos enquanto fosse um oficial subalterno de quem quer que estivesse ao comando. Pensando bem, quem estava ao comando? Sharpe perguntou aos fuzileiros se haviam visto Farthingdale, mas estes sacudiram a cabeça em sinal de negação, tampouco sabiam nada de Kinney. O major Ford era o seguinte na linha de comando daqueles fuzileiros, mas Ford tampouco estava.

— Procurem-no!

— Sim, senhor — respondeu um sargento.

Sharpe olhou para Harper.

— Comeria algo.

— Considerarei uma ordem, senhor.

— Não! Só foi um comentário.

Apesar disso Harper seguiu a Pot-au-Feu até a cozinha do castelo e Sharpe andava por cima dos entulhos da muralha leste e respirou o cheiro de carne queimada. Um combate miserável contra um inimigo miserável, e o pior, uma batalha que podia ter sido evitada. Se tivessem tomado a atalaia, os corpos que enchiam a ampla brecha não estariam ali. Essa ideia o irritou e se virou para um capitão que subia pelas pedras enegrecidas.

— Ninguém pensou em enterrar estes cadáveres?

— Senhor? Oh. Eu me ocuparei disso, senhor. Major Sharpe?

— Sim.

O capitão cumprimentou.

— Capitão Brooker, senhor. Companhia de granadeiros — disse Brooker nervoso.

— Então?

— O coronel Kinney está morto, senhor.

— Oh, sinto muito.

Sharpe o sentia realmente. Kinney havia chegado a gostar dele apesar do pouco que se conheciam e recordava que o galês lhe dissera como seria trágico se algum homem morresse no dia de Natal.

— Sinto muito, capitão.

— Era um bom homem, senhor. O major Ford também está morto, senhor.

— Deus!

Brooker deu de ombros.

— Nas costas, senhor. Um disparo.

— Pouco estimado?

Brooker consentiu com tristeza.

— Muito pouco, senhor.

— Já era.

Era assim, ainda que ninguém gostasse de reconhecer. Sharpe havia ouvido uma vez de um capitão que, conhecedor da pouca estima que lhe tinham, rogava a seus homens antes da batalha que deixassem que fosse o inimigo quem o matasse. Tinham lhe concedido esse desejo.

Depois Sharpe se pôs a recordar. Ford era o único major que ia com aqueles fuzileiros, já que o segundo major estava de licença, e isso queria dizer que Sharpe era o oficial superior. Salvo no que se referia a Farthingdale.

— Viu sir Augustus?

— Não, senhor.

— O senhor é o capitão superior?

— Sim, senhor — consentiu Brooker.

— Então, quero uma companhia no convento, e quero que mande outra para a atalaia, entendido?

— Sim, senhor.

— Ali também encontrará fuzileiros. E mande alguém para que traga àqueles tontos — disse Sharpe enquanto sinalizava para o esquadrão de foguetes que iam passeando com curiosidade pelo povoado.

— E os prisioneiros, senhor?

— Nas masmorras, quando estiverem limpas. Traga os do convento para cá, também. Deixe todos nus.

— Senhor?

— Que dispa a todos. Tire o maldito uniforme deles. Eles o desonraram. Além disso, a um homem nu é mais difícil escapar com este tempo.

— Sim, senhor — consentiu Brooker com tristeza.

— E faça que enterrem a estes homens! Pode utilizar prisioneiros. Se vão trabalhar fora que permaneçam vestidos. Há algum médico no batalhão?

— Sim, senhor.

— Ponha-o a trabalhar no convento. Traslade para lá os feridos.

Sharpe virou-se e viu aos dois primeiros pelotões da companhia de Frederickson que passavam sobre as pedras e se dirigiam para a atalaia, a uns quatrocentos e sessenta metros dali. Graças a Deus pelos fuzileiros.

— Vá, capitão. Depois me procure. Temo que nos esquecemos de algo.

— Sim, senhor.

Farthingdale. Onde diabos estava Farthingdale? Sharpe foi por entre as pedras dispersas para o lugar onde vira o coronel cair, mas não encontrou nenhum uniforme vermelho, ouro e negro entre os mortos. Tampouco o grande cavalo de sir Augustus jazia ali ensanguentado. Talvez o coronel ainda estivesse vivo, nesse caso estava ao comando daquilo, mas onde diabos estava?

Um tenente conduzia outra dúzia de fuzileiros por entre as pedras, mas ainda havia alguns casacas-verdes nas defesas da torre de homenagem quando uma corneta sobressaltou de repente o vale, uma corneta que havia soado desde a pedra mais elevada do castelo, uma corneta que tocava duas chamadas rápidas. A primeira de nove notas, a segunda de oito. “Inimigo à vista”. “O inimigo é a cavalaria”. Sharpe ficou olhando fixamente as defesas. Um rosto se assomava por uma fresta e Sharpe fez megafone com as mãos.

— Onde?

Uma mão apontou para o leste.

— O que são?

— Lanceiros! Franceses! Outro inimigo.

Outro inimigo chegava à Entrada de Deus.

Capítulo 14

Sharpe tinha uma prioridade, apenas uma, e correu para o convento agitando os braços e gritando.

— Capitão Gilliland! Capitão Gilliland!

Enquanto andava pesadamente pelo caminho viu com alívio que os cavalos ainda estavam atados aos tirantes das carroças.

— Vamos! Depressa!

— Senhor? — inquiriu Gilliland, que vinha correndo da porta do convento.

— Mova esse esquadrão! Depressa! Dentro do castelo. Empurre aquela carroça de lado, mas se apresse! — gritou Sharpe apontando para um carro de boi que bloqueava a entrada principal do castelo. Gilliland seguia olhando-o boquiaberto. — Pelo amor de Deus, mova-se!

Sharpe olhou para os artilheiros que subiam dispersos pelo vale em direção ao povoado. Pôs as mãos na boca para gritar.

— Artilheiros!

Ele os perseguiu, agarrou, fez que os cavalos voltassem e pouco a pouco foi comunicando aquela sensação de presteza aos homens que haviam pensado que o dia de Natal seria um dia de descanso.

— Movam-se, sacanas! Isto não é um funeral! Atice-o, homem! Movam-se!

Sharpe não temia um ataque da cavalaria francesa. Supunha que o que os homens da torre de homenagem tinham visto era uma pequena vanguarda de exploradores franceses que havia sido enviada para fazer o que ele tinha feito na noite anterior: resgatar aos reféns. Agora sim faziam sentido os três cavaleiros que tinham visto ao amanhecer; eram uma patrulha que havia descoberto que alguém os havia adiantado e sem dúvida alguma os franceses tinham a intenção de recuperar seus reféns debaixo de uma bandeira de trégua. Mas Sharpe não queria que vissem aquelas estranhas carroças e a forja portátil do esquadrão de foguetes. Talvez estivesse certo e não tivesse combate ou talvez estivesse equivocado. Nesse caso os foguetes, ocultos nas caixas especiais que iam nas carroças, constituiriam a surpresa que brotaria naquele vale alto.

— Movam-no!

Ainda que os franceses vissem as carroças não teriam nem ideia de sua utilidade, mas Sharpe não queria se arriscar. Perceberiam que havia algo estranho no extremo oeste do vale e esse algo lhes obrigaria a ser cautelosos. O elemento surpresa desapareceria.

Sharpe correu com a primeira carroça e gritou para os fuzileiros.

— Desimpeçam essa porta, depressa!

Frederickson, o fiel Frederickson, abriu passagem entre os homens que forcejavam com a carroça.

— Lanceiros, senhor. Uniformes verdes, bordas vermelhas. São apenas uma dúzia.

— Verde e vermelho?

— Guarda Imperial, acho. Alemães.

Sharpe dirigiu a vista para o povoado, mas não viu nada. O fundo do vale descia mais além de Adrados antes de torcer-se para a direita, e girar para o sul, e se ele não podia vê-los eles não podiam ver as estranhas carroças que finalmente se moviam atrás dele e entravam no pátio do castelo. Lanceiros alemães. Homens recrutados dos ducados e pequenos reinos que se aliaram a Napoleão. Havia muitos mais alemães que lutavam contra o imperador que em seu bando, mas se pareciam em uma coisa: lutavam tão bem como qualquer homem no campo de batalha. Sharpe olhou para Gilliland.

— Esconda seus homens no estábulo, ouviu? Esconda-os!

— Sim, senhor.

Gilliland estava horrorizado por aquela repentina urgência. Sua guerra, até então, consistira em um assunto paciente de ângulos e teorias; de repente a morte estava mais próxima.

— Onde está sua companhia? — perguntou Sharpe ao capitão dos fuzileiros.

— Estão a caminho, senhor — respondeu Frederickson indicando com a cabeça para os fuzileiros que se enfiavam nos crategos.

— Dez minutos e todos estarão lá.

— Também enviei uma companhia de fuzileiros lá para cima. Mandarei outra. Assim que me assegure de uma coisa.

— Senhor?

— Sua promoção é anterior à deles.

— Sim, senhor — respondeu Frederickson sorrindo.

Qualquer capitão que tivesse sido ascendido primeiro seria encarregado pela guarnição da atalaia, e Sharpe não desejava que o valente e eficaz caolho, estivesse sob o comando de ninguém que não fosse ele próprio. Frederickson mentiria por ele.

— E William? — era a primeira vez que o chamava por seu nome.

— Chame-me de Bill, senhor.

— Pense que vai ter que lutar. Isso significa que terá que defender aquela colina.

— Sim, senhor.

O doce William partiu alegremente, não só com a promessa de um combate, mas de seu combate pessoal. Alguns oficiais odiavam as responsabilidades, mas a maioria deles gostava, desejavam-nas, e as assumiam, tanto se lhe oferecessem como se não.

Agora Sharpe tinha que fazer uma dúzia de coisas. Devia destacar uma segunda companhia para a atalaia, devia enviar fuzileiros ao convento, devia pegar a munição dos carroças de Gilliland e distribuí-la a modo de paióis preparados por todas as posições. Encontrou-se com o corneteiro de Cross, depois com dois porta-bandeiras dos fuzileiros e os converteu em seus mensageiros. Enquanto isso lhe foram chegando tontos com problemas que podiam ter solucionado por si mesmos. Como a comida ia ser levada para a atalaia? O que deviam fazer com as mochilas que se tinham deixado no convento? A corda usada para tirar água do poço da torre de homenagem se tinha rompido, e Sharpe repreendia, bajulava, decidia e ao mesmo tempo não deixava de olhar na direção do povoado em busca dos primeiros cavaleiros inimigos.

O sargento Harper, acalmado e impassível, foi até onde estava Sharpe sobre os entulhos da muralha minada. Levava em uma mão um bom pedaço de pão recheado com carne e na outra um odre de vinho.

— Almoço, senhor. Um pouco tarde.

— Você já comeu?

— Sim, senhor.

Deus, que fome tinha! Era cordeiro frito e a manteiga untada no pão era

fresca, e ele o mordeu e soube da glória. Um sargento dos fuzileiros se aproximou, queria saber se deviam bloquear a entrada do castelo, e Sharpe disse que não, mas que deixassem a carreta por perto; depois outro homem lhe perguntou se podiam enterrar Kinney na mesma boca do desfiladeiro com a tumba orientada para as colinas verdes e marrons de Portugal, e Sharpe disse que sim, e a cavalaria francesa seguia perambulando sem ser vista. Os homens de Frederickson estavam na torre, graças a Deus, e Brooker contava com duas companhias dos fuzileiros, e Sharpe observou como a terceira companhia se encaminhava para o convento e começou a relaxar. Haviam começado. O vinho era áspero e estava frio.

Entrou no pátio do castelo e ordenou que derrubassem o muro baixo e que se usassem as pedras para bloquear a escada que havia junto aos estábulos e que conduzia para as defesas do oeste. Acabou o cordeiro e lambeu as esmigalhas e a gordura que lhe restavam na mão. E então se ouviu um grito de urgência que provinha da entrada do castelo.

— Sharpe! Major Sharpe!

Sir Augustus Farthingdale estava a cavalo na arcada e junto com ele Josefina montada à amazona.

Sir Augustus, maldito Farthingdale, como se fosse a cavalo para o Hyde Park de Londres. Só o que destoava em seu aspecto era a bandagem branca que aparecia debaixo do chapéu, na têmpora direita. Repreendia a Sharpe levantando o rebenque.

— Sharpe!

Sharpe caminhou até o muro debaixo.

— Senhor?

— Sharpe. A minha senhora esposa gostaria de presenciar o disparo de um foguete. Faça o favor de providenciar tudo.

— É impossível, senhor.

Sir Augustus não gostava de ser contrariado e menos ainda por um oficial de menor graduação e, por acréscimo, diante do amor de sua vida.

— Acho que lhe dei uma ordem, senhor Sharpe. Espero que me obedeça.

Sharpe pôs o pé direito sobre o muro e o odre de vinho lhe ficou pendura na mão e o apoiou no joelho.

— Se fizesse uma demonstração de um foguete para lady Farthingdale, senhor, também proporcionaria pistas para as tropas que estão no povoado.

Josefina gritou nervosa, sir Augustus ficou olhando fixamente para Sharpe como se o oficial dos fuzileiros estivesse louco.

— As o quê?

— As tropas francesas, senhor. No povoado. — Sharpe olhou para as defesas da torre de homenagem e gritou. — O que vê?

Um fuzileiro da companhia de Cross respondeu aos gritos.

— Dois esquadrões de lanceiros, senhor! Agora, um batalhão de infantaria à vista! Agora infantaria!

Sharpe virou e olhou para o povoado, mas nenhum francês era visível. Farthingdale fez seu cavalo avançar, os cascos ressoaram no calçamento.

— Por que diabos não fui informado, Sharpe?

— Ninguém sabia onde estava, senhor.

— Maldita seja, homem, estava com o médico!

— Espero que não seja nada sério, senhor.

Josefina sorriu para Sharpe.

— Sir Augustus foi atingido por uma pedra, major. Na explosão.

E sir Augustus, pensou Sharpe, havia requerido a atenção do médico quando havia homens estripados que gritavam e que o necessitavam bastante mais que ele.

— Maldita seja, Sharpe! O que fazem no povoado?

Sharpe entendeu que a pergunta na realidade era para saber pro que se havia permitido que os franceses chegassem ao povoado. A resposta era óbvia, era uma resposta que inclusive o autor de *Instruções práticas para os jovens oficiais na arte da guerra com especial menção aos compromissos que se dão em Incesto* devia conhecer.

Os franceses estavam no povoado porque não havia tropas suficientes para defender a atalaia, o castelo e o convento, e além disso combater os franceses mais ao leste. Sharpe optou por lhe dar uma leitura diferente à pergunta petulante de sir Augustus.

— Creio que vieram para o mesmo que nós, senhor. Para resgatar suas reféns.

— Vão lutar?

Desagradava sir Augustus ter que lhe fazer a pergunta, mas não pôde evitar. O autor das *Instruções práticas* havia reunido todo o material de pareceres militares e de outros livros similares ao seu, e não estava acostumado a encontrar-se tão perto do inimigo.

Sharpe bebeu da torneira do odre de vinho.

— Duvido, senhor. Suas mulheres seguem conosco. Espero que dentro de uma hora hasteiem a bandeira de trégua. Permite-me a sugestão de informar à senhora Dubreton de que logo ela vai nos abandonar.

— Sim. — Farthingdale estirou o pescoço e olhou por cima da cabeça de Sharpe para ver o inimigo. Ainda não se avistava. — Encarregue-se disso, Sharpe.

Sharpe se ocupou e também enviou Harper para pedir emprestada a Gilliland uma sela de montar. Não tinha a menor intenção de deixar que sir Augustus se ocupasse do parlamento com o inimigo, e a confiança de Sharpe no oficial de maior graduação não se viu reforçada quando finalmente mostrou certo interesse pelos preparativos feitos por Sharpe. Observava como os soldados desmantelavam o muro baixo e franziu o cenho.

— Por que ordenou isto?

— Porque é uma defesa inútil, senhor. E de toda maneira, se houver um combate prefiro que entrem no pátio.

Farthingdale ficou calado por um momento.

— No pátio?

Sharpe enxugou o vinho dos lábios, tampou o odre e sorriu.

— Uma ratoeira, senhor. Uma vez dentro estarão apanhados. — Respondeu com um tom de grande confiança que na realidade não sentia.

— Mas o senhor disse que não iam lutar.

— Suponho que não, senhor, mas devemos nos preparar para essa possibilidade. — Explicou para Farthingdale as outras precauções que tinha tomado, a guarnição da atalaia, e perguntou com educação:

— Quer dispor mais alguma coisa, senhor?

— Não, Sharpe, não. Prossiga!

Maldito Farthingdale. O general Nairn, com sua atraente falta de discrição, havia dito a Sharpe que Farthingdale tinha esperanças de conseguir um alto comando. “Nada perigoso, em absoluto! Um desses postos elegantes da Guarda Real com soldadinhos de chocolate saudando-o. Acredita que se escrever o livro adequado lhe darão todo um exército para andar. — Nairn tinha ficado triste. — Provavelmente seja assim”. Patrick Harper surgiu dos estábulos com dois cavalos. Passou junto de sir Augustus e parou ao lado de Sharpe.

— O cavalo, senhor.

— Vejo dois.

— Pensei que gostaria de companhia — disse Harper com o rosto tenso e preocupado.

Sharpe o olhou com curiosidade.

— O que foi?

— Ouviu o que o homem está dizendo?

— Não.

— “Minha vitória”, vai dizendo a ela; sim. Que ele tomou o castelo. E viu a senhora? Nem sequer me reconheceu! Nem se abalou!

Sharpe sorriu brincalhão, pegou as rédeas e introduziu o pé esquerdo em um estribo.

— Ela tem que proteger sua fortuna, Patrick. Espere que ele se vá e lhe cumprimentará. — Subiu. — Espere aqui.

Ocultou sua contrariedade de Harper, mas se sentia igualmente ofendido. Se alguma vez Sharpe escrevesse um livro como o *Instruções práticas,* coisa que não faria, repetiria uma advertência em cada uma das páginas: reconhecer sempre o mérito a quem corresponda, por mais tentador que seja atribuí-lo a si mesmo, pois quanto mais alto chega um homem no exército mais lealdade e apoio necessita de seus inferiores. Havia chegado o momento, decidiu Sharpe, de punçar o amor próprio de sir Augustus. Fez girar o cavalo, conduziu-o para onde estava sir Farthingdale apontando para as bandeiras e descrevendo a manhã como uma gratificante batalhazinha.

— Senhor?

— Major Sharpe?

— Acho que deveria ter isto, senhor. Para o relatório. — Sharpe lhe estendia um pedaço de papel sujo dobrado.

— O que é?

— A fatura da carnificina, senhor.

— Ah. — Uma mão enluvada com couro fino pegou o papel de um puxão e o meteu no bolso.

— Não vai olhá-la, senhor?

— Eu estava com o médico, Sharpe. Já vi os feridos.

— Eu pensava nos mortos, senhor. O coronel Kinney, o major Ford, um capitão e trinta e sete homens, senhor. A maioria deles morreu na explosão. Feridos, senhor. Quarenta e oito, graves, outros vinte e nove leves. Sinto muito, senhor. Trinta. Esquecia-me do senhor.

Josefina riu tontamente. Sir Augustus olhou para Sharpe como se o major acabasse de sair de um esgoto fedorento.

— Obrigado, major.

— E minhas desculpas, senhor.

— Desculpas?

— Não tive tempo de me barbear.

Josefina passou a rir abertamente e Sharpe, recordando que ela sempre havia gostado que seus homens lutassem, lançou-lhe um olhar de raiva. Ele não era seu homem e não estava lutando por ela; tudo o que teria podido dizer foi interrompido pelo chamado de um trompete, insistente e distante, os sons de um instrumento de cavalaria francês.

— Senhor! — gritou o fuzileiro desde a torre de homenagem. — Quatro franchinotes, senhor! Um deles leva bandeira branca, senhor! Vêm para cá!

— Obrigado! — respondeu Sharpe dando um puxão nas correias da espada.

Ele não montava com elegância como sir Augustus, mas pelo menos a cavalo se podia pendurar a grande espada de cavalaria ao lado e não à altura das costelas encurtando as correias. Voltou a abotoar as tiras de couro e olhou para o

pátio.

— Tenente Price!

— Senhor? — respondeu Harry Price visivelmente cansado.

— Cuide de lady Farthingdale até que voltemos!

— Sim, senhor! — respondeu Price mostrando-se repentinamente esperto.

Se sir Augustus havia se irritado ante esta usurpação de sua autoridade, Sharpe não lhe deu tempo de protestar, e tampouco sir Augustus se incomodou em dar uma contraordem. Seguiu o cavalo de Sharpe pelo pavimento à sombra da entrada, saíram para o caminho e se dirigiram a campo aberto.

O trompete seguia soando, requeria uma resposta das posições britânicas, mas para os três cavaleiros as notas se desvaneciam em um eco. Na frente dos oficiais vinha um lanceiro com um pedaço de tecido branco debaixo da ponta da lança, e Sharpe se recordou das fitas brancas que decoravam a bétula que havia no convento e se perguntou se os lanceiros alemães que lutavam com Napoleão também adoravam aos antigos deuses dos bosques em Yuletide; esse era o antigo nome, anterior ao cristianismo, para as festas de inverno.

— Senhor! — gritou o sargento Harper enquanto esporeava seu cavalo e se colocava junto a Sharpe. — O vê, senhor? O coronel!

Era mesmo, e no mesmo instante Dubreton reconheceu Sharpe e o cumprimentou com a mão. O coronel francês esporeou o cavalo, adiantou ao lanceiro, atravessou o riacho e se dirigiu a meio galope para eles.

— Major!

— Sharpe! Fique atrás!

O protesto de Farthingdale deu em nada no momento em que Sharpe também esporeou seu cavalo e os dois cavaleiros cavalgaram juntos, giraram, depois refrearam de forma que os cavalos ficassem de lado e olhando em direções opostas.

— Ela está a salvo?

Aquela pergunta ansiosa contrastava totalmente com a estudada calma que mostrou quando se conheceram no convento. Então, o francês não havia podido fazer nada por sua mulher, agora era diferente.

— Está a salvo. Bem a salvo. Nem sequer a tocaram, senhor. Não sabe

quanto me alegra.

— Bom! — exclamou Dubreton, e fechou os olhos.

Os pesadelos, tudo o que havia imaginado durante aquelas intermináveis e tristes noites lhe saiu de uma vez. Sacudiu a cabeça.

— Por Deus! — e abriu os olhos. — Foi o senhor que fez, major?

— Os fuzileiros, senhor.

— Mas o senhor ia ao comando?

— Sim, senhor.

Farthingdale conteve seu cavalo a poucos passos de Sharpe; seu rosto refletia fúria, pois o fuzileiro havia zombado da hierarquia ao adiantar-se correndo.

— Major Sharpe!

— Senhor — Sharpe girou na sela. — Tenho a honra de lhe apresentar ao Chefe de batalhão Dubreton. Este é o coronel sir Augustus Farthingdale.

Farthingdale não fez caso de Sharpe. Falou em algo que a Sharpe lhe pareceu um francês fluido e logo chegaram os outros dois oficiais franceses e Dubreton fez as apresentações em um inglês também fluido. Um era um coronel de lanceiros alemão, um homem enorme com um bigode ruivo e olhos amáveis, enquanto que o outro era um coronel de dragões francês. Este vestia um gabão verde sobre um uniforme também verde, e protegia sua cabeça com um capacete metálico com uma capa de tecido para impedir que o polido metal reluzisse. Levava uma espada reta e comprida e, raro em um coronel, uma carabina de cavalaria descansava sobre a coldre de sua sela. Era de um regimento de combate, os dragões, endurecido após perseguir os fugidios guerrilheiros por terreno hostil, e Sharpe percebeu o desdém do francês quando olhou para o suscetível sir Augustus. O lanceiro soltou o nó do trapo branco. Dubreton sorriu para Sharpe.

— Devo lhe agradecer.

— Não, senhor.

— Mas o faço. — Olhou para Harper, que se mantinha atrás com modéstia, e levantou a voz: — Também me alegro de vê-lo, sargento.

— Obrigado, senhor. Muito amável. E seu sargento?

— Bigeard está no povoado. Estou seguro de que se alegraria de ver-lhe.

Farthingdale interveio em francês e sua voz deixava entrever que lhe molestavam aqueles comentários. Dubreton lhe respondeu em francês.

— Viemos, sir Augustus, com a mesma missão que os senhores. Permita-me que lhe expresse a alegria que nos produz seu êxito, que lhe agradeça e que lamente profundamente as baixas que sofreram.

Os cadáveres nus esperavam brancos e frios junto às tumbas abertas.

Sir Augustus seguia falando em francês, Sharpe suspeitava que quisesse excluí-lo da negociação, enquanto que Dubreton, que talvez desejasse o contrário, respondia em inglês. A patrulha que Sharpe havia entrevisto ao amanhecer era a escolta de Dubreton; homens valentes, voluntários que deviam cavalgar pelo vale fingindo ser desertores e que deviam ter escapado e regressado ao cair da noite para guiar o destacamento de resgate pelo vale. Haviam visto os fuzileiros, a bandeira içada e com prudência haviam se retirado.

— Que decepção para eles, sir Augustus!

As mulheres francesas iam ser entregues imediatamente, foi isso que Sharpe entendeu das palavras de Dubreton, e então a conversa se foi ficando incômoda e difícil porque sir Augustus não era capaz de responder as perguntas que lhe fazia o francês a respeito de onde se achavam os desertores franceses. Farthingdale se viu obrigado a virar-se para Sharpe em busca de ajuda. Sharpe sorriu tristemente.

— Infelizmente muitos escaparam.

— Estou seguro de que fez todo o possível, major — disse Dubreton com tato.

Sharpe deu uma espiada nos outros dois coronéis. Dois regimentos de cavalaria? Parecia muito para um resgate, mas sua presença lhe havia dado outra ideia. O coronel dos dragões olhava a grande espada pendia junto ao sabre de cavalaria e que ia engatado à sela que Sharpe havia tomado emprestada. Este sorriu.

— Nosso ponto fraco, coronel, foi a cavalaria. Nós os tiramos do castelo, mas não podemos fazer muito mais para encurralá-los pelas colinas. — Olhou para o sul. — Não acho que tenham ido muito longe.

Dubreton entendeu.

— Foram para o sul?

— Sim.

— Quanto tempo faz?

Sharpe lhe disse e Dubreton pôs rosto travesso.

— Nós temos cavalaria.

— Notei isso, senhor.

— Acho que poderíamos ser de ajuda.

Sir Augustus, vendo que deixava de controlar a situação, fez que seu cavalo avançasse.

— Está sugerindo, Sharpe, que os franceses persigam nossos fugitivos?

Sharpe se virou para o coronel com cara inocente.

— Parece que vieram para isso, senhor. Na realidade não vejo por que motivo teria de impedi-lo.

Dubreton cortou suavemente.

— Eu sugiro, sir Augustus, que lutemos juntos sob uma trégua. Não vamos tentar impedir que ocupem o castelo, o convento ou a atalaia. Os senhores, de sua parte, nos permitem acampar no povoado. Enquanto isso nossa cavalaria pode fazer os fugitivos regressarem a este vale onde a infantaria lhes espera.

— O exército de Sua Majestade é bem capaz de se ocupar de seus próprios assuntos, coronel — replicou Farthingdale horrorizado ante aquela sugestão.

— Certamente que sim. — Dubreton deu uma olhada para um dos corpos e depois voltou a olhar para sir Augustus. — A verdade, sir Augustus, é que nossos dragões começaram a batida faz uma hora. — Sorriu com desaprovação. — Se o senhor prefere que lutemos pela honra de capturá-los, então lhe asseguro que o exército do imperador também é capaz de ocupar-se de seus próprios assuntos.

Isso eram um par de ases sobre a mesa.

Sir Augustus se refugiou nas perguntas.

— Já começaram? Fala de uma trégua?

Dubreton sorriu paciente.

— Já começamos, sir Augustus. Digamos que nos antecipamos a sua generosa ajuda? E por que não uma trégua? É dia de Natal, antigamente existia a Trégua de Deus, portanto por que não para nós? Talvez possamos discutir o que

ocorrerá depois, jantando esta noite. Os senhores nos concederão a honra de serem nossos convidados?

— Até meia-noite?

Sir Augustus pensou como uma pergunta para ganhar mais tempo e pensar e examinar os receios que hospedava a respeito daquela proposição, mas Dubreton fez ver que não captava o tom.

— Esplêndido! Estamos de acordo! Até meia-noite, então, e serão nossos hóspedes?

Sharpe sorriu ante os ouvidos surdos que Dubreton mostrava diante das manipulações de sir Augustus.

— Estou seguro que podemos aceitar encantados, senhor, com uma condição.

— Uma condição? Para jantar?

— Que levemos o cozinheiro, senhor.

Dubreton deu uma risada.

— Trazerem o cozinheiro? Oferece isso a um francês! Seus fuzileiros são mais valentes do que supunha.

Sharpe gozou ao pronunciar as seguintes palavras.

— Pot-au-Feu, com nossos cumprimentos.

— Capturam-no?

— Em nossa cozinha. Vou jantar com os senhores esta noite, preferiria que estivesse na sua.

— Esplêndido! Esplêndido! — Dubreton olhou para sir Augustus. — Então, estamos de acordo, sir Augustus?

Farthingdale seguia apreensivo e circunspecto, mas se via obrigado a confiar no homem que conhecia o inimigo e como lutar contra ele. Sharpe. Mais importante ainda, Sharpe sabia quando não tinha que lutar. Sir Augustus inclinou sua cabeça fina e elegante.

— Estamos de acordo, coronel.

— Tenho sua permissão para cavalgar até o convento?

Farthingdale consentiu com a cabeça.

Dubreton falou brevemente com os cavaleiros, observou como esporeavam seus cavalos em direção ao povoado, depois dirigiu seu cavalo entre Sharpe e sir Augustus e de novo a conversa se desenvolveu em francês. Era cortês, uma conversa entre inimigos, num ensolarado dia de Natal. Sharpe se retardou para colocar-se junto a Harper. Sorriu para o enorme irlandês.

— Temos novos aliados, Patrick. Os franceses.

— Sim, senhor. — Harper orgulhoso não mostrou surpresa. — O que diga, senhor.

Capítulo 15

À tarde de Natal foi tão festiva como se poderia desejar. A princípio, os fuzileiros se mostraram incrédulos, mais tarde encantados, e finalmente acabaram se misturando ao batalhão de Dubreton como se formassem um forte cordão à espera da caça aos fugitivos nas montanhas. Após uma hora, nenhum francês usava o chapéu de seu uniforme, todos usavam os britânicos, e os homens trocavam os botões dos uniformes, bebida, comida, tabaco e improvisavam tradutores para poder conversar sobre as recordações de batalhas compartidas.

Meia hora depois, apareceram os primeiros fugitivos. Quase todos eram mulheres e crianças, que nada temiam por ser capturados, e as mulheres procuraram as tropas de seu próprio bando para lhes pedir proteção. Atrás delas se ouvia de vez em quando o remoto som de uma carabina dos dragões perseguindo algum retardatário.

Sharpe perdeu tudo isso. Durante os primeiros quarenta minutos estava no convento com Harper. Não podiam mover o canhão sem que os franceses observassem seus esforços, portanto Sharpe abandonou a ideia de montá-lo na porta do convento. Então se dedicou a explorar os porões; desceu a um espaço sujo e úmido situado debaixo da capela e os armazéns, e depois deixou que Harper e um grupo de trabalho ocupando-se dos materiais confiscados de Pot-au-Feu. Sharpe prepararia algumas surpresas para o caso de necessitarem.

Depois, atravessou lateralmente o campo onde as tropas se confraternizavam, e conduziu o cavalo lentamente pelos caminhos que serpenteavam até a atalaia. Os crategos eram altos, constituiriam uma boa proteção, mas a colina ficava muito afastada para receber apoio das tropas do castelo. Enquanto desmontava, Frederickson lhe fez um sinal com a mão do alto da torre. Sharpe estendeu as rédeas para um fuzileiro, parou alguns segundos e observou a localização da torre. Era um bom lugar. Os espanhóis tinham levantado as muralhas de terra orientadas para o vale e, detrás, haviam colocado dois canhões de quatro libras que dominavam a ladeira leste da colina pelo norte. Para o oeste e para o leste, a ladeira era igualmente pronunciada e era totalmente coberta de crategos. Somente a ladeira sul era mais suave. Alguns fuzileiros maldiziam enquanto cavavam outro buraco e o acondicionavam para as armas, e Sharpe aprovou que

Frederickson tivesse ordenado que cortassem crategos e os colocassem na ladeira sul a modo de barreira. Uma companhia cortava arbustos enquanto outra formava um cordão de proteção para se regressassem os homens de Pot-au-Feu.

Sharpe subiu a escada interna da torre, saiu ao torreão e cumprimentou Frederickson. O capitão dos fuzileiros estava alegre.

— Espero que aqueles canalhas lutem, senhor!

— De verdade?

— Poderia defender este lugar até a última das batalhas.

— É possível que tenha que fazê-lo — respondeu Sharpe sorrindo ironicamente enquanto colocava sua luneta sobre uma das muralhas meio desmoronada. Ficou observando o povoado durante um bom momento, ainda que visse pouca coisa, e depois orientou a lente para a direita, onde o vale girava junto com a colina até desaparecer para o leste.

— Quantos viu?

Frederickson pegou um pedaço de papel do bolso e o deu a Sharpe sem mediar palavra.

— Lanceiros, 120. Dragões, 150. Infantaria, 450.

Sharpe grunhiu e lhe devolveu o papel.

— Um tanto descompensado, né?

Dirigiu a vista para o leste e contemplou a magnífica paisagem, recordou que os canhões da atalaia haviam parado de disparar durante a batalha. Os homens postados na torre devem ter se assustado ao ver que os franceses se aproximavam; sem dúvidas, os defensores da torre de homenagem contagiaram seu medo aos homens de Pot-au-Feu. A vitória daquela manhã, já bastante precária, tinha ficado embaçada porque a chegada dos franceses tinha desanimado o inimigo. Olhou para o lugar onde o vale devorava o caminho.

— Gostaria de saber o que mais para lá.

— Eu também estava me perguntando, senhor. Enviei uma patrulha, mas os mandaram de volta, com educação mas com firmeza.

— Portanto devem estar escondendo algo.

Frederickson se coçou debaixo do tapa-olho.

— Não me fio num de cabelo deles — disse alegremente.

— Eu tampouco. Viu provisões?

Frederickson respondeu com um movimento de cabeça.

— Nada, senhor.

— Há mais ao dar a volta.

A infantaria francesa tinha que comer, os cavalos necessitariam de forragem e até aquele momento Sharpe não havia visto rastro algum dos suprimentos franceses. Pelo sudeste, onde o caminho se perdia, avistou um grupo de lanceiros ao trote.

— Mandaram-nos de volta?

— Aí estão, rastreando toda a zona. — Frederickson deu de ombros. — Eu não posso fazer nada, senhor. Nenhuma de minhas patrulhas pode ir mais depressa que esses bastardos.

— Mande dois homens esta noite.

— De acordo, senhor. Disseram que fomos convidados para jantar.

Sharpe sorriu não sem certa ironia.

— O senhor não poderá ir, estará muito doente. Já me desculparei. — Antes de partir seguiu falando durante dez minutos, sentia como se o frio se filtrasse de novo com o pôr do sol; parou na porta do torreão.

— Importa-se de perder o jantar?

— Espero que me compense.

Frederickson parecia alegre, quanto mais Sharpe falava, mais próxima parecia a batalha, e aquela noite, enquanto Sharpe jantasse, Frederickson devia realizar certos preparativos, tinha que preparar algumas surpresas.

Farthingdale se havia mostrado de acordo com todos os esforços de Sharpe para preparar a defesa da Entrada de Deus, mas Sharpe sabia que seu motivo não era o temor de um ataque. Sir Augustus havia citado com tom sentencioso uma frase de seu próprio livro. “Tropas ocupadas, Sharpe, são aquelas tropas que não podem fazer maldades”.

— Sim, senhor.

Agora, enquanto regressava ao castelo a cavalo, Sharpe se perguntava se não teria deixado voar demais sua imaginação. Estava convencido de que teria que lutar no dia seguinte apesar de que não havia motivos reais para isso. Era normal

que os franceses estivessem no vale, assim como os ingleses, e em alguns minutos teria terminado o trabalho que vieram fazer e não existiria motivo aparente para ficarem na Entrada de Deus. Salvo. Salvo o instinto. Farthingdale havia menosprezado esse instinto e tinha acusado Sharpe de procurar briga e de se negar a mandar um tenente com uma mensagem para o outro lado da fronteira. “Está exagerando por um punhado de soldados de cavalaria e um pequeno batalhão! Não seja ridículo, Sharpe!” Depois destas palavras Farthingdale havia se retirado para seus aposentos, os mesmos que ocupara Pot-au-Feu, e Sharpe vira Josefina na sacada que algum antigo dono do castelo teria construído, orientado para o norte e no alto da torre de homenagem. A vista do aposento e do balcão tinha que ser preciosa.

De volta ao pátio do castelo, Sharpe desceu do cavalo e pediu a um fuzileiro que lhe levasse água quente. Tirou a casaca, baixou o peitoral até a cintura e tirou a camisa suja. Daniel Hagman lhe lançou um sorriso desdentado e recolheu a casaca.

— Quer que a escove, senhor?

— Eu já farei isso, Dão.

— Deus nos proteja, o senhor é um major surpreendente, senhor. — Dão era o homem mais velho da companhia de Sharpe tinha quase cinquenta anos; sua idade e lealdade lhe permitiam tomar alguma liberdade com Sharpe. — Tem que aprender a deixar que os outros façam as coisas para o senhor, senhor, como a gente respeitável. — Hagman começou a esfregar uma mancha de sangue. — Hoje vai comer com a nobreza, senhor, e não pode se apresentar feito um maltrapilho.

Sharpe deu uma risada. Pegou a navalha de barbear do bolso do peitoral, a desembainhou e olhou entediado a delgada lâmina. Tinha que comprar uma nova. Colocou-a com indiferença em sua bota, molhou o rosto e, depois, começou a se barbear sem se molestar em procurar um pouco de sabão.

— Ainda tem meu fuzil, Dão?

— Claro, senhor. Quer ele?

— Não, se tenho que comer com a nobreza.

— Provavelmente lhe darão talheres, senhor.

— Provavelmente, Dão.

— Os terratenentes costumavam comer com garfo. — Hagman era de Cheshire e se alistara no exército depois de perder sua batalha pessoal contra os guardas dos terratenentes. Cuspiu sobre a casaca de Sharpe e esfregou vigorosamente. — Não vejo a utilidade de um garfo, senhor, não vejo. Deus nos deu dedos.

Os fuzileiros acenderam um fogo no pátio com palha do estábulo e as chamas avivaram o efeito do ocaso. Sharpe secou seu rosto com a camisa, voltou a colocá-la e subiu lentamente os suspensórios do peitoral francês que havia confiscado. Hagman bateu na casaca para tirar as últimas manchas de poeira e lhe deu.

— Elegante como um cavalheiro, senhor.

— Algum dia, Dão.

Cinturão, correias, bolsa de munição, faixa e espada completavam o uniforme do major Sharpe. Deu um golpe no chapéu enquanto Hagman meneava a cabeça olhando para a torre de homenagem.

— Aí vem sua senhoria, senhor. Ele nos manteve por toda a tarde subindo e descendo a maldita escada levando madeira para sua maldita chaminé e comida para sua maldita esposa. Essa mulher, é a que o senhor conheceu em Talavera, senhor?

— É.

— E o marido sabe que não é o primeiro que dispara esse mosquete?

Sharpe sorriu ironicamente.

— Não.

— Quem não sabe, não sofre. — Hagman desapareceu rapidamente ao ver aparecer a cabeça de sir Augustus em busca de Sharpe.

— Sharpe! — aquele tom de indignação começava a lhe amargar a vida.

— Senhor.

— Espero que nossa festa esteja preparada para começar dentro de uma hora. Entendido?

— Sim, senhor.

— Sua senhoria virá comigo. Quereria que ordenasse a todos os oficiais que se mantenham sóbrios e sejam decorosos. Temos que guardar as aparências.

— Sim, senhor.

Sharpe pensou que tal advertência era dirigida a ele. Farthingdale não acreditava que Sharpe fosse um cavalheiro e daí tinha deduzido que devia ter tendência de se embebedar.

— Senhor! — gritou uma voz desde a porta.

— O que foi? — Farthingdale franziu o cenho irritado ante aquela interrupção.

— Vem um oficial francês, senhor, com um destacamento.

— Quantos homens?

— Uma dúzia, senhor.

Sharpe não lhes teria deixado entrar, teria saído para recebê-los para que não tivessem a oportunidade de estimar as insignificantes defesas do castelo, mas Farthingdale avisou com um grito aos sentinelas para que os deixassem entrar. Sharpe olhou para o estábulo e fez um sinal para que escondessem o esquadrão de foguetes. Apesar de tudo, era muito possível que Dubreton já tivesse notícia de sua existência. Os homens dos dois lados tinham se mesclado com total espontaneidade, falavam abertamente e a única esperança que tinha Sharpe de que os foguetes seguissem sendo uma surpresa se limitava à incredulidade que normalmente sente o soldado inimigo e às dificuldades da tradução.

Os cascos dos cavalos franceses repercutiram nos paralelepípedos da entrada, retumbaram nas antigas pedras e Dubreton os guiou até o pátio. O sol brilhava avermelhado e impressionante, a ponto de se pôr no céu natalino, e os últimos raios brilhavam sobre a anca do cavalo do francês. Sorriu para Sharpe.

— Devo-lhe um favor, major Sharpe. — Deteve seu cavalo e se afastou ao ouvir de repente o crepitar da madeira no fogo. Depois, Dubreton se tranquilizou. — Venho para pagar parte de minha dívida, uma parte muito pequena, mas espero que o satisfaça.

Deu a volta e fez sinais para os soldados de cavalaria, que se separaram para dar passagem ao enorme sargento Bigeard, que avançava incômodo sobre a anca de um cavalo. A mão direita de Bigeard segurava uns cabelos grisalhos e sujos, os cabelos de Obadiah Hakeswill.

Sharpe sorriu para o francês.

— Obrigado, senhor.

Obadiah Hakeswill, preso e impotente, vestia ainda o uniforme emprestado de coronel de infantaria. O sargento Bigeard cumprimentou Sharpe com um gesto, soltou o cabelo de Hakeswill e o empurrou com um pontapé.

Era um momento feliz, imensamente feliz; a felicidade de ter diante de si dezenove anos de ódio, de ter na frente àquele homem, agora indefenso, que atormentara por toda a vida os fracos gozando com a malevolência. Obadiah Hakeswill havia se convertido em prisioneiro, seu rosto amarelo demonstrava inquietação e seus olhos de um azul brilhante escrutinavam sem dissimulo o pátio em busca de alguma escapatória. Sharpe se aproximou lentamente, os olhos azuis seguiam buscando uma saída, mas se cravaram nele ao ouvir o som de uma espada sendo desembainhada.

Sharpe sorriu.

— Soldado Hakeswill. Perdera sua classe de sargento. Sabia? — o rosto do prisioneiro sofreu outra convulsão e Sharpe esperou até que ficasse quieto. — Sentido!

Automaticamente, depois de toda uma vida de soldado, Hakeswill se pôs em sentido com os braços dos lados, e nesse mesmo instante, a espada se aproximou de seu pescoço concentrando em sua lâmina o fogo do sol poente. Sharpe a segurava com os braços completamente estirados e a ponta quase não tremia sobre o pomo-de-adão de Hakeswill. Silêncio.

Os homens que estavam no pátio podiam sentir o ódio. Os fuzileiros se detiveram, deram a volta e observaram a espada.

Só quem se moveu foi Farthingdale. Deu um passo para frente, com os olhos cravados na espada reta e imóvel, temeroso de ver um jorro de sangue brilhando no ocaso.

— O que está fazendo, Sharpe?

Sharpe respondeu suavemente, pronunciando cada palavra devagar e com clareza.

— Estava pensando em esfolar vivo a este sacana, senhor. — Seus olhos seguiam cravados em Hakeswill.

Farthingdale olhou para Sharpe e a tênue luz do sol iluminou a bochecha esquerda daquele rosto com cicatriz, um rosto implacável e aterrador. Farthingdale sentiu medo. Sentiu medo de que se produzisse uma morte a sangue frio e sentiu medo de que uma palavra sua pudesse causar essa morte.

Finalmente, emitiu seu protesto de forma tão débil que nem ele mesmo a ouviu.

— Este homem deve ser julgado por um tribunal militar, Sharpe. Não pode matá-lo!

Sharpe sorriu sem afastar o olhar de Hakeswill.

— Eu disse que o esfolaria vivo, não que o mataria. Está ouvindo, Obadiah? Não posso matá-lo. — Alçou a voz repentinamente. — Este é o homem que não morre! Creio que todos já ouviram falar dele, pois aqui está. Obadiah Hakeswill. Logo verão um milagre. O verão morto! Mas não aqui nem agora, mas diante de um pelotão de fuzilamento.

A enorme espada seguia no mesmo lugar. Os franceses, que haviam sofrido durante horas a dor de sustentar a espada na posição em que Sharpe o fazia nesse momento, compreenderam a força de um homem que podia aguentar uma pesada espada de cavalaria durante tanto tempo e mantê-la imóvel.

Hakeswill tossiu. Sentiu que a morte se afastava dele e olhou para Farthingdale.

— Permissão para falar, senhor?

Farthingdale consentiu e Hakeswill retorceu seu rosto esboçando um sorriso. A espada refletia a luz avermelhada do sol em seu rosto amarelo.

— Alegro-me por enfrentar um tribunal militar, senhor, me alegro. Os senhores, cavalheiros, são justos, bem sei, senhor — disse mostrando-se excessivamente bajulador.

Farthingdale estava sendo excessivamente condescendente. Por fim havia um soldado que sabia como se dirigir a seus superiores.

— Terá um julgamento justo, prometo.

— Obrigado, senhor. Obrigado.

Hakeswill teria gostado inclinar a cabeça, mas a espada lhe aterrava.

— Senhor Sharpe, leve-o com o restante dos prisioneiros!

Farthingdale sentia que dominava a situação e que ostentava de novo o comando.

— Farei isso, senhor, o farei.

Sharpe seguia olhando para Hakeswill, não havia afastado o olhar dele desde que desembainhou a espada.

— Que uniforme é esse, soldado?

— O uniforme, senhor? — Hakeswill pretendia não mencionar a patente de seu uniforme. — Ah, este, senhor! Eu o achei, senhor.

— Você é coronel, né?

— Não, senhor. Claro que não — respondeu olhando para sir Augustus e lhe dedicando seu espasmo. — Obrigaram-me a vesti-lo, senhor! E depois me obrigaram a me unir a eles!

— Você é uma verdadeira desonra para esse uniforme, não é mesmo?

Os olhos azuis olharam outra vez para Sharpe.

— Sim, senhor. Se o senhor o diz, senhor.

— Eu digo, Obadiah, afirmo. — Sharpe sorriu. — Tire-o!

Dubreton sorriu e traduziu para seus homens. Bigeard e os outros sorriram ironicamente e se inclinaram para frente apoiando as mãos nas cabeças de suas selas.

— Senhor? — Hakeswill recorria a Farthingdale, mas a ponta da espada seguia pressionando sobre seu pescoço.

— Tire-o, sacana!

— Sharpe! — outra vez esse tom indignado.

— Tire-o, sevandija sifilítica! Tire-o!

A espada oscilou da esquerda para a direita e o sangue começou a brotar da pele que recobria o pomo-de-adão de Hakeswill. O homem gordo e desajeitado soltou a faixa de oficial e a bainha vazia, desabotoou os cinturões, e depois se desfez da casaca vermelha e a jogou sobre os paralelepípedos.

— Agora as calças e as botas, soldado!

Farthingdale protestou.

— Sharpe! Lady Farthingdale está olhando. Insisto em que pare!

Os olhos de Hakeswill se desviaram para o balcão e Sharpe soube que, de onde estava, no extremo do balcão, Josefina podia ver o pátio. Sharpe manteve a espada imóvel.

— Senhor, se lady Farthingdale não gostar da vista, sugiro que se retire. Senhor, este homem desonrou o uniforme que usa, o seu país e o seu regimento,

e só o que posso tirar-lhe, de momento, é o uniforme. Dispa-se!

Hakeswill se sentou, descalçou-se e voltou a se levantar para livrar-se das calças brancas. Tremia um pouco porque só usava uma camisa comprida branca, abotoada de cima abaixo. O sol havia desaparecido atrás das muralhas a oeste.

— Eu disse para ficar nu.

— Sharpe!

Sharpe odiava aquele homem de cara amarelada e cabelo escorrido, que sofria convulsões e que havia tentado matar sua filha e estuprar sua esposa; odiava aquele homem que lhe havia açoitado em uma ocasião até que suas costelas ficaram visíveis através da carne destroçada, o homem que havia assassinado Robert Knowles. Sharpe teria amado matá-lo ali e naquele instante, naquele pátio e com aquela espada, mas tinha jurado muito tempo atrás que a justiça se encarregaria de matar o homem que nunca morria. Um destacamento se encarregaria disso e, então, Sharpe poderia escrever aos pais de Knowles a carta que desejava escrever a tanto tempo, e lhes comunicar que o assassino de seu filho havia pagado seu crime.

Hakeswill olhou para Josefina, depois para Sharpe e deu dois passos para trás como se pudesse assim esquivar a espada. Bigeard o empurrou com uma patada e Hakeswill olhou para sir Augustus.

— Senhor?

Finalmente, o braço que sustentava a espada se moveu: para cima, para baixo, em ziguezague, rasgou a camisa e o sangue brotou dos cortes superficiais.

— Dispa-se!

Hakeswill terminou de tirar a camisa com as mãos, rasgou-a, rompeu os botões, e se ergueu com os farrapos do orgulho a seus pés e um ódio atroz no rosto.

Sharpe recolheu a camisa com a espada, limpou a lâmina e a devolveu sua bainha. Retrocedeu.

— Tenente Price!

— Senhor?

— Que quatro homens levem o soldado raso Hakeswill para a masmorra! E que o amarrem!

— Sim, senhor!

Parecia que a tensão se ia desvanecendo no pátio. Só Hakeswill, contrariado e despido, seguia tenso pela raiva e o ódio. Os fuzileiros o levaram aos empurrões, os mesmos fuzileiros que tinham desprendido de suas casacas verdes antes do cerco de Badajoz.

Dubreton pegou as rédeas de seu cavalo.

— Acho que teria que tê-lo matado.

— É possível, senhor.

Dubreton sorriu.

— Mas não matamos a Pot-au-Feu. Está muito atarefado preparando seu jantar.

— Estou impaciente para prová-lo, senhor.

— Deveria! Deveria! Os cozinheiros franceses têm muitos segredos, Sharpe. Estou seguro de que o senhor não tem nenhum. — Olhou para os estábulos, sorriu, e cumprimentou com a mão sir Augustus antes de virar seu cavalo. — *Au reuoir!*

As faíscas dos cascos brilhavam cada vez mais conforme os franceses ganhavam velocidade e atravessavam a porta do castelo. Sharpe olhou para os estábulos. Havia seis homens vestidos com o uniforme de artilharia postados na porta. Ele os maldisse e ordenou a um sargento que lhes tomasse os nomes. Esperava que Dubreton só tivesse tirado a conclusão de que Sharpe guardava ali alguns quantos canhões. Já se veria.

A noite de Natal havia chegado ao Castelo da Virgem.

Capítulo 16

As vozes dos soldados alemães cantando canções de Natal iam sumindo atrás deles enquanto cavalgavam lentamente para o povoado. Oito oficiais e Josefina iam para jantar com os franceses.

As tochas que iluminavam as ruas do povoado ardiam envolvidas em delicados halos. Era uma noite de névoa. Sir Augustus estava de bom humor, muito bom humor, possivelmente porque Josefina estava tão sedutora e bela como lhe permitiam seus adereços. Sir Augustus olhou para Sharpe.

— Quando melhor lhe servem pernas de rã, Sharpe!

— Faltaria mais, senhor.

Naquela noite poderia cair uma grande geada. Através da névoa, viam as estrelas sobre suas cabeças e para o sul, estrelas de Natal, mas para o norte estava nublado e as nuvens se deslocavam para o sul. Sharpe cheirava o mau tempo no ar. Oxalá não nevasse. Não lhe entusiasmava a ideia de atravessar a Entrada de Deus, vigiando os prisioneiros britânicos, portugueses e espanhóis que se amontoavam nas masmorras do castelo e abrindo passagem com as carroças de Gilliland através da passagem coberta de neve. Se nevasse, pensou, não partiriam pela manhã. Tudo dependia dos franceses e os planos que tivessem.

Dubreton lhes esperava na porta da pousada. Era um edifício grande, muito grande para um povoado tão pequeno, apesar de que em outros tempos fora utilizado pelos viajantes que queriam cruzar a serra evitando os pedágios do caminho que se estendia para o sul. A guerra havia prejudicado aquele negócio, mas o edifício seguia sendo acolhedor e cálido.

Içaram uma bandeira francesa em uma das janelas do andar superior e a iluminaram com duas tochas de palha e resina enquanto alguns soldados desarmados se aproximaram deles para pegar os cavalos. Farthingdale deixou as apresentações para Sharpe. Quatro capitães, incluídos Brookery Cross, e dois tenentes, contando com Harry Price.

Uma vez lá dentro, Dubreton acompanhou Josefina à sala na qual se esmeravam as mulheres francesas. Sharpe ouviu as amáveis palavras de cumprimento que lhe dedicavam suas antigas companheiras de infortúnio e

sorriu ante os incômodos que se haviam tomado os franceses para o jantar.

Formaram uma grande mesa juntando todas as que havia na pousada. Cobriram-na com uma toalha de mesa branca e umas velas compridas indicavam o lugar para mais de doze comensais. Havia garfos de prata, como dissera Hagman, que brilhavam à luz das velas. Em uma mesa auxiliar as garrafas de vinho já estavam abertas, filas e filas, todo um batalhão de garrafas de vinho; o pão, de casca dura, em cestas sobre a mesa. Ardia um fogo na lareira e seu calor já chegava até a porta da entrada.

Um ordenança pegou o gabão de Sharpe, outro trouxe um grande recipiente fumegante e Dubreton se serviu uma taça de ponche. Uma dúzia de oficiais franceses esperavam na sala e sorriram em sinal de boas-vindas ainda que seus olhos delatassem a curiosidade que sentiam ao ver tão de perto o inimigo. Dubreton esperou até que o ordenança tivesse oferecido ponche a todos os presentes.

— Senhores, desejo-lhes um feliz Natal!

— Feliz Natal!

Da cozinha da pousada saía um odor que parecia a antessala do paraíso.

Farthingdale levantou a taça.

— À saúde de um inimigo atento! — o repetiu em francês.

Sharpe bebeu e seu olhar se cravou em um oficial francês que, ao contrário do restante, não vestia o uniforme de infantaria. Seria um lanceiro ou um dragão. Seu uniforme era azul, muito escuro e sem nenhuma insígnia de classe ou da unidade a que pertencia. Usava óculos metálicos e seu rosto apresentava marcas de varíola infantil. Os olhos, pequenos e escuros como o próprio homem, fixaram-se em Sharpe e não demonstravam em absoluto a mesma simpatia que os outros oficiais.

Dubreton devolveu o cumprimento sir Augustus e anunciou que a janta tardaria meia hora em servir-se, que os ordenanças se ocupariam de encher suas taças, que os oficiais franceses tinham sido escolhidos porque falavam inglês, ainda que a maioria bastante mal, e que se considerassem bem-vindos. Farthingdale deu uma breve resposta e animou aos oficiais ingleses a conversarem com os franceses. Sharpe, que odiava os diálogos triviais, retirou-se para um canto escuro da sala e ficou atônito ao ver que o pequeno homem obscuro de uniforme azul se aproximava.

— Major Sharpe?

— Sim.

— Quer mais ponche?

— Não, obrigado.

— Prefere vinho?

— Sim.

O francês, com um sotaque inglês surpreendentemente perfeito, estalou os dedos e Sharpe se sobressaltou ante a prontidão com que um ordenança respondeu a sua chamada. Era um homem temido. Quando o ordenança os deixou sozinhos, o francês olhou para o fuzileiro.

— Foi promovido recentemente, não é mesmo?

— Não tenho o prazer de lhe conhecer.

Esboçou um sorriso que logo desapareceu.

— Ducos. Major Ducos, a seu serviço.

— E por que acha que minha promoção é recente, major?

De novo esboçou um sorriso, um sorriso de cumplicidade, como se soubesse algo e se alegrasse disso.

— Porque no verão o senhor era capitão. Deixe-me pensar. Pode ter sido em Salamanca? Sim. Em García Hernández, onde morreu Leroux. Foi uma pena, era um bom homem. Não ouvi falar do senhor em Burgos, suponho que estava se recuperando da ferida que Leroux lhe havia infligido.

— Algo mais?

Aquele homem sabia tudo; a situação era incômoda. Sharpe observou que os outros diálogos subiam de tom na sala, começavam os risos e também notou que os franceses se esquivavam daquele homenzinho. Dubreton alçou a vista, trocou um olhar com Sharpe e deu de ombros como se lhe pedisse perdão.

— Tem mais, major. — Ducos esperou até que o ordenança tivesse servido o vinho. — Tem visto a sua esposa durante as últimas semanas?

— Estou seguro de que sabe qual é a resposta.

Ducos tomou aquela resposta como um cumprimento e sorriu.

— Ouvi dizer que A Agulha está em Casatejada e a salvo dos franceses, lhe

asseguro.

— Não costuma ser assim.

Aquelas palavras atravessaram Ducos como se nunca tivessem sido pronunciadas. Os óculos lançavam lampejos à luz das velas.

— Surpreende-lhe que saiba tantas coisas do senhor, Sharpe?

— A fama sempre é surpreendente, Ducos, e muito gratificante. — Sharpe se ouviu excepcionalmente pomposo, mas aquele homem pequeno e sardônico estava lhe chateando.

Ducos riu.

— Desfrute-a enquanto pode, Sharpe. Não durará muito. A fama adquirida em um campo de batalha só pode se manter em um campo de batalha, e normalmente traz a morte. Duvido que veja o final da guerra.

Sharpe levantou sua taça.

— Obrigado, senhor.

Ducos deu de ombros.

— Vocês os heróis são todos loucos. Como ele. — Fez um gesto com a cabeça indicando a Dubreton. — Acreditam que a glória não se acaba nunca. — Deu um pequeno trago. — Sei do senhor porque temos um amigo comum.

— Duvido.

— Duvida?

Parecia que Ducos gostava dos desaires, talvez porque sua capacidade para devolvê-los era absoluta e secreta. Havia algo sinistro nele, relacionado com um poder que lhe permitia não fazer caso dos soldados.

— Concordo, talvez não seja um amigo comum. É amigo seu. Para mim, talvez um conhecido. — Esperou que Sharpe mostrasse curiosidade e deu uma risada ao ver que Sharpe não perguntaria. — Quer que dê a Héléne Leroux uma mensagem de sua parte? — voltou a rir, comprazido com o efeito de suas palavras. — Vê? Posso surpreendê-lo, major Sharpe.

Héléne Leroux. A marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba, a amante de Sharpe em Salamanca. Ele a vira pela última vez em Madri, antes da retirada britânica para Portugal. Héléne, uma mulher de beleza deslumbrante, uma mulher que espionava para os franceses, a amante de Sharpe.

— Conhece Héléne?

— Foi o que disse. — As lentes brilhavam. — Sempre digo a verdade, Sharpe, e a gente amiúde se surpreende.

— Apresente-lhe meus respeitos.

— Isso é tudo! Eu lhe direi que ficou boquiaberto quando mencionei seu nome, e não me surpreende. A metade dos oficiais franceses estão rendidos aos seus pés. Pergunto-me por que, major. O senhor matou seu irmão, como ela pode gostar de si?

— É minha cicatriz, Ducos. — Sharpe se tocou no rosto. — Deveria se fazer uma.

— Eu me mantenho afastado das batalhas, Sharpe. — Seu sorriso ia e vinha. — Odeio a violência, a menos que seja necessária, e a maioria das batalhas não é mais que brigas nas quais algum Zé ninguém ganha uma fama fugaz. Não me perguntou onde ela está.

— E me responderia?

— Claro. Regressou para a França. Temo que não a veja durante muito tempo, major, possivelmente até que a guerra termine.

Sharpe lembrou-se de sua esposa, Teresa, e pensou nos remorsos que havia sentido ao tê-la traído, mas não podia tirar da cabeça aquela francesa loira, casada com um antigo marquês espanhol. Queria vê-la outra vez, ver aquela mulher de sonho.

— Ducos! Está monopolizando ao major Sharpe — interrompeu Dubreton.

— Pensei que Sharpe era o mais interessante de seus convidados — Ducos não se incomodou em dizer “senhor”.

A aversão que sentia pelo major era óbvia.

— Deveria falar com sir Augustus, Ducos. Ele escreveu um livro, portanto deve ser fascinante.

O desprezo de Dubreton por sir Augustus era igualmente evidente.

Ducos não se moveu.

— Sir Augustus Farthingdale? É só um funcionário. Tirou muitas passagens de seu livro do major Chamberlin do 24º. — Deu um trago no ponche e passeou o olhar pelo aposento. — Trouxe oficiais do 69º, um homem do South Essex e a

um fuzileiro, major Sharpe. Ao ver. Todo um batalhão? Os atiradores. Uma companhia do 60º e sua própria companhia. Por acaso queria nos fazer acreditar que tem mais homens?

Sharpe sorriu.

— Um batalhão de infantaria francês, cento e vinte lanceiros, e cento e cinquenta dragões. E um funcionário, major. O senhor. Estamos igualados.

Dubreton riu abertamente, Ducos franziu o cenho e então o coronel francês agarrou Sharpe pelo cotovelo e o afastou do homenzinho.

— Efetivamente é funcionário, mas muito mais perigoso que seu sir Augustus.

Sharpe voltou a olhar para Ducos.

— O que é?

— O que quer. Vem de Paris. Era um dos homens mais próximos de Fouché.

— Fouché?

— Não sabe como afortunado que é de não conhecer esse nome. — Dubreton pegou outra taça de ponche de uma bandeja. — É um policial, Sharpe, que trabalha nos bastidores. De vez em quando é desonrado e perde o favor do imperador, mas esse tipo de homem sempre volta a aparecer. — Indicou Ducos com a cabeça. — Ele é outro fanático que vai por sua conta. Para ele hoje não é o dia de Natal mas o quinto Nivoso do ano 20 e pouco lhe importa que o imperador tenha abolido o calendário revolucionário. A paixão o domina.

— Por que o convidou?

— Não tinha opção. Ele decide aonde vai e com quem fala.

Sharpe se virou para olhar para Ducos. O pequeno major lhe sorriu deixando ver seus dentes vermelhos manchados de ponche. Dubreton pediu mais vinho para Sharpe.

— Partirão amanhã?

— Isso deve perguntar a sir Augustus. Ele está ao comando.

— De verdade? — Dubreton sorriu e depois se virou para a porta, que tinha se aberto. — Ah! As damas!

Outra vez as apresentações, pareceu que se estendiam durante cinco minutos, se beijaram todas as mãos com esmerada cortesia e, do mesmo modo, Dubreton

sentou a todos seus convidados. Ele tinha seu lugar no centro da mesa, de frente para a porta, e conduziu sir Augustus para uma cadeira junto a ele com graça excelente. Imediatamente, Ducos tomou lugar do outro lado de Farthingdale, e sir Augustus procurou sobressaltado por Josefina. Dubreton percebeu.

— Bem, bem, sir Augustus. Temos muito de que falar e sua bela esposa está sempre com o senhor, enquanto que nós somente gozaremos do prazer de sua companhia por muito pouco tempo. — Fez um gesto com a mão para Josefina. — Posso lhe pedir que se sente em frente a seu marido, lady Farthingdale? Não há corrente de ar, tem uma cortina na porta, mas talvez o major Sharpe queira sentar-se a seu lado para protegê-la do frio.

Haviam feito muito bem. Os franceses tinham Farthingdale onde queriam. Planejavam negociar e não lhe davam opção de recorrer a ninguém. Dubreton se sentou ao lado de sua esposa, aprofundando na ferida de sir Augustus, e Sharpe viu como este olhava penalizado para Josefina. Queria tê-la por perto, odiava vê-la longe de si e Sharpe achou patético que um homem se mostrasse tão desolado por ter a sua mulher a sete palmos.

A senhora Dubreton sorriu para Sharpe.

— Hoje nos vemos em melhores circunstâncias, major.

— Certamente, senhora.

— A última vez que vi o major Sharpe — disse dirigindo-se ao restante e omitindo oportunamente seus anteriores encontros no convento desde o dia do resgate — estava manchado de sangue, segurando uma espada muito grande e era aterrador. — Lançou-lhe um sorriso.

— Peço desculpas por isso, senhora.

— Não é necessário. Na lembrança, a imagem parece maravilhosa.

— Foi possível graças a sua citação de Alexander Pope, senhora.

Ela sorriu. O cansaço havia desaparecido, seu rosto parecia mais claro, e tanto ela como Dubreton estavam exultantes.

— Sempre havia dito que a poesia seria útil algum dia. Alexandre nunca tinha acreditado.

Dubreton riu, encolheu os ombros incomodado por seu nome. A conversa parou quando serviram a sopa. Sharpe a provou. Era uma sopa tão deliciosa que temia que a segunda colherada não conseguisse estar à altura do que prometia a

primeira, mas sim estava à altura, inclusive melhor e seguiu comendo. Percebeu que Dubreton o observava divertido.

— Está boa?

— Estupenda.

— Castanhas, major, é muito simples. Um pouco de caldo de verduras, castanhas picadas, manteiga e salsinha. É muito fácil de preparar! O mais difícil é descascar as castanhas, mas temos muitos prisioneiros. *Venia!*

— Só há isso?

Um francês, capitão dos dragões, insistia em que havia um pouco de creme na sopa; e um lanceiro alemão não esteva de acordo em que cozinhar fosse tão fácil, porque ele só havia conseguido cozinhar um ovo cozido e mesmo assim ficou duro como uma couraça; e um capitão dos escaramuçadores explicou que tinha visto homens cozinhando ovos enrolando-os em um pedaço de tecido; e Harold Price se empenhava em dar a receita de "tommy", a torta típica do exército britânico, e ainda que só se preparava com farinha e água, Price tardou dois minutos em explicar sua elaboração. Sir Augustus, que se sentia afastado, comentou que lhe surpreendia que os portugueses só comessem as folhas do nabo e Josefina, que sentiu que estava menosprezando seu país, o ofendeu sutilmente sugerindo que somente um pagão comeria o resto de um nabo. Terminou a sopa e Sharpe olhou pensativo no fundo do recipiente vazio.

Um pé roçou o seu, pressionou e Sharpe olhou para Josefina, situada a sua esquerda.

Estava falando com um dragão francês sentado junho dela que se inclinava exageradamente sobre seu prato de sopa para poder dar olhadas ao decote do vestido de estilo imperial. Não era como aquele que vestia quando Sharpe a havia resgatado. Lançou um olhar furtivo para sir Augustus e pensou que ele devia de tê-lo trazido em sua bagagem. Era evidente que odiava a qualquer homem que se sentasse junto dela. Aquele pé seguia pressionando o seu e então ela se virou, insinuou um piscada.

— Gostou?

— Delicioso.

Um ordenança lhe serviu mais vinho e Sharpe viu que tinha as unhas traçadas e manchadas de carregar pólvora e preparar pederneiras. Sir Augustus se inclinou para frente.

— Querida?

— Augustus?

— Não está com frio? Há corrente de ar? Quer que peça seu xale?

— Frio, querido? Em absoluto. — Sorriu enquanto seu pé passeava para cima e para baixo pelo tornozelo de Sharpe.

A porta da cozinha se abriu e alguns ordenanças se aproximaram rapidamente da mesa, cada um com uma bandeja cheia de pratos e com uma tigela em cada uma. Fumegavam, e Dubreton deu uma palmada na mesa.

— Comam rápido! São muito melhores recém-saídos do forno!

Sharpe colocou o prato e se queimou. Havia uma ave sobre uma fatia de pão frito, sob a escura pele marrom assada, a carne estava dourada.

— Major! Coma!

O pé de Josefina se aproximou ainda mais de Sharpe e ele cortou um pedaço de carne, o provou, a carne parecia desfazer-se na boca. Era impossível que fosse melhor que a sopa e contudo era muito melhor.

Dubreton sorriu.

— Está bom, hem?

— Magnífico.

Josefina o olhou. Quase todos os homens a olhavam e à luz das velas parecia extraordinariamente bonita, com seus lábios ligeiramente abertos e um vislumbre de preocupação no rosto. Pressionou tão forte que Sharpe quase sentiu dor.

— Está seguro de que gosta, major?

— Sim, estou seguro — respondeu pressionando por sua vez, olhou para Dubreton. — É perdiz?

— Certamente — respondeu Dubreton entre dois bocados. — Dentro leva manteiga, sal e pimenta, recoberta com duas folhas de parreira e um pouco de gordura de porco. É fácil, vê?

Sir Augustus, ainda doído pela reprimenda sobre os nabos, animou-se.

— Deveria provar o toucinho gorduroso, coronel! É melhor que a gordura. Minha mãe sempre preferia o toucinho gorduroso.

O pé de Josefina estava agora dobrado sobre o tornozelo de Sharpe e puxava

dele para aproximar-lhe a perna. Um ordenança serviu vinho a seu outro vizinho e ela moveu a cadeira dando a impressão de que queria dar espaço, seu joelho roçava o de Sharpe.

— Toucinho!

Dubreton tinha consumido o osso até deixá-lo limpo e o soltou.

— Querido sir Augustus! Come-se a substância da ave! E o toucinho se queima! — olhou para Josefina e acrescentou: — Terá que mudar seus hábitos, senhora, e insistir na gordura de porco.

Ela consentiu com a boca cheia e se tocou os lábios.

— Não leva especiarias, coronel?

— Bonita dama — respondeu Dubreton sorrindo —, uma ave jovem não necessita de ervas. Uma velha, talvez. Um pouco de tomilho, salsinha e talvez uma folha de louro.

Deteve o garfo cheio de peito de perdiz a uma polegada da boca.

— Terei que me lembrar de sempre ter aves jovens, coronel — seu joelho roçou o de Sharpe.

Um ordenança avivou o fogo; em algum lugar do povoado os homens cantavam e outros ordenanças rodearam a mesa e serviram uma segunda taça de vinho rosé, e quando Sharpe se adiantou para pegar a taça, Dubreton o deteve.

— Espere, major! Esse é para o prato principal. Siga bebendo o que tinha, o tinto. Siga com o tinto de momento.

O outro vizinho de Josefina havia aproximado sua cadeira para não perder a vista. Sir Augustos afastou no prato a metade de sua perdiz, intacta, e olhou tristemente para Josefina, que deslumbrava ao capitão dos dragões, acariciando os cordões prateados de sua ombreira e perguntando-lhe como os limpava. Sharpe sorria para seu interior. Era esplêndida. Tão pouco de confiança como uma espada barata em uma batalha, mas os anos não haviam minguado suas ânsias de emoção ou travessuras. Sharpe viu que Ducos o estava olhando através de seus óculos que refletiam as chamas das velas enquanto o major mastigava, e Sharpe teve a impressão de que Ducos sorria porque sabia o que estava se passando.

Harry Price estava explicando, em uma mistura de inglês e horroroso francês, o que era o críquete a uma das damas francesas.

— Joga-se a bola. Bate-se com o bastão. Assim! — Price deu um golpe com a faca que soou ruidosamente contra a borda de uma das taças de vinho. Seu rosto ruborizado sorriu a modo de desculpa para um dos oficiais de mais idade que havia se virado.

Um major francês instou a Price para que continuasse.

— O mesmo homem? Joga e golpeia?

— Não, não, não! — Price bebeu da taça de vinho. — Onze homens, certo? Um homem joga a bola e o outro golpeia. Dez homens a pegam. Um homem da outra equipe a golpeia quando o homem a joga. É simples!

O major francês explicou o esporte ao restante da mesa, também misturando francês e inglês e todos riram de boa vontade acompanhados pelo calor do aposento e o bom vinho. Estavam passando um Natal inglês com franceses. Sharpe se reclinou na cadeira e teve a estranha sensação, não, mais que estranha, antinatural, de que no dia seguinte aqueles mesmos homens estariam tentando se matar uns aos outros. Price se ofereceu para mostrar aos franceses o jogo de críquete pela manhã, mas para Sharpe sua intuição lhe falava de outro tipo de jogo.

O pé de Josefina tinha ficado quieto por um momento apoiado em seu tornozelo, enquanto escutava a comprida história do dragão sobre um baile em Paris. Aquela história lhe agradava. Para ela, Paris era o céu, uma cidade mítica na qual uma mulher bonita podia caminhar sobre delicados tapetes, sob lâmpadas de cristal e receber as honras de uniformes deslumbrantes. Sharpe pensou em retirar seu pé, sabia que não a queria, mas não teve coragem ou a vontade necessárias para fazê-lo. Olhou para Farthingdale, que defendia desanimado seu livro dos surpreendentes conhecimentos de Ducos, e Sharpe supôs que estava flertando com Josefina porque para sir Augustus lhe desgostava muito. Também o fazia porque era fraco. Se sir Augustus não a vigiasse aquela noite, Sharpe sabia que não poderia resistir à tentação. Moveu um pouco o pé, mas ela o reteve com força.

Dubreton se inclinou para frente enquanto os ordenanças retiravam as sobras das perdizes.

— Parece que tem calor, lady Farthingdale. Quer que abramos a janela?

— Não, coronel — respondeu a dama sorrindo.

Seu cabelo negro cacheado caía sobre o rosto. O domínio que exercia sobre

os homens da mesa era absoluto. Sharpe estava satisfeito por ter atraído sua atenção, ainda que fosse às escondidas, apesar de que poderia ter prestado a mesma atenção a qualquer outro vizinho.

As portas da cozinha se abriram de novo e desta vez apareceram uma grande variedade de pratos, todos quentes, e os ordenanças dispuseram pratos novos. O odor era muito proponente. Dubreton deu uma palmada.

— Lady Farthingdale! Sir Augustus! Damas e cavalheiros, terão que nos perdoar porque este Natal não haverá ganso, nem cabeça de porco, nem mesmo cisne assado. Infelizmente! Tentei que houvesse carne de novilho em honra a nossos convidados, mas nada. Terão que se conformar com um prato humilde. Major Sharpe? O senhor servirá lady Farthingdale. Sir Augustus, permita-me.

Havia três tipos de carne nas bandejas dispostas ao lado de pratos de feijão, que pareciam cobertos de migalhas de pão, e recipientes com batatas assadas com a pele. Sharpe gostava de batatas assadas, portanto calculou quantas tigelas havia na mesa, quantas batatas em cada tigela e quantos comensais para comparti-las. Ofereceu a Josefina.

— Senhora?

— Não obrigado, major — respondeu roçando o joelho em Sharpe, que estava seguro de que sir Augustus tinha que estar vendo o que ocorria. Josefina estava tão perto dele que seus cotovelos se roçavam quando comiam. Houve um tempo no qual teria assassinado por aquela mulher e, então, nunca teria acreditado que aquela paixão pudesse se transformar em simples afeto.

— Tem certeza?

— Tenho.

Sharpe se serviu de sua ração e da dela. Escondê-las-ia debaixo dos feijões.

Dubreton foi o último a se servir e depois se certificou de que todos tivessem o prato cheio.

— Isto alegrará seus corações ingleses. É o prato preferido de lorde Wellington, carne de cordeiro.

Mas um cordeiro como Sharpe jamais vira, nada a ver com a carne amarelada e gordurenta que o general saboreava. O rosto de Dubreton refletia seu deleite.

— Tem que assar o cordeiro, mas só um pouco, depois se acrescenta a

salsicha de alho e o pato meio assado. Teria que ser ganso, mas não temos. Cozinham-se no feijão e depois se separam. — O feijão era delicioso, branco e inchado, mesclado com pedaços de carne de porco. Dubreton espetou um feijão. — Deve-se cozinhar o feijão em água e jogar essa água depois, sabiam?

Os ingleses negaram com a cabeça confusos e Dubreton seguiu falando.

— A água do feijão fede, é horrível. Descobre-se que uma mulher é suja quando não a joga suficientemente longe de casa. Apesar de tudo — disse segurando no alto o feijão — pode ser engarrafada. Obtém-se uma substância que tira as manchas mais difíceis da roupa. Percebem a quantidade de coisas que podem aprender conosco? E agora, a comer!

Dubreton tinha se desculpado por aquele prato, mas as desculpas eram desnecessárias porque a comida superava as expectativas de Sharpe, e as batatas eram tão crocantes que ameaçavam se abrir como uma pequena concha e escorregar para a toalha branca de mesa. Bebeu o vinho rosé e compreendeu por que Dubreton havia insistido em que o reservassem para esse prato; sentiu-se exageradamente bem, relaxado, e riu quando Harry Price explicou que feijão sempre lhe flatulência e, solenemente, espetou um depois do outro para liberar o gás escondido. Ao mencionar o gás, Dubreton perguntou de repente se era verdade que em Londres já havia iluminação a gás, e Sharpe lhe respondeu afirmativamente, e madame Dubreton quis saber exatamente onde e suspirou ante a resposta.

— Pall Mall! Faz nove anos que não vejo o Mall.

— Logo regressará, senhora.

Josefina se inclinou para Sharpe e seu cabelo roçou no do fuzileiro.

— Levar-me-á a Londres?

— Quando a senhora quiser.

— Esta noite? — sorria, pegava em seu cabelo e sua coxa o ia roçando ritmicamente.

— O que disse, querida? — sir Augustus não podia conter sua irritação e se inclinou para frente.

Ela lhe sorriu alegremente.

— Estava contando as batatas que o major Sharpe tem no prato. Acho que é muito comilão.

— Um homem necessita de sua força — disse Ducos, cujos olhos iam de Sharpe para Josefina.

— Por isso come tão pouco, major? — inquiriu ela sorrindo-lhe.

Era verdade que o homenzinho vestido à paisana removia melindrosamente sua comida e comia pouco. Josefina se inclinou para Sharpe e contou com o garfo sobre seu prato.

— Uma, duas, três, quatro, cinco, já comeu parte desta, seis. — E apertando o joelho e a coxa contra Sharpe, lhe disse em voz baixa: — Dorme como uma pedra. Às três?

— *Qui vive?*

Aquele grito chegou de fora da pousada, era o quem está aí em francês.

O garfo de Josefina seguia sobre o prato de Sharpe e sua mão, sob a mesa, percorria a costura entre o tecido verde e a pele da calça de Sharpe.

— Oito, nove, dez batatas, major. Né?

— Melhor às três e meia — disse ele.

Podia cheirar-lhe o cabelo, estava inclinada sobre seu prato com o garfo na mão, pensando em que batata ia espetar. Pegou uma, voltou a seu lugar e a aproximou da boca de Sharpe.

— Para sua força, major.

Abriu a boca e aproximou o garfo, voltou a escutar o alto lá, a porta se abriu de golpe, alguém puxou de lado a grossa cortina e entrou uma lufada de ar gelado.

Todos ficaram imóveis, os garfos a meio caminho, o de Josefina a uma polegada dos lábios de Sharpe, pela porta apareceu Patrick Harper sorrindo, e a seu lado, bem menor, com seus olhos negros e o cabelo negro abrigado em uma capa, estava Teresa. A esposa de Sharpe.

— Olá, marido.

Capítulo 17

Ela não entraria na pousada, Teresa não, não se houvesse oficiais franceses dentro. Odiava aos franceses com toda a força de sua alma apaixonada. Tinham estuprado e assassinado sua mãe e ela se vingava matando a quantos caiam em suas emboscadas nas colinas fronteiriças. Sharpe caminhou junto dela pela rua do povoado que conduzia ao convento, ela levantou a vista e o olhou.

— Esqueceu como se come, Richard?

— A senhora só estava brincando.

— Brincando! — ela riu.

A luz das tochas iluminava seu rosto pequeno e enérgico. Nele não se refletia a delicadeza de Josefina, esta mulher tinha rosto de falcão; um falcão bonito, mas um assassino e um caçador no final das contas, uma criatura de muita força e pouca compaixão. Um rosto cheio de orgulho, o rosto da antiga Espanha, com o único toque de suavidade de seus grandes olhos brilhantes.

— Aquela é a prostituta da Josefina, né?

— Sim.

— E ainda usa seu anel, não?

Sharpe se deteve, surpreso. Havia esquecido, Josefina não o tinha mencionado, mas ainda usava o anel de prata com uma águia gravada que Josefina lhe entregara antes da batalha de Talavera e antes que ele arrebatasse o estandarte de águia dos franceses. Olhou o anel e depois para ela.

— Está com ciúmes?

— Richard — respondeu ela sorrindo. — Usa esse anel pela águia e não por ela, eu sei. De toda forma, creio que a acha bonita.

— Muito gorda.

— Muito gorda! Você acha que tudo o que é mais grosso que uma baqueta está gordo. —Estava de frente para ele e lhe bateu levemente no braço. — Algum dia eu me ficarei gorda, muito gorda, e verei se realmente me ama.

— Eu te amo.

— E acredita que com isso se perdoa tudo. — Sorriu, ficou nas pontas dos

pés e ele a beijou, consciente dos olhares de uma dúzia de sentinelas franceses e da figura borrada de Harper uns vinte metros atrás. Ela franziu o cenho. — É assim que me ama?

Voltou a beijá-la, mas desta vez abraçando-a, e ela deslizou o rosto por sua face e lhe sussurrou algo ao ouvido, depois se separou para ver a reação em seu rosto.

— Verdade? — perguntou ele.

— Sim. Por aqui.

Pegou sua mão e caminharam sob a luz das tochas até campo aberto. A névoa era ainda pouco densa, as estrelas se viam borradas no alto, e as nuvens tinham se estendido para o sul e pressagiavam mau tempo. Teresa parou quando estavam afastados o bastante dos ouvidos dos franceses do povoado.

— Seis batalhões, Richard. Estão em um povoado situado a cinco quilômetros. — Apontou para o leste. — E isso não é tudo.

— Continue.

— A oito quilômetros desses, há mais. Muito mais. Vimos cinco baterias de canhões, talvez seis. Mais cavalaria, mais infantaria e grandes carroças. Carroças de suprimentos.

— Jesus! — passaram imediatamente os efeitos do vinho com o impacto das palavras de Teresa.

Os guerrilheiros estavam se movendo a pedido de Nairn e Teresa havia cavalgado com uma dúzia de homens para o norte e para o leste. Com precaução instintiva deu um rodeio para chegar a seu destino e tinha chegado a Adrados vindo do leste, e ao entardecer do dia de Natal havia visto as tropas francesas ocultas no vale e que se dirigiam rapidamente para Portugal.

Supôs que havia uns dez batalhões, no mínimo, talvez mais, e Sharpe percebeu que aquelas tropas não marcharam no inverno para as colinas simplesmente para submeter à Pot-au-Feu.

Por que, então? Para conquistar Portugal como Nairn tinha dito? Parecia um objetivo insignificante, muito pouco para compensar a derrota na Rússia, mas então o quê? Por que havia um corpo francês tão ao norte, quando o melhor seria recuperar as fortalezas fronteiriças de Cidade Rodrigo e Badajoz? Se o general perdesse aquelas cidades, a campanha de 1813 se atrasaria durante semanas,

talvez meses.

Teresa lhe puxou pelo braço.

— Por que dizem que estão aqui?

— Pela mesma razão que nós. Para destruir Pot-au-Feu.

— Malditos mentirosos.

Sharpe tremia de frio. Via os fogos da atalaia e pensou em Frederickson, que preparava uma defesa, mas uma defesa que não fora desenhada para derrotar a baterias de artilharia e infantaria concentrada.

O rosto de Teresa se via pálido na penumbra.

— E o que vai fazer?

— Não depende de mim. Não estou ao comando.

— Major?

— Sim?

Ela deu uma risada.

— É major! Está contente?

— Sim — respondeu ele também rindo.

— Patrick está contente. Diz que você merece. Espero que não fuja.

— Não se puder evitar. — Deu meia volta e observou o povoado. — Não, não fugiremos, mas necessitamos de ajuda.

Ela consentiu e também se voltou.

— Meus homens irão à busca de ajuda pela manhã. — Referia-se à meia dúzia de cabecilhas que estavam a um dia de viagem.

— E você?

Teresa ajustou sua capa.

— O que quer que eu faça?

— Que vá para oeste. Leve uma mensagem até nossas linhas. De momento não sabem nem que há franceses no vale.

— Qual é a mensagem? — aceitou.

— Que estamos defendendo a Entrada de Deus.

Aquela frase lhe agradou, seus dentes brancos desenharam um sorriso na escuridão. Olhou para o norte.

— Sairei logo, nesta noite mesmo, antes que comece a nevar.

Sharpe desejou que pudesse ficar até de manhã, mas ela tinha razão, e Sharpe se sentiu desprezível por necessitar de sua proteção para esquivar ao encontro das três e meia. Não haveria nenhum encontro, não naquela noite, porque devia preparar um sistema de defesa e travar uma batalha na alvorada. Parecia que Teresa ouvia seus pensamentos, porque sorriu e lhe disse em tom de brincadeira:

— Acredito que a prostituta não lhe verá esta noite.

— Eu também o acho.

Caminharam devagar para a luz da rua do povoado e Teresa tirou um pacote embrulhado de baixo da capa e lhe deu.

— Abra-o.

Sharpe retirou o pedaço de corda e desfez o embrulho de tecido; havia um boneco dentro do pacote. Aproximou-se da luz e sorriu. Era um fuzileiro.

Teresa parecia preocupada.

— Gosta?

— É muito bonito.

— Eu o fiz para Antônia — queria que Sharpe gostasse.

Ele o segurou à luz e observou o cuidado e esmero com o que havia feito o pequeno uniforme. O boneco media apenas quinze centímetros, mas a casaca verde tinha o pertinente cordãozinho, os pequenos laços intrincados na parte dianteira atados com um apertado cinturão negro. A cara era de madeira talhada. Levantou o chapéu de bordas negras e viu o cabelo negro do boneco.

— É de lã — disse ela sorrindo. — Ia lhe dar no Natal. Hoje. Mas terá que esperar.

— Como ela está?

— Linda. — Teresa pegou o boneco e começou a envolvê-lo de novo cuidadosamente. — Luzia está cuidando dela. — Luzia era a cunhada de Sharpe. — É muito boa com ela. Suponho que seja, não somos os melhores pais do mundo — acrescentou encolhendo-se de ombros.

— Diga-lhe que o boneco também é de minha parte. — Ele não tinha nada

para presentear a sua filha.

Consentiu.

— Supõe-se que é você. — Sorriu. — Pode ter um boneco e chamá-lo de papai. Direi que também é de sua parte.

Sharpe pensou no que havia dito a Frederickson. Deixá-la para viver. Ele não queria isto. Antônia era sua própria carne e seu própria sangue, mas não o conhecia, e ele a ela tampouco, e alçou a vista entre a névoa para uma estrela borrada e pensou no egoísta que era. Preferia viver ao fio da espada, entre o perigo e a glória, que formar uma família em paz e com certeza. Antônia era uma menina da guerra, e a guerra, como havia dito Ducos, implicava mais amiúde a morte que a vida.

— Já fala?

— Umas poucas palavras — respondeu Teresa dominando a voz. — Diz mamãe, e a Ramón o chama de Gogga, não sei por que. — Sorriu, mas sua voz denotava tristeza.

Antônia falaria espanhol. Não tinha a quem chamar papai, só a seu tio Ramón, e tinha sorte de tê-lo. Havia tido sorte com seu tio, mas não com seu pai.

— Major! Major Sharpe!

A voz saía da pousada, Dubreton saiu à rua e se encaminhou para eles.

— Major?

Sharpe pôs a mão sobre o ombro de Teresa e esperou até que o coronel francês se aproximasse.

— É minha esposa, senhor. Teresa, este é o coronel Dubreton.

Dubreton a cumprimentou com uma inclinação.

— A Agulha, é tão bonita como perigosa, senhora. — Apontou para a pousada com a mão. — Seria um prazer que se unisse a nós. As damas se retiraram, mas a senhora seria bem-vinda, eu sei.

Para surpresa de Sharpe, Teresa falou com muita educação.

— Estou cansada, coronel. Preferiria esperar meu marido no castelo.

— Certamente, senhora. — Dubreton fez uma pausa. — Seu marido me fez um grande favor, madame, um favor pessoal. Devo-lhe por minha esposa estar sã e salva. Se surgir a ocasião alguma vez, terei prazer em saldar minha dívida.

Teresa sorriu.

— Pode me perdoar se lhe disser que espero que nunca tenha a ocasião?

— Lamento que sejamos inimigos.

— Podem abandonar a Espanha, então não seremos mais.

— Ganhar sua amizade, madame, faria suportável a ideia de perder esta guerra.

Ela deu uma risada satisfeita com o cumprimento e Sharpe ficou totalmente surpreso quando viu que estendia a mão para que o francês a beijasse.

— Poderia pedir meu cavalo, coronel? Está com um de seus homens.

Dubreton obedeceu sorrindo ante a estranha oportunidade de estar tão perto de uma mulher cuja cabeça a França havia posto um elevado preço. A Agulha havia empreendido uma amarga luta contra os franceses.

Harper trouxe o cavalo, ajudou Teresa a montar e caminhou junto dela para o castelo. Dubreton ficou olhando e pegou um charuto de uma caixa de pele. Ofereceu um a Sharpe, e o fuzileiro, que raras vezes fumava, aceitou naquele momento. Esperou enquanto Dubreton acendia a mecha no interior da caixa e se inclinou para acender o charuto.

Os cascos do cavalo se desvaneceram sobre a terra frágil e gelada. Dubreton acendeu seu charuto.

— É muito bonita, major.

— É sim.

A fumaça do charuto se esfumou na névoa. Soprava uma leve brisa que trouxe a fumaça das fogueiras. Logo a névoa se desfaria e desapareceria, e depois? Chuva ou neve.

Dubreton indicou a Sharpe que entrasse de novo na pousada.

— Seu coronel o reclama. Não porque necessite ou queira de sua opinião, acho, mas simplesmente porque quer privar-lhe da companhia de sua esposa.

— Do mesmo modo que o senhor lhe privou da sua?

Dubreton sorriu.

— Minha esposa, que não é tonta, chegou a sugerir que a bela lady Farthingdale não é tudo o que aparenta.

Sharpe riu, não respondeu e ficou de lado para deixar que Dubreton se inclinasse para passar debaixo do dintel da porta. Uma vez lá dentro, Sharpe fechou a cortina e encontrou a sala mal ventilada e cheia de fumaça de charuto, tensa pelos diálogos. O batalhão de garrafas de vinho havia sido retirado e substituído por garrafas de conhaque que só eram desfrutavam os oficiais jovens. Sir Augustus Farthingdale estava com o cenho franzido, Ducos sorria.

Dubreton olhou para Ducos.

— Creio que acaba de perder A Agulha, Ducos. A convidei para que se unisse a nós, mas estava cansada.

Ducos dirigiu seu sorriso para Sharpe e seguiu sorrindo enquanto fazia um gesto obsceno: fez uma circunferência com o indicador e o polegar da mão esquerda e meteu o indicador da direita repetidas vezes dentro da circunferência.

— A Agulha, não? Todos sabemos o que se faz com as agulhas: se enfiam.

A espada saiu com tal rapidez da bainha que mesmo Dubreton, de pé junto a Sharpe, não poderia tê-lo detido. O aço brilhava à luz das velas e caiu com celeridade até ficar a uma polegada da ponta do nariz de Ducos enquanto Sharpe se inclinava sobre a mesa.

— Quer voltar a dizer isso, major?

A sala ficou completamente em silêncio. Sir Augustus soltou um grasnido.

— Sharpe!

Ducos não se movia, mas seu pulso batia debaixo da bochecha marcada pela varíola.

— É uma asquerosa inimiga da França.

— Eu lhe perguntei se teria coragem de repetir a frase. Se não, exijo uma satisfação.

Ducos sorriu.

— Major Sharpe, está louco se pensa que vou aceitar duelar com o senhor.

— Então o senhor é louco por provocá-lo. Estou esperando suas desculpas.

Dubreton falou rápido em francês, e Sharpe supôs que lhe estava ordenando que pedisse desculpas porque Ducos deu de ombros e depois olhou para Sharpe.

— Não tenho infâmias suficientes para qualificar A Agulha, mas pela ofensa ao senhor, apresento-lhe minhas desculpas — disse com rancor e desprezo.

Sharpe sorriu. A desculpa era falsa e insuficiente e agitou com rapidez a lâmina de sua espada. Desta vez Ducos reagiu ao sentir que a ponta do aço lhe tocava a sobrancelha esquerda e levava os óculos de seu nariz. Tentou pegá-los e se deteve. A espada bloqueou sua mão.

— Me vê bem agora, Ducos?

Ducos deu de ombros, míope e indefenso sem suas grossas lentes.

— Já lhe apresentei minhas desculpas, senhor.

— É difícil enfiar uma agulha quando se é meio cego, Ducos. — O aço caiu com força sobre uma das lentes e a fez cacos. — Lembre-se de mim, sou seu inimigo. — Sharpe descarregou a espada sobre a outra lente, inclinou para trás e embainhou a espada.

— Sharpe! — Farthingdale olhava incrédulo os óculos quebrados.

Ducos tardaria semanas em ter outros.

— Bravo, senhor! — Harry Price estava bêbado. Inclusive os oficiais franceses, que não desgostavam de Ducos, sorriram para Sharpe e golpearam a mesa em sinal de aprovação.

Dubreton voltou para sua cadeira e olhou para o ultrajado sir Augustus.

— O major Sharpe se controlou, sir Augustus. Devo me desculpar se algum dos oficiais sob minhas ordens está bêbado e se mostra ofensivo.

Os olhos de Ducos ardiam de ira. Nem havia sido ofensivo nem estava bêbado, e isso de que estava sob as ordens de Dubreton tampouco era verdade. Sharpe sabia que era um homem perigoso e que sua inimizade perduraria no futuro.

Dubreton se sentou, soltou a cinza em um prato e olhou para sir Augustus.

— Já tomou uma decisão, sir Augustus?

Farthingdale se tocou a bandagem branca que lhe cobria parte do cabelo prateado. Seu tom era muito preciso.

— Quer partamos do vale amanhã às nove?

— É isso.

— E tem ordens de destruir a atalaia?

— Sim.

— E depois partirá.

— Exatamente! — Dubreton sorriu, serviu-se de conhaque e ofereceu a garrafa para Sharpe.

Este negou com a cabeça e expirou a fumaça do charuto.

— Por que quer que abandonemos o vale antes de destruir a torre? Não poderíamos olhar desde o castelo?

Dubreton sorriu; sabia que aquela pergunta era tão falsa como a informação que ele acabava de dar a sir Augustus.

— Claro que podem olhar.

Farthingdale franziu o cenho olhando para Sharpe.

— Seu interesse é louvável, major, mas o coronel Dubreton já nos deu uma boa razão para que partamos.

Dubreton consentiu com um movimento de cabeça.

— Temos mais três batalhões de infantaria em um povoado a cinco quilômetros — deu de ombros e removeu o conhaque na taça. — Vieram para uma manobra de mobilização, para treinar as novas tropas, e apesar de apreciar sua companhia, major, acho que muitas tropas no vale podem ser perigosas.

Sharpe percebeu que Dubreton estava disposto a revelar parte de suas cartas porque sabia que Farthingdale se assustaria ao ouvir os números. E se reclinou.

— Tem ordens de destruir a atalaia?

— Sim.

— Que estranho. — Dubreton sorriu. — Foi utilizada pelos guerrilheiros no passado. É um perigo para nós, mas me atreveria a dizer que não para os senhores.

Sharpe jogou a cinza no piso. Ouviu os risos das mulheres na sala de ao lado.

— Eu achava que nem os senhores, nem nós, nem os guerrilheiros utilizávamos muito estas colinas. Quatro batalhões é muito para destruir uma pequena torre.

— Sharpe! — Farthingdale havia acendido um de seus próprios charutos, mais grossos e longos que os de Dubreton. — Se os franceses querem perder o tempo explodindo uma torre inútil, não é problema nosso.

— Se os franceses querem algo, senhor, nosso dever é conseguir que não o façam — respondeu Sharpe toscamente.

— Não necessito que me diga qual é meu dever, major! — acrescentou Farthingdale irritado, e levou de novo a mão à bandagem. Dubreton olhava em silêncio. — O coronel Dubreton nos deu sua palavra. Ele se retirará quando tenha feito seu trabalho. Não há necessidade de iniciar um enfrentamento inútil neste vale. Pode ser que queira lutar, major, para ganhar mais louros, mas eu já terminei meu trabalho. Destruí Pot-au-Feu, prendi nossos desertores e nossas ordens são de voltar para casa.

Sharpe sorriu. Essas não eram as ordens de Farthingdale mas as de Kinney, e agora Kinney estava em uma tumba orientada para o oeste nas colinas, e Farthingdale havia tomado o comando. Sharpe lançou a fumaça para o teto, olhou para Dubreton.

— Irão para casa?

— Sim, major.

— E os senhores são o chamado “exército de Portugal”?

Silêncio. Sharpe sabia que tinha razão. Os franceses tinham três exércitos a oeste da península: o exército do Norte, o exército do Centro e o exército de Portugal. A casa de Dubreton estava do outro lado da fronteira, suas palavras haviam sido deliberadamente enganosas, ainda que não a ponto de desonrá-lo.

Dubreton ignorou Sharpe, olhou para sir Augustus e disse em tom metálico:

— Tenho batalhões de infantaria, sir Augustus, e posso trazer mais em um dia. Tenho ordens e, ainda que pareçam estúpidas, estou disposto a cumpri-las. Começarei as operações amanhã pela manhã às nove. O senhor decide se vai se atrever a obstruí-las.

Dubreton conhecia àquele homem. Sir Augustus via os problemas, e as baionetas francesas surgindo da fumaça da batalha, e se dobrou submisso ante aquela ameaça.

— E o senhor diz que podemos nos retirar sem problemas?

— Nossa trégua é até às nove da manhã exatamente, sir Augustus. O senhor terá tempo suficiente para se afastar de Adrados.

Farthingdale consentiu. Sharpe quase não podia acreditar no que estava vendo, ainda que tivesse conhecido outros oficiais como este, oficiais que

ficavam nas filas mais afastadas sem chegar a ver o inimigo e que saíam correndo quando podiam. Farthingdale afastou a cadeira da mesa.

— Partiremos ao amanhecer.

— Esplêndido! — disse Dubreton alçando a taça de conhaque. — Brindo a esta sábia decisão!

Sharpe jogou a guimba do charuto no chão.

— Coronel Dubreton?

— Major?

Agora Sharpe tinha cartas para jogar, mas outro jogo, e devia jogá-las com astúcia.

— Sir Augustus comandou um valente ataque hoje, como pôde ver.

— Certamente. — Dubreton olhou a bandagem branca. Farthingdale olhava para Sharpe apreensivo com gesto mal-humorado.

— Sem dúvida, senhor, que o ataque desta manhã dará muita fama a sir Augustus.

O rosto de Farthingdale mostrou ainda mais receio ante aquele elogio.

Sharpe levantou uma sobrancelha.

— Desafortunadamente, o relatório terá que indicar que sir Augustus sofreu uma ferida enquanto comandava as tropas. — Sharpe se inclinou para frente. — Já ouvi dizer que às vezes, coronel, que este tipo de ferida pode provocar sérias recaídas durante a noite.

— Rezaremos para que isso não ocorra, major — disse Dubreton.

— E lhe agradeceremos suas orações, senhor. Contudo, se isso ocorrer, o peso do comando das tropas britânicas cairia sobre meus indignos ombros.

— E?

— E eu exerceria esse comando.

— Sharpe! — protestou Farthingdale com razão. — O senhor toma demasiadas liberdades. Tomei a decisão e não tolerarei esta ofensa. O senhor cumprirá minhas ordens!

— Certamente, senhor. Desculpe.

Dubreton o compreendeu. Sharpe também estava defendendo sua honra e se

desligava da decisão de Farthingdale. O francês captou a mensagem que Sharpe havia querido lhe comunicar. Levantou uma mão.

— Rezaremos para que a saúde de sir Augustus aguente esta noite e pela manhã, major, saberemos se sobreviveu porque os senhores terão se retirado.

— Sim, senhor.

Ficaram por mais meia hora e depois se despediram. Alguns soldados levaram os cavalos até a porta, os oficiais puseram as capas e gabães e se afastaram para que Josefina pudesse montar o seu. Sir Augustus montou a seu lado, pôs a mão na bandagem e olhou para os oficiais ingleses que estavam na porta da pousada.

— Todos os oficiais de companhia se apresentarão ante mim dentro de um quarto de hora. Todos! Incluído o senhor, Sharpe. — Alçou um dedo, enluvado, até a borla de seu chapéu e cumprimentou a Dubreton.

O coronel francês ajudou a Sharpe.

— Recordarei a dívida que tenho com o senhor, Sharpe.

— Não acho que esteja em dívida comigo, senhor.

— Isso devo julgá-lo eu — disse sorrindo. — Lutará contra nós amanhã?

— Devo obedecer a ordens, senhor.

— Sim.

Dubreton observou os primeiros cavalos que partiam. Pegou uma garrafa de conhaque que tinha escondida nas costas.

— Para que o esquente durante a marcha de amanhã.

— Obrigado, senhor.

— E feliz Ano Novo, major.

Sharpe montou e conduziu seu cavalo atrás dos oficiais atrasados. Harry Price o esperou e se alinhou junto dele e, quando o coronel não podia ouvi-los, olhou para seu alto major.

— Realmente vamos partir amanhã, senhor?

— Não, Harry — Sharpe respondeu com um sorriso, que dissimulava seus verdadeiros sentimentos.

Sharpe sabia que muitos casacas-vermelha e muitos fuzileiros nunca sairiam da Entrada de Deus, no alto daquelas colinas. Acabavam de celebrar seu último Natal.

Capítulo 18

Meia-noite. Natal. Sobre as pedras e no capim restavam alguns bancos de névoa que o vento não havia conseguido arrastar. Os saltos das botas dos sentinelas retumbavam com intensidade nas muralhas do castelo. O fogo ardia no pátio. Desde baixo, as saias dos gabães dos sentinelas pareciam as sobrevestes dos cavalheiros armados; suas baionetas, que refletiam as chamas, eram como lanças à espera de um ataque do Islã ao amanhecer.

Sharpe abraçava Teresa com força. Dois de seus homens a esperavam na porta do castelo e seu cavalo não parava de se mover.

— Tem a mensagem.

Ela consentiu e se separou dele.

— Estarei de volta dentro de dois dias.

— Seguirei aqui.

Ela lhe bateu com suavidade.

— Assegure-se de seguir aqui.

Deu meia volta, montou no cavalo e o conduziu para a entrada.

— Tem cuidado!

— Cavalgamos mais de noite que de dia! Dentro de dois dias! — e desapareceu pelo arco, dirigindo-se para o oeste para levar a notícia de que havia tropas francesas escondidas em *Frenada*.

Outra separação em um matrimônio que era feito de demasiadas separações. Sharpe escutava os cascos afastando-se e pensou que no final dos dois dias seguintes de luta, teria uma recompensa.

Chegava tarde à reunião de sir Augustus, mas pouco lhe importava. Nada do que dissesse sir Augustus modificaria a decisão que Sharpe havia tomado. Assumiria o comando. Subiu a escada da torre da entrada, evitou com dificuldade o torno e caminhou para a torre de homenagem.

Sir Augustus tinha um grande chaminé na sala, a madeira crepitava ao queimar. A chaminé, a única do castelo, subia até as muralhas.

Farthingdale parou de falar quando Sharpe entrou. Uma dúzia de oficiais

estavam de pé na sala, inclusive Frederickson tivera de abandonar a atalaia, olhou para Sharpe. Falou com tom hostil.

— Está atrasado, major.

— Minhas desculpas, senhor.

Pot-au-Feu tinha mobiliado aquele aposento com bárbaro esplendor, havia tapetes sobre as paredes e no piso, inclusive alguns serviam de cortinas, e ao se mover deixaram ver a Josefina. Vinha do balcão, sorriu para Sharpe e se reclinou na parede enquanto sir Augustus erguia uma folha de papel que tinha nas mãos.

— Recapitularei para os que não puderam chegar a tempo. Partiremos com as primeiras luzes. Os prisioneiros irão à frente, corretamente alinhados e custodiados por duas companhias do 69º.

Brooker consentiu enquanto fazia anotações em uma folha de papel dobrada.

— O capitão Gilliland irá atrás. Terá que acomodar em suas carroças os feridos.

— Sim, senhor — consentiu Gilliland.

— A seguir irá o restante do 69º. Major Sharpe?

— Senhor?

— Seus fuzileiros irão à retaguarda.

O capitão Brooker perguntou o que devia fazer com as mulheres e os filhos dos prisioneiros e, enquanto os capitães faziam sugestões, Frederickson lançou um olhar de súplica para Sharpe. Sharpe sorriu e moveu a cabeça.

Frederickson interpretou mal o movimento, ou estava preocupado demais para deixar nas mãos de Sharpe, porque se levantou e pediu permissão para falar a Farthingdale.

— Capitão?

— Por que partiremos, senhor?

— Os fuzileiros estão sedentos de glória. — Respondeu Farthingdale sorrindo com desprezo, e Sharpe se fixou nos homens que também sorriam porque eram os que não estavam muito iludidos com aquela luta. Farthingdale deu a folha de papel a um soldado, que era o que escrevente, e este começou a laboriosa tarefa de copiar as ordens. — Partiremos, capitão Frederickson, porque nos enfrentaríamos a uma força impressionante em um lugar no qual não temos

motivo para lutar. Não podemos lutar contra quatro batalhões franceses.

Sharpe deixou de lado o fato de que quatro batalhões franceses não era muito ante uma defesa bem posicionada. Afastou-se da parede.

— De fato, senhor, são muitos mais que quatro.

Todos os olhos se cravaram em Sharpe. Farthingdale pareceu ficar perdido por alguns momentos.

— Mais?

— A uns treze quilômetros de nós, senhor, e provavelmente se aproximem esta noite, há quase dez batalhões, talvez mais. Também têm cinco ou seis baterias de artilharia e no mínimo duzentos soldados de cavalaria, no mínimo. Eu me arriscaria a dizer que há quinze batalhões.

A lenha crepitava no fogo. O casacas-vermelha secretário olhava boquiaberto para Sharpe. Farthingdale fechou o cenho.

— Posso lhe perguntar por que não me informou disto, Sharpe?

— Acabo de fazê-lo, senhor.

— E posso lhe perguntar como soube?

— Minha esposa os viu, senhor.

— Uma mulher lhe informou.

— Uma mulher, sir Augustus, que passou os últimos três anos lutando contra os franceses.

Aquela resposta foi direta e provocou os risos de Frederickson e mais alguns outros oficiais.

Sir Augustus ordenou bruscamente ao escrevente que deixasse sua tarefa e depois respondeu a Sharpe.

— Não vejo de que modo afeta a estas ordens, major. Em todo caso, confirma que são adequadas.

— Seria interessante, senhor, saber por que os franceses têm aqui tantas forças. Duvido que seja para destruir uma atalaia.

— Sem dúvidas seria interessante, mas não é de minha incumbência. Não estará sugerindo que os enfrentemos? — acrescentou sir Augustus com sarcasmo.

— Bem, senhor. É possível que tenham sete ou oito mil soldados de infantaria, suspeito que mais. Nós temos, deixe-me ver, pouco mais de seiscentos incluindo os feridos leves. Também contamos com os homens do capitão Gilliland, portanto acredito que podemos mantê-los afastados com bastante segurança.

Outros oficiais sorriram, e Sharpe também se fixou neles porque seriam os capitães nos quais poderia confiar.

Sir Augustus estava aceitando muito bem.

— E de que forma?

— Da maneira habitual, senhor. Matando aqueles sacanas.

— Minha esposa está no recinto, Sharpe. Peça desculpas.

Sharpe fez uma reverência para Josefina.

— Minhas desculpas, senhora.

Farthingdale levantou sua casaca para esquentar-se diante do fogo. Estava satisfeito de si mesmo por ter obrigado Sharpe a pedir desculpas e por demonstrar sua autoridade diante de Josefina.

— O major Sharpe sonha em milagres — acrescentou com voz incisiva —, eu prefiro confiar no bom senso militar. Nosso dever é simplesmente sobreviver e lutar outro dia. Capitão Brooker?

— Senhor? — Sharpe havia incluído Brooker entre os partidários de Farthingdale.

— Destaque dois tenentes de confiança para que saiam com esta informação pela manhã antes de nós. Assegure-se de que levem boas montarias.

— Sim, senhor.

Sharpe voltou a se reclinar na parede.

— Já mandei a mensagem, senhor.

— Toma muitas decisões por sua conta, major Sharpe. — A voz de sir Augustus estava cheia de desprezo. — Por acaso pensou que ter a amabilidade de me pedir permissão era muito incômodo para seu precioso tempo?

— Minha esposa e seus homens não necessitam sua permissão, sir Augustus — respondeu Sharpe sem dissimular sua hostilidade e vendo a fúria refletida nos olhos de Farthingdale. Sharpe seguiu falando em um tom mais suave. —

Necessito de sua permissão para outra coisa. Gostaria que se registrasse uma observação nesta reunião.

— Ao diabo com sua observação!

— Já sei o que pensa, senhor, mas de toda forma é importante.

Sharpe sabia como lidar com um fanfarrão. Tinha se erguido outra vez, era o mais alto da sala, a ira e a violência contidas ameaçavam a reunião. Fez uma pausa para dar a sir Augustus a ocasião de ordenar que calasse, e ao ver que a ordem não era pronunciada, tirou o ás que havia guardado cuidadosamente na manga.

— É óbvio, senhor, que os franceses têm um interesse que vai mais além da destruição da atalaia. Sugiro, senhor, que sua força indica a intenção de entrar em Portugal, e uma vez que tenham esta passagem, poderiam tomar uma dúzia de rotas. A mensagem tardará um dia em chegar a *Frenada*, as tropas tardarão um dia mais em se concentrar e então pode ser que já tenham cumprido com seu objetivo. Não sei qual é o objetivo, senhor, mas sei algo: só existe um lugar onde é possível pará-los e esse lugar é aqui.

Os partidários de Sharpe, entre eles Gilliland, consentiram com a cabeça.

Sir Augustus se reclinou no frontal decorado da chaminé e passou uma mão por seu cabelo até o laço negro que usava na nuca.

— Obrigado por sua interpretação, major Sharpe.

Sentia-se mais cômodo. As questões que Sharpe havia exposto justificavam sua decisão, e podia sentir o apoio da metade dos oficiais da sala.

— Queria que constasse sua observação, e constará, como a minha. Pode ser que este seja o lugar para detê-los, mas só com as tropas necessárias. Não tenho a intenção de sacrificar a um bom batalhão por sua ambição na tentativa frustrada de deter a um inimigo que nos supera em número e armas. Realmente sugere que podemos vencer?

— Não, senhor.

— Ah! — suspirou sir Augustus maravilhado.

— Sugiro que devemos lutar.

— Sua sugestão se faz constar e se denega. Eu tomei a decisão. Partiremos amanhã. É uma ordem. — Olhou para Sharpe com dureza. — Aceita esta ordem, major?

— Certamente, senhor, peço desculpas por lhe fazer perder tempo.

Frederickson olhou horrorizado para Sharpe, Farthingdale estava comprazido.

— Obrigado, major — suspirou Farthingdale. — Estávamos discutindo a questão das mulheres e das crianças. Capitão Brooker?

A contribuição do capitão Brooker não chegou a ser pronunciada. Sharpe pigarreou.

— Senhor?

— Major Sharpe — Farthingdale se mostrou condescendente graças à vitória que acabava de conseguir.

— Há uma pequena questão, senhor, e me equivocaria se não lhe comentasse.

— Lamentaria que se equivocasse, major. — Os partidários de Farthingdale riram ante a resposta. — Por favor, comente-a.

— É uma história, senhor, e por favor, tenha paciência comigo, mas é muito relevante. — Sharpe falava em um tom moderado, seguia reclinado na parede e tinha a mão direita sobre a empunhadura de sua espada. — Parece que tudo está contra nós, senhor, mas recordo de uma mulher que conheci em Lisboa.

— Verdade, Sharpe? Conheceu a uma mulher em Lisboa? E diz que é relevante?

— Sim, senhor. — Sharpe mantinha um tom de voz humilde. Olhou para Josefina e depois para o homem magro e elegante que estava reclinado na chaminé. — Chamava-se A Lacosta, senhor, e sempre dizia que quanto mais, melhor.

Frederickson e um ou dois mais riram, e aqueles risos apagaram o pigarro de Josefina. Frederickson e os outros oficiais não tinham nem ideia de quem Sharpe falava, mas sir Augustus sim. Estava mudo, seu rosto refletia surpresa, e Sharpe seguiu.

— Lady Farthingdale deve perdoar minha linguagem, senhor, mas A Lacosta era uma puta. E ainda o é, e seu marido, sir Augustus, está vivendo no Brasil.

— Sharpe!

— Já me ouviu, senhor. Quantos mais melhor! — Sharpe estava agora de pé

e repetiu as palavras com um tom severo. — Posso sugerir que é o momento de uma reunião de oficiais superiores, senhor? Somente comandantes e superiores, para discutir o relatório que terei que apresentar no quartel general.

A satisfação de jogar um ás sobre o forro verde, a satisfação do momento em que a linha de escaramuçadores do inimigo dá meia volta e sai correndo era a satisfação de ver sir Augustus vencido, derrotado e destruído.

— Uma reunião?

— No aposento ao lado, senhor?

Sharpe olhou para Josefina e seu rosto refletia surpresa, e também descrédito de que Sharpe tivesse utilizado aquilo, mas as dívidas de Sharpe com A Lacosta estavam saldadas com acréscimo. Sharpe cruzou o aposento sem prestar atenção nos olhares confusos dos oficiais reunidos e abriu a porta para sir Augustus.

Havia uma tocha de palha em um suporte junto à porta e Sharpe a pegou e iluminou o grande saguão no qual havia reinado Pot-au-Feu. O balcão se estendia até o saguão e Sharpe foi para lá e ordenou a dois soldados que fumavam em pipa que se esfumassem. Deixou a tocha na balaustrada e olhou o pálido rosto do coronel da cavalaria.

— Acredito que nos entendemos, sir Augustus. O senhor comprometeu as tropas de Sua Majestade para resgatar a uma prostituta portuguesa.

— Não, Sharpe!

— Então, diga-me o que é o que fizemos.

Não lhe restava vontade de lutar, mas Farthingdale não se rendia. Agitou debilmente as mãos.

— Viemos para destruir Pot-au-Feu e para resgatar todos seus reféns!

— A uma prostituta, coronel. A uma prostituta a quem conheci, e bem, há três anos. Como está Duarte, seu marido?

— Sharpe!

— Quer uma lista de outros homens que estiveram naquela bonita casa com laranjeiras, coronel? Ou quer que, simplesmente, mande uma carta para os jornais ingleses? Ficarão encantados com a história de que assaltamos um convento para resgatar a prostituta que sir Augustus Farthingdale faz passar por sua esposa.

Sir Augustus ficou preso, submetido com rapidez. Havia brincado com fogo e havia se queimado. Sharpe olhou para o saguão para se assegurar de que não houvesse ninguém.

— Temos que pará-los aqui, sir Augustus, e não acho que o senhor seja o homem indicado para fazê-lo. Já defendeu alguma vez um ataque dos franceses?

Negou tristemente com a cabeça.

— Não.

— Os tambores nunca deixam de soar, coronel, pelo menos até que se tenha vencido aos canalhas e custa muito vencê-los. Vejamos. Não podemos defender os três edifícios, portanto primeiro entregarei o convento. Lá colocarão canhões, e uma vez que tenham tomado a atalaia, porque a tomarão, também porão canhões. É como estar em um moedor de carne, coronel. Os bastardos giram a manivela e só o que se pode fazer é esperar que as lâminas não lhe alcancem. Quer dirigir esta defesa?

— Sharpe? — respondeu a modo de súplica.

— Não. Pode partir com sua reputação intacta, coronel, e levar a prostituta consigo. Não direi nada. Diga que lhe dói a ferida, que se sente muito fraco e passe-me o comando. Entendido? Depois, parta ao amanhecer. Darei quatro homens para sua escolta, mas parta.

— Isto é uma chantagem, Sharpe!

— Sim, é. E também é uma guerra. Bem, o que quer? Não digo nada ou conto sua bonita história a todo o exército?

Farthingdale aceitou, Sharpe sabia que o faria. Não era nenhum prazer humilhar a um homem, tampouco pôr em perigo o bem-estar de Josefina. Olhou para Sharpe com rosto lastimoso.

— Não dirá nada, né?

— Por minha honra que não.

As nuvens haviam se estendido para o sul, envolviam a lua e ameaçavam chuva ou neve. Sharpe esperou enquanto sir Augustus regressava para a outra sala para comunicar que sua saúde havia piorado, que lady Farthingdale e ele regressavam ao convento e que o major Sharpe estava ao comando. Ao comando. Um mês atrás havia estado ao comando de vinte e oito homens, hoje eram quase oitocentos contando com os de Gilliland. Alguns homens assumem

responsabilidades independentemente de que se lhes ofereçam ou não.

Regressou ao aposento quando sir Augustus e Josefina já tinham partido e um burburinho de vozes lhe deu as boas-vindas. A maioria dos oficiais estava confusa, atemorizada pela virada que tomava sua sorte, temiam que Sharpe tivesse empregado algum truque e pediam detalhes, explicações, e Sharpe atalhou o burburinho.

— Silêncio!

Pegou os papéis da mesa do secretário, as ordens de retirada, e as jogou no fogo. Todos olharam surpresos e alguns viram como se queimavam suas esperanças.

— Nosso dever, senhores, é defender esta passagem durante pelo menos quarenta e oito horas. E o faremos do seguinte modo.

Não permitiu perguntas, nem discussões, inclusive quando ordenou ao aturdido tenente Price que dissesse a Patrick Harper que devia capturar todos os pássaros vivos que pudesse.

— Sim, senhor — respondeu Price admirado e movendo a cabeça.

Frederickson sorria, por fim feliz.

Por último Sharpe respondeu a suas perguntas, enviou-os a suas respectivas companhias e depois afastou o tapete da janela para poder olhar para o oeste, para a escuridão de Portugal. Teresa estava ali, em alguma parte, cavalgando na noite.

— Senhor?

Deu meia volta. Frederickson se apoiou na parede junto à porta.

— Sim?

— Como conseguiu?

— Não importa. Só o que tem que fazer é defender aquela torre.

— Isso está feito — disse Frederickson com um sorriso, e partiu.

A atalaia. A chave de todo o vale, a chave para sobreviver durante os dois dias seguintes ou desaparecer na escuridão perpétua. Sharpe olhou para os restos de papel no fogo. Defenderia a Entrada de Deus.

Capítulo 19

O amanhecer do sábado, 26 de dezembro de 1812, foi taciturno, lento e embaçado.

A temperatura havia subido durante a noite e o ar mais quente trouxe chuva que açoitava o calçamento do pátio, sussurrava na chaminé e nas tochas, e empapava os arbustos espinhosos de forma que, quando a luz abriu passagem entre as nuvens, apareciam negros e brilhantes nas ladeiras da colina.

Com as primeiras luzes, o vale parecia estar vazio. A chuva se tornara um fino chuvisco que ocultava as distantes ladeiras de Portugal. Umas nuvens tocavam os picos rochosos do norte e do sul e envolviam inclusive as pedras da parte mais alta da atalaia. A bandeira da união, que ondeava ao convento, fora retirada durante a noite e os dois estandartes sobre a entrada da torre pendiam molhados e pesados sobre a pedra que a chuva havia escurecido.

Às sete e meia, poucos minutos depois da saída do sol, um grupo de oficiais franceses apareceu a oeste do povoado. Um era um general. Desmontou, depois apoiou sua luneta na sela do cavalo, olhou para os homens que haviam nas muralhas do castelo e depois deu um empurrão no cavalo para que girasse e pudesse observar as figuras que estavam ao pé da atalaia. Soltou um grunhido.

— Faz quanto tempo?

— Uma hora e meia, senhor.

A chuva tinha alimentado o riacho e a água borbulhava com força ao sair do manancial, caía branco sobre as pedras e a terra e inundava os pequenos terraços do vale. Dois maçaricos-reais, de bicos longos e curvados como sabres, se pavoneavam junto ao riacho e bicavam na água fria. Ao que parece não encontraram nada, pois alçaram voo para o leste em busca de melhor comida.

As oito em ponto havia parado de chuviscar e o vento empurrava os duplos dos estandartes.

As oito e quinze o general voltou a aparecer, com um pãozinho em uma mão, e finalmente se viu recompensado por algum movimento, os fuzileiros apagavam com os pés os restos de um fogo que havia ao pé da atalaia, depois recolheram as mochilas, as armas, e desfilaram para o oeste por entre os crategos. Pareceu que os arbustos espinhosos e negros os devoravam, ocultando-os, mas em somente

dez minutos depois apareceram frente ao castelo. O general bateu no solo com o pé.

— Graças a Deus que aqueles sacanas se vão.

Nenhum francês gostava dos fuzileiros, os “grilos”, que matavam à distância e pareciam invulneráveis ao fogo de mosquete dos escaramuçadores franceses.

Às oito e meia se arriaram os estandartes da torre e os sentinelas desapareceram nas muralhas do castelo. Saíram pela entrada do castelo, deformados pelos gabães, as mochilas e os cantis, e um oficial a cavalo os fez formar em filas. Os fuzileiros que provinham da atalaia formaram a seu lado e todo o grupo foi marchando pelo caminho, girou para o oeste, e para cima da margem do desfiladeiro. Antes de o oficial a cavalo sumir de vista deu a volta, de cara para os franceses, e cumprimentou com sua espada.

O general sorriu.

— Então isso é tudo. Quantos eram?

Um ajudante de campo fechou sua luneta de golpe.

— Cinquenta casacas vermelhas, senhor, vinte grilos.

Dubreton tomou um trago de café.

— Portanto o major Sharpe perdeu.

— Temos que nos alegrar com isso. — O general rodeou com as mãos sua xícara de café. — Devem ter ido de noite, deixando essa retaguarda.

Outro ajudante de campo olhava fixamente para a deserta colina da atalaia.

— Senhor?

— Pierre?

— Deixaram os canhões.

O general bocejou.

— Não tiveram tempo de tirá-los. Aqueles artilheiros vieram para nada. — Passou a rir.

Fora Dubreton que havia suposto que os artilheiros que no castelo tinham ido ali para levar os canhões do vale alto. Suas suposições tinham ido mais longe: achava que Sharpe tinha feito que ele visse os homens para que os franceses pensassem que os britânicos tinham baterias de artilharia bem servidas.

Dubreton lamentou inutilmente. Teria sido interessante combater contra Richard Sharpe.

O general atirou a borra do café no caminho e olhou para Dubreton.

— Ele quebrou os óculos de Ducos?

— Sim, senhor.

O general deu uma risada, um som estranho como o relinchar de um cavalo, tanto que o cavalo jogou as orelhas para trás interessado no ruído. O general sacudiu a cabeça.

— Os alcançaremos antes do meio-dia. Assegure-se de que esse Sharpe não caia nas mãos dos amigos de Ducos, Alexandre.

— Sim, senhor.

— Que hora é, Pierre?

— Vinte pras nove, senhor.

— O que são vinte minutos em uma guerra? Comecemos, cavalheiros!

O general, um homem baixo, deu uma palmada nas costas de Dubreton.

— Muito bem, Alexandre! Teria nos custado um dia inteiro para tomar de assalto esse desfiladeiro se tivessem ficado.

— Obrigado, senhor.

Dubreton voltou a lamentar que o inimigo tivesse recuado tão facilmente, contudo sabia que não havia lugar para lamentar. Esta operação de inverno dependia terrivelmente do tempo. Os franceses tomariam a Entrada de Deus, colocariam uma guarnição e depois enviariam a maior parte de sua força para Vila Nova na margem norte do Douro. Sua presença reforçaria os rumores que Ducos fizera correr cuidadosamente, rumores que falavam de uma invasão do norte de Portugal, atrás desses montes, a terra para lá das montanhas, e quando os britânicos reagissem, como deviam, levando suas forças para o norte, então a verdadeira operação se iniciaria desde Salamanca. As divisões do exército de Portugal, reforçadas pelos homens do exército do Centro e inclusive uma divisão do exército do Sul atravessariam o Coa, sem os defensores da divisão ligeira britânica, e capturariam *Frenada*, possivelmente Almeida e inclusive tinham a esperança de surpreender à guarnição espanhola de Cidade Rodrigo. No espaço de uma semana, a rota norte desde Portugal voltaria a estar em mãos francesas e a guerra dos britânicos se atrasaria pelo menos um ano. Dubreton estivera

acordado de noite, quando sua mulher dormia placidamente, e temia que Sharpe ficasse na Entrada de Deus. Tinha se levantado ao amanhecer, vestira-se em silêncio e se reunira com a linha de piquetes a oeste de Adrados. Um sargento lhe saudara e depois indicara com a cabeça para o castelo.

— Ouve isso, senhor?

As carroças retumbavam na noite.

— Os sacanas estão partindo, senhor.

— Esperemos que assim seja, sargento.

Agora, quando a luz do dia inundava o vale, uma luz cinzenta, úmida e deprimente, Dubreton sentiu pena de Sharpe. O fuzileiro havia lhe agradado, reconhecia nele um soldado companheiro e sabia que Sharpe queria ficar no vale alto. Teria sido uma luta inútil, mas digna de um soldado, e enquanto pensava nisso foi crescendo a suspeita nele. Dubreton sorriu. Certamente! E se Sharpe quisesse que pensassem que os britânicos partiam? Pegou sua lente, apoiou-se no ombro de um soldado e escrutinou entre as escuras seteiras.

Nada. Moveu a lente para a direita, as mãos lhe resvalavam de maneira que durante um segundo viu apenas a terra recém-removida das covas cavadas em frente à muralha leste e depois olhou para a entrada da torre. Nada. Parecia que a entrada estava bloqueada. Inclinou a luneta e olhou para as seteiras longas e escuras que havia por cima do arco, e algo se movia! Sorriu, o sentinela percebeu a excitação do coronel e logo passou. Era apenas uma gralha que alçava o voo de um edifício vazio, os pássaros retomavam seus domínios. Guardou a lente. O sentinela o olhou.

— Há alguém lá, senhor?

— Não. Está vazio.

No aposento retangular que havia em cima da entrada Sharpe amaldiçoava. O fuzileiro sacudiu a cabeça.

— Sinto muito, senhor. Esta escapou.

— Mas não brinque com as malditas cestas!

— Não, senhor.

Harper e Daniel Hagman tinham demorado duas horas caçando com

armadilha os cinco pássaros das rochas do convento. Sharpe queria tê-los guardado até que os franceses estivessem muito mais perto, quando o inimigo visse claramente que os pássaros voavam das seteiras chegaria à conclusão de que o edifício estava vazio. Agora esse soldado tonto havia aberto as bordas da cesta para olhar o pássaro, e este havia saído disparado e voara desesperadamente pelo aposento antes de ver a luz do dia e se lançar para o vale. Um pássaro a menos! Sharpe só tinha mais outro, os três restantes estavam com um dos tenentes de Cross na torre de homenagem.

Havia sido uma noite de muito trabalho; Sharpe se livrara de um peso de em cima quando, as cinco em ponto, sir Augustus Farthingdale e Josefina desceram em direção oeste no desfiladeiro, com quatro fuzileiros feridos leves como escolta e montados nos cavalos do esquadrão de Gilliland. Uma hora depois, Sharpe havia enviado as mulheres e os meninos para o oeste, os fuzileiros de Cross os tinham levado em manada até uma milha desfiladeiro abaixo e depois tinham deixado que se arrumassem sozinhos. Quase quatrocentos prisioneiros permaneciam nas masmorras do castelo vigiados por casacas-vermelhas levemente feridos. Os feridos foram levados em carroças do convento para o castelo, subiram-nos para o grande aposento que dava para oeste, onde ficariam afastados do fogo dos canhões franceses. O médico, um homem alto e frio, havia disposto suas sondas, serras e facas em uma mesa que se havia trazido da cozinha.

Três companhias de casacas-vermelhas estavam na atalaia, reforçavam aos setenta e nove fuzileiros de Frederickson.

Harper cuidara para que os melhores capitães estivessem na torre, homens que pudessem lutar na colina isolada sem esperar ordens que talvez nunca chegassem. Os capitães mais fracos, dois deles, deixara no convento, e com eles estava Harry Price com a velha companhia de Sharpe e oito dos fuzileiros de Cross. Uns cento e sete homens defendiam o convento, sem contar com os oficiais, exatamente a metade dos soldados que estavam agora agachados na ladeira oposta da colina da atalaia. Sharpe tinha dado vantagem ao convento. Patrick Harper estava ali, e Sharpe havia posto os capitães fracos no interior do edifício para que fosse mais fácil para o irlandês se encarregar da defesa.

Frederickson defendia a direita de Sharpe e Harper sua esquerda, e no centro, o castelo. Sharpe tinha quarenta dos fuzileiros de Cross com outros duzentos e trinta e cinco casacas-vermelhas. O esquadrão de foguetes tinha ido para o sul, oculto sobre o cume, os homens estavam nervosos sobre as selas e com as

estranhas lanças nas mãos.

— Senhor? — um porta-bandeira chamava Sharpe da base da escada que subia para a torre da entrada.

— Sim?

— Um homem cavalga para a atalaia, senhor.

Sharpe amaldiçoou em voz baixa. Tinha se esforçado tanto para convencer o inimigo de que as posições estavam desertas. Harper havia conduzido um grupo dos fuzileiros para longe da atalaia, esperavam junto à guarita enquanto uma companhia arriara os estandartes de forma mais que visível e tinham formado no exterior do castelo. Depois, todos eles desapareceram sob a borda do desfiladeiro antes de girar para a direita e penetrar no convento por um buraco aberto pelo canhão de Pot-au-Feu. O oficial, um dos fuzileiros mais inteligentes, cavalgara para o sul e havia levado seu cavalo para cima, pelas empinadas ladeiras, para se reunir com os nervosos homens de Gilliland.

— E senhor?

— Sim?

— Um batalhão vem para cá. Pelo caminho, senhor.

Isso era melhor. Era o que Sharpe desejava, um único batalhão para comprovar que os edifícios estavam vazios, um único batalhão ao qual poderia fazer em picadinho antes do café da manhã. Subiu as escadas e o porta-bandeira lhe deu passagem. Ficou bem atrás da seteira e observou os franceses que vinham do oeste pelo caminho. Marchavam de forma informal, com os mosquetes ao ombro, e alguns deles ainda levavam o pão do desjejum nas mãos.

Um capitão francês, substituindo seu coronel, cavalgava à frente do batalhão. Levantou o olhar para a torre de homenagem do castelo e viu que um pássaro voou de um dos vãos das pedras. Apareceu um segundo pássaro, grande e negro, e se trepou nas muralhas para se arrumar. O capitão sorriu porque os edifícios estavam vazios.

Sharpe estava de volta ao aposento no qual estava o torno do rastelo. Viu que o capitão subia tranquilamente pelo caminho, viu que o rosto do homem se dirigia para a seteira e lhe pareceu que o homem tinha que tê-lo visto, mas os olhos do capitão olharam para cima para as muralhas.

— Agora.

O fuzileiro que estava agachado sob o lado direito da seteira, abriu o segundo cesto e a gralha grasnou com raiva, bateu as asas com fúria para a luz, conseguiu passar por entre as pedras e se elevou no ar. O cavalo, apenas a alguns metros abaixo dele, retrocedeu e Sharpe ouviu como o capitão o acalmava.

O capitão acariciou o cavalo no pescoço, deu-lhe umas palmadinhas.

— Tem medo de um pássaro, hem?

O francês riu entre dentes, seguiu dando-lhe palmadinhas e então os cascos do cavalo ressoaram com força sobre as pedras do passadiço que subia até o pátio. Voltou a rir entre os dentes ao ver que alguém escrevera com giz e letras grandes sobre a pedra do passadiço: *"Bonjour"*.

Os homens que estavam no aposento prendiam a respiração.

O capitão penetrou no pátio e viu que a chuva havia diluído e descolorido as manchas de sangue. Em sua direita fumegavam os restos de uma fogueira, na frente do que parecia ser um estábulo. O cavalo estava intranquilo, sacudia a cabeça e se movia de um lado para o outro com pequenos passos. Ele tentou tranquilizá-lo com umas palmadinhas.

Um dos ajudantes de campo do general, um homem que se interessava pelas edificações espanholas, tinha ido cavalgando entre os crategos até a atalaia. Os crategos eram muito densos e o tortuoso caminho era sinalizado com bolinhas de lã velha e descolorida e com os restos das ovelhas que pastavam nesses altos pastos no verão. Atou seu cavalo ao galho de um cratego, soltou uma maldição em voz baixa, pois um espinho lhe arranhou a mão, e tirou de seus alforjes um lápis e um caderno. Sabia que as torres tinham sido construídas contra os árabes, a atalaia estava em bom estado. Foi caminhando para ela, viu o canhão metido no buraco e também viu o prego metido na orelha. Achou estranho que os britânicos não tivessem cortado o prego ao mesmo nível da recâmara, mas o tinham deixado com a pressa. De toda maneira, o canhão era velho, de um calibre não utilizado pelos franceses, portanto não era um grande troféu.

Virou-se e observou o único batalhão que marchava em direção ao castelo e ao convento, viu o capitão cavalgar sob o arco e observou que mais lá, no povoado, formavam-se os outros dois batalhões. Eram a nova guarnição da Entrada de Deus, os homens que garantiriam que as tropas que partissem para Vila Nova estariam a salvo atrás deles em caso de retirada. Distraidamente olhou para a porta de entrada da torre e lhe escapou um gritinho de assombro. A porta tinha um arco de meio ponto e a decoravam motivos em ziguezague, tudo

inequivocamente francês, e considerou que aquilo era um bom presságio. Algum cavaleiro ou pedreiro francês devia ter supervisionado a construção desta atalaia em terra estranha. Por sua parte, ele esboçou o arco em seu caderno e com toques de especialista desenhou a decoração normanda, enquanto a trinta metros de distância o doce William o observava; guardava em um bolso o tapa-olho e a dentadura.

O general aproximou-se a cavalo, colocou em seu lugar a espada e se preparou para o dia de marcha.

— O que faz Pierre?

— Desenhando, senhor.

— Meu Deus! — exclamou divertido. — Há alguma construção que não tenha desenhado?

— Vai escrever um livro, senhor — acrescentou outro ajudante de campo.

O general deixou escapar seu estranho riso. O batalhão se aproximava do castelo. O general arrumou seu cantil com vinho, verificou que na bolsa de couro que levava na cabeça da sela contivesse o lápis e o papel necessário para escrever as mensagens e sorriu para o ajudante de campo.

— Uma vez conheci um homem que havia escrito um livro — disse coçando a barbicha. — Tinha mau hálito.

O ajudante de campo deu uma risada com vontade.

E a corneta soou desde a guarita.

Capítulo 20

Frederickson não se moveu. Tinha desejado que pelo menos uma companhia de infantaria francesa fosse enviada para a atalaia, mas só estava este homem, caderno na mão, e cujo rosto sagaz e amável tinha virado com preocupação para o castelo. A corneta voltou a soar e as notas ordenavam claramente “virar para a direita”, mas essa manhã informava às tropas britânicas, cuidadosamente dispostas, qual dos três planos previstos tinham que seguir. O chamado era uma sequência de duas notas que se repetia e que Frederickson achava parecida com uma chamada de caça. Os caçadores de raposas já teriam saído a esta hora na Inglaterra.

O ajudante de campo começou a se dirigir para o cavalo mas de repente se deteve. Ninguém o ameaçava. Franziu o cenho e, com sua habitual prudência, pegou o relógio do bolso, abriu a tampa que continha uma mensagem gravada de seu pai e anotou a hora no canto do caderno: cinco para nove. Deu uma olhada para o cume da colina e viu o segundo canhão no buraco de frente para o sul, mas a nenhum inimigo. Então viu que os casacas-vermelhas estavam no castelo, ficou boquiaberto e observou a fumaça de mosquete que manchava a manhã.

O capitão subiu pela entrada grande até o interior da torre de homenagem. Uma barricada formada por pedras que chegava à altura da cintura bloqueava a arcada, mas podia ver que o pátio interior estava vazio. Seu cavalo se mostrava muito inquieto e isso era estranho, mas lhe coçou o pescoço, falou amavelmente com ele e se dirigiu para o estábulo. Ouvia as botas das companhias que encabeçavam a subida para o castelo.

O coronel do batalhão, mal-humorado, fez sinais a um capitão que conduzia a sua tropa para a direita para a rota do convento e o coronel voltou a olhar para a guarita. “Deve ser um edifício belo”, pensou.

O capitão esporeou o cavalo e regressou ao trote para a entrada do castelo. Pelo menos podia confirmar que este estava abandonado, e se foi sorrindo enquanto acariciava o pescoço de seu cavalo, mas o cavalo voltou a se assustar, pois a guarita estava repleta de homens. Um oficial fuzileiro apareceu na porta do lado norte da muralha junto a um garoto com a corneta na boca cujas notas irrompiam no vale. Os homens saíam em tropel da portinha da guarita; eram os casacas-vermelhas, que corriam para o passadiço, ajoelhavam-se e apontavam

com suas armas. Não se importavam com ele, assim como os casacas-verdes que passavam correndo junto ao oficial em direção à muralha norte, e então se ouviu um grito, um viva, e um fragor de pés atrás dele.

Alguns casacas-vermelhas escalavam desde a torre de homenagem, corriam para a desmoronada muralha leste do castelo, os sargentos lhes gritavam, os oficiais gritavam, e de repente o capitão francês se viu sozinho no pátio do inimigo. Tocou sua espada para se assegurar e viu que um oficial dos fuzileiros na muralha norte lhe fazia sinais. O sinal era inequívoco: desmonte, renda-se. Junto ao oficial, um casaca-verde, com o joelho fincada no piso, apontava uma arma.

O capitão amaldiçoou com amargura, desmontou e as primeiras armas rasgaram a manhã.

Sharpe se virou para trás. A companhia francesa que ia à frente estava a trinta metros do castelo e as balas dos fuzis atingiam a primeira fila, depois a segunda, e inspecionou os outros fuzileiros que apontavam para os oficiais. Outros fuzis estalavam desde o torreão, na parte alta da guarita, e Sharpe viu que o coronel francês caía derrubado do cavalo, com o uniforme salpicado de sangue; outra descarga de balas de fuzil deu contra a companhia que ia à frente. Os oficiais franceses gritavam para seus homens que formassem em linha, e os fuzis mortíferos que disparavam das muralhas escolhiam em primeiro lugar os oficiais e depois os homens que usavam galões dourados de sargento.

— Sigam brincando, garotos.

O corneteiro parou para respirar.

Meia companhia de casacas-vermelhas entrou estrondosamente, formou em linha frente ao arco e os mosquetes jogaram faíscas, a fumaça bem espessa diante deles; Sharpe teve a certeza de que os franceses fracassariam se tentassem uma carga frontal. Esse teria sido seu desejo, se seus oficiais tivessem vivido para perceberem isso. Sharpe regressou correndo para a guarita, desceu a escada e saiu ao pátio em direção à muralha leste.

Detê-los na entrada, depois pegá-los pelo flanco. Ouviu os gritos dos franceses, o tamborilado das baquetas nos mosquetes; uma vez do outro lado da muralha, com os oficiais que gritavam atrás dele e faziam formar ao batalhão dos casacas-vermelhas em duas filas para varrer o vale pelo norte, virou-se para pôr-se diante deles.

Esperou até que os casacas-vermelhas que se formavam aos esbarrões, observassem a formação, Sharpe não lhes apressava. Tinha que ser perfeito, pois era a única oportunidade que teriam de lutar no vale aberto, e não queria que os soldados avançassem com pressa, que o medo ou a excitação interferissem em sua obrigação, e fez um sinal indicando um espaço entre as companhias.

— Que estejam bem juntos, sargento!

— Senhor!

— As baionetas!

Ouviu-se o som metálico e o chiado por toda a fila. Os fuzis soavam junto à guarita, o estalido dos mosquetes e também, por fim, a resposta francesa enquanto o aturdido batalhão formava uma linha desigual no cruzamento.

Sharpe virou-se e brandiu a grande espada.

— Avançar!

Teria gostado de dispor de uma banda para aquele momento, queria ouvir música enquanto avançava, o estouro de uma boa melodia como *A queda de Paris*, ou melhor ainda, a canção dos fuzileiros *Do outro lado das colinas e mais longe*, mas só o que se ouvia era a corneta. Olhou para a esquerda, não havia tropas francesas à vista. Temia à cavalaria e, para o caso de aparecer, um oficial acompanhava o segundo corneteiro de Cross na torre de homenagem para dar o aviso.

Voltou a olhar para frente. Os fuzileiros dispostos no telhado do convento mordiam os franceses pelas costas. O inimigo estava aterrorizado, amontoava-se ao leste, em direção ao povoado, e isso era o que Sharpe queria. Fez que a linha se inclinasse para a esquerda para obrigar os franceses a ir para o leste, e os casacas-vermelhas postados na entrada correram mais para a esquerda enquanto outros bloqueavam a linha de fogo desde a porta.

O nervosismo já havia desaparecido, a incerteza da alvorada, a tensa espera até soltar esta pequena força contra o inimigo. Sharpe sentia o caminho sob suas botas e avistou os franceses a cinquenta metros à frente, enquanto ele ia abrindo passagem entre seus mortos. Uma bala de mosquete passou perto de sua cabeça, era um som esvoaçante que provocou um ar leve, e viu a um francês que tinha morrido com expressão de grande assombro em seu jovem rosto. Atrás de Sharpe gritavam os sargentos.

— Mais juntos! Mais juntos!

Começavam a ter baixas.

Sharpe se deteve, escutou as botas que iam atrás dele, ouviu os fuzis que disparavam da guarita e a fila de duas linhas chegou até ele.

— Soldados! Apontar!

A linha de mosquetes, com o aço preparado, pôs as armas ao ombro. Para os franceses pareceu como se a linha vermelha tivesse girado para a direita.

— Fogo!

As chamas se converteram em fumaça, de perto era uma descarga mortífera, e a nuvem se estendeu diante dos casacas-vermelhas e lhes tampou a vista.

— Volta para a esquerda!

Esta seria desigual, mas não importava. Em seus ouvidos ressoavam os chiados dos mosquetes.

— Carga!

As baionetas surgiam da fumaça e as espadas nas mãos dos oficiais também. Sharpe lhes gritava enquanto corria para escapar da nuvem de fumaça e viu que os franceses corriam tal como ele havia suposto. Tudo era questão de tempo. Previra tudo uma e outra vez, tinha pensado em suas horas solitárias, sonhara nisso enquanto a chuva caía sobre o calçamento circundado de discórdia do pátio.

— Alto! Formação!

Um francês ferido gritava e avançava de quatro para os fuzileiros. Muitos cadáveres se agrupavam no cruzamento onde haviam recebido a única descarga de fogo de mosquete, de tão perto que era impossível errar o tiro. O batalhão regressava para o povoado, sem chefes e espantados, e Sharpe permaneceu junto ao coronel caído, cujo cavalo corria livre pelo vale.

Sharpe mandou que os casacas-vermelhas voltassem a se alinhar, escutou o toque de corneta que advertia da presença da cavalaria francesa e ordenou aos homens que carregassem. Isto era uma torpeza, porque as longas baionetas lhes esfolavam os nós dos dedos frios quando atacavam a fundo os mosquetes, mas necessitava de mais uma descarga. Gilliland! Onde diabos estava Gilliland?

O oficial francês postado na atalaia os viu primeiro, lanceiros! Os ingleses não tinham lanceiros! Contudo, ali estavam; avançavam para a linha do horizonte para o sul, cavalgavam como o próprio diabo pelo vale que se estendia

entre o castelo e a atalaia. Estavam desiguais e pouco profissionais, mas talvez fosse porque os cavalos tinham que desviar dos crategos. Então o batalhão francês os viu e os oficiais e sargentos que ainda restavam com vida gritaram para seus homens:

— Formem um quadro!

Conheciam a capacidade dos lanceiros para dispersar a infantaria, sabiam quão longas eram as lâminas que os estripariam e os matariam. Os oficiais franceses puxavam os homens e golpeavam até formar o quadro enquanto os cavaleiros, com grandes gabães, irrompiam nos pastos do vale.

— Avançar!

Sharpe voltou a gritar, sua espada estava limpa, e as duas filas avançaram sobre os cadáveres franceses, passaram junto aos feridos que gritavam auxílio, e Sharpe se sentia exultante pois se achava a escassos segundos de seu primeiro triunfo.

— Esquerda! Esquerda! Esquerda!

Assim gritava um capitão dos cavaleiros que portavam lanças; viraram para o castelo e sinalizou com sua espada o lugar a salvo. Nunca lhe teria ocorrido a Sharpe desejar que o inexperto esquadrão de foguetes rematasse o ataque. Teriam morrido como gado em um matadouro, mas com o trabalho cumprido. Haviam obrigado o batalhão a formar um quadro, e portanto ser um alvo fácil para outra descarga dos mosquetes, e enquanto os cavaleiros se desviavam rapidamente para o pátio, salpicando água com os cascos dos cavalos, Sharpe mandou parar a linha de novo.

— Apontar!

Os franceses sabiam o que se aproximava. Alguns gritaram pedindo uma trégua e outros se encurvaram como homens que se antecipam a uma tormenta de vento e chuva. Então a grande espada desceu.

— Fogo!

O estouro e martelo atroz da descarga, o pigarro dos mosquetes do meio batalhão e as balas convergiram e mataram àquela massa apinhada.

— Carga!

Ouviu-se a corneta proveniente da torre de homenagem. “O inimigo é cavalaria”.

— Recuar! Recuar! Recuar!

Pararam, escorregaram, deram a volta e correram tal como lhes haviam ordenado. Uma fuga dominada pelo pânico para a muralha leste, uma fuga em tropel ante a ameaça da cavalaria francesa que vinha do povoado. Ao chegar à muralha se detiveram, giraram e se alinharam nos entulhos que acabariam com qualquer cavalo que fosse à carga. Então lançaram vivas. Tinham conseguido. Haviam carregado contra um batalhão, destroçaram-no e os corpos que salpicavam o vale eram a prova.

Sharpe regressou caminhando. Via que os lanceiros alemães estavam bastante longe, não estavam em formação e não eram nenhuma ameaça. Olhou para o convento e viu a figura enorme de Harper no telhado. Os cadáveres com casacas azuis dispersos no caminho do convento mostravam o lugar para o qual havia recuado a única companhia francesa. Fez um sinal para Harper e este lhe respondeu levantando a mão. Sharpe deu uma risada.

Sharpe escalou os entulhos da muralha que tinham sinais da explosão ocorrida no dia anterior. Olhou para os soldados.

— Quem disse que era impossível?

Alguns passaram a rir, outros só sorriram. Atrás deles os artilheiros se deslizavam das selas com agradecimento e levavam os cavalos para o pátio interno. Conversavam em voz alta como homens que tivessem sobrevivido no vale da sombra da morte, e Sharpe viu que Gilliland conversava entusiasmado com o capitão dos casacas-vermelhas que os havia posto a salvo, na entrada do castelo. Sharpe fez megafone com as mãos.

— Capitão Gilliland!

— Senhor?

— Que seus homens se preparem!

— Senhor!

Sharpe tinha apoiado sua espada contra a coxa e a pegou, embainhou e olhou para os fuzileiros.

— Vamos perder?

— Não! — a mensagem rugiu desafiante pelo vale.

— Vamos ganhar?

— Sim! Sim! Sim!

Pierre, o ajudante de campo, aterrorizado e sozinho na colina da atalaia, ouviu o grito triplo e olhou fixamente para o vale. Os sobreviventes do batalhão regressavam ao povoado acossados pelos fuzileiros que seguiam disparando desde o castelo e do convento e deixavam, atrás de si, a Entrada de Deus cheia de mortos e feridos. Pegou seu relógio, abriu a tampa, e anotou a hora. Nove horas e três minutos! Sete minutos de massacre planificada por um profissional, sete minutos nos quais um batalhão francês havia perdido quase duzentos homens entre mortos e feridos. Um segundo batalhão francês estava formado frente ao povoado, suas filas se abriram para deixar entrar os sobreviventes, e os lanceiros alemães formaram em esquadrões ao pé da colina.

— Ei! Ei!

O ajudante de campo tardou alguns segundos para perceber que o grito se dirigia a ele. O coronel dos lanceiros alemães voltou a tentar.

— Ei!

— Senhor?

— O que há aí em cima?

— Nada, senhor! Nada!

Alguns homens do batalhão derrotado regressaram para buscar seus feridos, mas as balas dos fuzileiros lhes fizeram retroceder. Protestaram levantando os braços para mostrar que não levavam armas, mas os fuzis voltaram a disparar. Retiraram-se. Dubreton atravessou pelos lanceiros, ouviu o grito e meneou a cabeça. “É uma armadilha”. Certamente era uma armadilha. Dubreton havia visto como Sharpe guiava o meio batalhão pelo vale e o odiou por sua habilidade e o admirou por seu triunfo, e nenhum soldado que pudesse estripar a um batalhão do imperador em tão pouco tempo deixaria essa colina sem vigilância.

O coronel alemão fez um sinal para o ajudante de campo.

— Estão aí, não, os britânicos? — Dubreton escrutinou as maranhas de grossos crategos. — Diga-lhe que desça.

O alemão sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— E perder a colina? Talvez não tenham homens suficientes para defendê-la.

— Se tivesse a metade dos que tem a defenderia.

O alemão deu um giro sobre a sela e falou ao tenente, depois voltou a olhar para Dubreton com um sorriso brincalhão.

— Uma dúzia de homens, certo? A examinarão melhor que aquele artista.

— Você os perderá.

— Então os vingarei. Vamos!

O tenente gritou para seus homens, conduziu-os por uma das veredas tortuosas, e as lanças iam tão altas que as bandeiras vermelhas e brancos brilhavam entre o negror dos crategos. Dubreton observava como subiam, como os arbustos densos obstruíam o avanço e temeu por eles. Uma companhia de *voltigeurs* chegou correndo do povoado, os escaramuçadores franceses enviavam reforços para os cavaleiros que subiam, e Dubreton se perguntou se Sharpe havia decidido, afinal de contas, defender somente as duas construções grandes no cume do desfiladeiro. Talvez o coronel alemão tivesse razão. Talvez Sharpe não tivesse os homens necessários para defender todo aquele terreno e a colina da atalaia ficava muito afastada do castelo. Muito mais inclusive que o povoado.

Os *voltigeurs*, com dragonas vermelhas que brilhavam sobre os uniformes azuis, desapareceram entre os crategos, com as baionetas fixadas nos mosquetes. Sessenta homens que tomaram meia dúzia de veredas e Dubreton viu como subiam. O tenente já estava quase lá em cima.

— Tínhamos que ter posto um batalhão aí.

O coronel alemão cuspiu, não ao ouvir as palavras de Dubreton, mas ao ver que os fuzileiros impediam que os franceses recuperassem seus feridos.

— Sacanas.

— Querem que façamos uma bandeira branca. Estão ganhando tempo.

Dubreton sacudiu a cabeça. Sharpe era um inimigo duro.

O tenente dos lanceiros abriu caminho entre os últimos arbustos e sorriu para o ajudante de campo.

— Tomou a colina, senhor! — falava um francês tagarelado.

Pierre deu de ombros.

— Eles partiram!

— Asseguremo-nos, senhor.

Os lanceiros se dispersaram com as lâminas baixadas, mas este não era lugar para uma carga de cavalaria, com os cascos trovejando sobre a erva e as lâminas abrasando o inimigo. O cume da colina era exíguo e rodeado de crategos escuros, os cavalos avançavam lentamente, a cavalaria quase não podia passar por entre os arbustos espinhosos e úmidos.

Frederickson os observava. Uma pena. Ele preferia uma companhia, pelo menos, não tão poucos homens, mas se deve aceitar o que depara o se destino.

— Fogo!

Somente dispararam os fuzileiros, que eram sete vezes mais que eles, e os cavalos caíram gritando, as lâminas das lanças se elevaram e Frederickson se livrou aos puxões dos crategos.

— Avançar!

Um lanceiro estava vivo, milagrosamente vivo, ficou com a lança levantada e sacudiu a cabeça quando Frederickson lhe gritou em alemão. Depois outros fuzileiros lhe gritaram em alemão, e o lanceiro obstinado seguiu sem querer se render e os ameaçava com sua arma comprida. Arremeteu contra Frederickson, mas o sabre afastou a lança de lado, e o sargento Rossner agarrou os pés do lanceiro por baixo, sentou-se sobre o peito do homem e lhe gritou em um alemão horrível.

— Quieto!

Frederickson se apressou pelo cume da colina fazendo sinais para seus homens à direita e esquerda e escutando os palavrões e os gritos e se saíam dos crategos.

— Escaramuçadores à frente!

Uma bala de mosquete se esmagou na torre.

— Matem aqueles sacanas!

Frederickson não se preocupava com uma companhia de atiradores franceses. Havia passado a vida lutando contra *voltigeurs*, assim como seus homens, e deixou que seus tenentes lhes fizessem retroceder enquanto ele se dirigia para o canhão voltado para o norte e tirou o prego do ouvido. Encontrou um caderno caído atrás da tábua lateral, o recolheu, limpou o barro da página aberta e viu o desenho da entrada da torre.

— Capitão?

Um fuzileiro sorridente, que procedia de trás da torre, apontava com sua baioneta para as costas do ajudante de campo; o francês estava aterrorizado; tinha corrido com as primeiras balas, lançara-se ao fosso do canhão, e depois vira o cume da colina abarrotada de tropas britânicas. Agora se encontrava diante do homem mais terrível que já conhecera em sua vida, um homem caolho que mostrava a órbita vazia e escura, que também não tinha dentes e lhe sorria.

— Seu? — perguntou Frederickson segurando o caderno.

— *Oui*, monsieur.

A olhada vil do fuzileiro se pousou no esboço, voltou a olhar para o francês, e desta vez Frederickson lhe falou em francês.

— Já esteve em Leca do Balio?

— Não, monsieur.

— Uma entrada muito similar. Gostaria. E umas delicadas janelas de ogiva lanceolada no trifório. E por baixo, também. Uma igreja dos templários, o que explicaria a influência estrangeira.

Mas Frederickson podia ter se poupado a explicação. O ajudante de campo havia desmaiado e o fuzileiro sorriu e olhou para Frederickson.

— Mato ele, senhor?

— Santo Deus, não! — exclamou Frederickson como doído. — Quero falar com ele!

Os fuzis estalavam na parte mais alta da torre, os mesmos fuzis que tinham feito que reinasse a confusão entre as filas de lanceiros. O coronel alemão soltou um grosseria e fez uma careta, pois tinha sangue na coxa. Apertou uma mão contra a ferida, levantou a vista para a colina e voltou a amaldiçoar.

Os *voltigeurs* regressavam perseguidos por entre os crategos, que estalavam enquanto as balas dos fuzileiros os atravessavam.

O capitão dos *voltigeurs* viu que apareciam mais tropas, casacas-vermelhas equipadas com baionetas.

— Recuar! Recuar!

Dubreton fez que seu cavalo desse a volta e o esporeou em direção ao povoado. Tinham feito tudo o que Sharpe havia previsto, tudo! Tinham jogado entre suas mãos e agora se viam obrigados a fazer a seguinte coisa que Sharpe

havia planejado: teriam que pedir uma trégua para resgatar seus feridos. Sharpe queria ganhar tempo, e iam lhe servir de bandeja!

— Coronel! — gritou o general.

Atrás do general um ajudante de campo espetava em uma espada um dos trapos brancos da pousada.

— Sim, senhor. Já sei.

O ajudante de campo estendeu tristemente o trapo e Dubreton viu as manchas de vinho da noite anterior. Parecia que estivesse distante, e, contudo, seus convidados para o jantar já haviam ensanguentado o orgulho francês. Dubreton virou-se e esporeou seu cavalo entre as filas do novo batalhão; o ajudante de campo o seguia.

Os disparos cessaram na Entrada de Deus, a fumaça da pólvora se elevou para o oeste graças à brisa e Sharpe se dirigiu aos pastos que tinha semeado de mortos e esperou o inimigo.

Capítulo 21

— Major Sharpe.

— Senhor — cumprimentou Sharpe.

— Devia ter suposto isso, não é mesmo? — perguntou Dubreton reclinando-se na sela de montar. — Sir Augustus morreu ontem à noite?

— Tinha coisas a fazer em outro lugar.

Dubreton suspirou, endireitou-se e olhou para os feridos.

— Da próxima vez não será tão fácil, major.

— Não.

O coronel francês dirigiu a Sharpe um sorriso forçado.

— Suponho que não servirá de nada que lhe diga que isto é inútil, não? — disse com voz cerimoniosa. — Queríamos resgatar nossos feridos.

— Por favor, façam-no.

— Permite que lhe pergunte por que dispararam contra os destacamentos que enviamos para que assim o fizessem?

— Acertamos em alguém?

— De toda maneira, quero que fique consciente de nosso protesto.

Sharpe consentiu com a cabeça.

— Senhor.

Dubreton suspirou.

— Estou autorizado a oferecer uma trégua durante o tempo que leve para limpar o campo.

Olhou por cima da cabeça de Sharpe e franziu o cenho. Alguns casacas-vermelhas estavam cavando nas covas que se haviam aberto no dia anterior.

Sharpe meneou a cabeça em sinal de negação.

— Não, coronel.

Os franceses podiam trazer as pranchas de alguns canhões e retirar os feridos do campo em trinta minutos.

— Qualquer que seja a trégua deverá durar até o meio-dia.

Dubreton olhou para sua direita. Os feridos que ainda estavam conscientes lhe gritavam pedindo ajuda, sabiam pelo que tinha vindo, e alguns, horrorosos, avançavam para ele, arrastando-se, ajudando-se dos braços. Outros jaziam entre seu próprio sangue e tão somente choravam. Alguns guardavam silêncio, suas vidas tinham sido destroçadas; seu futuro era ser inválidos na França. Alguns viveriam para voltar a lutar e alguns poucos caminhavam coxeando no caminho do povoado. O coronel francês voltou a olhar para Sharpe.

— Devo comunicar-lhe formalmente que nossa trégua durará o tempo que leve para resgatar a nossos homens.

— Então devo lhe ordenar formalmente que não enviem mais de dez homens em seu auxílio. Dispararemos nos outros e meus fuzileiros receberão a ordem de matá-los.

Dubreton consentiu com a cabeça. Ele já sabia, assim como Sharpe, como ia resultar esse parlamento.

— As onze em ponto, major?

Sharpe hesitou e depois consentiu.

— As onze em ponto, senhor.

Dubreton esboçou um meio sorriso.

— Obrigado, major. — Fez um gesto em direção ao povoado. — Posso?

— Por favor.

Dubreton fez uns sinais enérgicos com as mãos e os primeiros homens saíram das filas do batalhão que esperava, alguns portavam macas, e então se percebeu uma grande agitação na tropa e duas das estranhas ambulâncias francesas se lançaram ao galope pelo caminho. Eram carroças pequenas e cobertas, surgidas para o alívio dos feridos, que provocavam a inveja dos soldados britânicos. O número de homens que sobrevivia a uma amputação era maior se o membro fosse cortado nos minutos imediatamente posteriores a receber a ferida, e os franceses haviam desenvolvido aquelas ambulâncias rápidas para trasladar as baixas até os médicos que esperavam. Sharpe levantou o olhar para Dubreton.

— O senhor as tinha muito perto, tendo em vista que não esperava um combate.

Dubreton deu de ombros.

— Foram utilizadas para transportar a comida e o vinho da noite passada, major.

Sharpe desejou ter se calado. Da última vez que se viram lhe tinha dado um presente e agora, no campo, eram inimigos. O coronel olhou para os escavadores que cavavam com pás a terra solta das tumbas.

— Devo supor, major, que não levaremos a cabo obras militares durante a trégua?

— Estou de acordo — consentiu Sharpe.

— Então, devo supor que isso não é uma trincheira defensiva.

— É uma cova, senhor. Também perdemos homens.

A mentira saiu tranquilamente de sua boca. Três soldados haviam morrido e oito estavam feridos, mas a tumba não estava sendo cavada para os mortos.

Sharpe virou para o castelo e fez um sinal com a mão, assim como tinha feito Dubreton, e os sentinelas soltaram o capitão francês na porta. Cavalgou em direção ao campo, ia ao trote para Dubreton e ficou boquiaberto ante a carnificina que havia feito estragos em seu batalhão. Atrás dele alguns soldados fizeram rodar a carroça dentro da arcada e a deixaram fechada.

Sharpe fez um sinal para o capitão e falou a Dubreton.

— O capitão Desaix teve a má sorte de se encontrar no castelo quando começou o combate. Deu-me a sua palavra e me prometeu que não empunhará nenhuma arma contra o exército de Sua Britânica Majestade ou seus aliados, até que tenha sido trocado por um oficial de igual graduação. Até então está a nosso cargo.

Era um discurso pomposo, mas uma formalidade necessária, e Dubreton consentiu com a cabeça.

— Assim se fará.

Falou em francês ao capitão, dirigindo a cabeça para o povoado, e o jovem se afastou esporeando o cavalo. Dubreton voltou a olhar para Sharpe.

— Teve sorte.

— Foi.

— Espero que o senhor também tenha sorte, major. — Dubreton pegou as

rédeas. — Voltaremos a nos ver.

Virou, tocou com suas esporas os lados de seu cavalo e Sharpe observou como partia. Em uma hora e meia, ou um pouco mais, o combate voltaria a começar.

Parou junto aos soldados que escavavam nas tumbas. Um sargento levantou a vista até o oficial.

— Realmente espantoso, senhor. O que fazemos com eles?

Os cadáveres estavam ao descoberto, sua nudez era espantosamente branca e estava salpicada de terra; suas feridas pareciam irreais.

— Não estavam enterrados muito profundo, né?

— Não.

O sargento dos escavadores sorveu pelo nariz. Os corpos estavam apenas a trinta centímetros abaixo da terra, sem proteção contra os animais carniceiros que escavariam e lhes fariam farrapos. Sharpe virou a cabeça para a parte mais meridional da trincheira, a escavação mais próxima da ladeira coberta de crategos.

— Ponham-nos lá em cima. Cavem mais fundo. Quero que a maior parte da trincheira fique livre.

— Sim, senhor.

— E depressa.

O sargento sacudiu a cabeça.

— Alguma ajuda não seria mau, senhor.

Sharpe sabia que os homens eram suficientes.

— Se não estiver pronto dentro de uma hora e meia, sargento, ficará aqui quando atacarem.

— Sim, senhor.

Aquela educação tão formal apenas escondia o ódio que o sargento sentia. Enquanto Sharpe se afastava caminhando ouviu que o homem cuspia, mas então se gritaram ordens, gritos para que os escavadores continuassem e Sharpe o deixou correr.

Era um trabalho muito desagradável, mas os escavadores de um batalhão

amiúde se encarregavam dos trabalhos mais duros e mais ingratos. Pelo menos desta vez seu trabalho não seria em vão: Sharpe necessitaria da trincheira para enterrar seus mortos quando tudo tivesse acabado.

Subiu até as muralhas da torre de homenagem e se acomodou com sua luneta e uma xícara de chá. Via aos homens de Frederickson que arrastavam arbustos espinhosos da ladeira que dava para o povoado. Alguns cortavam os troncos com o canto serrado de suas baionetas, outros arrancavam os arbustos e abriam uma vereda mais larga ao longo da ladeira da colina. Levavam os arbustos para a ladeira sul, a ladeira mais vulnerável, e Sharpe se perguntava que astúcia havia concebido aquelas ordens. Sem dúvida, logo se informaria. Ele supunha que o ponto seguinte de ataque seria a atalaia que cairia no meio da tarde. Reproduzia em sua mente o plano para evacuar a guarnição. Para dizer a verdade, fizesse o que fizesse Frederickson no cume da colina, contravinha as condições da trégua, mas os franceses tampouco eram meticulosos a respeito. Através da lente de sua luneta Sharpe viu que a artilharia entrava no povoado. Canhões de doze libras, os reis do campo de batalha, grandes sacanas que converteriam as horas seguintes em morte e destruição.

Pela primeira vez durante a manhã queria ter companhia, mas não queria falar com nenhum soldado. Teresa, talvez, mas mesmo ela tiraria seus temores de uma derrota. O senso comum indicava que um atacante necessita de uma vantagem de três para um para vencer uma defesa bem disposta, e a defesa de Sharpe era a melhor possível. Contudo, carecia de artilharia para triturar os canhões franceses, e os franceses contavam com muito mais que três atacantes para cada defensor. Tinha os foguetes, claro, mas seriam inúteis contra a artilharia; para eles Sharpe tinha outros planos.

Planos inúteis, pensou, tão vãos como o orgulho e o dever que o haviam confinado naquele lugar elevado de onde não podia vencer. Podia reter aos franceses e cada hora era uma vitória de certa forma, mas as horas se pagariam com homens. Voltou a se ajoelhar atrás da muralha, apontou com a luneta e viu os chapéus de oito fuzileiros alinhados no ponto mais alto da atalaia. Oito batalhões de infantaria francesa à vista. Oito! Digamos que quatro mil homens e ainda soa pior. Riu em silêncio para si, um riso sinistro, e a razão era que o haviam feito major e sua primeira realização seria perder um batalhão. O que lhe dissera Harry Price quando vinham de *Frenada*? Que os homens não viviam muito quando combatiam com Sharpe. Esse era um epitáfio sinistro, o resumo de sua vida, e sacudiu a cabeça para livrar-se do pessimismo.

— Senhor? — disse uma voz aguda. — Senhor?

O corneteiro caminhava lentamente para ele, com o fuzil de Sharpe pendurado ao ombro e equilibrando um prato em uma mão.

— A cozinha lhe enviou isso, senhor. Para o senhor. Pão, carne fria e bolachas.

— Já comeu, garoto?

O garoto hesitou. Sharpe sorriu.

— Sirva-se. Quantos anos tem?

— Catorze, senhor.

— Um soldado o pôs em seu quarto na noite passada, senhor. Eu o estive vigiando. Não se importa, senhor?

— Não. Quer ser fuzileiro?

— Sim, senhor! — respondeu o garoto ansioso. — Dois anos mais, senhor, e o capitão Cross diz que posso me alistar.

— Talvez a guerra já tenha acabado.

— Não — respondeu o garoto meneando a cabeça. — Não pode ser, senhor.

Provavelmente tinha razão. França e Inglaterra tinham estado em guerra durante tantos anos como tinha aquele garoto. Devia ser filho de um fuzileiro, teria crescido no regimento, não devia conhecer outra vida. Em torno dos vinte anos seria sargento, se vivesse, e se a guerra terminasse de verdade se veria cuspido ao monte de lixo dos velhos soldados que ninguém quer. Sharpe afastou a vista dele, voltou a se ajoelhar na mureta e olhou fixamente para os cavaleiros que uma vez mais apareceram no extremo da rua do povoado. Nada menos que um general vinha para lutar contra Sharpe.

O general tamborilava com os dedos sobre o estojo de couro com papel de escrever que levava na sela. Maldito Sharpe, maldito desfiladeiro e maldita manhã. Olhou para o ajudante de campo que fazia cálculos.

— Então?

O capitão estava, nervoso.

— Achamos que a metade do batalhão está no castelo, senhor, talvez mais.

Vimos uma companhia sobre a colina e alguns casacas-vermelhas no convento.

— E os malditos fuzileiros?

— Provavelmente uma companhia sobre a colina, senhor. Mas têm alguns poucos no castelo e vimos meia dúzia no convento.

— Quer dizer que há mais de uma companhia?

O capitão consentiu pesaroso.

— É o que parece, senhor.

O general olhou para Ducos, cujos olhos se irritavam sem a proteção dos óculos.

— Então?

— Portanto têm duas companhias. Uma na colina, a outra dividida em duas.

O general não gostava da tranquilidade de Ducos.

— Os fuzileiros são uns sacanas, major. Não me agrada a forma como se reproduzem por ali. E diga-me quem são aqueles lanceiros, hem?

Ducos deu de ombros.

— Eu não os vi.

Seu tom sugeria que se ele não os tinha visto, não existiam.

— Bem, eu sim os vi! Maldita seja! Alexandre?

Dubreton sacudiu a cabeça.

— Os ingleses não têm lanceiros, e se os tivessem vestiriam capas de cavalaria, não gabães de infantaria. E esta manhã, lembre, não atacaram a fundo.

— E então?

Dubreton se removeu em sua sela e o couro rangeu por debaixo dele.

— Bem. Sabemos que A Agulha está aqui e acho pouco provável que tenha se deslocado sozinha. Acho que eram guerrilheiros a quem os ingleses deram gabães. — Deu de ombros. — Eles lhes dão de tudo.

O general olhou do outro lado.

— Ducos?

— Parece provável — respondeu a contragosto.

— Portanto somamos cinquenta guerrilheiros à guarnição. Agora me diga quantas tropas britânicas há e onde.

O capitão não gostava daquela responsabilidade. Falou com tristeza.

— Sessenta fuzileiros e uma centena de casacas-vermelhas sobre a colina, senhor. Trinta e trezentos no castelo e trinta e cem no convento?

O general grunhiu.

— Dubreton?

— Estou de acordo, senhor. Talvez um pouco menos no convento.

— Canhões?

Dubreton respondeu.

— Nossos prisioneiros estão seguros disso, senhor. Um, no convento, que não se pode girar. Outro do lado da muralha desmoronada e que não é perigoso até que alcancemos o pátio e dois sobre a colina.

— E trouxeram artilheiros?

— Sim, senhor.

O general mantinha silêncio. Tempo, tempo, tempo. Ele queria estar no rio essa tarde, tê-lo cruzado ao entardecer e em Vila Nova no dia seguinte ao anoitecer. Sabia que era um plano otimista e dera a si mesmo um dia a mais para conseguir seu objetivo, mas esse maldito Sharpe o havia retido durante todo o dia e portanto a operação estaria em perigo. Uma ideia lhe rondava.

— E se os ignorarmos? Rodearmos esse maldito castelo com *volligeurs* e marcharmos reto junto dele? Hem?

A ideia era tentadora. Se os três batalhões que deviam constituir a guarnição da Entrada de Deus ficassem para continuar o sítio, então o restante da força poderia entrar em Portugal, mas todos os oficiais sabiam o que podia suceder. Se os três batalhões não tomassem o castelo, a retirada do general ficaria bloqueada. Ainda havia outra razão. Dubreton a mencionou.

— O desfiladeiro é muito estreito, senhor. Esses fuzileiros de merda matariam qualquer cavalo que o atravessasse.

Imaginou os canhões leves que acompanhariam o general e seriam destroçados na borda do desfiladeiro, os cavalos atingidos, o peso dos barris e das carroças girando sobre os animais mortos, derramados e bloqueando o

caminho sob a pontaria implacável dos casacas-verdes.

O general olhou para a torre alta.

— Quanto se tardaria em tomar aquilo?

— Quantos batalhões, senhor? — perguntou Dubreton.

— Dois.

Dubreton olhou os crategos, o empinado da colina e imaginou os soldados subindo debaixo do fogo dos fuzis.

— Duas horas, senhor.

— Só isso?

— Ofereceremos medalhas.

O general deu uma risada sem vontade.

— Assim que poderíamos ter a atalaia lá pela uma da tarde. Outra hora para pôr os canhões lá. — Deu de ombros. — Também poderíamos pôr nossos canhões aqui! Podem converter aqueles sacanas em picadinho.

A voz de Ducos soou depreciativa.

— Afinal de contas, por que tomar a atalaia? Por que não tomar simplesmente o castelo?

Ninguém lhe respondeu, portanto seguiu.

— Cada minuto que passa é tempo perdido! O coronel Dubreton já lhes deu até as onze! Quantos homens vai perder, coronel, ao atacar a atalaia?

— Cinquenta.

— E ainda restará o castelo. Perca os homens ali.

O castelo não era para Ducos mais que um borrão, e o sinalizou com desprezo.

O ataque em ordem fechada! Medalhas para as cinco primeiras filas e avançar! *En massse*. Em massa. Era o sistema francês, o método que havia conduzido à vitória aos exércitos do Império por toda a Europa, a maneira do imperador, a massa irresistível. Lançar a massa como um míssil humano contra os defensores do castelo, constrangê-los com alvos, aterrorizá-los com os tambores concentrados no centro das colunas e avançar por cima dos mortos até a vitória. O castelo poderia ser seu ao meio-dia e o general sabia que o convento

não era nenhuma ameaça, que a guarnição era menor e mais vulnerável aos disparos dos canhões de doze libras que derrubariam suas muralhas sobre os britânicos. Tomar o castelo, jogar abaixo o canhão do convento, e depois suas tropas marchariam pelo desfiladeiro lá pelas duas da tarde; esqueceriam a guarnição da atalaia, não lhe fariam caso, a tratariam com o desprezo que merece. Em massa.

Tentou calcular as baixas. Seriam muitas nas primeiras filas, talvez uma centena de mortos, mas esse era parte do preço que devia pagar pelo tempo que necessitava. Podia se permitir perder até o dobro e não sentir. O sistema do imperador, e este desprezível Ducos escreveria o relatório e seria coisa boa se dissesse que a vitória se conseguiu com o sistema do imperador.

— Todos os batalhões ao povoado. — Pensava em voz alta. — Cinquenta homens em cada fila, quantas filas?

— Oitenta — respondeu o ajudante de campo.

Um grande retângulo de oito mil homens, tambores no centro, oitenta filas, irresistíveis, avançando a fundo.

Dubreton acendeu um charuto.

— Isso não me agrada.

O general titubeou. Ele gostava da ideia, não queria que o dissuadissem, mas olhou a contragosto para Dubreton.

— Diga-me?

— Duas coisas, senhor. Primeiro, cavou uma trincheira em frente da muralha. Isso poderia ser um obstáculo. Segundo, aquele pátio me preocupa. Entraremos lá e nos encontraremos com todas as saídas bloqueadas. Entraremos em um beco sem saída, com fuzileiros em três lados.

Ducos utilizava uma pequena luneta no olho direito para compensar a perda de seus óculos.

— A trincheira não se estende por toda a largura.

— Certo.

— Qual sua largura?

Dubreton deu de ombros.

— É estreita. Um homem poderia saltá-la sem esforço, mas...

— Mas? — inquiriu o general.

— Em uma coluna os homens não veem os obstáculos mais imediatos que têm na frente. As primeiras filas a saltariam, mas as filas posteriores tropeçariam.

— Então os advirta! E entrem pela direita! A maioria da coluna atravessará a trincheira!

— Sim, senhor.

O general soprou nas mãos e sorriu brincalhão.

— E o pátio? O encheremos de mosquetes! Mataremos qualquer fuzileiro de merda que mostre a cabeça! Quantos homens achamos que têm?

— Cento e trinta, senhor — respondeu o ajudante de campo.

— Temos medo de cento e trinta? Contra oito mil? — o general soltou uma risada. — Uma Legião de Honra ao primeiro homem que entrar na torre de homenagem. O que acha, Dubreton?

— Eu já tenho uma, senhor.

— Você não irá, Alexandre. Eu preciso de você. — O general sorriu. — Então! Esquecemos da atalaia. Deixemos que achem que são importantes e que se informem! Atacaremos em ordem fechada, cavalheiros, e poremos os *voltigeurs* na frente para que os grilos fiquem ocupados. — voltava a ficar de bom humor. — Nós os paralisaremos, cavalheiros! E o faremos à maneira de Bonaparte!

O vento procedente do leste era mais frio a cada minuto que passava e fustigava os rostos dos defensores do castelo. Os charquinhos de água se estavam gelando e nas arredores do povoado o batalhão francês recebia as ordens que os conduziriam à maneira do imperador até a Entrada de Deus.

Capítulo 22

— Na Bretanha, né?

O ajudante de campo consentiu com a cabeça. Na realidade este capitão dos fuzileiros com aspecto de vilão não era um mau tipo, e sem dúvida melhorava muito quando punha o tapa-olho e a dentadura postiça. Pegou o lápis e desenhou um javali selvagem.

— As estátuas ficam todas no oeste. E o senhor disse que em Portugal têm o mesmo?

Frederickson consentiu.

— Em Bragança, exatamente igual. E na Irlanda.

— Então os celtas chegaram até aqui?

Frederickson deu de ombros.

— Ou vinham de aqui. — Deu alguns golpezinhos sobre o esboço da estátua de javali. — Ouvi dizer que é um símbolo de realeza.

Pierre deu de ombros.

— Na Bretanha dizem que são altares. Um inclusive tem um espaço onde se podia pôr um copo de sangue.

— Ah!

Frederickson semicerrou os olhos, pois o francês estava à sombra da cornija esculpida. Havia sido uma manhã interessante. O francês concordou com Frederickson que a arquitetura plateresca de Salamanca era incrível, mas muito elaborada. A linha se perdia no detalhe, disse Frederickson, e o francês encantou-se por encontrar outro herege que compartilhasse seu ponto de vista. Na realidade os dois homens odiavam as obras modernas, preferiam a simplicidade contundente dos séculos X e XI; Frederickson mencionou o castelo português de Montemoro Velho e Pierre lhe fez várias perguntas a respeito. Inclusive haviam se introduzido na história, sobre a estranha gente que havia talhado javalis nas pedras, quando o sargento dos fuzileiros parou na frente deles.

— Senhor?

Frederickson levantou os olhos do esboço.

— Tom?

— Dois oficiais franchinotes pelo sul, senhor. Xeretando. Taylor diz que estão ao alcance de um tiro.

Frederickson olhou para Pierre.

— A hora?

— Ah — respondeu enquanto pegava o relógio —, um minuto para as onze.

— Diga a Taylor que dispare dentro de um minuto. E diga que mate um dos sacanas.

— Sim, senhor.

Frederickson voltou a virar para o francês.

— Viu o touro de pedra na ponte de Salamanca?

— Ah, ele é fascinante.

O sargento sorriu e se foi. Apenas um minuto depois o doce William voltaria a ser ele mesmo, falaria inglês em lugar do francês pagão e mataria àqueles sacanas. Colou-se entre os crategos para averiguar que outro fuzileiro deveria disparar com Taylor e ter o máximo de probabilidades de matar ao segundo oficial francês. O doce William sempre dava uma ração extra de rum a qualquer homem que demonstrasse ter matado um oficial inimigo.

Sharpe estava entre os entulhos da muralha leste, entulhos que se estendiam agora até a trincheira pouco profunda. Tinha menos de um metro de largura, era estreita demais, mas o parapeito que se havia cavado lhe dava mais trinta centímetros de largura efetiva. Serviria.

— Que horas são?

— Onze em ponto, senhor — respondeu o capitão Brooker nervoso.

Sharpe olhou para os homens que se ocultavam atrás da guarita. Os artilheiros estavam tão nervosos como Brooker; os foguetes envolvidos eram estranhos. Tinha feito que se camuflassem com os uniformes azuis e os gabães dos fuzileiros; pareciam um grupo misto. Sorriu para Gilliland e falou em voz alta.

— Tenha paciência! Acho que irão para a atalaia antes daqui!

Dois fuzis soaram ao longe com a detonação amortecida e Sharpe procurou em vão rastros de fumaça.

— Deve ter sido na ladeira sul.

— É o que parece, senhor.

— É — respondeu Sharpe distraído.

— Vou?

Brooker estava impaciente para se afastar dos entulhos, um lugar que estava muito desprotegido. Ele levaria uma companhia de casacas-vermelhas, reforçada pelo capitão Cross com vinte fuzileiros, até o vale que separava o castelo da atalaia. Cobririam a retirada de Frederickson se a infantaria francesa inundasse a colina.

— Espere um minuto.

Não se ouvira mais disparos procedentes da atalaia, nem havia movimento de homens da ladeira norte para a sul. Sharpe voltou a olhar para o povoado.

— Ah!

A exclamação se devia ao fato do único batalhão francês que estava em frente ao povoado se movia para o sul, para a atalaia, e Sharpe viu os homens nas companhias de retaguarda que atravessavam chapinhando o riacho que escorria junto ao caminho. Portanto seria na atalaia! Tinha brincado com a ideia de que os franceses tivessem pressa e pudessem ir diretamente para o castelo e o convento, mas o tempo, ao que parece, não era o que mais lhes preocupava. Eles fariam da forma certa. Viu o batalhão que se dirigia para o sul, supôs pelos disparos de fuzil que havia outro que ele não via do outro lado da colina, e Frederickson logo teria as mãos cheias. Sorriu para Brooker.

— Vá! Boa caça!

Brooker e Cross abandonariam o castelo pela grande brecha aberto no lado sul da torre de homenagem, através do qual tantos seguidores de Pot-au-Feu haviam escapado. Sharpe pensou com satisfação na presença de Hakeswill, preso nas masmorras, e então se perguntou o que aconteceria com aqueles prisioneiros se os franceses invadissem o castelo. Sim. Lembrou que planejara aguentar por dois dias e quase um quarto desse tempo já havia transcorrido; contudo, também sabia que os veteranos que se concentravam detrás do povoado o iam pôr à prova.

— Senhor? — era o corneteiro que seguia levando o fuzil de Sharpe e que apontava para a atalaia.

— O que foi?

— Agora não o vejo, senhor, mas há um homem que vem correndo para cá, senhor. Corre como o demônio. Um fuzileiro, senhor.

O que havia dado errado? Não se ouviam disparos que procedessem da colina, não havia fumaça que se elevasse com a brisa que de repente era glacial. Havia tirado as luvas em algum lugar durante a noite e se esquecera de onde, portanto soprou as mãos e levantou a vista para as nuvens. Estavam inchadas, baixas e escuras e alcançavam a parte mais alta da atalaia, prometiam neve o que tornaria o desfiladeiro muito perigoso e dificultaria a passagem de uma força de socorro.

— Ali está, senhor! — apontou o corneteiro.

Um fuzileiro havia saído de repente dos arbustos lá onde o riacho se adentra no vale. Deu uma olhada para a direita, para os franceses, viu que não corria perigo e correu para o castelo. Estava em forma, quem quer que fosse, corria com o fuzil e as cartucheiras, saltou a trincheira e se dirigiu até Sharpe. O homem, com a respiração entrecortada, quase não podia falar e apenas segurava um pedaço de papel. Seu fôlego formava grossas nuvens diante de seu rosto e só foi capaz de dizer uma palavra ofegando.

— Senhor!

No papel havia o desenho estranho de um javali que Sharpe não entendia, um desenho sobre o qual se havia rabiscado uma mensagem a lápis.

“Lembra o contra-ataque f. De Salamanca? Eu o estou vendo agora. Detrás do povoado. Dez guinéus que vai para seu lado. Atiradores todos para o oeste. 8 bat. Pense que "me" prometeu um combate! 2 oficiais f. Se aproximaram muito. Bang, Bang. D.W”.

Sharpe deu uma risada. Doce William.

Oito batalhões? Santo Deus! E Sharpe acabava de enviar a metade de seus fuzileiros e uma quinta parte de seus casacas-vermelhas para os arbustos. E se os franceses atacassem as duas posições? E se cortassem a retirada de Frederickson desde o castelo? Virou-se.

— Porta-bandeira!

— Senhor?

— Meus cumprimentos ao senhor Brooker e que volte o mais rápido possível! Assim como o capitão Cross.

O porta-bandeira passou a correr.

— Lá, senhor! — exclamou o corneteiro que olhava fixamente para o povoado.

E havia motivos para isso e para mais. O batalhão que se deslocara para o sul o fizera para dar passagem para as tropas que iam assaltar o castelo, tropas que enchiam o vale e que os oficiais agrupavam, tropas que escureciam o extremo leste dos pastos.

— Oh, Deus!

— Senhor? — interessou-se o corneteiro preocupado. Sharpe sorria e sacudia a cabeça com incredulidade.

— Cordeiros para o matadouro, menino. Oh, Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus! — virou-se. — Capitão Gilliland!

— Senhor?

Gilliland saiu da entrada da torre onde se protegia da brisa gelada.

— Já viu isso, capitão?

Gilliland olhou para o povoado e seu rosto manifestou incredulidade e surpresa.

— Senhor?

— Aqui começa a primeira lição, capitão. — Gilliland não entendia a alegria repentina de Sharpe. — Capitão, o senhor vai ver uma coluna francesa. É um alvo excelente, não poderia ser melhor, e o senhor o vai fazer em cacos. Ouviu, homem? — Sharpe sorria com prazer, havia se esquecido do frio. — Vamos matá-los! Pegue as calhas!

Graças a Deus pelo príncipe de Gales. Graças a Deus por esse Prinny e por seu pai louco, e graças a Deus pelo coronel Congreve e graças a Deus por um general francês que estava fazendo o que qualquer outro soldado faria em seu lugar. Sharpe sorriu para o corneteiro.

— Tem sorte de estar aqui, garoto! Tem sorte do que vai ver!

— Sim, senhor?

Sharpe ficou nos entulhos, o vento agitava seu cabelo negro e passou por sua cabeça que talvez os franceses planejassem atravessar o espaço entre o castelo e o convento, mas podia fazer frente a isso. Encarariam os foguetes pelo norte, com a mesma facilidade com que estavam de frente para o leste, e ele observava a volumosa formação das filas francesas diante do povoado e se notou de que a linha central da primeira fila estava mais à direita do caminho, e percebeu que iam para buscar ele. Deu uma olhada para a atalaia. Aquela massa crescente seria um alvo tentador para o canhão de Frederickson, mas Sharpe havia ordenado que o canhão só devia ser usado para defender a colina. Frederickson teria que esperar o momento oportuno.

Procurou o outro porta-bandeira que levava suas mensagens e ordenou que dispusessem três companhias de casacas-vermelhas dentro do pátio, mais o restante dos fuzileiros. Ficava por resolver como conter os escaramuçadores franceses, um verdadeiro enxame, como mantê-los afastados da trincheira. Avançou para a pequena escavação, tinha trinta metros úteis, e nelas os homens de Gilliland estavam fazendo quinze calhas no parapeito, calhas que apontavam direto para frente, e Sharpe corrigiu o ângulo para que cobrissem o centro do vale. Agachou-se atrás das calhas, viu aonde iriam os foguetes se fossem em linha reta e onde dividiriam em duas a linha de ataque, justo a cinquenta metros pela frente. Consentiu.

— Perfeito!

Os artilheiros dispuseram as calhas metálicas nos leitos de terra. Estavam nervosos, aterrorizados, mas Sharpe sorria, brincava com eles, falava da iminente vitória que iam conseguir e seu bom humor foi se contagiando. Deu uma palmada no ombro de Gilliland.

— Faça-os sair. Sem se importar, alguns poucos golpes!

Havia ordenado que o pelotão de foguetes se vestisse com gabães da infantaria e manteve oculta a arma até o último momento. Os fuzileiros observavam com atenção a massa compacta que era o inimigo, e Sharpe os chamou. Ordenou que se adiantassem à trincheira, seu trabalho consistiria em manter os *voltigeurs* afastados dos foguetes, e fez que as três companhias dos casacas-vermelhas se alinhassem sobre os entulhos. Alguns cairiam abatidos ante os escaramuçadores franceses, mas suas descargas formariam um campo mortífero na frente dos fuzileiros.

Em cada calha serviam dois artilheiros. Os outros se mantinham na reserva.

Um homem punha as armas no berço metálico, o outro acendia a mecha e ambos se abaixariam na trincheira baixa enquanto o explosivo ardia por cima de suas cabeças. E dispariam tão rápido quanto pudessem, foguete atrás de foguete, cada calha podia fazer cinco disparos por minuto liberando setenta mísseis por minuto, mísseis com projéteis na ponta; era a morte ardendo que saía da trincheira em direção a um alvo que ainda estava se concentrando no povoado.

Cross havia regressado ao pátio, respirava com dificuldade e parecia estar preocupado. Sharpe pôs cinco de seus fuzileiros na entrada da torre, o restante da trincheira, e acrescentou uma companhia de Brooker aos fuzileiros que se alinhavam nos entulhos. Os homens estavam aterrorizados, uma dupla fila de quatro companhias encarava a coluna francesa, a força que havia derrubado reinos, e a única ajuda de que dispunham eram os foguetes desengonçados que preparavam na trincheira, foguetes dos quais falavam depreciativamente como se fossem brinquedos.

— Carreguem! — Sharpe os observava. — À ordem de fogo comecem com fogo de pelotão! Sua missão consiste em manter os escaramuçadores afastados da trincheira. Capitão Brooker!

— Senhor?

A companhia de Brooker era a que mais perto estava da entrada da torre.

— Vigie aquele flanco aberto! Se aqueles escaramuçadores entrarem na trincheira estaremos todos mortos. Impeçam-nos! E não se preocupem com a coluna. Eles já estão mortos! — sorriu. — Façam isso pelo coronel Kinney! Que veja aqueles sacanas irem ao inferno!

Nesse momento os primeiros tambores soaram, os mesmos que haviam conduzido as colunas até Madri e Moscou, os mesmos que acumularam em Paris estandartes capturados, os mesmos que tocavam o *pas-de-charge,* o ritmo que acompanhava todos os ataques franceses e que só parava com a vitória ou a derrota. Bum-bum, bum-bum, bumabum, bumabum, bum-bum.

E desta vez eram para Sharpe, tão somente para Sharpe, a saudação do Imperador para um homem do orfanato de Londres, e ele girou o rosto para eles, viu que os franceses se moviam a solavancos e deu uma risada, com a boca aberta ao vento. Ria do orgulho que se apoderara repentinamente dele, porque os tambores, por fim, eram para ele.

Capítulo 23

O general se impacientava. Sentia que devia fazer algum gesto, talvez cavalgar à frente cabeça de seus homens ou permanecer do lado e saudá-los enquanto avançavam, mas abandonou essa ideia irritado. Os tambores e as bandeiras provocavam emoções que dificilmente poderiam compartir com um inimigo que dava pena e que iam esmagar com seu golpe maciço. Uma marreta para partir uma noz! Sorriu porque sabia que seria assim, mas se a marreta fizesse seu trabalho com rapidez então valeria à pena.

Tempo. Sempre esse maldito tempo. Tinha perguntado a hora quando os primeiros escaramuçadores avançavam para campo aberto. Quinze para doze. Quarenta e cinco minutos para formar a coluna, não era nada mau, mas seguiam sendo quarenta e cinco minutos perdidos. Bem, acabariam com esse inimigo descarado lá pelo meio-dia, e então poderia enviar os lanceiros pelo desfiladeiro, os batalhões atrás deles e depois as pesadas carroças de aprovisionamento com a comida e as munições para conseguir aquele plano no meio do inverno.

Um coronel de artilharia se posicionou junto ao general. O homem permanecia calado e ofendido, queria soltar a pólvora de seus canhões contra os defensores do castelo, mas o general zombara daquela ideia. Bombardear ao inimigo lhes faria perder mais tempo e ele suspeitava que os britânicos pudessem se proteger atrás das muralhas de pedra e que seus artilheiros tardariam horas em reduzi-la a entulhos. Não, a infantaria poderia resolvê-lo rapidamente: perderia alguns homens na vanguarda, depois passaria pelos entulhos da muralha leste e abriria uma rota para Portugal.

Em a colina da atalaia, Pierre aceitou um gole do cantil do capitão Frederickson e fez um sinal em direção ao vale. — Acho que o senhor está a ponto de perder. Frederickson sorriu brincalhão.

— Quer apostar?

O francês sorriu e deu de ombros.

— Não gosto de apostar.

Frederickson levantou a vista para a parte mais alta da torre.

— Algo para nós? — gritou.

— Não, senhor.

Voltou a olhar para o vale. Os escaramuçadores estavam em ordem dispersa na frente da enorme coluna, centenas de malditos atiradores, e para Frederickson não lhe agradava olhá-los. Ameaçavam o cume no qual ele sabia que Sharpe ocultava os foguetes. Ele tinha observado como tinham transportado as armas estranhas e através de sua luneta e com fascinação como alinhavam as calhas, e agora não via a fraca linha de fuzileiros que ia ter que rechaçar aos *voltigeurs.* Seriam acossados.

— Tenente Wise!

— Senhor?

Frederickson enviou a metade de seus fuzileiros, quarenta homens, para o oeste. O tenente devia conduzi-los até que estivessem quase diante da trincheira e então, desde a borda dos arbustos, deviam disparar contra o avanço dos *voltigeurs.* Frederickson lhes gritou quando já estavam a caminho.

— E matem os oficiais sacanas!

No castelo, Sharpe ordenava o mesmo a seus fuzileiros e em especial aos atiradores postados na guarita.

— Oficiais! Atirem nos oficiais!

O capitão Gilliland, tentando controlar os nervosismo, permanecia junto a Sharpe no extremo norte dos entulhos.

— Poderíamos disparar agora, senhor.

— Não, não, não.

A coluna estava a duzentos e setenta metros de distância, seu som enchia o vale com o fragor dos tambores e Sharpe não tinha nenhuma fé na pontaria dos foguetes. A essa distância, pelo menos três quartos se perderiam, provavelmente mais, e ele esperaria. Esperaria até que a arma não pudesse falhar.

Mas por Deus! Os *voltigeurs* lhe preocupavam. Eles sozinhos já eram mais que seus defensores! Esperaria, mas enquanto esperavam, os *voltigeurs* lhes acossariam, e então se ouviu o estalido de um fuzil procedente da guarita e o disparo provocou uma descarga dos franceses, uma descarga efetuada de muito longe, mas as balas dos mosquetes perturbaram o ar na muralha leste e Sharpe olhou para sua direita e percebeu o medo no rosto dos casacas-vermelhas.

E não era de estranhar, por Deus! A coluna avançava em direção sudoeste,

direta para o castelo, conduzida pelos tambores, um grande bloco de tropas de trinta metros de largura e setenta metros de profundidade, e para quem observava desde a colina parecia que tinham pisoteado uma grande faixa de pasto, esmagando-a como se uma aplanadora tivesse atravessado o vale. Os fuzis agora disparavam, sua fumaça se elevava por cima da trincheira, suas balas buscavam os franceses que brandiam espadas, mas os *voltigeurs* seguiam avançando. Lutavam em parelhas, um homem fincava o joelho no chão e disparava, o outro recarregava, e os fuzileiros eram muitos menos. Os casacas-verdes se jogavam ao solo para se esquivar das descargas dos casacas-vermelhas e custava muito recarregar um fuzil nessa posição. Sharpe observava como os homens seguravam as culatras com os pés, empurravam as baquetas e depois rodavam sobre seus ventres para apontar e voltar a disparar.

As balas de mosquete davam puxões nos casacas-vermelhas. Um homem deu um grito, tinha a mandíbula destroçada, outro caiu para trás em silêncio e seu corpo ficou imóvel sobre os entulhos e os sargentos começaram a fechar as filas. O campo estava coberto de escaramuçadores, as labaredas de seus mosquetes eram constantes, a fumaça formava nuvens espessas sobre o capim.

— Batalhão avançar para a trincheira! — gritou Sharpe.

Mover-se era melhor que sofrer ficando imóvel, se aproximariam vinte metros do inimigo e seus mosquetes teriam uma oportunidade melhor para varrer esses malditos atiradores de sua frente.

Os oficiais não cessavam de dar ordens. Para que avançassem de quatro para as pedras, e Sharpe gritou para que formassem bem as filas, mantinha-os ocupados com suas ordens. Então olhou para a esquerda e viu que os primeiros *voltigeurs* se encontravam a quarenta metros da trincheira.

— Capitão Brooker?

— Senhor?

— Abra fogo!

— Senhor! Batalhão! Apontar! — uma pausa. A fina espada desceu. — Fogo!

Graças a Deus pelas horas de instrução; graças a Deus, por toda sua estupidez às vezes, o exército britânico era o único exército que treinava a infantaria com munições reais. A primeira descarga derrubou quatro escaramuçadores franceses, assustou aos outros e os casacas-vermelhas

iniciaram os movimentos que constituíam a segunda natureza do soldado: disparar, carregar, disparar, carregar, quatro vezes por minuto, mordendo as balas dos cartuchos de papel, sem fazer caso do inimigo, sem ver nada mais além da fumaça suja que se estendia em farrapos por cima da trincheira, jogando a pólvora, atacando a bala e o cano de um metro e vinte centímetros, segurando a baqueta contra o corpo, levando o pesado mosquete ao ombro e esperando a ordem de disparar do oficial. Não se podia apontar para nada, só se via uma nuvem de fumaça que ocultava sabe Deus que horrores, uma nuvem de fumaça que às vezes se encrespava quando uma bala inimiga a atravessava. E então o pelotão seguinte na linha disparava, o oficial disparava, e a culatra recuava contra o ombro, a pólvora que havia na caçoleta salpicava o rosto, a bala de chumbo de dezenove milímetros adentrava na fumaça bruscamente e se dirigia ao campo.

E os homens iam caindo. Alguns se erguiam, apertavam os dentes pela dor e seguiam disparando; outros engatinhavam para a retaguarda, sangrando e feridos, a vida lhes escapava e lhes nublava a visão. Sharpe gritava para os sargentos que não ajudassem os feridos, pois os homens com essa desculpa escapavam do combate, e a voz de Sharpe se elevou bem alta por cima das descargas do pelotão e do som dos tambores.

— Disparem em todo homem que abandone as linhas. Ouviram, sargentos!

Eles ouviam, e os feridos sangravam sem receber ajuda e os mosquetes chamejavam e retrocediam de golpe, e as descargas do pelotão corriam como punhaladas candentes pela face dos homens do meio batalhão.

Também funcionava. Setecentas balas de mosquete por minuto estavam convertendo a dianteira da trincheira em um lugar selvagem, e os *volligeurs* se dividiram para a esquerda e a direita. Sharpe havia se adiantado, pelo lado das descargas de mosquete, e por entre a fumaça viu que os franceses vinham pela esquerda e se virou.

— Capitão Brooker! As filas da esquerda dez passos para trás! Inclinação!

E a direita! O que diabos podia fazer com a direita? Não tinha homens suficientes para encher o espaço na muralha desmoronada e gritou para os casacas-vermelhas.

— Vista para a direita!

A companhia de Brooker disparava de lado, disparava para a coluna que

avançava, mas era insuficiente para fazer retroceder aos *voltigeurs.* Sharpe viu que os franceses se precipitavam para frente, se ajoelhavam, outra labareda e uma bala tilintou na ponta de aço de sua bainha e a espada se balançou nas correias. Ouviu aos fuzileiros da guarita e viu como o homem que lhe disparara desabava fazendo pequenos movimentos com uma mão, como se golpeasse o ar em busca de ajuda, e depois o francês caiu sobre a erva. E a coluna avançava. Há pouco havia deixado o povoado, três minutos de marcha no máximo; o som dos tambores estava mais forte, executavam a música francesa da conquista, e Sharpe correu para a direita enquanto os homens de Brooker recarregavam; preocupava-se com o flanco direito.

Crategos fumegantes, chamejantes, franceses que retrocediam, gritavam alarmados e Sharpe sorriu. Frederickson havia enviado ajuda e Sharpe percebeu que devia tê-la pedido, mas agora não importava porque os fuzileiros conseguiam fazer os franceses retrocederem. Um *voltigeur* esporeou seu cavalo e se dirigiu para o lugar; gritava para seus homens que introduzissem as baionetas entre os arbustos. Sharpe supôs que o homem tinha sido atingido por quatro ou cinco balas, pois pareceu que era impelido para trás de seu cavalo, com a casaca repentinamente salpicada de vermelho, o cavalo relinchou, girou e se foi galopando pela frente do castelo e uma descarga de fogo de mosquete o abateu.

De trás, à esquerda, o ar se enchia do som da batalha, com mosquetes, chiados, gritos de dor, o esfregar das baquetas, os estalidos das pesadas pederneiras e os tambores, sempre os tambores. Os *voltigeurs* causavam baixas entre os casacas-vermelhas, corroíam as filas, derrubavam homens, e as descargas do pelotão se viram substituídas por homens que disparavam o mais rápido que podiam, carregavam, disparavam com os rostos enegrecidos pela pólvora e com as bocas arenosas. Só o que lhes permitia dominar seu medo era a instrução que tinham praticado uma e outra vez.

Um defensor saiu se arrastando da companhia de Brooker, vomitava sangue, dirigiu para Sharpe uma última olhada acusadora depois do que se deixou cair; uma bala francesa golpeou seu corpo morto. Sharpe regressou para os entulhos, subiu e viu que os *voltigeurs* estavam perto, muito perto da trincheira, em alguns lugares a apenas dezoito metros, e também vislumbrou, entre a fumaça, os corpos imóveis de dois fuzileiros, e olhou para a esquerda. A coluna, com as baionetas brilhantes, seguia avançando já muito perto. Via as bocas abertas dos franceses, percebeu que gritavam *"Vive l'Empereur"*, e Gilliland puxou Sharpe

pela manga.

— Agora?

— Não! Espere!

Esperava aos *voltigeurs* que, arrebatados, corriam um ou dois passos, se ajoelhavam, e outro casaca-vermelha gritou e foi derrubado, enquanto o sangue salpicava na tropa e seguiam carregando e disparando, e os homens maldiziam quando sua pederneira quebrava e os sargentos lhes davam os mosquetes dos mortos para que seguissem disparando.

Os *voltigeurs* se uniam à coluna. Agora estava perto, quase no ponto para que Sharpe soltasse os foguetes e sentiu alívio quando as cornetas dos *voltigeurs* os mandaram regressar. Os chamavam para engrossar as filas daquele ataque constrangedor, enquanto os tambores seguiam redobrando; quem manejavam as baquetas o faziam freneticamente, como se ao golpear os couros esticados pudessem conduzir pessoalmente a coluna contra o castelo.

Um coronel francês morreu na frente da coluna. Na guarita, um dos homens de Cross sorriu.

— Quatro.

Mordeu outro cartucho, começou a recarregar.

Diante do convento, Patrick Harper tinha seus dezessete fuzileiros disparando para o vale. Seus disparos contra a coluna àquela distância eram certeiros, mas com tão escassa dotação não podiam pretender detê-la.

O general tamborilava com seus dedos sobre o estojo de escrever ao ritmo dos tambores. Olhou para Dubreton quando pareceu que a fumaça tragava a dianteira da coluna.

— É isso, Alexandre. Uma boa instrução, hem?

Na atalaia, Frederickson e o ajudante de campo capturado estavam juntos. Frederickson se coçou debaixo do tapa-olho.

— Agora! Agora!

Sharpe fez megafone com as mãos.

— Fuzileiros para trás!

Ele via agora a coluna com tanta clareza como seus próprios homens. Via aos jovens da primeira fila que deixavam crescer o grande bigode amado pela

infantaria francesa e via os mosquetes que desciam, pois era a única descarga desigual que dispararia a primeira fila antes de liberar as baionetas.

— Esquadrão de foguetes!

Esperou. Quarenta e seis metros. Não podiam falhar. Nunca foram usados contra o inimigo. Uma coisa destruía uma coluna com mais rapidez que qualquer arma, a artilharia, e Sharpe estava a ponto de liberar uma represa de bombas. Viu que os mosquetes franceses subiam.

— Fogo!

Os primeiros foguetes já estavam preparados nas calhas, o bota-fogo tocou as mechas e durante um segundo não sucedeu nada. A descarga francesa, cinquenta balas de mosquete, enchia o ar, mas Sharpe não estava ciente disso. Ouviu o primeiro berro dos franceses, os gritos triunfantes de vitória e depois tudo foi afogado pelo som impetuoso dos resplandecentes tubos de escape. A fumaça, as faíscas e as chamas rugiram e se incharam ao sair da trincheira.

Como bolas de fogo lançadas a uma velocidade incrível, como o pesadelo de um soldado ou a morte que emerge do solo abrasando ao sair da trincheira, os foguetes, ao não terem a oportunidade de se elevar no ar e poder apenas se lançar para frente, enterraram-se na coluna. Eram foguetes que procediam da frente e da direita e os franceses que tinham começado a correr viram de repente a fumaça incrível, como um banco de névoa espessa, e naquela espessura uma densa linha de chamas gigantes, chamas que pulavam. As cabeças dos foguetes se meteram na coluna, fila atrás de fila, linha atrás de linha, abrindo passagem, queimando com suas caldas, fazendo mais ruído que os tambores; e a primeira cabeça explodiu.

— Fuzileiros! Fogo! Fogo! Fogo!

Os fuzileiros tinham retrocedido com aquela labareda furiosa e agora permaneciam boquiabertos enquanto viam a arma pela primeira vez. Sharpe gritou com raiva.

— Fogo! Ei, sacanas! Fogo!

Deus, quanto havia deixado que se aproximassem. Necessitava das descargas para frear as primeiras filas, porque os franceses ainda podiam ganhar se tivessem a astúcia de se lançar para frente.

Mais foguetes, a segunda descarga, algumas equipes eram mais rápidas em carregar as calhas metálicas que outros, tinham que se agachar correndo pois a

cauda ardia sobre suas cabeças, e depois lançavam outro foguete de doze libras no berço e punham fogo na cauda.

— Mais depressa! Mais depressa! — Gilliland quase saltava para cima e para baixo de excitação. — Mais depressa!

Um foguete conseguiu elevar-se, com estrépito, no ar do vale similar a uma linha de chamas que acumulava a fumaça detrás, e os franceses do povoado o viram, viram que aquela coisa estranha subia até penetrar na nuvem baixa.

— O que diabos é aquilo?

O general não via nada desde o castelo, somente uma propagação de fumaça que parecia propulsada por um resplendor intermitente de chamas.

— Uma explosão? — perguntou Ducos franzindo o cenho.

Um francês surgiu do fogo, temeroso e perdido, com a baioneta brilhante, e viu os homens que estavam na trincheira e entendeu qual era seu dever. Os fuzileiros, que tinham ordem de ficar com o esquadrão de foguetes, o viram e dois dispararam. O francês caiu para trás e um foguete se alojou em seu corpo, começou a correr, jogando faíscas e espessa fumaça, e um cabo dos fuzileiros correu para ele, deu um chute na cabeça do foguete, e esta se deslizou cada vez mais depressa sobre o mato e desapareceu entre sua própria fumaça.

A parte da coluna situada mais ao norte estava se livrando dos foguetes. Ouviam o ruído, os gritos, viam as explosões que pareciam provir de vinte jardas coluna adentro, mas abriam passagem para frente e Sharpe indicou o alvo à companhia de Brooker.

— Fogo!

Foi uma pequena descarga, mas os deteve e deixou uma barreira de mortos sobre a erva. Então Gilliland abriu passagem até Sharpe, cravou uma calha na erva com sua bota e um artilheiro colocou um foguete em seu interior. Outro homem acendeu o bota-fogo e Sharpe se afastou daquela chama horrível.

— Quantos lançadores têm?

— Quatro!

— Pegue-os!

Os corpos muito apertados dos franceses absorviam a força terrível dos foguetes. Os mísseis atacavam a fundo, diminuíam quando sulcavam as filas e depois se detinham, envolvidos em carne, e as chamas do explosivo abriam uma

faixa queimada, e então a bomba, com a mecha escondida no tubo de metal, cuspia sangue e fragmentos de ferro entre os franceses.

Não havia homem que pudesse penetrar naquela nuvem de chamas. O ruído dos tambores cessou totalmente, feito calar pelo ímpeto uivador dos foguetes, pelas explosões. Os foguetes seguiam se impulsionando, seguiam se introduzindo entre as filas, abrindo novos canais de destruição, explodindo, e só o que os franceses viam era a fumaça, as chamas que os envolviam, e tinham os ouvidos cheios de ruído, dos gritos dos companheiros moribundos. E retrocederam.

Mais foguetes haviam se elevado por cima das cabeças da coluna, um os superou e se dirigiu para o vale, sobre a grama pisoteada e girou para a esquerda, subiu e os oficiais do estado maior francês o observaram atemorizados. O ruído invadia o vale, a fumaça constituía a cortina de fundo das grandes chamas e então a bomba explodiu ao norte do povoado e os fragmentos saíram expelidos da fumaça negra e o pau, ardendo, e caíram na terra.

Ducos observava a fumaça da explosão hipnotizado.

— Coronel Congreve.

— O quê?

— O sistema de foguetes de Congreve — disse fechando o telescópio de golpe.

O general sacudiu a cabeça, virou-se para a coluna. A retaguarda parecia estar intacta, as filas seguiam formadas, mas com as explosões a vanguarda de sua enorme coluna estava enterrada em uma nuvem de chamas retorcidas.

— Não se movem.

Mais dois foguetes descreveram um arco para por cima da coluna, golpearam contra o solo, quicaram e explodiram no vale. Outros dois foram para o norte, elevando-se caprichosamente sobre o convento. Mas a maioria se incrustava na coluna, retorciam-se e abriam caminho a fogo pelo alvo humano, ruidosamente, e expelindo fogo para acabar explodindo entre as filas; os casacas-vermelhas seguiam disparando.

— Alexandre!

O general esporeou seu cavalo. Ele não podia permanecer olhando enquanto

seus homens morriam e se lançou ao galope pelo caminho e gritou para Dubreton.

— O que diabos são foguetes?

— Artilharia!

O general amaldiçoou uma e outra vez. Podia ouvir as armas e também percebeu que os tambores tinham se calado. Ouvia gritos e chiados, o som do pânico, e percebeu que em questão de segundos as filas tão disciplinadas se dissolveriam e se converteriam em uma ralé dominada pelo pânico.

— Por que diabos os terão trazido até aqui?

Dubreton lhe respondeu com a terrível verdade.

— Sabiam que viríamos!

— Sigam disparando! — gritava Sharpe para seus homens. — Estão vencendo a esses sacanas! Fogo! Fogo!

A ciência a serviço da guerra. A morte impelida por fogo, e os foguetes continuavam saindo das calhas, resvalavam diante da chama, cada vez mais rápido, subiam uns poucos centímetros e se projetavam para o inimigo. Alguns chegavam à altura do joelho, fatiando fila atrás de fila, outros ricochetavam contra os homens e se dirigiam para a massa de franceses. E os franceses corriam e se dispersavam. As explosões e as chamas arrasavam o vale convertendo-o em um lugar em que tudo era morte misteriosa e fumaça espessa e fragmentos de bomba dentados. E sempre esses rugidos saídos do inferno vinham mais depressa que o raio, retumbavam nos tímpanos e matavam, matavam e matavam.

— Sigam disparando!

Os homens de Frederickson, já fora dos arbustos, carregavam e disparavam, apontavam para qualquer oficial que parecesse comandar a um grupo de homens, e os casacas-vermelhas lançavam suas descargas contra a fumaça que tudo se escurecia e só se ouviam gritos e mais gritos, mas os tambores tinham se calado.

Um novo ruído em uma crescente como nenhum outro na terra, como uma grande catarata que sussurrava e fervia e rugia, com as chamas lançando faíscas e fumaça para trás, e Sharpe viu que os resplendores irrompiam na grande fumaceira, alguns se elevavam, e os resplendores vermelhos não se detinham

quando batiam em um homem, seguiam até perder-se de vista. E ordenou o sessar fogo.

Os oficiais e os sargentos repetiram a ordem.

— Sessar fogo! Sessar fogo!

Silêncio. Não, silêncio não. Um silêncio relativo porque os mortos não produziam som algum, somente os moribundos. Gemidos, choros, soluços, pedidos de ajuda, maldições pela vida que se acabava e, no burburinho de toda aquele dor, Sharpe sentiu que a ira da batalha decrescia nele.

— Capitão Brooker?

— Senhor?

— Duas filas nos entulhos. Pode se ocupar de seus feridos.

— Senhor.

Brooker tinha uma cara de espanto. Ele não queria lutar aqui; havia considerado sir Augustus Farthingdale um homem sensato e prudente e não podia acreditar que tivessem lutado e tivessem ganhado.

A voz de Sharpe mostrava irritação.

— Ainda não acabou, capitão! Vá!

— Senhor!

Ainda teria mais. Mas a fumaça foi se dissipando lentamente, a brisa a levava por cima dos mortos e feridos britânicos e quando finalmente a fumaça se desvaneceu Sharpe apreciou os frutos de seu trabalho. Sinais de queimaduras que se abriam em leque desde o terrapleno pouco profundo e depois o sangue. Quase não havia cadáveres depois da batalha, parecia que uma mão gigante tivesse apertado ao inimigo até matá-lo, que houvesse dispersado os fragmentos humanos sobre a grama de inverno, debaixo das nuvens baixas, e logo percebeu corpos rompidos e queimados, e os feridos se agitavam na carnificina como criaturas que se levantam de um charco de sangue.

O esquadrão de foguetes tinha as mãos, os rosto e os uniformes queimados, mas sorriam enquanto se levantavam na trincheira. Sorriam porque tinham sobrevivido e tiraram a terra dos gabães e das calças e depois giraram para olhar o inimigo.

Sharpe também olhou, contemplou o lugar que os foguetes tinham perfurado

e retorcido nas filas. As chamas indicavam onde ardiam as baquetas; uma pôs fogo no uniforme de um francês ferido que não conseguiu tirá-la e sua bolsa de munições explodiu e vomitou mais fumaça sobre a erva. Parecia que os mortos se estendiam até a metade do caminho para o povoado e Sharpe jamais vira um campo como aquele depois de uma batalha. O som realmente era como o de um campo depois de uma batalha, o som dos moribundos.

— Capitão Gilliland?

— Senhor?

— Agradeço-lhe por seus esforços. Diga a seus homens.

— Sim, senhor.

Gilliland o disse em voz baixa, como Sharpe. O oficial dos fuzileiros seguia olhando fixamente para o campo. Viu dois cavalos a meio caminho em direção do povoado, cavaleiros que observavam fixamente assim como ele. Atrás deles a infantaria francesa formava filas. Sharpe sacudiu a cabeça. Quinze canhões disparando metralha teriam causado mais destruição, mas havia algo naqueles sinais de queimaduras, os mortos queimados, os feridos e cadáveres dispersos; havia algo que era diferente de tudo o que ele já vira.

— Suponho que algum dia todos os campos de batalha serão como este.

— Senhor?

— Nada, capitão Gilliland. Nada.

Sacudiu a cabeça para se livrar daquele pensamento, deu a volta e viu ao corneteiro com o fuzil ainda pendurado no magro ombro. Sharpe o pegou, puxou para sacar a correia do braço esquerdo e seus olhos se encheram de lágrimas porque o garoto tinha uma bala de mosquete alojada na cabeça. Deve ter sido rápido, mas o garoto nunca chegaria a ser um fuzileiro.

O primeiro floco de neve caiu quando que Sharpe se afastou caminhando. Caiu suavemente; como o amor, parecia que hesitava, depois se assentou na cabeça do corneteiro. Derreteu, avermelhou e desapareceu.

A segunda trégua em um dia, uma trégua que duraria até as quatro em ponto. Desta vez o general se adiantou a cavalo com Dubreton para poder ver a esse Sharpe com seus próprios olhos, e concordou com a trégua de quatro horas porque sabia que nesse dia já não poderiam atravessar o desfiladeiro. Precisava

de tempo para traçar novos planos que compensassem a demora que lhe impunha aquele fuzileiro alto, com uma cicatriz no rosto austero. Necessitava de tempo para recolher os feridos da frente do castelo, tirá-los daquele lugar de carne queimada e erva abrasada.

Tantos feridos, tantos mortos. Sharpe tentou contá-los do torreão da guarita, mas os cadáveres povoavam densamente o vale, e escreveu em um pedaço de papel que simplesmente haviam destroçado mais de um batalhão inimigo. A maioria era de feridos que enchia a transbordar os aposentos dos médicos franceses, eram transportados nas ambulâncias ou nas macas lentas debaixo da neve que ia caindo.

A nordeste do povoado, apanhados em uma confusão de crategos, alguns lanceiros acharam um foguete que havia se apagado sem chegar a explodir. Levaram-no para Adrados, mas antes disso um deles viu cavaleiros sobre os cumes das colinas, viu a labareda de um mosquete e quando entregaram aquela arma ao major Ducos lhe comunicaram que havia um inimigo que acabava de chegar às colinas. Guerrilheiros.

Ducos se agachou sobre o foguete na pousada, examinou como era construído, separou o tubo de metal da cabeça para ver onde se havia separado a mecha. Endireitou-se, sua vista se desfocou e se perguntou o quanto teria queimado. Pensou que talvez fosse possível meter mais pólvora no cilindro e tentar disparar a arma. Começou tomando as medidas da cabeça do foguete, anotava as cifras em um papel com sua letra apertada; enquanto, no andar superior, os feridos gritavam quando os médicos lhes arrancavam as roupas carbonizadas da pele queimada.

No pátio do castelo os soldados ferveram água e a jogaram pelos canos dos mosquetes para tirar a sujeira dos depósitos de pólvora; encheram suas bolsas de munição, observaram como a neve ia coalhando e desejaram que os franceses já tivessem recebido o suficiente.

Nas masmorras do castelo Obadiah Hakeswill esfregava os pulsos onde tinha estado as cordas, sorriu para os demais prisioneiros e lhes prometeu escapar. Sob a luz opaca, afastado das tochas que iluminavam a escada de onde os guardas vigiavam, foi se arrastando pela parede do fundo, entre os excrementos e os charcos frios, até que se achou no canto mais escuro. Ali se levantou, sua nudez era pálida diante daquelas pedras escuras e seu rosto se contraiu ao puxar uma pedra elevada sobre o muro. Movia-se lentamente, em silêncio, sem querer

chamar a atenção. Ele tinha se recordado daquilo que todos pareciam ter esquecido.

Na colina da atalaia Frederickson escreveu algo em um pedaço de papel, depois o deu ao oficial francês.

— O endereço de meu pai. Sabe Deus se irei me reunir com Ele.

Pierre tinha um cartão e no verso escreveu seu endereço.

— Depois da guerra, talvez?

— O senhor acredita que acabará?

Pierre deu de ombros.

— Por acaso não estamos todos cansados dela?

Frederickson não estava, mas não achou correto dizê-lo.

— Depois da guerra, então?

Olhou para o lanceiro alemão que tinham capturado e em cuja lança içaram um sujo trapo branco. O lanceiro não estava contente, odiava portar a bandeira improvisada e Frederickson lhe falou em alemão.

— Se não a levar, sua própria gente vai disparar em você.

Voltou a olhar para Pierre e lhe falou em francês.

— Vai cumprir com todas as bobagens de sempre? Esperar a troca e não lutar contra nós até esse momento?

— Cumprirei com as bobagens de sempre — respondeu Pierre sorrindo.

— E não contar o que viu aqui em cima?

— Certamente que não. Ainda que não possa falar por ele — acrescentou Pierre olhando para o lanceiro.

— Ele não viu os foguetes na torre. Não pode dizer nada.

Frederickson sorriu contente depois de soltar aquela mentira, sabia que o sargento Rossner o havia descrito com muito detalhe ao lanceiro como eram os inexistentes foguetes que se amontoavam no cume da colina.

— Sinto que se vá, Pierre.

— O senhor muito gentil ao permitir que vá. Boa sorte! Para ver se nos vemos depois da guerra.

Frederickson se despediu. Olhou para um de seus sargentos.

— Um homem realmente agradável, esse.

— É o que parece, senhor.

— Também é sensato. Prefere a catedral antiga de Salamanca à nova.

— De verdade, senhor?

O sargento não tinha notado que existisse uma catedral em Salamanca, e menos ainda duas.

Frederickson se virou e viu o tenente Wise que subia por entre os arbustos.

— Muito bem, tenente! Alguma baixa?

— O cabo Baker perdeu um dedo, senhor.

— Da mão esquerda ou da direita?

— Da esquerda, senhor.

— Bem, ainda pode disparar um fuzil. Esplêndido! E quando ficarmos sem munições poderemos lançar bolas de neve! — dirigiu um sorriso brincalhão para o sargento. — Que se levantem em armas os quatro cantos do mundo, sargento, que os esmagaremos.

— Se nos dessem a oportunidade, senhor.

— Já nos chegará, sargento, já nos chegará!

Pelo norte do povoado, bem longe dos atiradores de primeira postados na colina da atalaia, desacoplavam do carro de munições duas baterias de canhões franceses. Que foram levados pelos cavalos, as munições ficaram amontoadas junto aos canhões e a neve coalhava sobre as balas e os sacos de sarja que continham pólvora. Os artilheiros eram fortes e confiantes. A infantaria havia fracassado e o general atuava com sensatez e havia chamado a artilharia. Não simplesmente a artilharia, mas a artilharia francesa, a arma de Napoleão. Todo artilheiro francês se orgulhava de que o imperador fosse um artilheiro. Um sargento limpou a neve do N coroado que havia na recâmara de um canhão, semicerrou os olhos e seguindo o cano da arma olhou para o convento. “Logo, querido — pensou —, logo”. Deu-lhe umas palmadinhas no canhão como se o monstro de bronze, ferro e madeira fosse um filho predileto.

Sharpe se dirigiu para o convento durante a trégua, suas botas foram

deixando pisadas sobre a neve e parou na porta para contemplar os canhões, canhões que o olhavam diretamente. Entrou, passou pela bétula que estava decorada de novo com uma delicada traceria de neve e achou impossível que tenha sido apenas na manhã anterior que ficara observando os fuzileiros alemães decorando os galhos desfolhados.

Falou com os oficiais, suas palavras os surpreenderam, fez que repetissem suas ordens e depois foi para as posições se assegurar de que tinham entendido. Os oficiais dos casacas-vermelhas se sentiram aliviados com suas palavras.

— Não vamos defender o convento, cavalheiros.

— Guarda algo na manga, senhor? — perguntou Harry Price sorrindo.

— Não, Harry.

Sharpe desceu e encontrou Harper.

— Patrick?

— Senhor? — sorriu o grandalhão.

— Tudo bem?

— Tudo bem, senhor. O que foi? — Sharpe lhe explicou e o irlandês consentiu com sua grande cabeça. — Os meninos ficarão encantados de voltar com o senhor, senhor, creio.

— Eu estarei encantado de tê-los comigo. Diga-lhes.

— Isso eles já sabem. Como está meu amigo o soldado Hakeswill?

— Apodrecendo nas masmorras.

— Foi o que ouvido. — Harper sorriu com zombaria. — Isso é bom.

— Já cravou o canhão?

— Já, não o poderão disparar tão cedo.

Harper tinha metido um prego no ouvido, depois o limara bem com a recâmara. Teriam que furar todo o ouvido, depois substituí-lo com uma cunha de ferro, na qual teriam que voltar a perfurar um ouvido, este se inseria desde o interior do cano e tinha que lhe dar forma para que cada disparo consecutivo da arma o afundasse. Harper se coçou uma têmpora.

— Acha que será esta noite, senhor?

— Ao anoitecer?

— Sim.

— Boa sorte.

— Os irlandeses não necessitam de sorte, senhor.

— Apenas se livrar dos ingleses, não? — disse Sharpe rindo.

Harper sorriu.

— Ora, senhor, como com a promoção já tem bom senso?

Sharpe regressou atravessando o vale, a neve caía com força, só eram visíveis umas poucas matas de capim sobre a branca capa. Ele pensava que os franceses atacariam o convento, ainda que houvesse a possibilidade de que o assentamento dos canhões tivesse a intenção de despistá-lo, mas não acreditava nisso. Os franceses necessitavam do convento para poder colocar seus canhões grandes atrás da proteção que proporcionavam seus muros e bombardear as muralhas norte do castelo. Depois iriam para buscar a atalaia, para que seus canhões pudessem disparar em cheio no pátio, e o que mais temia eram os *morteiros* que lançariam bombas muito altas pelo ar antes de cair sobre os defensores. Amanhã.

A neve rangia sob suas botas, e lhe cobria o rosto e também as antigas muralhas com um matiz branco que era curiosamente bonito. A neve havia apagado as manchas escuras da grama. Perguntava-se durante quanto tempo poderiam manter aquela posição. O tempo atrasaria qualquer ajuda e só lhes restavam quatrocentos foguetes. Gilliland não havia podido trazer mais pela necessidade de trazer os suprimentos do 69º, de toda maneira Sharpe não achava que usariam muitos mais foguetes na Entrada de Deus. Ele teve uma ideia para eles, uma ideia fruto do desespero, e já tinham servido a seu propósito, assim como as espoletas de ação rápida que tinha pegado de Gilliland com outra intenção. As espoletas eram para disparar porções de foguetes, e Gilliland não tinha gostado de perdê-las, mas já lhes chegaria a ocasião.

Acima no castelo, o médico dos fuzileiros serrava uma perna. Tinha retirado a pele que recobriria o toco, cortara o músculo atando os vasos sanguíneos e ia rápido com a serra curta. Alguns ordenanças prendiam o soldado sobre a mesa, o homem tentava conter os gritos mordendo um pedaço de couro dobrado que já aliviara a dor de outros quinze homens, e o cirurgião grunhia enquanto o osso se lascava e se pulverizava sob os dentes da serra.

— Já está quase lá, filho. Bom garoto! Bom garoto!

Na trincheira de onde se dispararam os foguetes, os fuzileiros alemães de Cross enterravam seus dois mortos. Tinham aprofundado a trincheira, depositaram os corpos dentro e os cobriram com rochas que impediriam as aves de rapina esgaravatar em busca de carne morta. Em cima amontoaram um pouco de terra e a observavam enquanto Cross pronunciava umas palavras tristes e pouco adequadas e depois, quando a neve foi salpicando a cova, cantaram a canção nova dos alemães nesta guerra, "*Ich hatt' einen Kameraden, Einen bess'ren finds du nicht..*". Sharpe, que estava na torre de homenagem, ouviu suas vozes. "Eu tive um companheiro, não poderia encontrar outro melhor".

O capitão Brooker estava de frente para Sharpe, tinha se barbeado, seu uniforme fora escovado e fez que Sharpe se sentisse sujo e desalinhado.

— A fatura, capitão?

— Quinze mortos, senhor. Trinta e oito feridos graves.

— Sinto muito. — Sharpe pegou o papel que ele lhe dava e o guardou em sua bolsa. — Munições?

— Um monte, senhor.

— Rações?

— Para dois dias, senhor.

— Esperemos que não dure tanto — disse Sharpe coçando seu rosto. — Portanto nos restam cento e oitenta soldados no castelo?

— Cento e oitenta e dois, senhor. Com os oficiais, certamente, são mais.

— Sim. — Sharpe sorriu tentando vencer as reservas de Brooker. — E temos que rechaçar a todo um exército.

— Sim, senhor — respondeu Brooker com tristeza.

— Não se preocupe, capitão. Esta noite teremos os noventa homens do convento.

— O senhor acredita, senhor?

Sharpe esteve a ponto de espetar que não teria dito se não acreditasse, mas se conteve. Necessitava da cooperação de Brooker, não de sua inimizade.

— E ainda há quase uns cento e cinquenta na colina da atalaia.

— Sim, senhor. — O rosto de Brooker era lúgubre, como o de um pregador metodista que revelasse as profecias do inferno.

— Verificou os prisioneiros?

Brooker não o tinha feito mas tinha medo de Sharpe.

— Sim, senhor.

— Bom. Só me faltavam esses sacanas. Mande alguns homens novos para a guarda desta noite.

— Devemos lhes dar de comer, senhor?

— Não. Que passem fome, esses sacanas. Tem horas, capitão?

Brooker sacou um pesado relógio do bolso.

— Quatro e quinze, senhor.

Sharpe se dirigiu até um grande buraco que havia na muralha, onde umas pedras haviam caído de uma seteira. A neve caía inclinada sobre o vale. Fora estava escuro, o céu era quase negro, as nuvens adiantavam o anoitecer. Abaixo de onde estava viu ao capitão Cross junto a uma tumba nova, menor, e viu um fuzileiro que outrora tinha sido um corneteiro levar o instrumento do garoto aos lábios. Primeiro tocou a chamada dos corneteiros, curta e simples; as notas se ouviram claramente pelo vale que escurecia. Depois, uma chamada longa, a pedido de Sharpe pelo garoto morto, a chamada que era para acertar a hora do relógio. Terminava com umas notas compridas, lentas, tocadas com doçura. *Ich hatt' Einen Kameraden.*

Ouviu uns pés na porta, uma tosse para chamar a atenção e Sharpe se virou e viu um fuzileiro.

— Sim?

— Cumprimentos do capitão Frederickson, senhor — disse, e lhe estendeu um pedaço de papel.

— Obrigado.

Sharpe o desdobrou. "Guerrilheiros ao norte, leste e sul. Santo e senha desta noite? Vou lutar ou não?" Desta vez estava assinado "Capitão William Frederickson, 5° bat., 60º, aposentado". Sharpe sorriu, pediu um lápis emprestado a Brooker e apoiou o papel na prateleira quebrada da seteira. "Santo e senha desta noite: paciência. Contrassenha: virtude. Espere seu combate ao amanhecer. Durante a noite não haverá patrulhas minhas ao leste do riacho. Boa caça. Richard Sharpe". Estendeu ao fuzileiro, o dispensou e depois lhe deu o santo e senha para Brooker.

— E é bom que avise aos sentinelas de que há guerrilheiros. Alguns talvez queiram entrar durante a noite.

— Sim, senhor.

E alegre-se um pouco, sacana, Sharpe tinha querido acrescentar.

— Vá, capitão Brooker.

Os minutos se sucediam. Os artilheiros afastavam a neve dos ouvidos dos canhões que logo estariam muito quentes para que houvesse sequer uma camada de neve de uma polegada sobre os canos de bronze. Cada canhão media mais de dois metros de comprimento entre rodas de um metro e meio de altura. Cada caixão de munições tinha quarenta e oito balas, as caixas da armação continham outras nove cada uma, e os artilheiros ficariam encantados de disparar todas essas balas até que o lado leste do convento desabasse para deixar entrar o batalhão de infantaria. O batalhão estava na retaguarda da coluna, permanecia intacto aos foguetes e atacaria com a última luz. Depois instalariam os canhões que ocultava a escuridão, abririam canhoneiras na muralha sul e estes monstros de doze libras tomariam o castelo sozinhos. Que deixassem para os artilheiros que lhes mostrariam como tinha que ser feito.

As cinco para as quatro o vale parecia estar deserto. Alguns soldados da colina estavam atrás da muralha, os outros estavam em buracos pouco profundos que tinham ideado debaixo dos arbustos, ocultos dos franceses do povoado.

Sharpe subiu para a guarita do torreão golpeando os pés contra a neve fria e falou com os fuzileiros que estavam ali postados.

— Já deve estar quase na hora.

Meteram as bolsas de sarja nos canhões, depois a bala que estava presa ao calço de madeira que se queimaria no voo. Empurraram os furadores nos ouvidos para esburacar as bolsas de pólvora, depois empurraram a fundo o tubo de escorvar; a inclinação do ouvido fez que os canhões se inclinassem para frente para que fossem expulsas nessa direção. O coronel olhou para seu relógio. Dois para as quatro.

“Malditos sacanas. Fogo!”

Oito canhões retrocederam de golpe, oito armações sacudiram a neve limpa, as dotações se puseram ao mesmo instante a trabalhar e endireitaram os canhões

com alavancas e cordas. Outros homens passavam as esponjas sobre os canos que sussurravam, outros preparavam a carga seguinte.

Os primeiros disparos quicaram a noventa metros do convento, subiram e atingiram a muralha. À medida que os canos fossem se esquentando, esse primeiro bote se deslizaria para o convento até que não houvesse pulo algum.

— Fogo!

Os canhões estavam ocultos da guarita, mas as chamas altas da boca expeliam lampejos vermelhos sobre a neve e Sharpe observava o resplendor de cada descarga vermelho-pálido sobre aquela brancura. Iam bem. Os disparos se faziam mais rápidos, o ritmo se igualava ao de uma equipe de artilheiros bem treinados em que cada homem conhece seu trabalho, e todos os homens se orgulhavam de fazê-lo bem, e o vermelho relampejava, as balas se estrelavam contra o convento e o muro, que não era defensivo, rachou e caiu.

— Fogo!

A fumaça se dirigia para o convento lentamente, com a neve que caía, e os flocos sussurravam ao tocar nos canos quentes, e de novo os canhões retrocediam de uma sacudida, as rodas retrocediam, e outra vez a dotação os arrastava, atacava, escorvava, disparava e as portas do convento tinham desaparecido.

— Fogo!

Parecia que cada descarga tingia de vermelho a nuvem que se elevava, de tal maneira que o céu era negro cinzento, o vale branco e o extremo norte todo vermelho.

— Fogo!

O som retumbava nas colinas, sacudia a neve dos beirais das casas do povoado e provocava o tilintado dos copos na cozinha da pousada.

— Fogo!

Parte do muro desmoronou, a poeira parecia fumaça, e a bala seguinte atravessou uma parede interna, rompeu o gesso e a pedra velha, e os canhões voltaram a retroceder de golpe, as dotações suavam apesar do frio e o coronel de artilharia sorria satisfeito com seus homens.

— Fogo!

O claustro superior se abria para o vale, o convento foi demolido pelo

canhoneio e a primeira fumaça acre das primeiras descargas vagava entre as colunas partidas e as talhas caídas.

— Fogo!

Acertaram a bétula no tronco, pareceu como explodisse pelo ar, as raízes arrancaram lajotas e neve e os botões e fitas que a decoravam caíram ao piso junto com ela.

— Fogo!

O gato, que havia se movido com extremado silêncio pelas lajotas na manhã de Natal, sussurrava e mostrava as garras no porão, tinha o pelo eriçado. Parecia que o edifício tremia ao seu redor.

— Fogo!

Um fuzileiro que estava na guarita indicou.

— Senhor?

O batalhão francês avançava pela borda norte do vale, suas casacas azuis escuras sob a penumbra, lá onde a fumaça rodava sobre a neve.

— Fogo!

A última descarga derrubou uma arcada talhada, fez que as telhas do telhado caíssem como uma avalancha de barro e neve e os *voltigeurs* lançaram vivas. Correram com torpeza pela neve e os primeiros mosquetes dispararam contra o convento.

— Agora — disse Sharpe. — Agora!

— Senhor?

— Nada.

Já estava quase era escuro, tanto, que a penumbra incomodava os olhos.

Os defensores do convento, refugiados no claustro interno, correram como tinha lhes ordenado que fizessem. Para cima pela escada, para cima pela rampa do claustro mais afastado dos canhões e depois para seus postos. Uma descarga, mosquetes e fuzis punçando no anoitecer, e então saltaram. Alguns desceram pelos entulhos até o claustro superior, subiram pelos destroços do muro e se apressaram para o castelo. Outros saltaram do telhado, caíram com torpeza sobre o declive coberto de neve e também correram para pôr-se a salvo nas muralhas. Sharpe olhou vale acima. Não havia cavalaria, não havia necessidade de enviar

as três companhias de casacas-vermelhas para cobrir a retirada.

Os franceses viram que partiam, aclamaram, dispararam algumas descargas de despedida e depois o batalhão avançou sobre os destroços ocasionados pelos canhões e os vivas franceses se ouviram no o vale, pois tinham conseguido sua primeira vitória.

O coronel queria trasladar os canhões com rapidez para o convento. Os *morteiros,* que não haviam disparado, já estavam engatados aos cavalos.

O batalhão entrou em tropel no convento, encontraram os barris de vinho que Sharpe lhes havia deixado, barris com os quais deviam se embebedar e ficar inúteis. Os oficiais também os viram, apontaram com suas pistolas e fizeram saltar os fundos e o vinho se derramou sobre a neve.

— Movam-se! Movam-se! Movam-se!

Era necessário abrir um caminho para os canhões.

Os defensores do convento entraram pela arcada do castelo. Um dos homens tinha torcido o tornozelo ao cair e coxeava, outro amaldiçoava porque tinha uma bala de mosquete no traseiro. Sua explicação provocou uma risada.

Sharpe se inclinou por cima do torreão para o interior do pátio.

— Façam a chamada!

Os fuzileiros informaram primeiro.

— Todos presentes!

Os fuzileiros de Cross.

— Presentes!

— Tenente Price?

O tenente estava pálido quando levantou a vista.

— Falta Harpe, senhor!

Sua voz denotava incredulidade. Ao seu redor, os homens da companhia de Sharpe levantaram a vista até o torreão e em seus rostos cabia a esperança de que Sharpe pudessem conseguir um milagre.

A voz do tenente Price era de angústia.

— Ouviu, senhor?

— Eu o ouvi. Bloqueie a entrada.

Estavam boquiabertos.

— Senhor?

— Disse para bloquearem a entrada! — gritou Sharpe com raiva.

Virou-se e a neve flutuava suavemente no anoitecer, flutuava pelas muralhas e pousava sobre as tumbas, caía pelo desfiladeiro de onde tinha de vir a ajuda e se acumulava sobre o destroçado muro leste do convento.

Harper havia dito que os irlandeses não necessitavam ajuda. Sharpe voltou para trás quando se ouviram disparos de mosquete procedentes do interior do convento de onde o único que não havia escapado fora o sargento Patrick Harper.

O tenente Price estava no torreão, ofegando depois de subir correndo pela escada caracol.

— Estava conosco, senhor! Eu não vi que lhe ocorresse nada!

— Não se preocupe, Harry.

— Podemos regressar de noite, senhor! — disse Price ansioso.

— Eu disse que não se preocupe, Harry.

Sharpe se ficou olhando fixamente para o norte o crepúsculo fumegante.

Ich hatt' Einen Kameraden, Einen bess' renfindst du nicht.

Na guerra, como no amor, poucas são as campanhas que se desenrolam exatamente como se havia planejado, e o general francês reconsiderou seus planos anteriores junto ao fogo da pousada.

— O objetivo segue sendo o mesmo, cavalheiros, atrair os britânicos para o norte. Se não pudermos chegar a Vila Nova, ainda podemos chegar a Barca d'Alva. O efeito será o mesmo. — Virou-se para o coronel de artilharia. — Quando seus canhões estarão posicionados?

— À meia-noite, senhor.

Tinha que colocá-los dentro do convento, fazer canhoneiras na muralha sul, mas o trabalho ia rápido. Haviam temido que os britânicos enviassem fuzileiros para atrapalhar o progresso, mas não foi assim.

— Bom. O amanhecer será quando?

— As sete e vinte e um minutos — respondeu Ducos sempre tão exato nestas questões.

— Que noites mais compridas! Contudo já as conhecíamos quando começamos. — O general tomou um trago de café turvo, voltou a olhar para o artilheiro. — *Morteiros,* Louis. Não quero que nem um só homem esteja em condições de se mover naquele pátio amanhã.

O coronel sorriu.

— Senhor. Posso pôr mais dois lá.

— Faça-o. — O general sorriu para Dubreton. — *Merci,* Alexandre. — Pegou o charuto que lhe oferecia, com o indicador e o polegar fez girar o charuto e aceitou fogo. — Quando podemos abrir fogo?

O artilheiro deu de ombros.

— Quando o senhor quiser, senhor.

— Às sete? E pomos outras duas baterias mais no extremo sul do povoado para disparar diretamente pela brecha, certo? — o coronel consentiu. — Metralha, Louis. Isso deterá seus malditos foguetes. Não quero que nenhum homem fique vivo se abandonarem o refúgio das muralhas.

— Não o farão.

— Mas seus artilheiros estarão a um tiro daqueles malditos fuzileiros da colina.

O general falava lentamente, pensava em voz alta.

— Acho que devemos mantê-los ocupados. O senhor acha que têm foguetes? — perguntou a Dubreton.

— Não, senhor, não o acredito. Não sei como poderiam dispará-los entre os crategos.

— Eu tampouco. Portanto, enviaremos um batalhão colina acima, hem? Manterão os fuzileiros ocupados.

— Só um, senhor?

O fogo crepitava na lareira, algumas faíscas saltavam nas botas que se secavam diante das chamas e os planos foram se traçando meticulosamente. Um batalhão, reforçado com *voltigeurs,* assaltaria a atalaia enquanto dois canhões de doze libras, em lugar de penetrar no convento, coalhariam os crategos de

metralha para matar os casacas-verdes que estavam ocultos. Os *morteiros* do convento converteriam o pátio do castelo em um lugar mortífero, ao mesmo tempo em que os canhões situados ao sul do povoado varreriam os entulhos e o terrapleno para que não se pudesse trasladar nenhum foguete até os lançadores. E a infantaria, protegida pelos canhões, voltaria a atacar no meio da manhã empunhando suas baionetas contra uma guarnição destroçada e desmoralizada. Então os franceses poderiam avançar para a ponte de Barca d'Alva, para a vitória. O general levantou uma taça de conhaque.

— Pela vitória em nome do imperador.

Murmuraram o brinde, beberam e apenas Dubreton manifestou uma dúvida.

— Abandonaram o convento muito alegremente.

— Tinham poucos homens ali, Alexandre.

— Verdade.

— E meus canhões os tinham abrandado — acrescentou o coronel de artilharia sorrindo.

— Verdade.

O general voltou a levantar a taça.

— E amanhã venceremos.

— Verdade.

A brisa levantava a neve e a amontoava no interior do pátio do castelo. Os flocos sussurravam ao cair no fogo, fundiam-se sobre os lombos dos cavalos do esquadrão de foguetes que estavam em tropel no interior do pátio da torre de homenagem, umedeciam e esfriavam os gabães dos homens que escrutinavam à noite e temiam um ataque proveniente da escuridão. Envolveram com trapos as caçoletas dos mosquetes e fuzis, para impedir que a umidade alcançasse a pólvora. Haviam acendido fogueiras no convento e as chamas mostravam o lugar onde os soldados franceses forcejavam na velha entrada, lançando pedras e golpeando-as para convertê-las em uma tosca rampa pela qual se pudessem empurrar os canhões. De vez em quando, um disparo de fuzil estalava no vale e a bala fazia saltar lascas de pedra junto aos franceses ou feria algum homem que amaldiçoava e caía ao solo. Os franceses protegiam a praça com um caixão vazio de munições e os fuzileiros reservavam sua munição. Outros fuzileiros, da

companhia de Frederickson, patrulhavam vale adentro. Tinham ordens de manter os franceses acordados, disparar para as luzes, das sombras, prolongar durante a noite o nervosismo do inimigo, enquanto sobre a colina os casacas-vermelhas amaldiçoavam e maldiziam e se perguntavam que louco tinha de lhes ordenado procurar tocas na escuridão. Tocas!

Os homens dormiam inquietos, com os uniformes meio secos graças às fogueiras e com os mosquetes sempre à mão.

Alguns se despertavam na escuridão, perguntavam-se onde estavam e quando o recordavam o medo frio regressava. Estavam em um mau lugar.

O major Richard Sharpe parecia estar distraído; era educado, estava atento a todo detalhe, mostrava-se reservado a respeito dos planos imediatos. Esteve na casinha do torreão até meia-noite, até que parou de nevar, e logo se reuniu com sua companhia para comer um pouco de boi cozido. Daniel Hagman lhe havia assegurado que Harper sobreviveria, mas o velho caçador ilegal o dissera com pouca convicção e Sharpe simplesmente lhe havia sorrido.

— Eu sei, Dão. Eu sei.

A voz de Sharpe também refletia pouca esperança.

Sharpe caminhou pelas muralhas, falou com todos os sentinelas e o cansaço lhe provocava dor em todo o corpo. Necessitava sentir calor, queria dormir, teria desejado contar com a presença enorme e genial de Harper no castelo, mas sabia que também dormiria pouco aquela noite. Uma ou duas horas, talvez, amontoado em qualquer canto frio. O quarto que Farthingdale havia feito seu, o quarto com chaminé, tinham deixado para os feridos e nenhum homem no vale passou pior noite que eles.

O ar era frio; a neve aparecia quase luminosa sobre o vale, como um lençol branco que atraiçoaria qualquer movimento do inimigo. Os sentinelas lutavam para se manter acordados nas muralhas, escutavam as pisadas dos sargentos e se perguntavam o que lhes traria o amanhecer.

Para o sul um resplendor na neve, um rubor vermelho indicava onde os guerrilheiros passavam a noite. Em algum lugar, só uma vez, uma raposa proferiu um uivo soluçante similar ao de um fantasma na noite alta e escura.

A última visita aos sentinelas foi aos que defendiam a brecha na parte sul da torre de homenagem. Olhou para os arbustos da colina cobertos de neve e percebeu que, no dia seguinte, se os esmagassem, aquela era a rota para escapar.

Muitos nunca chegariam a ela, jazeriam mortos no castelo; lembrou-se do inverno de quatro anos atrás quando conduzira a única companhia de fuzileiros, com um tempo pior que aquele, em uma retirada tão desesperada como seria a de amanhã. Muitos desses homens já haviam morrido, mortos pela doença e pelo inimigo, e Harper fora um dos homens que tinha aberto caminho para o sul pelas neves de Galiza. Harper.

Foi para a escada que descia reta e ampla para as masmorras. Os soldados que estavam levemente feridos vigiavam os prisioneiros e o faziam entre um fedor nauseabundo, que provinha dos corpos sujos e do amontoamento na escuridão. Os guardas estavam nervosos. Não havia porta que desse para as masmorras, apenas a escada, e haviam posto uma barricada que lhes chegava ao peito na parte inferior dos degraus e a iluminavam com tochas que deixavam ver a umidade escorregadia do piso mais próximo. Cada guarda tinha três mosquetes carregados e engatilhados para que nenhum prisioneiro tivesse tempo de subir pela barricada antes que uma bala o derrubasse. Os guardas gostaram de ver Sharpe. Sentou-se com eles na escada.

— Como estão?

— Gelados, senhor.

— Isso os manterá tranquilos.

— Me dá arrepios, senhor. Sabe aquele sacana?

— Hakeswill?

— O que tinha fugido.

Sharpe olhou entre a escuridão além das tochas. Via os corpos seminus amontoados para dar-se calor, viu que alguns olhos brilhantes o olhavam desde o monte, mas não via a Hakeswill.

— Onde está?

— Está lá no fundo, senhor.

— Não lhes causa problemas?

— Não.

O homem cuspiu um fiozinho de saliva de tabaco pela borda do degrau.

— Dissemos que caso se aproximassem a três metros da barricada, dispararíamos. — Palmeou a culatra do mosquete capturado dos homens de Pot-

au-Feu.

— Bom. — Olhou para meia dúzia de homens. — Quando os substituem?

— Pela manhã, senhor. — Respondeu o porta-voz.

— O que têm para beber?

Eles sorriram e levantaram os cantis.

— Rum, senhor.

Desceu a escada e deu um empurrão na barricada. Parecia bastante firme, uma mistura de pedras e vigas velhas, e observou na escuridão e entendeu por que aquele lugar úmido podia aterrorizar a qualquer um. Chamavam-no de masmorra, ainda que na realidade fosse um porão enorme que se ramificava, com arcos baixos de pedras maciças, mas sem dúvida era um lugar onde haviam morrido homens durante séculos. Como o homem ao qual Hakeswill tinha matado ali mesmo, como os prisioneiros árabes que tinham defendido sua fé recusando se converter apesar das facas, dos potros, dos ferros candentes e das correntes dos cristãos. Perguntou-se se alguém teria sido feliz naquele lugar, se alguém teria rido alguma vez.

Era a sepultura da alegria, fazia séculos que não entrava o sol, e regressou aos degraus e se alegrou de abandonar aquele lugar.

— Sharpy! Dick Sharpy!

Ouvia a voz atrás dele, uma voz que Sharpe conhecia muito bem. Não se importou com Hakeswill, começou a subir a escada, mas ouviu o cacarejo, a zombaria.

— Fugimos, não, Sharpy?

Mesmo sem querer, Sharpe se virou. A figura se arrastou até a luz da tocha, com o rosto crispado e o corpo envolvido em uma camisa que tinha tirado de outro prisioneiro. Hakeswill se deteve, apontou para Sharpe e deixou ouvir seu riso como um cacarejo.

— Acha que ganhou, hem, Sharpy?

Seus olhos azuis brilhavam estranhamente sob as chamas da tocha, enquanto o que cabelo grisalho e a pele amarela eram pálidos como se a totalidade do corpo de Hakeswill, exceto seus olhos, fossem um volume de lepra.

Sharpe voltou a se virar e falou em voz bem alta aos sentinelas.

— Caso se aproxime a cinco metros da barricada, disparem.

— Disparem! — gritou Hakeswill. — Disparem! Você, sifilítico, filho de uma puta sifilítica, Sharpe! Sacana! Deixa que outros façam o trabalho sujo por você? — Sharpe virou-se a meio caminho da escada e viu a Hakeswill que sorria para os guardas. — Acham que podem me matar, garotos? Tente, venha! Tente agora! Aqui estou! — estendeu bem os braços nus, sorrindo com cinismo, a cabeça erguida de novo sobre o comprido pescoço. — Não podem me matar! Podem atirar em mim, mas não podem me matar! Irei buscá-los, garotos, apertarei seus corações na escuridão. — Juntou as mãos. — Não podem me matar, meninos. Muitos já tentaram, inclusive esse sacana sifilítico que chama a si mesmo de major, mas ninguém me matou. E nunca o farão. Nunca!

Os guardas estavam intimidados pela força de Hakeswill, pela apaixonada convicção que denotava sua voz, por seu ódio.

Sharpe o olhou, odiava-o.

— Obadiah? Mandarei sua alma ao inferno em quinze dias.

Os olhos azuis deixaram de pestanejar, o espasmo desapareceu e Hakeswill levantou lentamente a mão direita e apontando para Sharpe.

— Maldito Richard Sharpe. Eu lhe amaldiçoo. Eu lhe amaldiçoo pelo vento e a água, pela névoa e o fogo, e enterro seu nome na pedra.

Pareceu que a cabeça começaria a tremer, mas Hakeswill fez uso de toda sua vontade e o espasmo se limitou a uma vibração da boca apertada, uma vibração seguida de um grande grito de raiva.

— Enterrarei seu nome na pedra!

Regressou para as sombras.

Sharpe observou como partia, virou-se e, depois de umas palavras com os guardas, subiu para a parte mais alta da torre de homenagem. Subiu a escada caracol até dar com o ar frio e limpo das montanhas e respirou profundo como se pudesse purificar sua alma de todas as más obras. Temia uma maldição. Oxalá tivesse levado seu fuzil, pois na culatra havia praticado uma incisão em que a madeira não ficava coberta pelo verniz, e teria podido tocá-la para se prevenir da maldição. Temia as maldições. Era uma arma do diabo que sempre provocava desgraças entre as pessoas que jogavam a maldição, mas o futuro de Hakeswill era péssimo, portanto podia pronunciar as palavras.

Um homem podia lutar contra balas e baionetas, inclusive contra os foguetes se os conhecesse, mas ninguém sabe como se proteger dos inimigos invisíveis. Sharpe teria desejado saber como conjurar a sorte, a deusa dos soldados, mas era uma deidade caprichosa, sem lealdades.

Ocorreu-lhe que se pudesse ver pelo menos uma estrela, só uma, a maldição desapareceria, e se voltou e escrutinou o céu escuro, mas não achou nada senão nuvens plúmbeas; examinou-o desesperadamente em busca de uma estrela, mas não havia estrelas. Então uma voz lhe chamou do pátio, o requeriam, e desceu a escada caracol à espera da manhã.

Na Entrada de Deus havia fantasmas, era o que dizia a gente de Adrados e assim acreditavam também os soldados ainda que ninguém lhes tivesse dito. As construções eram muito velhas, o lugar muito remoto e a imaginação dos homens muito receptiva. O vento ressoava entre as pedras desmoronadas, sussurrava nos arbustos, soluçava na borda do desfiladeiro. Quatro sentinelas franceses estavam junto ao canhão nos porões do convento. Olhavam fixamente para o castelo até que uma rajada de vento lhes escureceu a visão, esta levantava a neve e a inchava como a uma vela projetada sobre a borda do desfiladeiro e, por momentos, o espaço escuro entre o convento e o castelo se inundou de um branco belo e brilhante.

E atrás deles, detrás do canhão cravado, amontoavam-se as caveiras, matéria de fantasmas, e os soldados tremiam e observavam os sentinelas britânicos das muralhas, cujas silhuetas recortavam os fogos que ardiam no pátio do castelo. Outra rajada de vento lançou a neve como se fosse um fantasma branco, formando penachos ondulantes que se afastaram para o oeste para voltar a pousar sobre o desfiladeiro.

As marretas soavam por cima deles e os choques ficavam amortecidos pelas pedras. Os artilheiros já teriam suas canhoneiras no muro sul.

Um dos franceses fumava em pipa curta e apoiava a costas comodamente contra as caveiras, e quem o viu se benzeu.

— Vapor — disse um deles.

— O quê?

— Estava pensando. Vapor, isso é o que eram. Vapor.

Estavam falando da estranha arma que havia destroçado a coluna. Um deles

cuspiu na escuridão.

— Vapor — insistiu convencido.

— Já viu alguma vez uma máquina de vapor? — perguntou o primeiro homem.

— Não.

— Eu vi uma em Ruán. Muito ruído! Como o desta manhã! Fogo, fumaça, ruído. Tem que ser vapor!

Um recruta novo que quase não tinha falado se armou de coragem para dizer algo:

— Meu pai diz que o futuro está no vapor.

O primeiro homem o olhou, indeciso ao receber a corroboração de alguém sem bigode. Mas a aceitou de bom grado.

— Vê! Eu lhe disse! Eu vi uma em um moinho. Uma sala tremendamente grande com umas vigas enormes que subiam e desciam e fumaça por toda parte. Era o inferno, um autêntico inferno! — meneou a cabeça dando a entender que tinha visto coisas que os outros não tinham visto, horrores que eles não poderiam entender, ainda que na realidade o que ele havia vislumbrado tinha sido bem pouco e lhe tinha sido também incompreensível. — Seu pai tem razão, menino. O vapor! Chegará a toda parte.

Outro homem começou a rir.

— Terá um mosquete a vapor, Jean.

— E por que não? — o homem dava asas a sua visão do futuro. — Infantaria a vapor. Eu lhe digo, que haverá! Viu o que ocorreu esta manhã.

— Eu me conformaria com uma puta a vapor agora mesmo.

Ouviu-se um estouro no exterior, um grito, e parte do muro caiu sobre a neve. O homem da pipa exalou a fumaça que se meteu pela passagem.

— Deveriam bloquear esse buraco.

— Deveriam enviar-nos para a maldita Salamanca.

Ouviram umas pisadas no porão de detrás e Jean olhou entre as caveiras.

— Oficial.

Amaldiçoaram em voz baixa, estiraram os uniformes e adotaram a atitude de

estar observando continuamente a neve do exterior. O tenente parou no canhão.

— Há algo?

— Não, senhor. Tudo tranquilo. Suponho que estão metidos na cama.

O oficial passou o dedo pelo prego que havia no ouvido do canhão.

— Logo acabará, meninos.

— Foi isso que lhes disseram, senhor — disse o da pipa indicando com o tubo para as caveiras das freiras.

O tenente as olhou.

— Horripilante, não?

— Não nos incomoda, senhor.

— Bem, logo terá acabado. Lá em cima temos quatro *morteiros*. Teremos mais quatro canhões. Estão sendo colocados. Uma hora mais e abriremos fogo.

— E depois, senhor? — perguntou Jean.

— Depois nada! — respondeu sorrindo. — Vigiamos os canhões e observamos o ataque.

— De verdade, senhor?

— Verdade.

Os soldados sorriram brincalhões. Seriam outros que combateriam e morreriam. O tenente se assomou pela brecha e viu que a neve nublava o cume do desfiladeiro.

— Logo terá terminado.

A hora passou lentamente. Acima deles, os artilheiros preparavam os utensílios para seu trabalho: saca-trapo, atacantes, escovilhões, baldes, furadores e mechas. Os *morteiros*, canhões muito gorduchos, apontavam para o ar e os artilheiros se queixavam deles. Eram de curto alcance e os oficiais discutiam quanta pólvora deviam pôr em cada canhão. Os artilheiros esperavam com pás de cabo comprido para alimentar as bocas dirigidas para o céu que lançariam as bombas de seis polegadas sobre o vale. Haviam utilizado a bétula como combustível para as fogueiras que ardiam no pátio inferior.

Pelo leste apareceu a tênue luz de uma tira de céu sobre o horizonte; um falso amanhecer que poucos podiam ver salvo os soldados que se achavam na

atalaia da colina. Para os quatro sentinelas que voltavam a ficar sozinhos no poço das caveiras e dos ossos, a noite era total. Parecia que o amanhecer não chegava nunca, que se achavam apanhados até a eternidade naquele lugar frio, escuro, onde as caveiras dos mortos chegavam até o teto, e eles tremiam, observavam a noite por cima da neve e desejavam ver o amanhecer. Um deles ficou de repente alarmado.

— O que foi isso?

— O quê?

— Um ruído! Aí dentro. Escute!

Escutaram. O recruta sacudiu a cabeça.

— Um rato?

— Cale a boca!

Jean, perdido o entusiasmo de uma hora atrás, reclinou-se sobre a roda do canhão.

— Ratos. Deve haver milhares. De toda maneira, não sei como diabos pode ouvir algo com todas esses porretadas lá em cima. O que fazem lá? Terça-feira de carnaval?

Os artilheiros estavam pregando as armações dos canhões de doze libras para apontá-los para o mesmo lugar na muralha do castelo.

O coronel de artilharia havia cavalgado até o convento e, esfregando-se as mãos, sorriu para seus homens.

— Tudo pronto?

— Sim, senhor.

— Quanta pólvora nos *morteiros?*

— Meia libra, senhor.

— É demasiada, ainda. Esquentará os canhões. Deus! Faz frio aqui.

Foi até a capela, aberta agora para o sul, e viu dois de seus canhões de doze libras que tinham sido trasladados atravessando a porta que tivera que ser alargada e que apontavam para o castelo através dos vãos abertos.

— Aqueles fuzileiros lhes preocupam?

— Não, senhor.

— Esperemos que os sacanas disponham de pouca munição.

Atravessou os restos da capela e encontrou um curioso pedaço de granito que sobressaía do piso. O extremo deste era liso e brilhante e se perguntou o que fazia ali; era típico dos malditos espanhóis não limpar bem um lugar antes de construir o convento, ainda que o porquê se tivesse construído um convento naquele lugar perdido era algo que não entendia. Regressou até a porta.

— Muito bem, garotos! Foi um bom trabalho trazê-los até aqui dentro!

Na realidade o era.

No claustro olhou para o leste e viu o primeiro vermelho pálido do verdadeiro amanhecer. A camada de neve sobre as ruínas do convento era de cinco centímetros.

— Perfeito! Provemos os *morteiros!* Longo demais, já verão!

Um capitão gritou para um tenente postado no telhado que observasse onde caía o disparo, e depois deu a ordem de disparar e quatro bota-fogos tocaram quatro mechas. Pareceu que os *morteiros* queriam se enterrar no chão e o ruído fez a neve cair das telhas, a fumaça era densa e asfixiante e o tenente que estava no telhado gritou para o pátio.

— Duzentos, longo!

— Eu disse!

De manhã na Entrada de Deus. O som dos *morteiros;* o risco repentino e imperceptível das mechas que ardiam jogadas contra o ar, caiam e as bombas quicavam na ladeira da colina, ao sul da torre de homenagem, rodavam e depois explodiam espalhando fumaça suja. Traços negros salpicavam a neve, os crategos rangiam com os fragmentos expelidos.

Em resposta dispararam os canhões de doze libras, golpearam a gessaria da capela e saltaram lascas de pintura dourada que brilhava entre a poeira do piso. Aquele disparo sólido se estrelou contra a muralha do castelo, arrancou grandes fragmentos e Sharpe, desde o torreão, gritou para as muralhas abaixo.

— Não disparem até receberem minha ordem!

Mais de cinquenta fuzileiros se alinhavam na muralha norte. Sharpe os havia postado ali e lhes proibira de disparar para as canhoneiras desiguais que acabavam de ser abertas entre as chamas e a fumaça na escuridão da manhã.

O disparo dos canhões era um sinal; perturbou o sono de todo o vale, avisou que a morte voltava à Entrada, mas, sobretudo, era o sinal para um homem. Espreguiçou sua maciça musculatura, perguntando-se se o frio a teria inutilizado, e rezou para que se produzisse uma descarga mais ensurdecedora dos canhões que estavam acima dele. Na mão direita enroscava o gatilho da arma de sete canos.

Sharpe e Harper não tinham dito a ninguém o plano, a ninguém, pois um prisioneiro capturado durante a noite poderia tê-lo contado. Harper fizera um refúgio entre os ossos, um refúgio que cobriu com cobertores e que era suportado por uma mesa de pernas encurtadas para que o irlandês coubesse estirado. Quando Price havia gritado a ordem de correr, Harper a repetiu, havia feito os homens avançarem a empurrões, depois se ocultou na penumbra e havia observado como seus companheiros saíam do convento precipitadamente. Ninguém havia sentido sua falta, estavam todos atentos para escapar dos franceses cujos gritos se percebiam do outro lado do muro destroçado e Harper tinha regressado para o ossuário. Arrastou-se para debaixo do refúgio de madeira, envolveu-se nos cobertores, amontoou as caveiras diante de seu rosto e ficou a esperar.

O frio, a escuridão mais absoluta e a cercania da morte o rodeavam; agarrava-se à cruz e inclusive chegou a cochilar um pouco. Algumas vezes escutava as vozes que estavam a poucos centímetros dele e tentava calcular quantos homens teria que matar.

Seu esconderijo ficava em um extremo do passadiço, no fundo do ossuário, e havia se assegurado que o peso que tinha em cima não fosse excessivo. Tocava a pederneira da arma de sete canos, perguntando-se por que os canhões não voltavam a disparar. Então o fizeram e lançaram aquele retrocesso que fazia tremer as pedras do convento.

Os quatro sentinelas ouviam que os ossos se sacudiam quando os canhões disparavam. Olhavam para o outro lado do vale para ver onde caiam as bombas.

Harper grunhiu ao carregar sobre suas costas o peso da mesa e dos ossos; o gemido se converteu em um grito de guerra ao se levantar e o jovem recruta foi o primeiro em ver que os mortos se moviam. As caveiras caíram, caras que sorriam ironicamente se moviam entre o monte de ossos que se elevavam na escuridão. Os outros sentinelas giraram quando os ossos caíram em cascata e uma figura escura, sem dentes assim como as caveiras, aproximava-se deles

desde o ossuário.

O berro de Harper foi abafado pelo estrondo da arma de sete canos, a boca chamejava lívida na penumbra do ossuário, a fumaça era branca como as caveiras e os sentinelas nem ao menos tiveram tempo de girar seus mosquetes para aquela súbita aparição. Dois morreram no ato, com balas na cabeça, um terceiro saiu expelido para trás com um golpe no peito e apenas um recruta ficou a salvo.

Harper cambaleou com o retrocesso da arma e tropeçou em uma caveira que rangeu sob o salto de sua bota e o recruta balbuciou assustado.

— Calma, menino — grunhiu o irlandês. — Fique quieto.

Girou a pesada arma, a culatra avançou uma vez e o recruta caiu em um silêncio inconsciente. Harper deu uma olhada nos outros três, mas nenhum ia incomodá-lo. Então se dirigiu para o passadiço que levava ao interior do convento.

Silêncio. Nem gritos de alarme, nem pisadas, mas tampouco queria que o molestassem, assim que, com uma desculpa murmurada aos mortos, encostou o ombro em um dos grandes montes de ossos e empurrou. Cambalearam mas estavam bem encaixados entre si, perguntou-se se talvez o frio lhe tivesse minguado as forças e voltou a empurrar. Sentiu que se moviam, que se entrechocavam e rangiam, e gemeu ao mesmo tempo em que punha todas suas forças contra aqueles ossos que de repente desabaram no passadiço. Precipitou-se contra aquela destruição, os ossos rangeram debaixo de seus pés e puxou as partes do ossuário que ainda se aguentavam. Estendeu a mão por cima e introduziu os dedos nas órbitas vazias, arranhou dentes amarelados e outro monte se desabou. Seguiu puxando até que a obstrução foi mais alta que ele e até que uma voz no extremo oposto gritou nervosa algo na escuridão. Ele não se importou. Voltou até os sentinelas e encontrou, junto ao homem ferido, uma pipa caída, seu tabaco ainda aceso; Harper a recolheu, chupou até que reanimou a brasa e depois voltou para seu esconderijo.

Levantou a mesa, afastou de lado alguns ossos com o pé, e no muro, pendurando como uma trouxa de barbantes brancos, estavam as mechas. Estas iam até alguns barris de pólvora amontoados sob o piso do extremo leste do convento; barris de pólvora que o próprio Harper havia colocado durante três horas longas e frias nas quais se arrastara na mais absoluta escuridão. Amontoou rochas ao redor dos barris e depois levou as mechas até o ossuário.

Ouviu mais vozes que lhe gritavam, vozes que se fizeram calar e um oficial gritou. Harper não entendia o que diziam, mas ele respondia.

— *Oui?*

Fez-se um segundo silêncio.

— *Qui vive?*

— Hem?

Aproximou a pipa resplandecente das mechas e pareceu que o fogo lhes saltava em cima, cuspiram faíscas e fumegaram, e ele ficou só um segundo ou dois para se assegurar que o fogo tivesse acendido. O convento estava sentenciado. Um minuto. Menos.

Retrocedeu por cima dos ossos, inclinou-se para pegar a arma de sete canos e a pendurou ao ombro. Ouvia aos franceses que afastavam os ossos no fundo do passadiço bloqueado. O sentinela ferido o olhou sem dizer nada, mas Harper não podia fazer nada. Morreria de qualquer forma.

— Sinto muito, menino.

Inclinou-se, pegou o mosquete do homem caído e apontou contra o teto.

— Esta é pela Irlanda!

A bala ricochetou no teto, caiu bruscamente e destroçou uma caveira aos pés do tenente francês.

— Está bem, garoto. Vamos.

Harper pegou o recruta em seus braços, deu uma olhada para a mecha enegrecida e queimada que se balançava no espaço escuro que conduzia para baixo do piso do convento e atravessou o espaço de um salto para o desfiladeiro coberto de neve.

— Seção número um, Fogo! — gritou Sharpe.

Uma dúzia de fuzileiros, aos quais se ordenou que não se importassem com a canhoneira de onde Harper havia saído cambaleando e escorregando, dispararam para a mureta do convento.

Harper amaldiçoava, avançava com dificuldade sobre a neve e lançou o recruta para um lado quando julgou que o garoto estaria a salvo dos efeitos da explosão. Baixou a cabeça e correu o quanto pôde pela ladeira branca,

imaginando que a infantaria francesa ia atrás dele, e a primeira bala de mosquete lhe salpicou o pé de neve.

— Fogo! — gritava Sharpe.

Os fuzileiros restantes cuspiam chamas sobre as muralhas do castelo e as balas estalavam nas pedras ou zumbiam no ar junto às cabeças dos franceses.

— *Tirez!*

Os franceses gelados apalpavam os gatilhos, soltavam os trapos que alguns não tinham tirado da arma, e o fuzileiro gigante se afastava correndo e a fumaça dos primeiros mosquetes ocultava o alvo.

— *Tirez!*

Fumaça e chamas decoravam a cornija do convento, as balas produziam tremores na escassa neve da borda do desfiladeiro.

— Corra! — gritava Sharpe.

Durante um momento terrível Sharpe pensou que Harper havia sido atingido, pois o homem caiu e rodou ladeira abaixo, mas o irlandês se levantou e os fuzileiros que estavam na muralha do castelo recarregaram e deslizaram os canos de suas armas pela pedra e lhe deram fogo de cobertura.

Primeiro o estrondo foi quase imperceptível, como os primeiros ecos de um trovão distante em uma noite de verão.

Os antigos construtores não teriam escolhido a borda do desfiladeiro para construir o convento, mas a Virgem Maria sim, e os construtores tiveram que saltar as dificuldades que Ela lhes havia legado. O canto rodeado de granito tinha que ficar no centro da capela, a Pisada Santa teria um lugar privilegiado e santo; para isso os pedreiros haviam construído uma plataforma sobre alguns arcos sólidos que, pelo oeste, formavam as celas, um salão e a cozinha do convento. Pelo leste, contudo, não havia espaço disponível e o terreno subia inclinado pela plataforma de pedra, e era nesse espaço, escuro e frio, no qual acenderam os barris de pólvora.

Oito reservas de barris esperavam na escuridão, barris que se tinham apanhado do monte que os espanhóis tinham enviado para Adrados em lugar de Cidade Rodrigo. Grande parte de sua potência se dirigiu para os lados, mas a restante levantou o leito de pedra, de maneira que, para um artilheiro surpreendido, pareceu como se os *morteiros* se elevassem desde a superfície do

claustro. Então as lajotas se abriram, surgiram fumaça e chamas e o som se elevou até inundar o vale. As chamas se elevaram, umas chamas que durante um segundo pareceram como um raio do próprio sol, e então a pólvora dos *morteiros* acendeu e um lençol de chamas se estenderam para os lados, ao mesmo tempo em que o piso da capela se levantava. As bolsas de sarja para os canhões de doze libras lhe deram mais potência e para os observadores que estavam no vale pareceu que toda a parte sudeste da antiga construção se fundia em fogo e fumaça. Harper ofegava, parou e virou-se para contemplar seu trabalho de artesanato. Tirou a neve de seu uniforme.

O tenente Harry Price estava no torreão da guarita.

— O senhor sabia! — disse em tom acusador. — Por que não disse nada?

Sharpe sorriu.

— Suponha que capturassem um de vocês e o mantivessem no convento por toda a noite. Teria ficado calado?

Price deu de ombros.

— Mas podia nos ter dito quando regressamos.

— Pensei que a surpresa os animaria.

— Jesus — disse Price que parecia chateado. — Eu estava preocupado!

— Sinto muito, Harry.

O convento fervia em fumaça, as chamas cresciam lá onde achavam combustível e os homens saíam cambaleantes, enegrecidos e queimados dos restos. A maior parte do edifício resistiu, mas as rodas de todos os canhões, salvo dois, se romperam, ficaram sem munição e o convento deixava de ser uma ameaça para o castelo.

Patrick Harper estava no pátio, sorria, exigia o café da manhã para um homem grande, enquanto os soldados aclamavam porque seu dia havia começado com outra vitória.

No convento a luz do dia se filtrava entre a fumaça e a poeira, pelas pedras quebradas e vigas queimadas, e a luz tocava uma parte do granito polido que há oitocentos anos que não via a luz do sol.

O domingo, 27 de dezembro de 1812 havia começado.

Os franceses ainda tinham canhões, os artilheiros disparavam com raiva e a parte sul do povoado se via coroada por fiapos de fumaça enquanto que a metralha repicava como se fosse chuva metálica contra as muralhas do castelo. Também disparavam alguns morteiros e ainda que já não pudessem seguir disparando desde o flanco e manter o fogo até que a infantaria se achasse na própria borda do pátio, podiam bombardear desde a proteção do povoado e fazer que o castelo se convertesse em um fervedouro de ferro candente.

Uma hora, duas, e os canhões seguiam disparando, e a metralha matava os sentinelas e o calçamento ardia por causa das bombas que explodiam ali onde a neve havia se convertido em lama negra.

Desta vez não havia trégua. O coronel da artilharia havia morrido, fora esmagado pelo cano de um morteiro que havia caído e ainda era perigoso penetrar na parte superior do convento por causa das bombas de morteiro que ainda explodiam e geravam mais fumaça na pira funerária de mais de uma centena de homens. O general francês jurou vingança e ordenou aos canhões que começassem. Os artilheiros lutavam por seu coronel morto.

Dois canhões polvilhavam a colina da atalaia com metralha, as balas de mosquete atravessavam os crategos, sacudiam a neve dos ramos e partiam galhos dos arbustos que caíam sobre os fuzileiros que se entocavam nos buracos. Os coelhos sabiam onde escavar e a toca de um coelho era um bom início para o buraco de um fuzileiro, e Frederickson instava os artilheiros a continuarem.

— Disparem, sacanas! Estamos esperando!

Ele também. Supunha que viriam do leste ou do norte e sua força estava disposta contra eles, uma força que repeliria o ataque para o espaço disposto na ladeira norte da colina pela qual tinha planejado fazer rodar ladeira abaixo seus barris de pólvora, com as mechas protegidas da neve com capas de couro costuradas, e junto com os barris iriam as bombas de quatro polegadas deixadas para o canhão espanhol.

— Vamos, sacanas!

Seus homens sorriram ao ouvir o grito de guerra do doce William. Tinha retido a maioria dos fuzileiros na ladeira oposta da colina, longe do fogo da artilharia, e só os usaria se os franceses evitassem sua linha de fuzileiros ocultos.

A maioria dos canhões se ocupava do castelo. Destroçaram o telhado do estábulo, botaram fogo nos carros vazios de Gilliland que ardiam com grandes

labaredas que fundia a neve lodosa de vários metros ao redor. Os franceses desalojaram o único canhão que havia na muralha leste do castelo, levantaram-no com uma explosão e o fizeram descer deslizando por um disforme de pedras, neve, bronze e madeira até os entulhos. Uma bomba penetrou no pátio interno, ricochetou nos muros da torre de homenagem e sua explosão matou no ato a seis cavalos. Os soldados abriram passagem por entre as bestas enlouquecidas que gritavam, escorregando em uma mistura de sangue e neve lodosa e urina de cavalo para matar as bestas feridas. E os canhões seguiam disparando.

O castelo se enchia com a fumaça das explosões e se sacudia com o choque dos disparos, e os canhões de doze libras misturavam as balas com os potes de metralha e algumas balas golpearam antigas pedras que estavam soltas, e um soldado gritou porque um lousa lhe havia caído sobre as pernas.

Sobre a neve que havia diante da muralha leste, as balas do morteiro curtas deixavam desenhos com forma de estrelas sobre a neve, estrelas negras e violentas, crateras de calor na brancura, e uma bomba aterrissou sobre a casinha do torreão e um fuzileiro, veterano nas guerras, correu para ela com a culatra de seu fuzil levantado. A mecha soltava uma fumaça louca e a bomba girava, o fuzileiro a parou por um segundo, depois soprou sobre a bola de ferro, arrancou a mecha de um puxão e a bomba já era inofensiva. O homem sorriu para seus companheiros aterrorizados.

— Sempre saem se puxadas com força.

Já não havia estandartes, tinham sido levados pelos soldados que se agachavam atrás de uma barricada baixa que protegia a entrada da torre de homenagem. Acometeriam esta última batalha com seus próprios meios e se perguntavam quanto tempo teriam de suportar o estouro das explosões, os relinchos dos cavalos que vinham de detrás, o ruído dos canhões que inundava o vale e que era mais espantoso que qualquer fila de tambores franceses.

Sharpe se agachou junto ao capitão Gilliland na parte mais alta da torre de homenagem. Tinha que gritar para superar o ruído dos canhões.

— Sabe o que tem de fazer?

— Sim, senhor — respondeu Gilliland com tristeza. O resto de seus projéteis seria usado de uma maneira que não lhe agradava.

— Durante quanto tempo?

— Não sei! Uma hora? Duas talvez?

Os homens queriam que os franceses viessem, queriam que cessasse a tormenta de metal, queriam que acabasse a luta.

Frederickson gritou para os franceses que atacassem, chamou-os de sacanas covardes, gritou que eram mulheres, que tinham medo de uma colinazinha com quatro arbustos, mas a infantaria seguia sem vir. Um fuzileiro gritou de dor, pois uma bala de um pote de metralha lhe penetrou no ombro e Frederickson berrou para que se calasse.

Os artilheiros trabalhavam como escravos em suas máquinas, eles as carregavam, arrastavam, escorvavam, era a vingança por seu coronel morto.

Sharpe observava o povoado do alto do lado leste da torre de homenagem. Uma vez se jogou para trás, pois um disparo de metralha chocou-se contra o buraco pelo qual ele olhava e fez saltar pedaços de pedra afiados como uma navalha. Em algum lugar um homem gritou, o grito parou em seco, e o som retumbou no vale e a fumaça dos canhões se elevava por cima do desfiladeiro e o metal seguia golpeando contra as muralhas e as bombas se estrelavam no pátio.

— Senhor? — indicou Harper.

Os franceses estavam chegando.

Vinham em coluna, não uma daquelas que eram o orgulho da França, mas vinham se desenrolando como serpentes desde o povoado, quatro homens por fila. Três batalhões marchavam caminho abaixo, marchavam depressa, e os canhões seguiam retumbando e os homens de Sharpe seguiam morrendo sozinhos ou de dois em dois e as bombas seguiam destruindo os defensores.

Mil e quinhentos homens, com as baionetas preparadas, estavam no centro do vale afastados da trajetória dos canhões.

Sharpe os observava. Agora fazia um dia que defendia aquela praça e havia desejado com desespero que fossem dois. Não seriam. Restava-lhe uma carta na manga, somente uma, e quando a tivesse jogado tudo teria acabado. Bateria em retirada para o sul atravessando as colinas com a esperança de que a cavalaria francesa tivesse melhores alvos para perseguir que sua tropa esgotada e abandonaria seus feridos à mercê dos franceses. Havia feito os homens da guarnição amontoarem seus gabães e mochilas na saída sul da torre de homenagem, a saída que os homens de Pot-au-Feu haviam utilizado e que era vigiada por vinte fuzileiros para evitar que os covardes fugissem cedo.

Sharpe sorriu para Harper.

— Foi um bom combate, Patrick.

— Ainda não acabou, senhor.

Sharpe tinha uma opinião diferente. A maldição havia caído sobre ele como um peso de chumbo e supunha que a maldição causaria a derrota, deixaria que os franceses atravessassem o desfiladeiro. Perguntou-se se teria tempo de ir até o calabouço antes do pânico que produziria a saída para o sul e matar ao homem deforme de rosto amarelo. Isso acabaria com a maldição.

No calabouço, Hakeswill escutava. Podia conhecer uma batalha pelo som que produzia e sabia que o momento ainda não havia chegado. Ele desejara que fosse durante a noite, mas um tenente dos casacas-vermelhas havia se sentado com os sentinelas durante boa parte da noite e Hakeswill não havia feito nada. Logo, repetia para si mesmo, logo.

Sharpe se virou para o corneteiro substituto.

— Preparado?

— Sim, senhor.

— Dentro de um minuto. Espere.

Os franceses estavam perto, os batalhões giravam para o castelo, avançavam para o lugar onde no dia anterior os foguetes tinham destroçado à tropa, mas agora não havia arma que lhes disparasse.

Os canhões pararam. O vale ficou em silêncio.

O batalhão francês da esquerda passou a correr, virou-se mais para a esquerda em direção sudeste e correu para a colina da atalaia porque iam atacar desde a direção onde Dubreton havia suposto certeiramente que teria menos defesas.

Os outros dois batalhões gritaram vivas, levantaram as baionetas e correram pelos entulhos da muralha leste. Os mosquetes e fuzis dos defensores não dispararam, e o canhão que os teria flanqueado jazia, destroçado e inservível, sobre as pedras. Os dois homens que o teriam disparado estavam estendidos sem vida sobre o pavimento.

Um fuzileiro postado na muralha da torre de homenagem chamou Sharpe, gritou muito, mas sua mensagem não o alcançou. Os franceses estavam no pátio.

Haviam chegado notícias de Salamanca, de onde as recebiam graças ao reverendo Patrick Curtis, que havia sido Catedrático de Astronomia e História Natural na Universidade de Salamanca. Para dizer a verdade, Dom Patrício Cortês, tal como o chamavam os espanhóis, ainda era catedrático e reitor do Colégio Irlandês, mas tinha residido uma temporada em Lisboa quando os franceses descobriram que o ancião sacerdote irlandês estava interessado em assuntos que não eram divinos, nem nas estrelas nem na história natural da Espanha. Dom Patrício Cortês também era chefe da espionagem britânica na Europa.

Ao doutor Curtís lhe chegou a notícia duas noites antes do Natal. Estava confessando em uma pequena igreja onde ajudava ao sacerdote local e um dos paroquianos lhe deu a notícia no confessionário. O doutor Curtís abandonou apressadamente o confessionário, sorrindo a modo de desculpa ante os fiéis e, depois de se benzer rapidamente, abriu os papéis que lhe haviam enviado de além da fronteira. O mensageiro, um tratante de cavalos que provia aos franceses e assim podia viajar continuamente, deu de ombros.

— Sinto que seja tarde, padre. Não lhe encontrei.

— Fizeste bem, filho. Venha comigo.

Mas havia pouquíssimo tempo. Gurús foi ao quartel de Wellington e lá retirou o major Hogan de um jantar, e o pequeno major irlandês, que também se encarregava do que Wellington chamava sua “inteligência”, recompensou o mensageiro com ouro e se apressou a levar o despacho francês ao general.

— Maldita seja. — Os frios olhos do general olhavam para Hogan. — Alguma dúvida?

— Nenhuma, senhor. É o código do imperador.

— Maldita seja. — Wellington deu de ombros em sinal de desculpa para o sacerdote ancião, depois voltou a maldizer. — Maldita seja.

Tinham tempo para enviar uma mensagem a Cidade Rodrigo e a Almeida, tempo de fazer Nairn sair de *Frenada* e pôr em movimento a divisão ligeira, mas isso não era o que preocupava ao general. Preocupava-se com o ataque de distração dos franceses que viria das colinas e desceria até o vale do Douro. Maldita seja! Para essa primavera Wellington planejava uma campanha como nunca se tinha visto na península. Em lugar de atacar pelas grandes rotas de

invasão, as rotas que conduziam ao leste de Cidade Rodrigo e Badajoz, agrupava tropas onde os franceses não lhes esperavam. Ele as levaria ao nordeste desde as colinas, pelo norte de Portugal; as conduziria em um grande circuito para cortar a rota de suprimentos francesa e obrigaria a uma batalha um inimigo perplexo e transbordado. Para isso necessitaria de chalanas, os botes grandes e desajeitados que atravessavam os rios, porque a rota de sua invasão passava por vários rios. E os chalanas se construíam no rio Douro, e a força francesa planejava descer naquela área que normalmente tinha pouca importância, salvo naquele inverno. Maldita seja, maldita.

— Desculpas, Curtis.

— Não tem do que, senhor.

Enviaram mensageiros para o norte naquela mesma noite que trocavam de cavalos a cada doze milhas, mensageiros que deviam advertir aos britânicos da chegada dos franceses, e o próprio Wellington foi atrás deles. Primeiro foi a Cidade Rodrigo porque temia perder essa grande porta de entrada para a Espanha. Com sorte, pensava, Nairn poderia reter aos franceses em Barca d'Alva.

O general de divisão Nairn olhou uma vez para a ordem, pensou durante um momento, depois desobedeceu. O general havia esquecido, ou não tinha relacionado o nome de Adrados com a entrada de Deus, que os britânicos já tinham uma força que podia bloquear aos franceses. Uma força ridiculamente pequena, um único batalhão com uma triste mistura de fuzileiros e foguetes, mas que se pudessem reter o desfiladeiro por pelo menos doze horas Nairn podia reforçá-los. Seu resfriado desapareceu como por encanto.

E agora era tarde. A neve o havia retido e temia que fosse tarde demais. Havia encontrado a Teresa que vinha do desfiladeiro, escutou a mensagem que trazia, convenceu-a e a levou com ele junto com suas tropas que lutavam com a neve. Depois chegou sir Augustus Farthingdale, glacial e chateado, insistiu em que tinha queixas, graves queixas a respeito do major Sharpe das quais queria deixar registradas, mas Nairn, com educação, havia se negado a escutá-lo; contudo, Farthingdale insistiu com rudeza e finalmente Nairn ordenou a ele e lady Farthingdale que partissem. A noite do 26 de dezembro o vento trouxe mais neve e o lamento dos tambores.

Puseram-se em marcha antes do amanhecer e Nairn ouviu uma débil explosão nas colinas, a luz deixou ver uma grande cortina de fumaça que se

dirigia para ele, os canhões seguiam soando. Marchar para os canhões, sempre para os canhões. Mandou na frente suas melhores tropas com as ordens de subir rápido e Teresa foi com um batalhão espanhol de tropas ligeiras que podiam subir as colinas junto ao desfiladeiro e descer pelo flanco francês. Ela os guiaria, e lutaram contra o frio, a neve, escutando sempre os canhões que lhes anunciavam que a batalha ainda estava viva, que necessitavam de sua ajuda; então os canhões cessaram sua atividade.

O silêncio invadiu as colinas. Os canhões descansavam. Os franceses estavam no pátio. Gritavam, corriam, como formigas pelas pedras da muralha leste, e não havia inimigo.

Os oficiais franceses levavam as espadas desembainhadas. Olhavam para as defesas e torreões em busca de alvos para seus homens, mas parecia que o castelo estivesse vazio e em silêncio, e então se ouviu um grito francês e viram alguns casacas-vermelhas amontoados em uma arcada atrás de uma barricada baixa de pedra.

— Avançar!

— Fogo!

A segunda fila adiantou à primeira.

— Fogo!

A terceira se achava na frente, duas mais detrás, enquanto as filas que haviam disparado recarregavam e surgiam de detrás.

— Fogo!

A arcada estava a salvo.

— Portas!

Os oficiais franceses conduziram seus homens pelas entradas da guarita e do torreão noroeste, mas as portas estavam fortemente bloqueadas com pedras, assim como a escada que ia para as defesas do norte, e a infantaria francesa seguia se amontoado no pátio acreditando que havia vencido.

— Agora! — gritou Sharpe para o corneta. — Agora!

Dubreton havia previsto isto. Previra que o pátio seria uma ratoeira, um beco sem saída, a menos que os homens pudessem abrir passagem até a torre de

homenagem.

Os oficiais franceses gritavam para seus homens.

— Fogo! Disparem para a arcada!

E então soou a corneta. As notas subiram uma oitava, duas, três vezes. “Abram fogo”.

Haviam tirado os paus dos foguetes que restavam, Gilliland e o esquadrão de foguetes acendeu as mechas, esperaram que o fogo acendesse e depois lançaram os cilindros sem os paus pelas seteiras, pelos vãos entre as pedras e por cima das muralhas para o interior do pátio abarrotado de franceses. Os cilindros desabaram, a fumaça se retorcia detrás, e logo tossiram e rugiram ao se despertar e, como não podiam voar, lançavam-se descrevendo formas frenéticas no pátio.

— Vão! Lancem!

Caiu uma chuva de foguetes, as bombas começavam a explodir nas cabeças e caiam mais. As caldas esfolavam aos franceses com fogo, os foguetes se escorriam sem rumo pelas pedras, rompiam tornozelos, enfiavam-se nos corpos, explodiam, queimavam, e Sharpe gritou para seus homens que lançassem mais. Alguns se dirigiram serpenteantes para os estábulos, onde se somaram ao fogo e à fumaça dos franceses desorganizados. A maioria fazia vãos na tropa apinhada ao explodir seus fragmentos de ferro em círculos mortíferos, enquanto que os foguetes com pontas maciças jogavam seu peso contra os pés, as pernas e os corpos feridos e os franceses gritavam assustados, confusos. Continuavam caindo.

— Abaixo!

Sharpe havia levado Harper e o corneta abaixo, onde os soldados esperavam esse momento. Duzentos deles aguardavam com os estandartes e Sharpe empurrou para frente o corneta.

— Toque o cessar fogo!

Olhou para os soldados que não defendiam a arcada.

— Baionetas!

O corneteiro emitia sua mensagem ao esquadrão de foguetes uma e outra vez, mas Sharpe não o ouvia. Só ouvia o esfregar e o estalido das lâminas de quarenta centímetros que se introduziam nos mosquetes. Ele desembainhou sua espada, que brilhava sob a penumbra da arcada, e esperou até assegurar-se que

não havia mais foguetes por lançar.

— Vamos até os entulhos! Além deles não!

Limparia o pátio, mataria ao inimigo, pois nessa hora de derrota ainda podia arranhar e mutilar à força francesa e tentar minguá-la para que não pudesse levar a cabo seu objetivo.

— Atacar!

Esta era a maneira de acabar com isto! Com a espada na mão e carregando, e ainda que a batalha estivesse perdida, ainda podia conseguir que os franceses maldissessem o dia em que tinham chegado à Entrada de Deus. Podia atemorizá-los para a batalha seguinte, faria que recordassem daquele lugar com amargura.

— Atrás deles!

A espada se retorceu em sua mão ao ter à vista um osso, mas o homem estava estendido e então ouviu o estrondo da arma de sete canos, e Sharpe deu uma olhada para os soldados. Mostravam seus dentes tanto como os cinturões brancos cruzados sobre os uniformes vermelhos, as espadas adiantadas, e o pátio, invadido pela fumaceira, fedia a foguete e os franceses corriam da linha de homens que tinha penetrado na penumbra. Sharpe viu que um oficial tentava reuni-los e arremeteu contra ele, notou que a espada do francês roçava na lâmina de sua espada, e então se viu em cima do homem, derrubou-o com a lâmina, diante dele viu os entulhos.

— Avançar!

Puxou a espada para liberá-la, procurou outro inimigo mas os franceses tinham recuado, o pátio era seu e gritou para Brooker que alinhasse os casacas-vermelhas sobre os entulhos. Viu os estandartes feitos farrapos e enegrecidos, orgulhosos em cima da linha, e ele se colocou diante deles, com a espada vermelha na mão, e sentiu um impulso louco de carregar pelo vale como se seus homens pudessem varrer os franceses e limpar as colinas. Esta era sua última cartada, a última surpresa, o último truque contra os franceses. Agora já não restavam mais que mosquetes, fuzis e baionetas. Teria que se retirar antes do próximo ataque e algo nele dizia que o sensato seria partir agora, ir enquanto os franceses não os acossavam, enquanto Frederickson pudesse sair da colina, mas Sharpe não se retiraria até que pudesse ver a cara do inimigo. Não o faria.

Ouvia disparos a sua esquerda e se perguntou se os franceses estariam atacando a entrada.

— Vigie a entrada, senhor Brooker!

— Senhor!

Onde estavam os sacanas? Por que não vinham? Este era o momento de sua vitória, o momento em que Sharpe não podia lutar contra eles, e então se perguntou se os canhões voltariam a disparar e a metralha deixaria os soldados vermelhos e em farrapos pelas pedras. Mas continuava olhando através da fumaça dos foguetes e se perguntava por que o inimigo não vinha.

A fumaça se elevou lentamente, fina, e viu por que os canhões não disparavam.

O batalhão que havia atacado a colina da atalaia batia em retirada, fluindo pelo vale. Sharpe sorriu. O doce William os tinha triturado.

O doce William estava louco de ira.

— Sacanas! Sacanas!

Levantava o punho contra os homens de uniforme azul, homens que tinham escorrido por traz do castelo e que tinham carregado com baionetas contra o batalhão que ia buscar Frederickson.

— Sacanas!

Os espanhóis tinham lhe surrupiado o combate.

— Senhor! — disse Harper apontando para a esquerda. — Senhor! — repetiu com voz de triunfo.

Fuzileiros. Montes de fuzileiros! Casacas-verdes! Como diabos tinham chegado até ali? Perguntava-se Sharpe. E se sacudiu o peso da derrota e olhou fixamente, quase sem acreditar, para os franceses que fugiam do convento, para a linha de atiradores situada no flanco, e então olhou para a direita e viu aos espanhóis sobre a colina. Haviam vencido!

— Fuzileiros! Avançar!

E Hakeswill atacou.

Encontraram apenas uma parte do ouro que Sharpe e Dubreton tinham levado com tanto trabalho para a Entrada de Deus. Punhados desse ouro estavam com os prisioneiros e se havia perdido para sempre nos sacos dos soldados britânicos e franceses, mas o grosso ainda seguia no castelo. Estava escondido,

pois valia a pena escondê-lo; uma reserva que se recuperaria com tempo quando o inimigo tivesse partido; Hakeswill o escondera bem. Estava no calabouço, detrás do muro salpicado de sangue, onde ele tinha torturado e assassinado homens e mulheres que não lhe agradavam. Agora necessitava do ouro.

Não pegou tudo. Apenas o suficiente para umas poucas semanas e também para lhe permitir sair do castelo, e quando achou, pelo som da batalha, que na torre de homenagem do castelo havia poucos defensores, agiu.

Lançou uma moeda. Esta tilintou com força, rodou dois degraus abaixo, e parou depois de um estremecimento. Um sentinela, nervoso por causa dos sons do combate, ficou olhando o ouro com incredulidade.

Surgiu outra moeda da escuridão, passou diante da luz da tocha e quicou no degrau inferior.

O sentinela sorriu brincalhão, desceu até o piso do porão e um companheiro invejoso daquela sorte gritou para que tivesse cuidado, mas então uma chuva de ouro brilhou sob a luz e caiu na escada, e os sentinelas gritaram contentes de sua sorte e ordenaram que alguém vigiasse os prisioneiros enquanto eles enchiam seus bolsos de moedas.

Mais ouro. Mais ouro do que um soldado podia ganhar em cinco anos de serviço, um ouro que surgia vacilante da escuridão, um ouro que ressoava com força sobre as pedras, e Hakeswill observava como os sentinelas se punham de quatro para enriquecer.

— Agora!

Um sentinela conseguiu retroceder de quatro, apertar um gatilho e enviar um desertor para trás, do outro lado da barricada, com uma bala na cabeça, mas então se viu apanhado pela metade dos homens nus, homens que fediam, que lhe golpearam com os punhos e logo lhe arrancaram a vida com a culatra de seu próprio mosquete.

— Alto! — gritou Hakeswill agachado a meio caminho degraus acima, junto ao corpo sangrento do homem com quem havia lutado. — Esperem, meninos, esperem.

Levava a bolsa de ouro na mão, deslizou degraus acima e viu o passadiço que havia do outro lado da porta vazia. No passadiço havia mochilas e gabães amontoados e, o que era melhor, mosquetes amontoados contra um muro. Os mosquetes estavam ali por ordem de Sharpe para a defesa desesperada e última

do castelo, mosquetes capturados dos homens de Pot-au-Feu e que agora lhes eram devolvidos.

Hakeswill se moveu rápido. Foi para a esquerda e saiu para o pátio interno e lançou uma maldição quando viu o piquete que vigiava a saída sul. Foi para o outro lado, pegou um gabão ao passar e viu que o pátio estava bem vazio salvo pelos franceses mortos, e algo estranho; havia uns cilindros fumegantes no piso. Regressou para a escada do porão.

— Aqui em cima tem gabães e mosquetes. Peguem um de cada e sigam-me. — Atravessaria o pátio para chegar do outro lado da muralha e depois se meteria pelos arbustos. Preparou-se, reuniu forças para o ataque, planejou a rota pela qual iria para o sul. Sorriu para seus companheiros desertores e esperou até que passasse um espasmo.

— Não podem me matar, meninos. A vocês tampouco, enquanto estejam comigo.

Olhou a luz do dia que dava no pátio do castelo, os cilindros fumegantes, os mortos, e só pensou na vida. Na nova oportunidade de viver. Voltou a cacarejar e afastou o cabelo escorrido dos olhos. Obadiah Hakeswill não podia ser morto.

— Vamos!

Passaram a correr; com os pés descalços resvalavam sobre os seixos, mas o mesmo desespero lhes obrigava a avançar. Não tinham nada pela frente salvo um pelotão de fuzilamento se os levassem para o oeste, e era melhor correr para as selvagens colinas do sul em pleno inverno que enfrentar a linha de mosquetes em algum campo de Portugal. Engatinharam por cima dos entulhos, alguns se ajudavam agarrando-se ao canhão espanhol caído, e então Hakeswill se achou ao ar livre, girou para a direita e um soldado espanhol o viu, assustou-se ao ver aquele homem enorme de rosto amarelado que parecia estar nu sob o abrigo desabotoado e o espanhol pôs o mosquete descarregado no ombro.

Aquele movimento lhe salvou a vida. Hakeswill só viu a ameaça da bala, viu os uniformes de cor azul-céu nos arbustos atrás daquele homem, e se atirou para a esquerda, para o vale aberto, e conduziu o seu bando sujo e esfarrapado para o ar limpo e fresco dos campos de Adrados.

— Corram!

Eram como ratos que fugiam da frigideira para cair no fogo. A sua esquerda estavam os fuzileiros, a sua direita os espanhóis que ainda saíam dos crategos e

diante deles os franceses. Os espanhóis já estavam pegando os desertores, gritavam para que se rendessem, e ainda que os espanhóis não soubessem que aquilo também era um inimigo, perceberam que aquela turma de sujos vilãos não eram amigos.

Hakeswill correu pelo vale aberto, a respiração lhe ressoava nos ouvidos, tinha os pés entorpecidos pela neve, deu uma olhada para a esquerda e viu que havia deixado muito para trás os soldados e pareceu ver Sharpe, mas isso carecia de importância naquele momento. Então viu os fuzileiros que estavam do outro lado de Sharpe e, como temia suas armas, girou bruscamente para a direita, correu desesperado, com o ouro no bolso de seu gabão e o pesado mosquete nas mãos. Os franceses! Não podia ir para nenhum lado! Para nenhum! Ofereceria seus serviços aos franceses, desertaria em toda regra, e ainda que não fosse uma grande escolha era melhor que morrer fatiado como um cachorro naquele campo nevado. Correu para o batalhão de infantaria francês mais próximo, um batalhão que se retirava para o povoado, quando ouviu cascos atrás de si.

O som dos cascos era amortecido pela neve e percebeu com desespero de que o cavaleiro estava perto. Virou-se, com a boca desdentada, aberta em um gesto de espanto, e viu que levantava a arma que ameaçava esmagar sua cabeça com uma pesada empunhadura de bronze. Ele começou a apalpar seu mosquete, aproximou-se enquanto esquivava o golpe que vinha de cima e apertou o gatilho.

Passou a rir como um fanático. A morte, sua mulher, não o havia abandonado, como havia rezado por isso! Não dessa maneira, talvez, mas começou a rir quando viu que a bala levantava o cavaleiro do cavalo, uma bala que lhe entrou pela parte inferior da garganta, com trajetória ascendente, e a morte foi tão veloz como podia. O corpo se ergueu, o cavalo se desviou e o corpo caiu finalmente, com as extremidades estendidas, golpeando com força na neve, e o fuzil, descarregado, que lhe havia ameaçado com a culatra de bronze, caiu entre o frio.

Hakeswill parou. Era uma vitória doce, um momento para se recordar nos dias vindouros, e gaguejou um grito de vitória para as nuvens baixas e seu corpo meio despido começou a saltar de alegria. Havia sobrevivido! A morte ainda jogava a seu favor! E então se virou e correu para as filas francesas.

— Não disparem! Não disparem!

Hakeswill seguiria com vida! Meteu-se cambaleando no batalhão francês, ofegando e com os pulmões cansados, e sorriu brincalhão ao mesmo tempo em

que o rosto se encrespava. Tinha escapado.

Sharpe tinha observado que Hakeswill irrompia em campo aberto, xingou, mas então uma voz o chamou por trás, ele virou-se e viu o general de divisão Nairn que lhe sorria de seu cavalo.

— Sharpe! Meu querido Sharpe!

— Senhor!

Nairn grunhiu ao descer do cavalo.

— Major Sharpe! Enquanto dou as costas o senhor monta toda uma guerra!

— É o que parece, senhor — respondeu Sharpe sorrindo.

— Estragou meu Natal, obrigando-me a arrastar meus cansados ossos para a neve! — sorriu amplamente. — Eu pensava que todos já teriam fugido!

— Isso tinha me ocorrido, senhor.

— Sir Augustus disse que o senhor estaria morto.

— Ele disse isso?

Nairn riu do tom que Sharpe empregara.

— Eu o mandei fazer as malas com sua esposa. Que mulher, Sharpe!

— Sim, senhor.

— A verdade é que sua esposa me disse que estava gorda demais! Também me disse algo mais, mas estou seguro de que não é verdade. Algo como que a senhora na realidade não o é. O senhor acredita nisso, Sharpe?

— Eu não, senhor.

Nairn sorriu brincalhão, mas não disse nada. Contemplava a retaguarda francesa estacionada no povoado e olhou para a direita e esquerda onde as primeiras tropas haviam protegido os restos do convento e agora reforçavam a colina da atalaia. Nairn golpeou o solo com o pé.

— Eu acho que os franchinotes darão o dia por acabado. Não acha? — aplaudiu encantado. — Não vão voltar a atacar e dentro de duas horas estarei em condições de atacá-los. — Olhou para Sharpe. — Muito bem, major! Muito bem feito!

— Obrigado, senhor.

Sharpe não olhava para Nairn. Olhava vale acima para um cavalo solto, e para uma figura escura sobre a neve e sua voz soava distante, distraída.

— Sharpe?

— Senhor?

Mas Sharpe já se afastava caminhando, depois correu enquanto seguia olhando fixamente para aquela figura sobre a neve.

O cabelo era negro, comprido e negro, e contrastava com a pureza da brancura. Ele o tinha visto do mesmo modo sobre um travesseiro branco e ela, ao erguer a cabeça, abrira-o como um grande leque tentador. O sangue que tinha no pescoço parecia um colar de rubis quebrado espalhado pela neve e seus olhos olhavam sem ver as nuvens.

Ajoelhou-se junto dela sem dizer palavra e sentiu um nó na garganta, seus olhos se encheram de lágrimas, com os braços rodeou seu corpo magro, o ergueu e a cabeça se abandonou para trás e o grande rubi que tinha no oco do pescoço derramou um jatinho pelo queixo. Ele pôs uma mão em sua nuca, sentiu a neve fria que havia no cabelo e apertou sua face contra a dela e se pôs a chorar porque Teresa estava morta.

Tinha as mãos na neve, as mãos frias e geladas de cavalgar, mas ela ainda estava quente. Esse calor desapareceria. A segurou contra si como se pudesse conseguir que a vida regressasse ao corpo e soluçou entre o cabelo negro. Ela o amara com um amor simples e puro que perdoava, entendia; assim o havia amado.

Ele não tinha nenhum retrato dela. Converter-se-ia em uma recordação que se desvaneceria, como se perderia seu calor, mas se desvaneceria através dos anos e ele esqueceria a paixão que dava vida a seu rosto. Teresa fervia de vitalidade. Fora incansável e forte, matava nas colinas fronteiriças e, contudo, tinha uma fé no amor como o de uma criança. Havia se entregado a ele e nunca tinha duvidado da sensatez daquele momento, em troca ele havia duvidado algumas vezes. Conservara essa fé e estava morta.

Sharpe chorava sem se importar quem olhava. Balançou-a em seus braços e a apertou contra si porque não o tinha feito o suficiente em vida. Conheceram-se na guerra, a guerra os mantinha separados e agora a guerra havia feito isto. Ele é que devia ter morrido, pensou, não ela, e seu pesar era informe, incoerente, uma dor que era amor atraiçoado e que enchia o universo.

— Sharpe?

Nairn lhe tocou o ombro, mas Sharpe não ouvia, não via, só balançava o corpo entre seus braços. Tinha o braço esquerdo entre seus cabelos, agarrava-os porque não queria perdê-la, não queria ficar sozinho. Ela era a mãe de sua filha, sua filha órfã de mãe, e Nairn ouviu o gemido, um meio uivo, que surgiu da garganta de Sharpe. Nairn viu o rosto daquele corpo e se endireitou.

— Oh, Deus.

Patrick Harper se agachou na frente de Sharpe.

— Deve ter algum sacerdote entre os espanhóis, senhor.

Teve que repeti-lo e então Sharpe levantou a vista com olhos estranhos para Harper.

— O quê?

— Um sacerdote, senhor. Para que a absolva.

Sharpe parecia não entender. Segurava Teresa como se Harper quisesse levá-la, mas então franziu o cenho.

— Depois de morta?

Harper não se perturbou com as lágrimas.

— Sim, senhor. Pode ser feito, — com uma mão e grande delicadeza lhe fechou os olhos. — Devemos mandá-la para o céu, senhor. Descansará melhor, creio. — Falava como a um menino e Sharpe obedeceu.

Ficou ajoelhado junto ao corpo até que o sacerdote chegou e o achou no mundo confuso da aflição. Murmurava promessas para ela e em seu interior tinha a esperança louca de que os olhos se abrissem e ela lhe sorrisse, brincasse tal como costumava fazer, mas nada nela se movia. Teresa estava morta.

Teresa tinha o gabão aberto na cintura e ele lhe jogou por cima e notou o volume metido entre a faixa que usava. Tirou o volume de tecido, o desembrulhou e olhou para aquele fuzileiro que era o presente para sua filha, e pensou que não era digno dela, o quebrou, rasgou e lançou os farrapos sobre a neve.

Ficou ali cego enquanto o sacerdote se ajoelhava junto ao corpo e as palavras em latim que recitava se elevavam sobre a neve como mortas e sem sentido. Colocou-lhe a sagrada forma nos lábios rígidos, fez o sinal da cruz e Sharpe

olhou fixamente aquele rosto sereno, imóvel e sem vida alguma.

— Sharpe? — disse Nairn tocando-lhe o ombro. Sinalizou para o leste.

Dubreton cavalgava lentamente para eles e detrás o sargento Bigeard, a pé, segurava uma vez mais a Hakeswill. Hakeswill apertava com força o gabão para tapar sua nudez e tentava em vão safar-se do enorme francês.

Dubreton cumprimentou a Nairn, falou em voz baixa com ele e depois se virou para Sharpe, que se havia aproximado do corpo de Teresa como para protegê-lo.

— Major Sharpe?

— Senhor?

— Foi ele. Nós vimos. Eu o entrego. — Falou com grande simplicidade.

— Foi ele?

— Sim.

Sharpe olhou para o homem de cara amarelada e com espasmos que tremia de medo, porque Bigeard lhe entregava a Sharpe. Sharpe sentiu que o ódio que sentia por Hakeswill era inútil comparado com a dor daquela perda. Sua espada estava estendida a alguns pés de distância, ele a havia deixado cair ali quando correra para ver o corpo, mas não tinha vontade de pegá-la, nem de afundá-la naquele homem cuja maldição havia matado a mãe de sua filha. Sharpe queria que aquele lugar, o lugar de sua morte, ficasse em paz.

— Sargento Harper?

— Senhor?

— Leve o prisioneiro. Há de viver para um pelotão de fuzilamento.

— Senhor.

O vento redemoinhava a neve formando ondas que se amontoavam sobre as botas de Teresa. Sharpe odiava aquele lugar. Dubreton voltou a lhe dirigir a palavra.

— Major?

— Senhor?

— Tudo terminou.

— Terminou?

Dubreton deu de ombros.

— Vamos partir. Venceu, major. O senhor venceu.

Sharpe olhou para o coronel francês sem entender.

— Venci, senhor?

— O senhor venceu.

Havia ganhado que o presente de uma menina ficasse espalhado sobre a neve. Ganhara aquela dor que sentia e era maior que nenhuma outra que já tivesse sentido.

Junto ao povoado, o major Ducos observava pelo telescópio enquanto Sharpe levantava o corpo da neve e caminhava com ele até o castelo. Viu que o sargento enorme recolhia sua espada da neve e então Ducos fechou o telescópio de golpe. Tinha jurado que se vingaria de Sharpe, do fuzileiro que lhe havia frustrado essa vitória de inverno, mas a vingança, pensava Ducos assim como os espanhóis, é um prato que se come frio. Esperaria.

A neve caía vacilante sobre o boneco quebrado na Entrada de Deus.

O Natal havia passado.

Sharpe estava no aposento onde tudo havia começado no ano anterior. No ano passado. Era estranho, mas 1813 já tinha dez dias e da morte de Teresa já haviam passado duas semanas, chegaria a primavera e com ela alguma campanha nova.

O fogo ardia na mesma lareira junto à qual Sharpe havia tido notícia, com grande regozijo, de sua promoção. Agora não estava contente.

Wellington olhou para Hogan como se lhe pedisse ajuda, mas o major deu de ombros. O general falou num tom irrelevante.

— Vou ter que ficar com esses malditos foguetes, Sharpe. Você fez que fosse assim.

Sharpe levantou a vista do fogo.

— Sim, senhor.

Supunha que assim tinha sido. Depois do êxito que tivera em Adrados era difícil devolvê-los à Inglaterra.

— Sinto muito, sua excelência.

— Procuraremos um lugar para eles. — Wellington fez uma pausa. — Também procuraremos um lugar para você, major. — Dirigiu-lhe um de seus escassos sorrisos. — Assumiu uma grande responsabilidade, Sharpe. Todo um batalhão a seu comando!

Sharpe consentiu com a cabeça.

— Sir Augustus se queixou de que eu me excedera, senhor.

Wellington grunhiu.

— Você fez bem. O que sucedeu com esse homem? Covarde? — inquiriu com voz áspera.

Sharpe deu de ombros e decidiu que a verdade era melhor que a cortesia.

— Sim, senhor.

— Como se sentiu ao comando de um batalhão? Bem?

— Às vezes, senhor.

— Como um general, hem? Talvez chegue a sabê-lo, Sharpe.

— Duvido, senhor.

Os olhos azuis e penetrantes de Wellington o observavam. O general permanecia com as botas embarradas diante do fogo e com as mãos se segurava a bainha do gabão de montar.

— A glória foi embargada, né?

— Sim, senhor.

— Algumas pessoas não se dão conta. Acreditam que gosto disto, mas é um trabalho, Sharpe, isso é tudo, um trabalho. Como ser gari ou açougueiro. Alguém tem que fazê-lo se não a merda nos comeria.

Wellington parecia perturbado por ter falado tanto.

— Sim, senhor.

Wellington fez um sinal em direção à porta.

— Mandarei chamá-lo, major Sharpe. Temos que encontrar um trabalho para você. Um comandante que ganha batalhas tem que ter trabalho!

Sharpe se dirigiu para a porta, Hogan ia com ele como o protegendo, mas o

general fez que parassem.

— Sharpe?

— Senhor?

Desta vez realmente parecia que Wellington se sentisse perturbado. Deu uma olhada para a poltrona e depois para Sharpe.

— Serei muito inoportuno, Sharpe, se lhe disser que tudo passa?

— Não, senhor. Obrigado.

O major Michael Hogan, um velho amigo do exército, saiu caminhando com Sharpe pelas ruas de *Frenada*.

— Está seguro disso, Richard?

— Sim, estou.

Foram caminhando em silêncio durante um minuto e Hogan odiava ver seu amigo assim, com aquela tristeza que parecia inconsolável e privada que se apodrecia em seu interior.

— Logo o verei.

— Logo?

— Logo.

Hogan falou com decisão. Essa noite tinha planejado embebedar Sharpe. Havia planejado obrigá-lo a tirar a tristeza e ia fazer isso como os irlandeses sabiam, com uma farra. Chegava com atraso, mas Harper e ele tinham combinado, tinham arrancado o consentimento de Sharpe e o capitão Frederickson também viria. Hogan havia gostado de Frederickson no mesmo instante e lhe divertia quando se queixava de que ninguém queria lutar com ele, e lhe havia agradado ver a modesta retificação de Frederickson quando lera o relatório de Sharpe. Uma farra, uma farra decente, com bebida e risos. Hogan tinha ordenado a Harry Price que participasse e ele obrigaria a Sharpe a beber, a falar, a se recordar de Teresa, e pela manhã a tristeza começaria a se converter em um pesar mais saudável.

— Logo, Richard.

Hogan evitou um buraco profundo em um cruzamento.

— Soube que sir Augustus pediu uma licença?

— Sim.

— E que “lady Farthingdale” regressou para Lisboa?

— Sim. Já soube.

Josefina havia escrito para Sharpe uma carta cheia de amargura, uma carta na qual se queixava de que não tinha cumprido sua palavra e revelara a sir Augustus o que sabia, uma carta que fedia à fortuna que perdera. Terminava dizendo que dava por finalizada sua amizade e Sharpe fez a carta em pedaços e os jogou ao fogo. Depois se lembrou de como Teresa o vira paquerando com Josefina e chorou pela dor que pudesse ter causado a sua mulher. Sua mulher.

Ela estava enterrada em Casatejada, na cripta de pedra que havia na capelinha onde estava enterrada sua família. Antônia cresceria falando espanhol, sem conhecer o seu pai nem a sua mãe, e Sharpe cavalgaria logo para vê-la, para olhar aquela filha que cresceria sem conhecê-lo.

Às vezes acordava de noite e se sentia feliz durante um momento até que se lembrava de que Teresa estava morta. Então a alegria desaparecia.

Às vezes, quando via alguma mulher magra e com cabelo comprido e negro na rua, o coração batia forte, a alegria o invadia inesperadamente e logo a realidade voltava a arrasá-lo.

Ela estava morta.

Os homens do South Essex tinham marchado para o norte de *Frenada* e estavam formando um quadro oco, com a lateral esquerda aberta e no lado aberto havia uma bétula. Não uma jovem, como a que os alemães tinham decorado para o Natal, mas um já bem crescido e diante da árvore havia uma tumba aberta e junto da tumba um caixão vazio.

Quando metessem o cadáver na caixa, todo o batalhão desfilaria pela frente e dariam a ordem: “Olhar para a esquerda!”. Todos os homens tinham de olhar o castigo que implica a deserção.

Os policiais militares o conduziram e o pelotão de fuzilamento observou que o atavam à bétula, mas Sharpe não olhou. Foi no cair da tarde, e ele estava olhando a neve que havia sobre as colinas que rodeavam *Frenada* e esperou até que um oficial lhe informou.

— Estamos prontos, senhor.

No céu não havia nenhuma nuvem, era um dia de inverno de grande claridade, o dia em que morria um desertor.

Ele não queria morrer. Tinha zombado da morte como antes e puxava as amarras, seu rosto se encrespou e a baba surgiu de seus lábios enquanto maldizia e se removia, puxava as cordas e se movia de um lado e para o outro para que os mosquetes do pelotão fossem de um lado para o outro.

— Fogo!

Catorze mosquetes se encaixaram nos catorze ombros e Hakeswill sofreu um espasmo apoiado contra o tronco, o sangue lhe salpicava a camisa que usava, mas seguia vivo. Caiu para baixo, deu um pigarro e depois cacarejou triunfante, absolutamente enlouquecido, pois percebeu que se havia voltado a zombar da morte. Dava sacudidas, retorcia-se, o sangue lhe manchou as calças, a terra, e os olhos azuis em seu rosto amarelo se elevaram para olhar o oficial dos fuzileiros que caminhava lentamente para ele.

— Não podem me matar! Não podem me matar! Não podem me matar!

Supunha-se que devia fazer-se com uma pistola, mas Sharpe puxou a pederneira de seu fuzil e percebeu que a maldição finalizaria quando a pederneira fosse expelida para frente. Hakeswill estava pendendo das cordas, com o rosto para cima, gritando e vomitando sangue e baba.

O cano do rifle se elevou lentamente.

— Não podem me matar!

E desta vez a voz se transformou em soluços, soluços como os de um menino, pois Obadiah sabia que mentia.

— Não podem me matar.

A bala o matou. Seu rosto se contraiu pela última vez, matou instantaneamente, matou ao homem que sempre se esquivou da morte. Sharpe sonhara com esse momento durante vinte anos, mas não sentiu o prazer que esperava.

Detrás dele, sem ser vista, a estrela vespertina se avistava pálida no céu invernal. Um ventinho agitou os galhos da bétula. Dois corpos marcavam aquele inverno. Um era aquele cujo cabelo havia ficado espalhado sobre a neve da Entrada de Deus, e agora este. Obadiah Hakeswill, morto, era introduzido em seu caixão.

O pior inimigo de Sharpe.

Fim.

Nota Histórica

A ideia de que um exército de desertores, formado por soldados de diversas nacionalidades, lutasse na Guerra da Independência pode ser incrível. Nem tanto, talvez, como a ideia de um "Esquadrão de foguetes". Contudo ambos existiram.

Pot-au-Feu existiu. Era um sargento francês desertor que ascendeu a si mesmo a marechal e que sobreviveu aterrorizando uma ampla zona da campina espanhola. Entre seus seguidores havia soldados franceses, britânicos, espanhóis e portugueses, e entre seus crimes se contavam o sequestro, o estupro e o assassinato. Temo tê-lo apresentado como um homem mais agradável do que era. O general francês De Marbot explica como os franceses o derrotaram e depois entregaram os desertores aliados às forças de Wellington. Temo que Sharpe se apropriou de um êxito dos franceses.

Distorcendo um pouco a história, trouxe para a Espanha o esquadrão de foguetes alguns meses antes. Wellington viu pela primeira vez uma demonstração do sistema de foguetes de sir William Congreve em 1810, quando um destacamento naval levou algumas armas até Portugal. Wellington não ficou impressionado. Contudo, por 1813, um esquadrão de foguetes se uniu a seu exército e isso alegrou muito ao príncipe regente, seu entusiasta promotor. No que diz respeito a seu funcionamento, segui o manual de instruções que escreveu o próprio sir William Congreve (inclusive no referente às cabeças lançadeiras extraíveis, provavelmente um excesso de confiança do inventor). Era um sistema extraordinário, que tinha como máxima ambição um foguete de "bala leve" que soltava um sinal luminoso em paraquedas para os combates noturnos. E isto em 1813! O esquadrão de foguetes data formalmente do 1° de janeiro de 1814, ainda que já houvesse se dispersado na península e, além disso, o sistema de Congreve tinha sido vendido em 1808 ao exército austríaco, onde era conhecido como *Feuenwerkscorps.* Wellington seguia desconfiando dele ainda que o utilizasse para cruzar o Adour, enquanto que no norte da Europa viveu seu dia mais memorável na batalha de Leipzig, onde impressionou muito aos observadores estrangeiros. Uma bateria de foguetes esteve presente em Waterloo, e em alguns desenhos daquela batalha se veem os rastros de foguetes por cima do campo de batalha.

Ainda que nunca tenha tido um grande êxito, o corpo de foguetes entrou na história graças a um dos inimigos contra quem foi inutilmente utilizado. O problema era simplesmente a pontaria, por isso que Sharpe decidiu esperar até que já não pudessem falhar. Os foguetes se utilizaram na guerra de 1812 contra os Estados Unidos; os britânicos os utilizaram em Fort McHenry. Escreveu-se uma canção baseada nesse lugar e se lhe pôs a música de uma canção báquica utilizada pelo Clube Anacreon de Londres. Aquelas palavras e essa música formam agora, certamente, o hino nacional americano. É estranho pensar que cada vez que se canta o hino das "barras e estrelas" antes de cada partida de beisebol ou futebol, os antigos inimigos dos britânicos estão recordando o invento de sir William Congreve na frase que fala "do brilho vermelho dos foguetes". Foi assim como a arma secreta britânica encontrou finalmente a fama!

Sir Augustus Farthingdale plagiou o livro do major Chamberlin e agora eu tenho de confessar um plagio. A refeição de Natal de Sharpe e o refogado de lebre que Pot-au-Feu comeu no convento, saquei-os do magnífico livro de Elizabeth David, *French Provincial Cooking*, um livro que me proporcionou mais prazer que muitos outros. Se qualquer leitor quiser recriar a refeição de Natal de Sharpe (uma experiência que vale a pena!), indico o magnífico livro da senhora David. *Potage de marrón Dauphinois* (ensopado de castanhas), *Perdreau roli au Four* (perdiz ao forno) e *Cassoulet de Toulouse á la ménagére*, ao qual acrescentei umas batatas ao forno em honra de Sharpe e mudei a receita para que coincidisse com os alimentos que podiam ser encontrados no inverno da Espanha. O refogado de lebre se exalta com o nome *Le civet de Liévre diane de Chateaumorand.* Para dizer a verdade, não é exatamente um refogado, mas não vou tentar rivalizar com Elizabeth David como escritor culinário. Eu lhe agradeço.

Além do exército de desertores e do sistema de foguetes, todo o resto é ficção. Não existe a Entrada de Deus, nem se travou uma batalha no Natal de 1812. O 60º existiu, eram os Reais Fuzileiros Americanos, mas todos os outros regimentos são fictícios. Queria escrever uma história na qual se refletisse o último inverno em que os britânicos permaneceram estacionados em Portugal. Apesar da derrota esmagadora de Napoleão na Rússia, para muitos soldados devia parecer que a guerra poderia durar eternamente. Contudo, em poucos meses a estratégia de Wellington mudou toda a guerra da península e os britânicos não voltaram a se retirar nunca mais. Sharpe e Harper voltarão a marchar.

Biografia

Bernard CORNWELL nasceu em Londres e viveu sua infância no sul de Essex. Depois de graduar-se na Universidade de Londres, trabalhou para a cadeia de televisão da BBC durante sete anos, principalmente como realizador do programa *Nationwide*. Posteriormente se encarregou do departamento de atualidade da BBC na Irlanda do Norte, e em 1978 passou a dirigir o programa *Thames at Six*, para a Thames Televisão. Atualmente reside nos Estados Unidos. Sua série dedicada ao fuzileiro Richard Sharpe, que na Espanha a Edhasa vem publicando, o converteu em um dos escritores mais lidos e de maior êxito no gênero do romance histórico de aventuras, até o ponto de chegar a ter dois dos títulos da série entre os dez mais vendidos da Grã-Bretanha. Para isso contribuiu também a adaptação televisiva da série, protagonizada pelo popular ator inglês Sejam Bean e na qual participaram atores e atrizes de renome internacional, como Assumpta Serna por exemplo. CORNWELL é também autor de outros ciclos narrativos e de vários romances históricos, entre os quais se destacam *Stonehenge* e *O Condenado.*